

Tradução, notas e posfácio de José Luiz Pereira da Costa

Publicado pela primeira vez em 1935, muito antes de a Costa do Ouro se tornar um Estado Independente, *Breve História da Costa do Ouro* é ainda hoje um importante livro para estudantes de todo o mundo, com interesse na cultura africana. O livro teve muitas edições e assim o autor conseguiu se estender nas últimas publicadas, como esta versão aqui, aos anos 1950, com os movimentos políticos que visavam o autogoverno da Colônia. Não há edição em Português conhecida. Difícil de obter hoje, por estar esgotado há décadas, os conteúdos da “Breve História” são essenciais em muitos aspectos. A preciosa pesquisa sobre a África antes da chegada dos homens brancos — mostrando impérios, nações e culturas — na verdade, aumenta a autoestima dos africanos e afrodescendentes. Os Akan, o principal grupo étnico de Gana, são amplamente investigados, quando Ward começa dizendo: “Diferentes povos Akan contam muitas histórias muito diferentes de suas origens. Muitos dizem que vieram de Tekyiman em Achanti. Alguns dizem que vieram "de um buraco no chão", em Asantemanso perto de Bekwai, ou colocados em algum outro lugar. Alguns dos Achanti dizem que desceram do céu em Asiakwa em Akim. Outros dizem que vieram da região das pastagens, no Norte. E alguns dizem que eles nunca se mudaram, mas estão em suas casas atuais desde a criação do mundo. Em tempos de viagens extremamente difíceis por Gana — Ward move-se procurando por respostas: “O que devemos aprender com essas diferentes histórias?

A primeira coisa que notamos se tentarmos aprender mais detalhes sobre a história Akan é que ninguém se lembra de nada disso antes do ano 1450, no mínimo. Do povo Gyaman sei de oito ou nove chefes antes da época de Opoku Ware de Achanti (1720); mas muito poucas outras tribos podem voltar tão longe. Os próprios Achanti sabem de quatro chefes antes de seu famoso líder Osei Tutu, que veio sobre o tamborete em 1697; de modo que seu primeiro chefe dificilmente pode ser anterior a 1580. A maioria dos tamboretos¹ Akan pode traçar sua história aproximadamente à mesma distância. Mas ainda estamos muito longe de voltar para a criação do mundo. Além disso, pouco se sabe sobre os primeiros chefes. Muitas vezes são meros nomes, e é apenas em cerca de 1700 ou mais tarde que a tradição dos tamboretos se torna cheia de detalhes. E em quatro casos de cinco, o primeiro chefe que é lembrado é o chefe que conduziu a tribo de algum antigo lar para uma nova casa. A maior parte dos tamboretos começa suas memórias em um momento de migração; e em quase todos os casos a migração é de um lugar no Norte para uma nova casa mais perto do mar”. E de alguma forma dignificando seu caminho, condiz com as origens desconhecidas dos Akan à história de seu próprio poder colonial naquela época, escrevendo: “Tudo isso é muito parecido com a história inglesa. Nós sabemos que os antepassados dos ingleses vieram do outro lado do mar para as Ilhas Britânicas e conquistaram as pessoas que encontraram lá. O povo inglês de hoje é mestiço, descendente dos conquistadores e das esposas que tiraram da raça conquistada. Mas nós não sabemos absolutamente nada da história dos conquistadores antes de se estabelecerem na Inglaterra. Houve muitas tribos diferentes que se uniram na conquista; e seus descendentes se lembraram do nome de seus líderes de guerra que desembarcaram pela primeira vez no novo país, mas eles não se lembraram de nada do tempo anterior. Quanto às tradições de suas mães escravas, eles estão perdidos; para quem interessa lembrar histórias de escravidão?” A longa pesquisa de Ward chama a atenção de qualquer pessoa para sua capacidade de lembrança de nomes de diferentes tribos e nações, diferentes chefes e reis, datas de guerras e conspirações. Sua pesquisa envolvendo os Achanti antes da chegada dos europeus é magnífica. Ao mesmo tempo, suas descrições da Costa do Ouro após 1800, “quando Osei Tutu Kwamina Asibe Bonsu se tornou Asantehene².

¹ Nota do tradutor. Bancos ou tamboretos equivalem, na cultura ocidental, a trono real e na cultura Akan também como repositório das almas dos antepassados.

² Rei dos Achanti

Deixe-nos olhar rapidamente sobre a Costa do Ouro e ver o que estava acontecendo, e quem estava governando, apenas naquela época e durante os anos anteriores. Osei Bonsu (como é geralmente chamado para resumir) foi o primeiro Asantehene a ter problemas com os homens brancos, e assim no seu tempo começa um novo capítulo na história da Costa do Ouro”.

CAPÍTULO I

ANTES DA CHEGADA DOS BRANCOS

QUANDO falamos sobre a Costa do Ouro, devemos lembrar que até os brancos virem e começarem a governar as terras da África Ocidental, não havia um país chamado de Costa do Ouro. Havia muitos estados separados: por exemplo, o reino de Achanti, a Confederação Fante, os reinos de Dagomba e Banda, e muito mais. Quando os britânicos chegaram e estabeleceram suas fronteiras com os franceses e os alemães, eles traçaram seus limites às vezes bem no meio desses estados africanos. Assim, alguns dos povos Ewe e do povo Dagomba moram na Costa do Ouro, e alguns deles moram em Togolândia³.

Portanto, se queremos estudar a história da Costa do Ouro, devemos aprender a história dos diferentes estados africanos que viveram neste país antes dos brancos. Hoje em dia estamos tão acostumados com ferrovias e telefones e bicicletas e caminhões e muitas outras coisas diferentes que vêm da Europa, que às vezes se esquece que houve um tempo antes da chegada dos brancos. Estamos tão acostumados a pensar que nossa civilização vem da Europa, que às vezes esquecemos que nos velhos tempos, antes dos brancos chegarem, a Costa do Ouro costumava ter sua civilização não da Europa, mas do norte da África. A Costa do Ouro é uma pequena parte do grande país chamado Sudão, que é a parte da África entre o rio Nilo e Cabo Verde, com o deserto do Saara no meio disso. Não sabemos de onde os ancestrais dos povos negros vieram, em primeiro lugar. Achamos que eles vieram de algum lugar do leste da África, e que vieram ao longo da faixa de grama que fica entre a borda sul do deserto e a floresta tropical. Por que eles se mudaram? Talvez pelos mesmos motivos que fazem as tribos ou aldeias se moverem hoje: eles não tinham água suficiente, ou a grama secou, ou seus inimigos os incomodaram. De qualquer forma, eles se moveram e vieram para o oeste; e assim aconteceu isso ao longo do tempo, a longa faixa de gramado, 800 km de largura e mais de 3.200 km de comprimento, muito tempo, entre o deserto e a floresta, foi ocupada pelos povos negros. Nós não sabemos há quanto tempo tudo isso aconteceu: talvez mais de cinco mil anos atrás. Pode ser que houvessem outras pessoas vivendo na África Ocidental antes dos negros chegarem. Encontramos pontas de lanças, cinzeiros e outras

³ (N.T) A Togolândia foi um protetorado alemão na África Ocidental, de 1884 a 1916, abrangendo o que é hoje o país Togo e grande parte do que é atualmente a Região do Volta, de Gana. A colônia foi fundada durante a partilha da África. Separou povo de fala Ewe, que ainda hoje assim se expressão no Togo de fala oficial francesa e em Gana de idioma oficial o Inglês.

ferramentas feitas de pedra, muitos como aqueles que são encontrados em outras partes do mundo, na superfície ou apenas sob a superfície do solo na Costa do Ouro. Eles são qualquer tipo de ouro. O povo da costa hoje, e o povo do país na atualidade sabem pouco sobre esses. Eles os chamam de Nyame Akuma ou nomes semelhantes, e acreditam que eles caíram do céu. Mas deve ter havido em algum momento uma raça de pessoas que fizeram essas ferramentas e as usaram, pois certamente são feitas por homens. Mas nós não sabemos se esses antigos eram negros ou de alguma outra raça; nem nós sabemos há quanto tempo eles viveram. De qualquer forma, podemos dizer que há muito tempo os povos negros têm vivido no Sudão, e gradualmente foram preenchendo as áreas florestais. A raça negra foi dividida em muitas centenas de diferentes nações e tribos, e eles lutaram uns contra os outros; alguns se tornaram grandes reinos, e outros tornaram-se escravos. Existem centenas de línguas negras, e muitas delas são divididas em diferentes dialetos. Muitas vezes deve ter acontecido que a língua de uma nação conquistadora combinou-se com a língua de outra nação que conquistou, e o resultado foi uma terceira linguagem, uma mistura das duas e ainda diferente de qualquer uma. Hoje, portanto, é difícil encontrar algo sobre a história de qualquer povo da África Ocidental, estudando sua língua. E nós ainda não sabemos muito sobre as maneiras pelas quais uma língua africana se transforma em outra. Então, se descobrirmos que dois lugares separados por centenas de quilômetros, ou duas pessoas que vivem a centenas de anos de diferença, têm nomes que se parecem, devemos ter cuidado antes de dizer que deve haver alguma conexão entre eles. Pode não haver conexão entre os nomes em tudo. Como vamos aprender, a história dos povos da Costa do Ouro ou de outras partes da África Ocidental? Podemos aprender algo com os escritos de estrangeiros, como os europeus e os árabes — que visitaram a África Ocidental. Nós estamos aprendendo algo, e devemos aprender muito mais com o passar do tempo, com o que encontramos quando escavamos as ruínas de casas e cidades onde as pessoas viviam centenas de anos atrás. E podemos aprender muito com os contos e as memórias dos idosos nas aldeias. É maravilhoso que esses contos e memórias sejam tão bem preservados. Dentre o povo da Costa do Ouro eles voltam para a primeira chegada da tribo em sua morada atual, geralmente cerca de trezentos anos atrás. Isso é muito útil; mas isso seria mais útil ainda se eles voltassem mais duzentos ou trezentos anos, que então poderíamos aprender sobre as viagens da tribo antes de entrar na Costa do Ouro. Mas para essa história, temos que usar suposições. Seria uma coisa boa se em cada vila e cidade, alguém pudesse escrever a história, antes dos velhos morrerem e a história se perder. Quando os povos negros se mudaram para

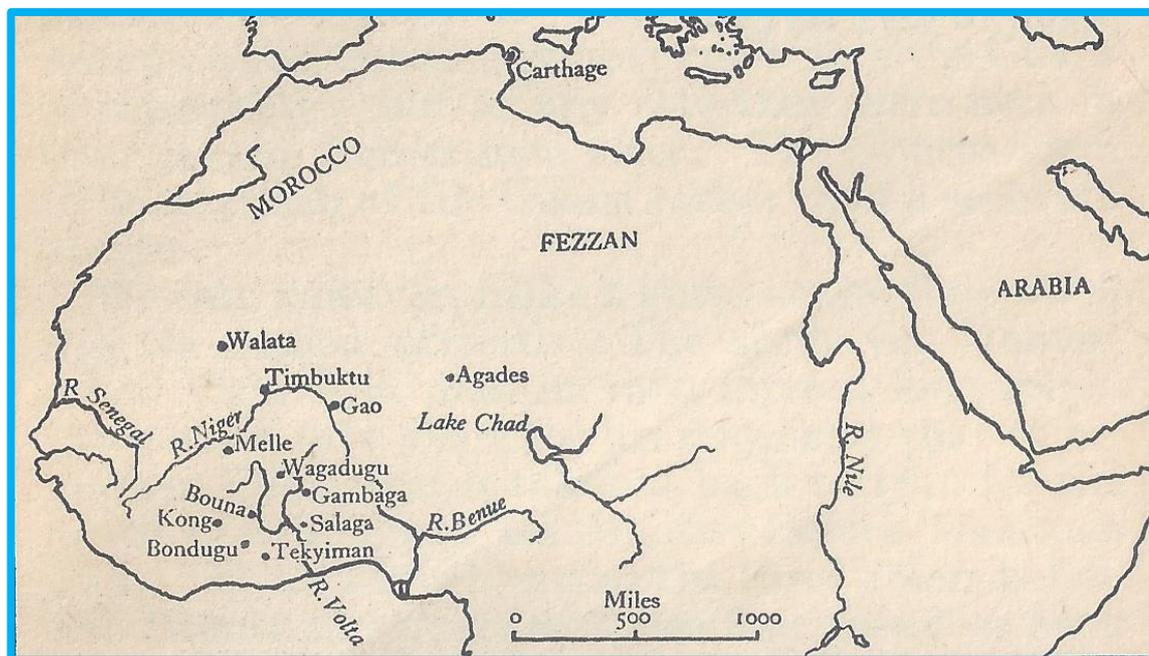
o Oeste, eles devem ter sabido sobre a civilização do Egito e aprenderam um pouco disso. É claro que muito da nativa civilização da África Ocidental foi tirada do antigo Egito: para dar um exemplo, o tamborete Achanti se parece com uma peça de mobília que foi usada nas casas do Egito há quatro mil anos. O tempo passou. O império egípcio cresceu, tornou-se poderoso e caiu. Outros povos surgiram, que derrotaram o império egípcio na guerra, mas que copiaram seus caminhos e ideias; e, assim, a civilização egípcia se espalhou para a Grécia e Roma, e daí para a Europa como um todo. Cerca de 800 anos antes de Cristo, uma nova cidade chamada Cartago foi construída na costa norte da África por alguns colonos de um país chamado Fenícia, no extremo leste do Mediterrâneo. (Eles eram o povo de Tiro e Sidon, sobre os quais lemos na Bíblia.) O povo de Cartago eram ótimos marinheiros e comerciantes. Eles foram os primeiros povos civilizados que visitaram a Grã-Bretanha (Inglaterra); e eles também foram os primeiros povos civilizados que visitaram a Costa do Ouro. Eles foram para os dois lugares para negociar metal: para a África por ouro, para Grã-Bretanha para o estanho. Cerca de 500 a.C. um marinheiro cartaginês chamado Hanno fez uma viagem na costa oeste da África, e um relato dele, escrito em grego, chegou até nós. Os nomes dos lugares que ele menciona não são os mesmos dos modernos nomes, e nem sempre é fácil fixar os lugares a partir de suas descrições. Mas isso é claro que ele veio pelo menos até Serra Leoa, e talvez muito mais longe. A partir de sua época, houve um comércio regular de ouro realizado pelos cartagineses. Também é bem possível que os egípcios tenham plantado pequenos entrepostos comerciais na Costa do Ouro para negociar por ouro; pois sabemos que cem anos antes da época de Hanno⁴, alguns marinheiros egípcios haviam navegado ao redor da África, do mar Vermelho ao Mediterrâneo. Mas tanto o comércio cartaginês quanto o egípcio morreram quando seus impérios foram conquistados por Roma. Embora os marinheiros egípcios e cartagineses não viessem mais às cidades costeiras da África Ocidental, a África Ocidental não estava totalmente isolada da civilização. A rota terrestre para o Egito, do Níger e através do Saara, ainda estava aberta, e o comércio ainda fluía ao longo dela, como faz hoje. Além disso, havia outras rotas através do deserto, do Níger à costa do Mediterrâneo. Ao longo dessas rotas do deserto, a África Ocidental exportou ouro, penas de avestruz, cola e escravos; e recebia em troca, não apenas artigos de aço da Arábia, sedas e especiarias do Egito e do Oriente, mas também o que era muito mais importante, novas ideias, aprendizado e civilização. No Norte, impérios surgiram e caíram. Os romanos construíram

⁴ Hanno, o Navegador, foi um explorador cartaginês do século V aC, mais conhecido por suas navegações para a costa oeste da África.

suas cidades em sua província da África e depois foram forçados a deixá-las para serem engolidas pelas areias do deserto; mas o tempo todo o comércio continuou, e a África Ocidental não foi afetada pelos acontecimentos na Europa. No final, surgiu um grande império civilizado na África Ocidental, chamado império de Ghana. Sua capital era inicialmente a cidade de Ghana ou Ghanata, e mais tarde a cidade agora chamada de Walata, a noroeste de Timbuktu. Ninguém sabe exatamente onde Ghanata estava. Os franceses cavaram no deserto em um lugar chamado Koumbi Saleh, cerca de 320 quilômetros ao norte de Bamako, no Sudão francês, e descobriram uma bela cidade que havia sido perdida. Acreditamos que talvez essa cidade perdida fosse Ghanata; mas não sabemos realmente. Algumas pessoas de Ghana eram negras, outras eram brancas. A cidade de Ghanata foi construída por volta de 300 d.C.; seus primeiros reis eram brancos, seus reis posteriores eram negros. Seus reis negros vieram do povo Mandingo, que agora vive em Serra Leoa e na Gâmbia e no país francês atrás deles. O império de Ghana durou quase mil anos; então Ghana foi conquistada pelo império puramente negro de Melle⁵, cujos reis vieram de outro ramo do povo Mandingo. Este por sua vez durou até 1513 e foi então conquistado pelo império de Songhai. A capital do império de Melle era uma cidade com o mesmo nome, perto de Níger ao sul de Walata. A capital Songhai era Gao, no Níger, a leste de Timbuktu. O que tudo isso tem a ver com a Costa do Ouro? Tanto quanto sabemos, nenhuma das terras que agora é a Costa do Ouro havia feito parte desses impérios. A respeito das pessoas? Nós não sabemos. Os Fante falam de ter vindo de Tekyiman. Alguns dos Akim dizem que vieram no início de Ejura ou de Salaga, ou mais ao norte ainda. Pode ser que alguns pequenos grupos de pessoas tenham deixado o império há muito tempo e vieram se estabelecer na Costa do Ouro. Mas não podemos dizer que os Gã ou Ewe ou qualquer um dos povos Akan viviam em Ghana ou no Melle ou o império Songhai e o deixaram para vir para a Costa do Ouro. Mas mesmo que eles não vivessem nesses grandes impérios do Sudão, eles sabiam sobre eles e aprenderam seus costumes civilizados. E esses impérios eram altamente civilizados, muito mais civilizados em alguns aspectos do que a Europa naquela época. Eles construíram edifícios esplêndidos; eles tinham códigos de leis; eles escreveram poemas e histórias, livros sobre agricultura, medicina e ciência (escrito principalmente em árabe); eles estudaram em universidades. A universidade de Timbuktu ensinou direito, literatura, gramática e teologia; teve cientistas e médicos, e estudou tanto em árabe como na língua Songhai. Os impérios tinham bancos e todos os tipos de

⁵ Império do Mali.

comércio complicado; eles tinham um bom serviço postal e mantinham casas de repouso e poços ao longo de todas as rotas do comércio. Eles haviam aprendido e eram hábeis médicos e advogados. Seus homens de ciência observaram cometas, eclipses e terremotos, e discutiram suas causas, por vez quando tais coisas eram temidas na Europa como sinais e maravilhas enviadas por Deus para avisar os homens de Sua ira. Deve ser lembrado que, embora esta civilização fosse de muitas maneiras adiantada, não se deve esquecer que antes da chegada dos brancos houve na África Ocidental uma civilização. Não havia caminhões, telefones ou telégrafos, ferrovias, aviões ou outras máquinas, eletricidade ou sistema hidráulico e canos de água. Mas naquela época, essas coisas também não existiam na Europa. A civilização da Europa naquela época estava em um nível inferior ao da civilização do Sudão. O Império havia sido conquistado por tribos incivilizadas, e eles estavam aprendendo lentamente a civilização romana. Os árabes, que ensinaram tanto na África Ocidental, também ensinaram muito à Europa; mas de cerca de 900 a cerca de 1300 a África Ocidental aprendeu mais rápido.



Este mapa mostra a maioria dos lugares na África Ocidental que você leu no Capítulo 1. A Costa do Ouro é uma parte muito pequena da África Ocidental, de modo que não há espaço para mostrar todos os seus lugares neste capítulo. Alguns, como Ejura, Banda e Yeudi têm que ser deixados de fora; mas você os encontrará marcados no Mapa II posteriormente neste livro.

Por mil anos ou mais as tribos da costa procuraram por sua civilização para Ghana e o Norte. Então, no século dezesseis, a Costa do Ouro e todo o resto dos povos da África Ocidental, deram as costas à civilização do Sudão e começaram a olhar para o Sul em direção à costa. Por que foi isso? Lá foram duas razões. Em 1471 os portugueses, os primeiros europeus, apareceram na Costa do Ouro. Mas, mais importante, os impérios civilizados do Sudão chegaram a um fim. Em 1594, o rei do Marrocos enviou um exército através do deserto e conquistou o império Songhai. Ele saqueou todas as suas riquezas, destruiu ou levou embora todos os livros que ele pode encontrar, e levou através do deserto para o Marrocos todos os homens eruditos e qualquer pessoa que soubesse ler e escrever. O Sudão estava arruinado e sua civilização destruída; seu povo foi morto ou escravizado, e o país recebeu até a ganância de governadores mouros cruéis e analfabetos. A civilização nativa da África Ocidental foi esmagada; a da Europa começou a ocupar o seu lugar.

CAPÍTULO II

O PRIMEIRO HISTÓRICO DE ACCRA

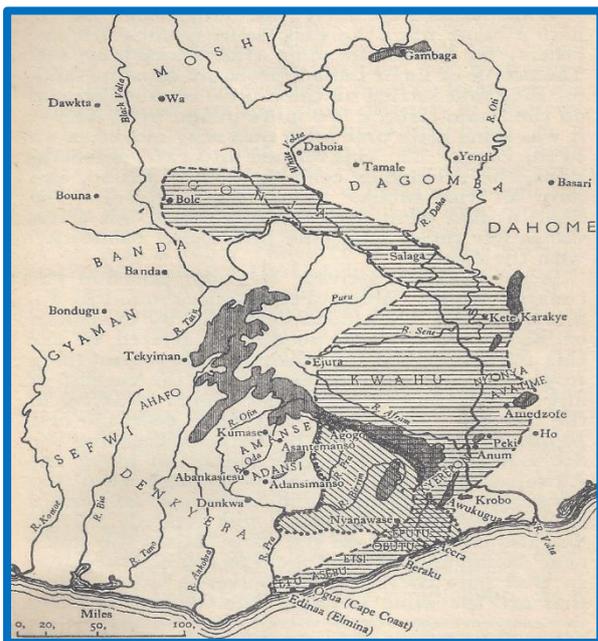
Não sabemos quando foi que as tribos da Costa do Ouro começaram a chegar do Norte aos distritos onde vivem hoje. Nem sabemos quem foram os primeiros a chegar. Parece bastante claro que os Gã ou Kyerepons chegaram aqui antes, os Accra ou os Fante. Os Etsis, Asebus e Obutus podem ter vindo com os Gã ou separadamente; mas de qualquer forma eles estavam aqui em seus presentes locais logo depois. Os Obutus parecem ser um ramo dos Gã ao invés de um pessoal separado. Podemos, no entanto, adivinhar a hora em que a nação Gã chegou. O sexto Gã Mantse, chamado Okai Koi, morreu em 1660 após um longo reinado. Se permitirmos cinquenta anos de seu reinado e de sua mãe, Dede Akai, nos leva de volta a 1610 pela morte do quarto Gã Mantse, Owura Mankpon Okai. Se permitirmos a ele e aos três chefes antes de si, vinte e cinco anos cada, nos encontramos de volta a bem no início do século XVI, por volta do ano de 1510. E isso, então, deveria ser a época do primeiro Gã Mantse.

Existem duas tradições diferentes sobre a vinda dos Gã para Accra. Alguns dizem que os Accra e os Adangme vieram juntos por terra, vindos de um país a leste entre dois grandes rios. Outros dizem que os Accras, em qualquer conto — mas não os Adangme — saíram do mar. Agora, essa

história de sair do mar não é algo que devemos levar muito a sério. Existem muitas dessas histórias nas tradições das nações da Costa do Ouro; mas porque uma história é muito antiga, ela não necessariamente é bem verdade em todos os aspectos. Não precisamos acreditar, por exemplo, que os ancestrais dos Accra viviam no mar como peixes; nem precisamos acreditar que os ancestrais dos Achanti viviam no solo como ratos. Mas em todas essas histórias deve haver algum grão de verdade, maior ou menor; e devemos tentar encontrá-lo. No caso desta história do mar, não é difícil. Os Accra, ou alguns deles, podem ter vindo do sul da Nigéria por mar em suas canoas. A cidade de Benin no País Ioruba, que algumas pessoas dizem que foi o antigo lar dos Gã⁶, é bastante próxima ao mar; e a linha costeira se curva tanto entre lá e Accra que qualquer um que viesse de canoa direto pela baía pareceria vir "do mar", tal como o navio a vapor de Lagos faz hoje. Mas o homem que viu as pessoas chegarem "fora do mar" deve ter estado na praia; então é claro que alguns dos Accra devem ter vindo por terra. De qualquer forma, é bastante claro que os Gã vieram do Leste, de algum lugar dentro ou perto do país onde os iorubas vivem agora. Os Ioruba dizem que os Gã vieram de um lugar chamado Ile Ife no País Ioruba, onde moraram antes disso, quem sabe? Talvez os dois grandes rios fossem o Níger e o Benue. Os Ioruba também dizem que os Gã costumavam servi-los; seja isso verdade ou não, certamente costumava haver uma conexão próxima de algum tipo entre os dois povos. A língua Gã hoje está mais próxima do Twi e Ewe do que do Ioruba; mas podem ter mudado no decorrer de algumas centenas de anos.

⁶ Alguns dentre os Gã afirmam que seu lar de origem não foi Benin, senão que Bonny, também no sul da Nigéria pelo mar.

Este mapa é praticamente tudo o que hoje se chama de Costa do Ouro, com partes do Togo, Daomé e Costa do Marfim. Nenhuma fronteira está demarcada. As mais importantes montanhas, com 300 metros de altura são *verticalmente* ensombrecidas, com destaque a longa escarpa Kwahu a 300 metros acima do nível do mar, mas essas colinas não são importantes historicamente e são omitidas para tornar o mapa simples. Kumasi é marcado por que é muito útil para fixar sua posição no mapa; todos sabem onde fica e você pode achar outros locais referindo-se a ele. Mas não necessariamente devem estar neste mapa, porque Osei Tutu não construiu muito antes dos brancos chegarem.



O grande espaço de terra horizontalmente sombreado, vindo de bole no noroeste atravessando Kwahu e até Accra e Elmina, é a terra habitada pelos Gã e suas tribos aliadas, como descrito no capítulo II.

A terra diagonalmente sombreada, entre o Pra, as colinas, e o mar em Accra é a terra reinada pelos Akwamus desde o tempo de Okai Koe até a batalha de Rio Nsakai a partir de 1660 até 1733. Note-se que parte desta terra o baixo vale Densu e Accra pertenceram antes do tempo dos Akwamu ao tempo dos Gã e assim está sombreado.

Accra foi primeiro Guan, depois Gã então Akwamu e então Gã novamente.

O que parece mais provável, portanto, é que os Ganation vieram do Leste, alguns (Adangmes e outros) por terra, e alguns (os Accras) por mar. As pessoas de La ou Labadi provavelmente vieram por terra, pois primeiro se estabeleceram na colina chamada Aboasso e no rio Nsaki, algumas milhas para o interior de Accra; foi em pouco tempo depois que eles se mudaram para a costa. Os Gã formaram-se em duas confederações, o Adangmes centrado em torno de Krobo e a maioria das tribos menores em torno de Accra. Os Shai a princípio foram com os Adangme, mas depois os deixaram e entraram em conexão mais estreita com os Accra. Quando os Gã chegaram, eles não encontraram o país vazio. Muitos dos ao redor de Accra, se não a própria Accra, era governada pelos Guans ou Kyerepons. Essas pessoas estão relacionadas ao Gã e ao Akan (se sua linguagem é qualquer indicação), e parece ter sido a primeira de qualquer uma das tribos a apresentar pessoas da Costa do Ouro a chegar ao país. Eles podem até ter sido as primeiras pessoas da raça negra a chegar, sucedendo a Idade da Pedra. Eles vivem hoje ao longo das colinas de Akwapim, de Berekuso, passando por Tutu e Obosomase, até Mamfe e Mampon e Late (Date), e assim para Adukrom e Apirede. Eles também nas colinas do outro lado do Volta perto de Anum, e nas colinas do Togo em torno a Amedzofe. Nessa parte, eles se autodenominam Avatime; mas eles são pessoas iguais. Os Obutu, que moram no distrito de Winneba, são as mesmas pessoas.

Possivelmente, os Etsi, Asebu e Afetu também eram da mesma nação. E mais que esta. O povo de Agogo em Achanti-Akim disse que quando seu primeiro chefe foi para se estabelecer lá, onde encontrou todas as planícies

de Afram, e todos os distritos do que agora se chama Kwahu e Achanti-Akim, governados por um grande e forte chefe, cujo povo não fala Twi. Seu nome era Atara Finam ou Otara Fuom, que é um nome Guan; então parece que os Guans tinham um grande império que se estendia pela maior parte dos distritos modernos de Accra, Akwapim, Rio Volta e Kwahu. Sua cidade principal era Awukugua em Akwapim⁷. Os Gã não se lembram de lutar contra os Guans e espancá-los; mas é quase certo que eles devem ter feito, porque o Gã Mantse tem um tamborete chamado tamborete Guan⁸.

O primeiro chefe dos Accra foi chamado Ayi Kushi. Foi ele que liderou os Accra em sua migração. Depois dele veio Ayite, que construiu a capital dos Accra em Ayawaso perto da colina Okai Koi (a colina chamada pelos europeus de colina Pokoase, na antiga estrada Nsawam, a seis quilômetros de Accra). Depois de Ayite veio Ni Koi Nalai; embora alguns dos Accras digam que Ni Koi Nalai não era um chefe, mas um linguista. E depois dele veio Owura Mankpon Okai. Mankpon Okai deve ter sido um chefe poderoso para obter o título de "Owura"; mas não há muito de sua grandeza que seja lembrado, além de sua famosa carruagem com rodas, dada a ele pelos portugueses. Ele se casou com uma senhora de Obutus, chamada Dede ou Dode Akai. Ele lutou pelo menos uma guerra bem-sucedida. Mas nessa época, apareceram pessoas que mais tarde arruinariam o estado dos Accra. Essas pessoas eram os Akwamu. A tradição de Accra diz que os Akwamu eram um bando de ladrões, que fugiu de Accra para viver nas cavernas, na floresta e na colina por Nsawam chamado Nyanao. Mas como os Akwamu são uma nação Akan, não parece provável que eles começaram sendo um bando de ladrões; embora sem dúvida todos os tipos de criminosos e traidores de Accra fugiram para se juntar a eles. É muito mais provável que eles foram as primeiras fileiras dos povos Akan que avançavam, pressionando do norte em direção ao mar. Eles construíram uma cidade nas encostas de Nyanao, e chamaram-na Nyanawase; e de Nyanawase saíram em todas as direções, atacando e saqueando as fazendas de Acra. Mas na época de Mankpon Okai, eles eram apenas um incômodo; eles ainda não eram um grande perigo.

⁷ É claro que os Guans devem ter descido do Norte ao longo do rio Volta. Depois de preencherem as planícies de Afram, alguns deles provavelmente entraram em Akwapim e cruzaram a colina perto de Adawso para entrar no vale Densu.

⁸ Existe outra possibilidade. Dede Akai (veja abaixo) era uma Obutu e pode ter trazido seu próprio tamborete para Accra. Os Obutu eram Guan.

Depois que Mankpon Okai morreu, sua esposa Dede Akai⁹ tornou-se chefe, ou melhor, regente, até que seu filho Okai Koi tivesse idade suficiente para se tornar chefe. Ela era uma mulher cruel de quem muitas histórias são contadas. Foi ela que estabeleceu o conselho de sete anciãos. A história diz que ela estava com raiva dos velhos porque lhe deram conselhos de que não gostou; então ordenou que todos os velhos deveriam ser mortos. Mas um homem não matou seu pai, mas o escondeu; e mais tarde, quando a rainha estava precisando de um conselho, ela lucrou com o conselho que o velho dera ao filho. Ela desconfiava que o jovem mostrava sabedoria além de sua idade, e então a verdade veio à tona, e ela viu que os velhos tinham seu uso, afinal. Essa é a história; mas quem sabe se é verdade? Talvez a divisão de Accra teve um conselho conjunto antes de seu tempo; seria estranho se não o tivesse. E devemos acreditar que os chefes antes de seu tempo não tinham conselho de anciãos? No final, o povo de Accra se rebelou contra Dede Akai por causa de sua maldade e crueldade, e a mataram; e Okai Koi, seu filho, reinou em seu lugar.

Okai Koi ainda era muito jovem quando chegou ao tamborete. Ele parece ter herdado a crueldade de sua mãe, e seus filhos também se comportaram mal em todos os lugares. Um deles foi morto no país de Shai, e Okai Koi queria fazer guerra contra os Shai; mas o chefe dos Shai prometeu punir o assassinato, então Okai Koi levou seu exército de volta. Ele travou uma guerra contra o povo de Labadi, por uma razão muito sutil, e ganhou. Não demorou muito para que muitos dos Accra ficassem tão zangados com ele quanto eles estiveram com Dede Akai, e alguns dos Accra secretamente aconselharam o Akwamu a se recusar a continuar prestando homenagem ao Gã Mantse. Então um de Okai, o filho de Koi matou o filho do chefe de Asere; o chefe Asere em vingança aconselhou Okai Koi para fazer uma coisa que ele sabia que levaria à guerra. Um dos membros da realeza da família de Akwamu, chamado Odei, estava na corte de Okai Koi sendo educado; o chefe Asere aconselhou Okai Koi a circuncizá-lo, sabendo que os Akwamu não poderiam admitir um homem circuncizado no tamborete. Este Okai Koi fez. Odei a tempo saiu de Accra e deveria ter sucedido no tamborete de Akwamu, mas ele não pôde por causa de sua circuncisão; e assim os Akwamu ficaram muito zangados e declararam guerra. Os Agona e alguns outros ajudaram os Akwamu; e é claro que a esta altura, de qualquer maneira os Akwamu eram muito mais do que um bando de ladrões, o que quer que eles possam ter feito antes, pois Okai Koi derrotou todo o exército de Accra.

⁹ Existe outra possibilidade. Dede Akai (veja abaixo) era uma Obutu e pode ter trazido seu próprio tamborete para Accra. Os Obutu eram Guan.

A batalha aconteceu perto de Ayawaso, e por algum tempo os Accra se mantiveram firmes. Mas então, muitos dos capitães de Accra começaram a deixar a batalha e até mesmo a passar para os Akwamu, pois estavam zangados com seu chefe Okai Koi, por que o Accra se tornou pouco e fraco. Então Okai Koi, vendo que a batalha estava sendo perdida, levou argila branca e carvão, que tornava um lado de seu corpo branco e o outro lado preto; e em um lugar chamado Nyantrabi ele chamou seus capitães e anciãos e falou. Disse-lhes que, se quando ele morrer seu corpo cair com o lado branco para cima, os Accra teriam sorte; mas se caísse com o lado preto acima de tudo, o estado dos Accra sempre sofreria de ciúmes e discordância e seus inimigos se regozijariam com isto. E quando ele disse isto ele se matou; seu corpo caiu no chão com o lado preto para cima; e os Accra, vendo que tudo estava perdido, fugiram para suas casas. Assim morreu Okai Koi, o último chefe dos Accra a governar um vasto império. Em sua época, os Accra governaram Teshi e Nungwa, Tema e Shai; os La, que então moravam perto do morro Aboasso e do pequeno rio Nsaki, também os serviam; e os Adangme, Obutu, Akwamu e pessoas Akwapim enviaram presentes. Okai Koi morreu em 20 de junho de 1660 e foi sepultado na colina que leva seu nome, perto do lugar onde ele lutou sua última batalha. Seu filho Ashangmo se tornou o próximo chefe. Ele lutou novamente contra os Akwamu, e os venceu; mas ele não poderia destruí-los totalmente, porque alguns de seus chefes tinham ciúmes dele e não o ajudaram como deveriam. E então Ashangmo se lembrou da profecia de seu pai, como ele havia avisado os Accra, que sempre sofreriam de ciúmes e desentendimentos, pois que sua força se transformaria em fraqueza; e Ashangmo decidiu que os Accra nunca seriam capazes de conquistar os Akwamu. Então ele pegou muitas das pessoas e marcharam para o leste pela costa, de volta ao longo da estrada pela qual alguns dos Accra tinham vindo duzentos anos antes. Ele veio para a cidade de Anecho, ou Pequeno Popo, e se estabeleceu lá. Muitos dos Accra estavam zangados com ele por desistir da luta, e eles fizeram uma canção contra ele, "*ofio, ofio nye, ofi* " para zombar dele ao deixar o lugar onde seu pai estava enterrado, para ir viver em um outro país. Mas provavelmente Ashangmo estava fazendo a melhor coisa. Se ele tivesse ficado para trás em Accra, ele teria sido espancado repetidas vezes, por alguns dos chefes de Accra que não estavam dispostos a ajudá-lo, e outros que eram leais ficaram desanimados por serem derrotados e lembrando as últimas palavras de Okai Koi. Seria melhor se as pessoas tivessem se retirado do alcance do Akwamu, para recuperar suas forças e sua confiança antes de lutar contra eles novamente. Em qualquer caso, Ashangmo foi um homem corajoso que liderou o exército em uma retirada por duas semanas de marcha longe do

inimigo, enquanto alguns de seu próprio povo zombavam dele como um covarde. Esse tipo de bravura é muito menos comum do que o tipo que faz uma luta bravamente lado a lado com seus companheiros, levando-os à vitória, enquanto todos os homens o chamam de Agyeman¹⁰. Anecho, ou Pequeno Popo, onde Ashangmo e os Accra agora se estabeleceram, era uma cidade na costa marítima, sujeita ao reino de Whydah. Naquela época o reino de Whydah estava enriquecendo com seu comércio com os europeus; mas o rei Adahunzu de Daomé estava começando a se ressentir em relação a isso, assim como os Achanti mais tarde sentiram para os Accra e os Fante. Ele sabia que era mais forte, e ele não viu por que o povo de Whydah deveria tirar o primeiro lucro de todos os europeus na troca; e então ele estava começando a se perguntar se não seria melhor para ele tomar as terras de Whydah para si. Quando Ashangmo e seus homens chegaram, Adahunzu lutou contra eles; mas ele foi derrotado. Então, uma ideia melhor lhe ocorreu e ele convidou Ashangmo e os Accra para serem seus aliados e ajudá-lo contra os Whydah; e em troca ele prometeu ajudá-los contra seus inimigos, os Akwamu e os Awuna. Com sua ajuda, os Accra em Pequeno Popo foram em muito fortalecidos; e Ashangmo e seus sucessores lutaram com sucesso contra seus inimigos. Ashangmo morreu cerca de cinco anos depois de ir para Pequeno Popo. Portanto, por mais de vinte anos, os Accra em Pequeno Popo prosperaram razoavelmente bem. Mas em 1702 um novo chefe veio para o tamborete de Akwamu, chamado Akonno; e não só os poucos Accra deixados para trás na própria Accra, mas também as pessoas em Pequeno Popo, aprenderam a temê-lo. Muitos dos Accra fugiram; muitos daqueles que ficaram para trás tornaram-se traficantes de escravos, e ganhavam a vida vendendo escravos capturados nas guerras do interior. Nesta época, Osei Tutu liderava os Achanti à vitória sobre os Denkyera e os Akim, de modo que os escravos eram abundantes. Os Akwamu estavam com ciúmes quando viram os Accra ficando ricos; e Akonno declarou guerra contra, com alguma pequena desculpa. Ele não conseguiu chegar aos Accra, porque seu líder Ni Ayi persuadiu os holandeses do Forte *Crèvecoeur* (Forte *Ussher*) a abrigá-los. (Isto mostra como eram poucos.) Mas Akonno atacou e levou Osu, Labadi e Teshi; e no final, os dinamarqueses do Castelo de *Christiansborg* e os holandeses do Forte *Ussher*¹¹ arranjou uma paz entre os Accra e os Akwamu. Alguns anos depois, o Akwamu veio novamente, e de novo o líder de Accra, Ayikuma Tiekô, levou os Accra aos holandeses para serem

¹⁰ Okai Koi morreu em 1660, Ashangmo levou seus homens para Pequeno Popo em 1680. Parece, então, que ele ficou "com seu pai" por vinte anos, lutando contra os Akwamu. Ele não fugiu para o Pequeno Popo sem lutar.

¹¹ Naquela época, era chamado de Forte *Crèvecoeur*. Eu uso o nome moderno, *Ussher Fort* (dado em memória dos administradores britânicos da Costa do Ouro, 1867-72), porque é muito mais conhecido.

abrigados. Em 1733, os Accra foram finalmente libertados do Akwamu. Isto aconteceu assim: Os Akwamu estavam atacando Accra, e seu general Akwanno sitiou a cidade por quatro meses. Mas os Accra enviados para Agona e Obutu, ambos tiveram que servir ao Akwamu e os persuadiram a se rebelar. Os Akim e os Akwapim vieram ajudar, tendo suas próprias queixas contra os Akwamu. E assim, em julho de 1733, os Akwamu foram atacados por um exército de Accra, Agona, Obutu, Akim e Akwapim, e foram completamente derrotados; mas depois da batalha, todos, exceto os Accra, voltaram para casa, pensando no fim da guerra. Então os Akwamu reuniram coragem, lutaram com os Accra novamente e os derrotaram, como estavam acostumados a fazer desde a época de Okai Koi. Os Accra fugiram pela estrada que eles conheciam tão bem, de volta ao Pequeno Popo. Quando os Akim souberam que os Akwamu venceram os Accra, eles voltaram novamente e se encontraram com os Akwamu em batalha nas margens do pequeno rio Nsaki, que corre perto de Aburi ao sudoeste para o Densu, cruzando a estrada Accra-Nsawam em Pokoase. Os Akwamu perderam a batalha e fugiram ao longo do cume das colinas Akwapim para o Volta. Eles cruzaram o rio, não sem dificuldade, e se viraram para enfrentar os perseguidores Akim do outro lado. Novamente eles foram derrotados e fugiram para Pekipong. Enquanto em Pekipong, eles se lembraram de seus antigos inimigos, os Accra em Pequeno Popo, e eles correram para o sul para atacá-los. Mas Owusu Akyem Tenten, o líder Akim, tinha chegado lá antes deles, e os Akim e os Accra juntos lutaram e derrotaram os Akwamu; então os Akwamu desistiram da luta, mudaram-se para o Norte no país Nkonya, empurrando os Nkonya mais ao norte, e se estabeleceram confortavelmente na parte sul de suas terras. Depois disso, os Accra não tiveram mais problemas com os Akwamu; a maior parte da antiga terra de Akwamu, e muitos do povo de Akwamu também foram levados ao poderoso estado do Akim; e os Akim eram amigos dos Accra¹².

¹² No lado leste do Volta, de Kete Karakye até Akwamu, as tribos são muito misturadas; e também são as línguas. Os Nkonya são aliados dos Guan; mas algumas das tradições Nkonya em sua casa atual são as mesmas que aqueles do Akwamu. É claro que houve alguma mistura entre os Nkonya e os Akwamu.

CAPÍTULO III

OS AKAN

DIFERENTES povos Akan contam muitas histórias e muito diferentes de suas origens. Muitos dizem que vieram de Tekyiman em Asanti. Alguns dizem que vieram "de um buraco no chão", em Asantemanso perto de Bekwai, ou em algum outro lugar. Alguns dos Achanti dizem que desceram do céu em Asiakwa, em Akim. Outros dizem que eles vieram da região das gramíneas, no Norte. E alguns dizem que eles nunca se mudaram, mas estão em suas terras atuais desde a criação do mundo. O que devemos aprender com essas diferentes histórias? A primeira coisa que notamos se tentamos aprender mais detalhes sobre a história Akan é que ninguém lembra nada disso antes do ano 1450, no mínimo. O povo Gyaman, sei de oito ou nove chefes antes da época de Opoku Ware de Achanti (1720); mas, muito poucas outras tribos podem voltar tão longe no tempo. Os próprios Achanti sabem de quatro chefes antes de seu famoso líder Osei Tutu, que veio ao tamborete em 1697; de modo que seu primeiro chefe dificilmente pode ser anterior a 1580.

A maioria dos tamboretas Akan podem traçar sua história aproximadamente à mesma distância temporal. Mas ainda estamos muito longe de voltar para a criação do mundo. Além disso, pouco se sabe sobre os primeiros chefes. Muitas vezes são meros nomes, e é apenas perto de 1700 ou mais tarde que a tradição dos tamboretas tornou-se cheia de detalhes. E em quatro casos de cinco, o primeiro chefe que é lembrado é o chefe que conduziu a tribo de algum antigo lar para um novo assentamento. A maior parte dos tamboretas começam suas memórias em um momento de migração; e em quase todos os casos a migração é de um lugar no norte para um novo local perto do mar. Tudo isso é muito parecido com a história da Inglaterra. Nós sabemos que os antepassados dos ingleses vieram do outro lado do mar para as Ilhas Britânicas e conquistaram as pessoas que encontraram lá. O povo inglês de hoje é mestiço, descendente dos conquistadores e das esposas que tiraram da raça conquistada. Mas nós não sabemos absolutamente nada da história dos conquistadores antes de se estabelecerem na Inglaterra. Houve muitas tribos diferentes que se uniram na conquista; e seus descendentes se lembraram do nome de seus líderes de guerra que desembarcaram pela primeira vez no novo país, mas eles não se lembraram de nada do tempo anterior. Quanto às tradições de suas mães escravas, eles estão perdidos; quem deseja lembrar histórias de escravidão?

Voltaremos mais tarde ao "buraco no chão". Lembrando disso os ancestrais distantes, não só dos Akan, mas também de toda a raça negra, provavelmente vieram do leste da África, se não de mais a leste ainda, vamos considerar de onde os Akan vieram antes do tempo em que suas tradições de tamboretos começaram. Nós estamos bastante seguros em supor que estava em algum lugar ao norte do cinturão da floresta; e visto que quase todos os Fante dizem que vieram de Tekyiman, essa cidade deve ter sido o lar da fuga (ou de parte dela) or algum tempo. Os ancestrais dos Akan parecem ter se autodenominado Nta-fo. Além dos Akan da Costa do Ouro, existem outras tribos descendentes do Nta-fo: estas são as tribos Agni da Costa do Marfim, que falam línguas semelhantes às línguas Akan, e formam nações fortes alcançando, como os Akan, da borda norte da floresta a todo o caminho para o sul até o mar. Além disso, pode ser que os Guan sejam descendentes do Nta-fo, ou de alguma tribo intimamente relacionada a eles; para os Achanti ainda hoje chamam os Gonja Nta-fo, e a língua Guan tem alguma conexão com Akan.

Mas de onde veio o Nta-fo antes de se estabelecerem em Tekyiman ou em Salaga? E há quanto tempo eles moravam lá? Ainda não podemos responder estas questões. Os Akan dizem que deixaram as pastagens do Norte porque eles foram expulsos por alguma raça de pele clara. Não sabemos onde essa raça estava. Podemos supor que foi por volta de 1200 que o Nta-fo começou a deixar seu lar nas pastagens em algum lugar entre Tamale e Ejura.

O Nta-fo se dividiu em três grupos principais. Os primeiros a sair foram os ancestrais dos Guan, que desceram o Volta e se estabeleceram nas planícies de Afram e através de Akwapim e mais a oeste perto da costa. Um pouco depois foi o Fante, que se moveu mais para o oeste, e provavelmente desceu muito ao longo da linha da antiga estrada Cape Coast-Kumasi. Por último, vieram os Twi, que se assentaram entre as outras duas divisões e ocuparam o país florestal de Achanti e Akim. Provavelmente uma migração semelhante estava acontecendo mais para o oeste, no que é agora a Costa do Marfim; pois lá também encontramos um grupo do norte e um grupo do sul de povos, e todas as línguas faladas são descendentes da língua original dos primeiros Nta-fo, Baule e outros no norte, e Agni no sul. Os Guan já haviam partido. Os Fante se separaram algum tempo mais tarde, e desapareceram de Tekyiman na floresta. O povo Twi mudou-se por último de todos. Um ramo, o Brong, mudou apenas um pouco; eles cruzaram o Volta com o resto, mas foram muito pouco além, e se acomodaram antes que o corpo principal entrasse na floresta. Os outros foram se estabelecendo em algum lugar no sul

de Achanti; nós não sabemos exatamente onde. Agora vem o quebra-cabeça. Quase todas as divisões de Achanti dizem que saíram de um buraco no chão em algum lugar. Bekwai, Juaben, Nsuta, Kumawu, Kokofu e outros dizem que vieram de Asantemanso, entre Bekwai e Asumegya. Eles devem ter saído por volta do ano 1600, pois havia quatro chefes antes de Osei Tutu, que reinou de 1697 em diante. Mas o povo de Gyaman lembra dos Achantis antes dessa época. Eles dizem que o Achanti os expulsou de Kwahu para aonde eles agora vivem na Costa do Marfim; e eles contam oito de seus chefes antes do grande Osei Tutu de Achanti, de modo que eles devem ter lutado com Achanti pelo menos já em 1550 — talvez muito antes ainda. Os Adansi, Denkyera e Akwamu falam Akan, e eles estavam no mundo e construindo seu poder muito antes de 1600, quando os Achanti "surgiram de um buraco no chão". Acho que talvez o que realmente aconteceu foi que os Achanti eram poderosos no início, depois foram derrotados pelos Denkyera ou algum outro povo forte e se esconderam em lugares secretos e cavernas para se manter longe do perigo, e finalmente saíram novamente quando eles se tornaram de novo mais fortes e ousados. Mas não podemos ter certeza. O primeiro dos povos Akan a vir para o sul foi o Akwamu, que veio descendo em direção a Accra e se estabeleceu na colina Nyanao perto de Nsawam por volta do ano 1600¹³. Eles encheram todo o país entre o Pra e os Birrim, que agora chamamos Akim. No sudeste e no leste, seu país faz fronteira com o país dos Guans em Akwapim e Kwahu; no sul fazia fronteira com o país Accra; no sudoeste, o país dos Fante; e no norte e noroeste estavam outras tribos Akan. A capital dos Akwamu era Nyanawase, na Colina Nyanao. Quase ao mesmo tempo, um poderoso estado estava crescendo em Adansi, com sua capital em Adansimanso, entre Fomena e Akrokyere. O homem que tornou isso poderoso foi seu segundo chefe, Ewurade Basa, que provavelmente viveu por volta de 1580. Adansi é chamado por esse nome porque foi a primeira parte do país Akan onde casas feitas foram construídas. Ewurade Basa é dito ter sido o primeiro chefe a falar através de um *ekyeame*[linguista]; antes de seu tempo, qualquer um poderia falar diretamente com um chefe. No decorrer do reinado de Ewurade Basa, o povo Adansi governou todo o sul de Achanti e também Denkyera. A capital dos Denkyera na época era Abankasiesu, não muito longe de Obuasi. Um dia, Ewurade Basa enviou seu filho Apea Brenya para Abankasiesu para recolher o dinheiro do tributo dos Denkyera. No caminho, Apea Brenya conseguiu em apuros atacar uma mulher chamada Berebere, a quem ele viu lavando roupas em um riacho; seus gritos trouxeram pessoas da aldeia Denkyera e

¹³ Ver capítulo II

Apea Brenya foi levado de volta para Abankasiesu. Lá eles cortaram sua longa barba, e a deram dizendo para levar para casa e mostrar a seu pai o que eles lhe fizeram. Ele obedeceu; e Ewurade Basa ficou muito zangado. Os anciãos Adansi disseram que Apea Brenya deveria ter deixado a mulher sozinha, mas Ewurade Basa faria guerra contra os Denkyera para puni-los. Mas os Denkyera, sob seu chefe Obuokoropa, derrotou os Adansi em uma grande batalha perto do local onde o rio Oda desagua no Ofin; e depois disso os Denkyera não serviram mais a Adansi. Na guerra Adansimanso foi destruída, e o tamborete do próximo chefe da chamada Nkwantanane, perto de Akim, foi para um lugar chamado Kyebi; no começo ele foi para Dompoase, mas ainda em Dompoase ele descobriu que mais longe, em Akim, Nkwantanane o perturbava.

Após esta guerra, os Denkyera se tornaram uma nação forte, sob seus grandes chefes Owusu Bore e Boa Amponsem. Além de Adansi, eles derrotaram Sefwi, Twifo e Wassaw. Esta época da grandeza de Denkyera foi por volta de 1600 até 1680, a época de Dede Akai e Okai Koi em Accra. Mas embora fortes, eles não ficaram muito ricos, porque nenhum comerciante entraria no país Denkyera. Eles temiam demais a crueldade dos chefes. Ainda assim, as minas de ouro de Obuasi estavam no País Denkyera. No entanto, todos odiavam os Denkyera e esperavam pelo momento em que seu poder deveria cair.

Durante este tempo, os ancestrais dos Achanti foram gradualmente se estabelecendo no país entre o lago e a borda norte da floresta. Eles chamaram o país amanse (ou seja, Aman-ase - "o início das nações"); seu primeiro assentamento estava em Asantemanso, entre Bekwai e Asumegya. As pessoas que vieram de Asantemanso eram os ancestrais dos clãs Oyoko e Aduana. No início os Achanti eram fazendeiros simples, e como eles encontraram muitas terras vagas por toda parte de Bekwai até Mampon, eles tinham pouca necessidade de lutar. Os primeiros chefes dos Amanse eram Twum e Antwi, que parecem ter governado juntos. Então veio Kobia Amamfi, o primeiro chefe do clã Oyoko¹⁴. O terceiro foi Oti Akenten; ele lutou contra os Doma, que viviam um pouco ao norte de onde Kumasi está agora. Naquela época, Kumasi não existia. Oti Akenten não teve muito sucesso contra os Domas, que era um povo forte; eles permaneceram para dar problemas a chefes posteriores. Mas Oti Akenten mostrou-se um líder tão bom que muitos outros chefes Amanse de Asantemanso vieram para o norte para sua cidade de Kwaman e fizeram tratados de amizade com ele;

¹⁴ Alguns dizem que Kobia Amamfi, Oti Akenten e Obiri Yeboa eram todos do clã Ekuona, e que Osei Tutu era o primeiro Asantehene do clã Oyoko. Não sei qual é a verdade.

eles avançaram e fundaram Juaben, Kumawu, Nsuta e outros estados, que eram aliados de Oti Akenten e seus homens. Este foi o início da confederação Achanti. Bekwai também aderiu à confederação, mas permaneceu no Sul para se proteger contra os Denkyera. Tudo isso, toda vez em que os Amanse ou Achanti serviram aos Denkyera e lhes prestaram homenagem.

Bantama, Effiduase, Gyamase e Mampon¹⁵ enviaram argila vermelha, Juaben enviou fibra de bananeira (*baha*) e Oti Akenten enviou madeira *esa* para lenha. Oti Akenten foi sucedido por Obiri Yeboa, que continuou a guerra contra os Doma e foi morto. Obiri Yeboa foi sucedido por Osei Kofi, filho de sua irmã¹⁶Manu, que ficou conhecido como Osei Tutu, o verdadeiro fundador do poder Achanti. A história é que Obiri Yeboa tinha uma única irmã, chamada Manu, que não tinha filhos. Manu ouviu que o deus Otutu no país de Akwamu era poderoso, e foi visitar o local para orar por uma criança. Sua oração foi atendida, e um filho foi nascido, a quem ela chamou de Tutu em homenagem ao deus. Os Adansi dizem que seu pai era um homem Adansi chamado Owusu Panin de Akrokyere. Quando Osei Tutu era menino, seu tio Obiri Yeboa o enviou a Abankasiesu para servir ao chefe Denkyera Boa Amponsem; pois os Achanti, como Adansi e muitas outras tribos Akan, serviram Denkyera.

Enquanto ele estava com o chefe Denkyera, Osei Tutu levou a irmã do chefe, Abena Bensua, e um filho nasceu para eles. Quando ele percebeu que uma criança iria nascer, Osei Tutu fugiu de Denkyera para o país de Akwamu; e enquanto estava lá ele ouviu que seu tio Obiri Yeboa havia sido morto em batalha, e que ele havia sido escolhido como o novo Asantehene. Ele voltou para Achanti, entrou em Kwaman com grande alegria, e preparado para estender o poder dos Achanti contra seus antigos inimigos. O reinado de Osei Tutu inicia um novo período na história Achanti.

¹⁵ O povo Mampon não veio de Asantemanso, mas de Ahinsan em Adansi.

¹⁶ Osei Tutu foi o primeiro chefe do clã Oyoko, depois sua mãe, Manu Kotusii, só pode ter sido meia-irmã de Obiri Yeboa, de outra mãe. Caso contrário, seu clã e o clã de seu filho seriam iguais aos de seu irmão. O clã de Osei Tutu era certamente Oyoko; portanto, ou Manu era meia-irmã de Obiri Yeboa ou o próprio Obiri Yeboa era do clã Oyoko. O nome Manu talvez deva ser escrito Amanngui. Era um nome também usado por Obiri Yeboa.

CAPÍTULO IV

ACHANTI SOB OSEI TUTU E OPOKU WARE¹⁷

Desde a época de Twum e Antwi até a morte de Obiri Yeboa, não ouvi dizer que os Denkyera causaram muitos problemas aos Achanti. Esses lhes serviram e pagaram-lhes tributo; mas, tanto quanto podemos dizer, os Denkyera parecem os ter deixado bastante bem sozinhos. A posição nos lembra do início do poder Akwamu, conforme relatado pelos Accra. Em ambos os casos, vemos um povo pequeno, gradualmente tornando-se mais poderoso, mas por um longo tempo não forte o suficiente para ser digno do aviso das pessoas poderosas a quem servem. E então, de repente, os Accra e os Denkyera parecem acordar e perceber que esses servos deles estão ficando perigosamente fortes; há uma guerra, e os servos vencem seus amos. Enquanto Osei Tutu estava no país de Akwamu, ele conheceu um padre chamado Okomfo Anokye, que provavelmente veio de Awukugua¹⁸ no país Guan que agora se liga a Akwapim. Akwapim era então governado pelos Akwamu. Okomfo Anokye e Osei Tutu se tornaram grandes amigos; e quando Osei Tutu foi chamado para voltar para Achanti como chefe, Okomfo Anokye foi com ele. Foi através de Okomfo Anokye, até mais do que por meio de Osei Tutu, que a nação Achanti subiu ao poder. Okomfo Anokye começou movendo a capital da confederação de Kwaman. Ele fez Osei Tutu plantar duas árvores jovens *kuma* e disse a ele para fazer sua nova capital no lugar onde qualquer um cresceu e floresceu. Um deles, com certeza morreu; e seu lugar desde então tem sido chamado de Kumawu. (É em Achanti-Akim, entre Agogo e Nsuta.) O outro viveu e cresceu, e Osei Tutu construiu sua nova cidade de Kum-ase sob sua sombra. O início da nação Achanti realmente data da vinda do Tamborete de Ouro. Uma sexta-feira, conta a história, Okomfo Anokye convocou uma grande reunião do povo Achanti,

¹⁷ É assim que ele é sempre chamado. Seu nome verdadeiro era Agyei Frimpon; ele era do clã Agona. Quando ele voltou para Achanti, ele não foi direto para Kwaman para ver Osei Tutu, mas ficou primeiro com Nana Akraasi de Juaben.

¹⁸ Alguns dizem que ele era um Achanti, e era até um parente distante de Osei Tutu, tanto em Awukugua quanto em Achanti lá ainda vivem pessoas que afirmam ser de sua família.

na qual Osei Tutu, a rainha-mãe Manu, o chefe e a rainha-mãe de Kokofu, e muitos outros estavam presentes; e lá ele trouxe para baixo do céu por seu poder mágico, com escuridão e trovão, e em uma espessa nuvem de poeira branca, um tamborete de madeira, parcialmente coberto com ouro. Ele disse a Osei Tutu e a todas as pessoas que o tamborete veio de Onyame e continha o espírito (sunsum) de todo o povo Achanti. Como um sinal disso, ele fez com que cada chefe e cada rainha-mãe presente pegasse alguns de seus cabelos e um pequeno pedaço de sua unha; estes foram transformados em pó e misturados com algumas outras coisas para fazer "remédios", que eram esfregados no tamborete. Essa é a história da origem de *Sika Agua Koft*, o Tamborete de Ouro de Achanti. Seja verdade¹⁹ ou se Okomfo Anokye fez o tamborete da maneira comum, é certo que este foi o verdadeiro começo da nação Achanti; a nação agora tinha um espírito, com um tamborete para abrigá-lo. Os Achanti não eram mais apenas uma coleção de tribos amigáveis, cada um com seu próprio tamborete. As tribos eram agora membros de uma grande nação. Depois de enterrar seu tio, Obiri Yeboa, em Bantama, nos arredores de Kumasi (o primeiro Asantehene a ser enterrado lá), Osei Tutu continuou com a guerra contra os Doma, em que Obiri Yeboa foi morto. Muitos dos Doma fugiram para o oeste, e juntaram-se a seus irmãos, que haviam sido expulsos antes, para fundar o estado de Gyaman (gya-eman). Nos primeiros anos de luta de Osei Tutu, os Doma ou Gyaman e o povo de Tafo, Ofinsu e outras cidades perto de Kumasi foram todos derrotados e se juntaram ao estado Achanti. Osei Tutu e Okomfo Anokye eram sábios, e tentaram fazê-los sentir que não eram apenas inimigos vencidos, mas irmãos dos Achanti e parte da nação Achanti. Seus costumes tribais eram não interferir, e seus chefes foram feitos membros da Abrempen ou estado conselho dos Achanti. Apenas eles foram proibidos de contar as histórias de seus velhos tempos antes de se tornarem parte do povo Achanti; Osei Tutu queria que todos os Achanti esquecessem o tempo em que eram várias pequenas, fracas separadas tribos, e apenas lembraremos dias de sua grandeza nacional, começando com seu reinado. Esta foi uma lei sábia; mas tornou muito difícil descobrir qualquer coisa sobre o início dos Achanti. Chegava a hora em que os Achanti, a nação precisava de toda a sua força e resistência para se proteger de seus inimigos. Boa Amponsem, o velho chefe dos Denkyera estava morto. O novo chefe foi chamado de Ntim Gyakari, um homem muito jovem e tolo. Alguns dizem que ele era o filho de Osei Tutu e Abena Bensua; mas isso pode não ser verdade. Neste momento foram várias

¹⁹ Esta é outra história como a de sair de buracos no solo. Eu não acredito em todos os detalhes da magia de Anokye. Mas também não vou usar a maneira fácil de dizer que não há uma palavra de verdade nisso. Eu não saiba o quanto acreditar; e então eu conto a história pelo que ela vale. Seria uma pena perdê-la.

as causas para uma disputa entre os Achanti e seus amos, os Denkyera que tinham acabado de travar uma guerra.

Os Denkyera e os Adansi, quando esses foram derrotados, muitos Adansi fugiram para Achanti e Osei Tutu os recebeu gentilmente e os protegeu de Denkyera. Os Denkyera ficaram zangados com Osei Tutu por impedi-los de matar os Adansi que se rebelaram contra eles. Se o seu servo, disseram os Denkyera, ofende você e você quer puni-lo, você não deixa um de seus outros servos ficar diante dele e protegê-lo de sua raiva. Em segundo lugar, é claro, os Achanti estavam cansados de servir Denkyera e prestando-lhes homenagem. Em terceiro lugar, o comércio com os europeus no mar na costa estava se tornando valioso e os Achanti queriam compartilhar dele. Eles não viam por que os Fante e Denkyera deviam se colocar entre eles e os europeus, e levar todo o lucro do comércio. Em quarto lugar, houve uma discussão privada entre Osei Tutu e Boa Amponsem; uma das esposas de Osei Tutu havia sido maltratada em Denkyera. Então, por todas essas razões, os Achanti e os Denkyera foram de forma alguma amigáveis. E então o jovem Ntim Gyakari fez algo que tornou a guerra certa. Ele enviou um mensageiro para Kumasi, carregando uma grande panela de latão, e disse a Osei Tutu e aos chefes de Achanti para encher a panela com ouro e enviá-la de volta para ele. Mais que isso, cada chefe Achanti deveria enviar para Abankasiesu²⁰ uma de suas esposas para se tornar a esposa do Denkyerahene. Os Achanti, é claro, nunca concordariam com esse insulto. Boaten Panin, o chefe de Juaben, levou sua esposa Berebere e se recusou a mandá-la para Denkyera; e em vez de ouro ele colocou uma pedra na panela e prestou um juramento de que morreria em vez de se submeter. Então Osei Tutu levou sua esposa Amanie e fez o mesmo. Daí vem o provérbio: "*Se Berebere amma a, Amanie nso amma*". E todos eles também.²¹ Desta forma, os Achanti decidiram romper com seus amos, os Denkyera; mas eles estavam com medo, porque os Denkyera eram fortes. Mas Okomfo Anokye fez um pouco de mágica e disse que certamente ganhariam a guerra contra os Denkyera. Osei Tutu queria ir para a guerra ele mesmo; mas Okomfo Anokye não o deixou. Se o próprio Osei Tutu lutasse, disse ele, venceria a guerra e mataria Ntim Gyakari; mas ele próprio morreria sete dias depois. Em vez disso, Okomfo Anokye encontrou um homem chamado Tweneboa Kodua de Kumawu, que tinha a mesma constituição de Osei Tutu; e Tweneboa Kodua

²⁰ Ntim Gyakari mudou a capital por volta dessa época de Abankasiesu para Buabinsu, perto de Dunkwa.

²¹ Alguns dizem que este provérbio não vem desta disputa entre Achanti e Denkyera, mas de uma disputa mais antiga entre Denkyera e Adansi. De acordo com esta história, Berebere era um servo de Denkyera que era mantido em Adansi pelo Adansihene. Em troca, o Denkyerahene manteve o prisioneiro Amanie, um servo de Adansi; e disso veio uma guerra.

concordou em desistir de sua vida para que os Achanti ganhassem a guerra. Em troca deste Osei Tutu prometeu a ele que nenhum de seus descendentes jamais deveria ser punido com a morte, seja qual for a ofensa que eles possam cometer.

Então Tweneboa Kodua foi morto²² e os Achanti foram para a guerra. Mas Ntim Gyakari e os Denkyera estavam avançando rapidamente, e para o exército Achanti nem todos foram capturados. Então, o chefe de Adunku (perto de Kokofu) disse que ele e seus homens segurariam os Denkyera enquanto pudessem, para dar o descanso aos homens de Achanti se recuperar. Por sete dias eles lutaram contra os Denkyera, sendo gradualmente empurrados para trás, mas lutando a cada passo; e embora fossem tão poucos, os Denkyera não podiam passar por eles. No final de sete dias, os homens de Adunku foram quase todos mortos; mas a essa altura o exército Achanti estava pronto. Os exércitos se encontraram em Feyiase, entre Kuntanase e Kumasi. De Adunku a Feyiase tem cerca de 13 quilômetros; e através da bravura dos homens de Adunku, tomaram o exército Denkyera em uma semana para marchar nessa curta distância. Os Achanti ganharam uma ótima vitória. Ntim Gyakari tinha certeza de que venceria os Achanti; ele não foi para a batalha, mas ficou em sua tenda, brincando com sua esposa; as peças eram de ouro, e ele e sua esposa amarraram os tornozelos com tornozeleiras de ouro. No meio do jogo, os homens de Juaben o encontraram e o mataram. Ele tinha uma pulseira de ouro em seu braço, e os homens Juaben pegaram esta e as demais peças de ouro, e as mantiveram. Depois disso, muitas guerras aconteceram entre o tamborete de Juaben e o tamborete Kumasi, porque o Asantehene queria que essas coisas lhe fossem dadas como tamborete; mas o povo Juaben não desistia delas. O crânio de Ntim Gyakari foi enviado para Kumasi e cuidadosamente guardado. O resto do exército Denkyera fugiu de volta para casa. No ano seguinte, os Denkyera tentaram novamente, sob seu novo chefe, Bodu Akefun. Okomfo Anokye encorajou os Achanti a marchar para o país de Denkyera nesta vez, em vez de esperar para ser atacado perto de casa. Eles o fizeram; eles capturaram o Denkyerahene, e empurraram os Denkyera através do rio Ofin, que era o seu rio sagrado. Todas as terras ao norte do rio Ofin foram tomadas por Achanti, e os Denkyera mudaram-se para o sul para novas casas. Depois disso, o poder Denkyera falhou. Eles tiveram que prestar homenagem a Achanti; Sefwi e Wassaw, que estavam sob eles, agora rebelaram-se e atacaram os Denkyera e ao mesmo tempo os Denkyera tiveram que prestar homenagem aos Achanti, Sefwi e Wassaw também. Eles agora haviam perdido as minas de

²² Não é certo se ele foi sacrificado ou se foi o primeiro homem a ser morto pelo inimigo na luta.

ouro de Obuasi, para que a nação empobrecesse. A guerra com Denkyera aconteceu nos anos 1698 e 1699. Um ou dois anos depois, talvez em 1700 ou 1702, Osei Tutu fez guerra contra os Akim. Esses são divididos em três ramos: o Akim Abuakwa, o Akim Bosome e o Akim Kotoku. O Akim Bosome e o Akim Kotoku vieram de Asantemanso; o Abuakwa veio de Adansi. Neste momento, o Bosome e Kotoku ainda moravam perto do lago; mas os Abuakwa haviam se mudado através do Pra, e gradualmente devoraram a terra de Akwamu entre os rios Pra e o Birrim. Os Abuakwa ajudaram os Denkyera na última guerra, e eles há algum tempo causavam problemas aos Achanti de outras maneiras, atacando e roubando comerciantes Achanti, e assim por diante. Então Osei Tutu liderou seu exército contra eles, e os derrotou em duas batalhas. Os Abuakwa desistiram e prometeram pagar tributo; e os Achanti voltaram para casa. Após a guerra de Abuakwa, Osei Tutu e Okomfo Anokye passaram muitos anos organizando os assuntos internos da nova nação Achanti. Os diferentes povos Achanti ainda eram bastante contra a ideia de se tornar um povo. Os homens Juaben, por exemplo, tiveram uma nova briga com Osei Tutu sobre a pulseira de Ntim Gyakari e outras pilhagens; Mampon não queria admitir que Kumasi era superior, e embora após a guerra Denkyera, o chefe de Mampon teve permissão para ter um tamborete prateado, ele ainda achava que um tamborete dourado teria sido melhor. E muitos outros dos grandes chefes sentiram o mesmo. O conjunto de Osei Tutu e Okomfo Anokye para superar esse sentimento, estabeleceram o grande conselho de chefes, e organizaram o governo do povo Achanti da mesma forma que o de uma tribo comum. O Asantehene estava à frente; seu conselho consistia nos chefes das diferentes tribos Achanti — Juaben, Mampon e o resto — e ele tinha linguistas, presos ao tamborete Achanti, que eram superiores aos linguistas de tribos diferentes, assim como esses linguistas eram superiores aos linguistas de chefes menores. Os Achanti, e também algumas outras nações Akan, dizem que Osei Tutu e Okomfo Anokye fizeram todas as suas leis. Mas, tanto quanto podemos ver, os poderes dos chefes, de seus conselhos e de seus oficiais; os diferentes graus de chefes, a influência e poderes da rainha-mãe — todos estes foram fixados pelo costume antes do tempo de Osei Tutu. Ele e seu grande ajudante transformaram o estado Achanti em um grande poder, e organizado da mesma maneira e de acordo com os mesmos costumes que outros estados; mas duvido que tenham introduzido muitos novos costumes. A história de um povo não é apenas a história de suas guerras ou de sua ascensão ao poder e sua queda. Todo um capítulo deste livro deve ser escrito sobre as leis de Osei Tutu. Mas pouco ou nada é lembrado dos detalhes de sua legislação, e por isso devemos ignorar em

silêncio. Por vinte e nove anos após a primeira guerra de Abuakwa, Achanti teve paz. Mas os Akim Abuakwa não se contentaram em pagar tributo. Houve outras brigas, especialmente uma sobre o pagamento de taxas de juramento. Se um homem Akim jurou a um Achanti, o Akim Abuakwahene fez o costume de manter parte da taxa de juramento por ele mesmo, enquanto o Asantehene afirmava que tudo deveria ir para ele. No final, o Akim Abuakwa declarou guerra contra os Achanti. Osei Tutu imediatamente pegou um exército em Pra para invadir o país Abuakwa; mas o Akim estavam escondidos nas margens do Pra enquanto o grupo do exército Achanti cruzava, e esperaram até verem o próprio Asantehene atravessando o rio em sua rede. Depois eles atiraram e o mataram. Os Achanti não voltaram até que derrotaram os Akim; mas tendo perdido seu grande chefe, eles não ficaram tanto tempo e terminaram a guerra tão completamente quanto eles poderiam ter feito; e no tempo do próximo chefe de Achanti teria que ser feito tudo de novo. A morte de Osei Tutu foi lembrada pelo grande juramento Memeneda²³, cuja pena era a morte. Assim morreu Osei Tutu, o verdadeiro fundador da nação Achanti. É difícil dizer quanto de seu trabalho era seu e quanto ele devia ao amigo Okomfo Anokye; mas não é realmente muito importante decidir a questão. Osei Tutu deve ter sido um grande homem para atrair a amizade de um homem como Okomfo Anokye, muito mais velho do que ele; você pode conhecer um homem por seus amigos, e você pode o conhecer, também, pela memória que ele deixa para trás. Memória e tradição podem ir errados nos detalhes, mas muitas vezes eles não erram ao decidir se um homem tem bem feito por seu povo. Não se sabe ao certo em que ano Osei Tutu morreu. O oficial inglês Bowdich, que ficou em Kumasi por algum tempo no ano de 1817, adivinhou que a data era 1720. A história de Claridge na Costa do Ouro coloca-o em 1731. Não há dúvida de que a guerra Ntim Gyakari foi travada em 1608 ou 1699, então Osei Tutu provavelmente se tornou chefe por volta de 1697. A primeira guerra de Akim não deve ter ocorrido depois de 1702; mas não parece possível decidir se houve dezoito anos de paz antes da segunda guerra, em que Osei Tutu foi morto, ou 29 anos. Não há tanta dúvida após a morte de Osei Tutu; as datas dos posteriores chefes Achanti dados por Bowdich concordam em um ou dois anos com os do livro de Claridge. Neste livro, usaremos as datas de Claridge; não vale a pena incomodar cerca de dois anos de diferença, quando é impossível encontrar a verdade exata. OpokuWare era filho de Nyako Kwasiamaoa, sobrinha de Osei Tutu. O pai dele era Adu Panin, chefe de Amokum. Adu Panin morreu logo após se casar com Nyako, e ela tornou-se

²³ Presumivelmente porque Osei Tutu foi morto em um sábado.

a esposa de seu irmão, outro Adu. Mas ele também morreu em um ou dois meses, antes de Opoku Ware nascer. E o terceiro irmão, também chamado Adu, morreu logo depois de nascer. Com a morte desses três homens, Opoku Ware, quando ele se tornou chefe, estabeleceu o segundo dos grandes juramentos de Achanti, o Ntamkese Mmiensa, o Grande Juramento dos Três. Opoku Ware era uma criança fraca e costumava ter convulsões.

Okomfo Anokye disse que isso era porque ele estava ansioso para lutar, e ele fez uma espada chamada Mpomponu, que se tornou parte dos tesouros dos tamboretas de Achanti. Assim que os povos vizinhos, os Denkyera, os Akim e outros ouviram dizer que o grande Osei Tutu estava morto, pensaram que agora teriam uma chance de destruir o poder Achanti. Eles fizeram guerra contra Achanti, mas Opoku Ware derrotou todos eles. Mas, alguns anos depois, Owusu Akyem Tenten, o chefe dos Akim Abuakwas, promoveu guerra novamente. Essa guerra foi chamada de guerra Ahantan; o nome não tem nada a ver com o povo Ahanta, mas vem da palavra "hantan", porque os Akims foram para a batalha com sandálias. Opoku Ware invadiu Akim novamente, travou uma grande batalha em Peminase e capturou Owusu Akyem Temten. Ele foi morto e seu crânio colocado com o de Ntin Gyakari no fetiche Odwira. Enquanto Opoku Ware estava com seu exército em Akim, ele ouviu notícias terríveis. Ebirim Moro, o chefe de Sefwi, havia atacado Achanti, havia capturado Kumasi, morto a rainha-mãe Nyako e abriu os túmulos em Bantama para cavar ouro.

Ele voltou imediatamente e enviou Amankwa Tia, o chefe de Bantama, para perseguir os Sefwi. Amankwa Tia, os seguiu rapidamente e veio com eles antes que pudessem cruzar o Tano; e perto da margem do Tano ele obteve uma grande vitória. Ebirim Moro foi morto, e os Achanti tomaram para si todas as terras entre os Tano e a Bia que agora se chama Ahafo. Eles fizeram disso um campo de caça para o Asantehene: daí o nome Ahafo. A maioria das mulheres da família real de Achanti foi morta por Ebirim Moro com a rainha-mãe Nyako, mas duas foram deixadas. Uma delas, Akua Kurukuru, foi levada pelos Sefwi e enviada como uma prisioneira de Wassaw. Depois que Ebirim Moro foi morto, Opoku Ware foi enviado para Wassaw e a trouxe de volta para Kumasi. Ele a recebeu com as palavras: "*Akua, 'afiri yiye,*" e desde então as mulheres da família real Achanti foram nomeadas Afiriye.

A próxima guerra que Opoku Ware travou foi contra um certo Amo Yao, chefe de Tekyiman. Amo Yao um dia enviou a Kumasi um presente de três sacos de ouro para o Asantehene. No caminho, o mensageiro que carregava

o ouro dormiu uma noite em Nkoranza. O chefe de Nkoranza era Bafo; ele era o irmão do chefe que tinha sido morto por Osei Tutu, e ele fugiu em Tekyiman. Amo Yao teve de o proteger e deu-lhe uma pequena aldeia, onde viviam três velhos, daí ser chamado Nkwakora Mmiensa. De onde veio o nome de Nkoranza. Bafo disse a seu povo para cuidar do mensageiro de Amo Yao, e ele mesmo se comprometeu a manter o ouro seguro até de manhã. Apenas, ele esvaziou os três sacos e manteve o ouro para si; e pela manhã ele encheu um com munição, um com pólvora, e o terceiro com pederneiras, e as deu ao mensageiro para levá-los a Kumasi. Quando Opoku Ware viu este estranho presente, ele perguntou o que significava, e Bafo respondeu que só poderia significar que Amo Yao queria lutar com ele. Opoku Ware enviou um mensageiro a Amo Yao para perguntar por que ele queria a guerra, mas Bafo comprometeu-se a enviar um dos seus homens com a mensagem. A mensagem que o homem de Buff trouxe para Tekyiman foi que Opoku Ware estava determinado a lutar contra ele, e que era melhor ele se preparar. Amo Yao ficou assustado e perguntou a Bafo o que ele poderia fazer contra um inimigo tão forte. Bafo disse a ele que os Achanti só eram fortes por que antes de irem para a guerra eles enterraram suas armas no solo por quarenta dias, e quando as desenterraram novamente as armas continuariam atirando por conta própria, sem a necessidade de serem carregadas²⁴. Amo Yao, portanto, fez com que o povo Tekyiman enterrasse todas as suas armas, de modo a ter o mesmo poder mágico, e todos eles obedeceram, exceto um chefe, que viu que Bafo estava mentindo. Então os Achanti vieram; o povo Tekyiman desenterrou suas armas e as encontrou enferrujadas e podres e totalmente inúteis; e em três batalhas os Achanti conquistaram o país. Amo Yao e a rainha-mãe de Tekyiman, Gyamarawa, foram levados como prisioneiros para Kumasi. As terras de Tekyiman tornaram-se parte de Achanti. Três anos depois, Opoku Ware lutou outra guerra, desta vez contra os Gyaman. Abo Kofi²⁵, o décimo chefe de Gyaman, estava fortalecendo a potência Gyuman. Os Gyaman se estabeleceram em duas ondas principais no país distante a oeste de Achanti, entre os rios Tain e Komoe. A primeira onda, liderada por um chefe chamado Adu Bini, havia se estabelecido e conquistado o país entre Tekyiman e o Komoe, provavelmente na época de Oti Akenten. A segunda onda, liderada por um chefe chamado Tanu Date, foi se juntar a eles após as guerras de Obiri Yeboa e Osei Tutu. Agora as duas ondas estavam se combinando em uma nação

²⁴ Outras pessoas tiveram essa ideia sobre os Achanti. Em uma das guerras de Fante um Achanti foi visto deixando três ou quatro prisioneiros atrás dele enquanto ele ia coletar pilhagem. Ele deixou sua arma com eles e disse para atirar neles se tentassem um jeito de fugir. Eles esperaram; temendo a arma, até que ele voltasse.

²⁵ Não Abo Kobina, como às vezes é dito.

forte; eles estavam conquistando as tribos Brong e formando-as em uma grande confederação, assim como Osei Tutu e Okomfo Anokye estavam formando a Confederação Achanti. Eles estavam mesmo começando a conquistar as tribos mistas — Diula, Nafana, Kulango e assim por diante, que não eram da família Agni-Twi, vivendo na savana ao redor de Bondugu e mais ao norte. Agora Opoku Ware ouviu que Abo Kofi estava se tornando um tamborete de ouro, e dizendo que os Gyaman eram tão bons quanto os Achanti. Ele enviou aos Gyaman e disse a Abo Kofi para desistir de seu tamborete de ouro. Abo Kofi disse que não o faria. Opoku Ware enviou uma segunda mensagem. Abo Kofi matou o mensageiro. Assim, o exército Achanti foi para Gyaman; capturou a cidade de Bondugu; derrotou os Gyaman; e perseguiu Abo Kofi através do rio Komoe. Ele fugiu para Kong, um país muçulmano a noroeste de Bondugu, que já fez parte do Império Songhai. Não havia agora o Império Songhai para protegê-lo. O rei de Kong temeu os Achanti e enviou Abo Kofi para eles como um prisioneiro. Seu crânio foi colocado com o de Ntim Gyakari no fetiche Odwira. Depois disso, os Gyaman serviram Achanti e prestaram-lhe homenagem. Opoku Ware colocou no tamborete de Gyaman um certo homem chamado Kofi Sono, que pertencia a uma família que sempre foi o rival da família de Abo Kofi. Sem dúvida, ele esperava que essas duas famílias, as famílias Zanzan e Yakase, enfraqueceriam a nação Gyaman por continuamente lutar uns contra os outros em guerra civil, para que os Gyaman nunca dessem ao Achanti nenhum problema. Mas, na verdade, os Gyaman parece que chegaram a um acordo muito rapidamente, pelo qual tiraram por sua vez seus chefes de ambas as famílias. O próprio Opoku Ware nunca mais teve problemas com os Gyaman, mas seus sucessores sim. Mais ou menos na época da guerra de Gyaman, cerca de 1740, Okomfo Anokye, agora muito velho, na verdade, morreu em Agona, em Achanti, onde era o chefe. (Ele deve ter sido alguns anos mais velho que Osei Tutu; e Osei Tutu não pode ter nascido depois de cerca de 1670; então Okomfo Anokye devia ter bem mais de setenta anos quando ele morreu, talvez até oitenta ou mais.) O velho disse ao seu povo que ele iria dormir por sete dias, e pareceria que ele estava morto. Mas não estaria, e eles não deveriam lamentar ou fazer barulho durante esses sete dias. Se o fizessem, seu espírito fugiria e nunca mais voltaria, e ele ficaria morto de fato; mas se eles ficassem quietos, ele acordaria novamente e seria forte para governar por muitos anos. Então ele entrou em sua casa; e por alguns dias houve quietude. Mas Suan Enim, filho de sua irmã, que deveria sucedê-lo como chefe, disse que Okomfo Anokye estava morto; e antes que os sete dias terminassem ele disparou armas. Então Okomfo Anokye morreu, o homem que ainda mais do que Osei Tutu tinha formado a Nação Achanti.

Osei Tutu era a mão, e uma mão poderosa; mas Okomfo Anokye foi o cérebro que a dirigiu. Ele deve ter sido um grande homem de fato, um dos maiores africanos que já viveram; é triste sabermos tão pouco sobre sua vida. Após a guerra de Gyaman, Opoku Ware não lutou mais. Alguns anos depois ele morreu. Ele reinou onze anos, de 1731 a 1742²⁶; naquele tempo, ele segurou com firmeza o que Osei Tutu ganhou; ele manteve os Achanti juntos como uma nação; e, muito mais do que Osei Tutu tinha feito, ele fez de Achanti um estado militar, lutando e estendendo seu poder sobre todas as nações ao redor.

CAPÍTULO V

ACHANTI A CAMINHO DOS ANOS 1800

ATRAVÉS do trabalho de Osei Tutu e Opoku Ware, o reino de Achanti foi agora iniciado e firmemente estabelecido. Depois do Opoku Ware veio Kwasi ou Kusi Obodum, filho de uma das irmãs de Osei Tutu. Ele era um homem idoso, não era soldado, e não gostava do trabalho no governo. Depois de estar no tamborete por alguns anos, ficou cego, então deixou o tamborete e foi sucedido por seu primo, Osei Kojo.

Ele não gostava de Osei Kojo, mas não conseguia impedi-lo de se tornar o próximo Asantehene; o Kwasi Obodum decidiu fazer a Osei Kojo todo o mal que pudesse pegando o tesouro do tamborete e escondendo-o. É estranho que o Abrempen não tenha descoberto o que ele estava fazendo e fazê-lo contar onde o escondeu. Mas embora Osei Kojo procurasse por muito tempo, ele nunca conseguiu encontrar o ouro. Kwasi Obodum não estava enterrado em Bantama com os outros chefes, mas em Akyeremade em Kumasi. Em 1752, dez anos após a morte de Opoku Ware, Osei Kojo subiu ao tamborete.

Ele foi um grande lutador, e teve várias guerras, pelas quais estendeu em muito o poder Achanti. Ele teve uma guerra com Worosa, chefe da Banda, que havia matado alguns comerciantes Achanti. O país de Banda fica logo ao norte de Bondugu, em parte agora do que é a Costa do Marfim e parcialmente na Costa do Ouro.

²⁶ 1742 foi o ano em que Walpole, o primeiro primeiro-ministro inglês, retirou-se do poder. George II era rei; Inglaterra lutava contra a França na Europa e ingleses e franceses na Índia estavam apenas começando a querer governar, e não apenas comercializar. No primeiro ano de Opoku Ware, George Washington nasceu, o homem que liderou as colônias britânicas na América do Norte para se rebelar e se tornarem os Estados Unidos.

A própria cidade de Bondugu, que foi construída por volta do ano 1200, foi construída para substituir outra cidade que tinha sido destruída na guerra. Esta cidade mais antiga, Bitu ou Begu, tinha estado no país Banda, e assim o povo de Banda muitas vezes considerava a nova Bondugu como sua cidade também, embora ficasse bem no limite de seu país e eles não a tivessem construído.

Desde o pessoal Gyaman ter vindo para essas partes, Bondugu tinha, às vezes, pertencido a eles, às vezes aos Bandas, qualquer que haja sido o mais forte. Na época de Worosa de Banda, Bondugu parece ter pertencido ao Banda; evidentemente, eles eram fortes neste momento, e talvez os Gyaman não tivessem ainda se recuperado de sua guerra com Opoku Ware. Quando Worosa soube que os Achanti estavam chegando, ele apelou para o país de Kong, e o chefe daquele país emprestou-lhe alguns soldados a cavalo. Kong era um país muçulmano situado a noroeste de Bondugu; tinha anteriormente dado ao Império Songhai muitos problemas. Tanto Banda quanto Kong eram campos de pasto.

Worosa pensava que os Achanti não estariam acostumados a lutar em campo aberto, e que seriam inúteis quando não houvesse árvores onde se esconderem. Mas os Achanti o derrotaram e fizeram o país de Banda servir aos Achanti. Após a guerra de Banda, Osei Kojo lutou contra outras nações fortes em torno de Achanti. Ele derrotou os Wassaw e conquistou seu país. Então o Yendi, o chefe supremo dos Dagomba, temendo que os Achanti estivessem se tornando muito fortes, declarou guerra contra eles. Osei Kojo enviou o Adontenhene, Kwamin Pete, com um exército contra os Dagomba; ele os derrotou em algum lugar ao norte do Volta, e os fez pagar um tributo de 1.000 escravos, 1.000 vacas, 1.000 ovelhas e 1.000 aves. Mas os Achanti venceram esta batalha não tanto por causa de seu melhor desempenho, mas por causa de suas melhores armas. Os Dagomba não podiam lutar contra as armas europeias.

Osei Kojo travou outra guerra contra os Akim. Esta guerra Akim foi mais importante para a Costa do Ouro como um todo do que as anteriores. Osei Kojo estava com medo de que os Fante ajudassem os Akim contra ele, e então ele deu-lhes dinheiro para impedi-los de fazê-lo. Mas os Achanti dizem que os Fante levaram o dinheiro e ajudaram os Akim apesar disso, de modo que Osei Kojo ficou muito zangado, e jurou vingança. Ele mesmo teria lutado contra eles, mas em 1780 ele morreu, antes que ele pudesse começar a guerra. Mas os Achanti não esqueceram essa ação dos Fante; deram-lhes um novo motivo para quererem fazer guerra aos povos da costa. Eles também

tinham outros motivos. Já há algum tempo, tanto os Fante como os Akims estavam enriquecendo negociando com os homens brancos. Os homens brancos primeiro vieram para a Costa do Ouro algum tempo depois do ano 1400²⁷; e desde que eles primeiro vieram, estavam negociando o máximo que podiam com o povo da costa. Eles vendiam-lhes armas, tecidos, contas e produtos semelhantes; e eles compravam ouro, marfim e escravos. Agora, é claro que eram as pessoas do litoral, os Accra e os Fante, que enriqueceram com este comércio. Eles pagavam os brancos com seu preço dos produtos europeus, e depois os vendiam aos Akim e outros povos dos países do interior com um bom lucro. Da mesma forma, eles compraram ouro, marfim e escravos dos Achanti e Akim, e aumentavam o preço quando os levavam para os fortes europeus para vendê-los aos brancos. Então, eles tinham lucro em ambas operações; e os Achanti sabiam disso. Por esta razão, os Achanti estavam sempre ansiosos para ir ao mar e negociar diretamente com os homens brancos, sem ter que pagar o lucro dos Fante; e eles sempre tinham ciúmes dos Fante, que os impedia. Houve um assunto que fez os Achanti sentirem que estavam próximos e interessados no comércio europeu. Os brancos não tinham comprado a terra para seus fortes. Eles concordaram em pagar aluguel pela terra todos os anos a uma taxa fixa para o chefe cujo tamborete possuía a terra. Eles fizeram este acordo, na forma de cartas escritas aos chefes, chamado "Notas". Depois, quando os chefes estavam em guerra com outras tribos, essas notas foram perdidas e tomadas por seus inimigos. Assim, a Nota do castelo de Elmina foi tomada pelos Denkyera, e as três notas para os fortes em Accra (Forte *James*, o inglês; Forte *Ussher* ou Forte *Crèvecoeur*, o holandês e *Christiansborg*, o dinamarquês) foram retiradas dos Accra pelos Akwamu, e dos Akwamu pelos Akim. Agora todas essas notas caíram nas mãos dos Achanti. Osei Tutu capturou a Nota para o castelo Elmina dos Denkyera quando ele invadiu Denkyera após a morte de Ntim Gyakari. As notas de Accra (Forte *James*, Forte *Crèvecoeur*, Forte *Christiansborg*) foram retiradas do Akim por Opoku Ware. Desta forma, os Achanti passaram a ter o direito de receber os aluguéis pagos pelos brancos por esses fortes; e, de fato, se tornaram, em certa medida, os proprietários das terras em que os fortes foram construídos. Assim, os Achanti sentiram que os brancos viviam em suas terras e sentiam que era difícil não ser capaz de negociar diretamente com pessoas que viviam em suas próprias terras.

²⁷ Os portugueses foram os primeiros, tanto quanto sabemos; eles vieram primeiro a Elmina em 1482. Mas alguns pensam assim: Havia franceses aqui antes disso, embora não possamos ter certeza. Veja o próximo capítulo.

Por último, há muito tempo havia algum sentimento ruim entre Elmina e o resto dos Fante. Pensava-se que o povo Elmina era descendente (em menor parte) de Achanti, que vieram de Achanti há muito tempo; e então Elmina era vista como quase uma cidade Achanti. Os Fante que viviam em torno de Elmina frequentemente brigavam com os Elmina; e os Achanti sempre quiseram descer mais para poder ajudar os irmãos. Por todas essas razões, os Achanti sempre se interessaram pelos assuntos da costa. E agora eles tinham um novo motivo para interferir, a saber, que eles queriam punir os Fante por ajudarem os Akim contra Osei Kojo. O próximo Asantehene foi um menino chamado Osei Kwamina. Ele não foi colocado no tamborete por muitos anos, e durante esse tempo o Adontenhene, Kwamin Pete, atuou como governante do país em seu lugar. Osei Kwamina não demorou muito no tamborete, pois seu povo o depôs, dizendo que ele não se preocupava o suficiente com o trabalho do governo. Ele foi deposto em 1797, e seu irmão mais novo, Opoku Fofie, foi colocado no tamborete em seu lugar. Mas Opoku Fofie viveu apenas sete ou oito semanas depois que ele veio para o tamborete; os Achanti disseram que ele morreu porque Osei Kwamina se suicidou quando foi deposto, e seu fantasma veio chamar seu irmão. Depois de Opoku Fofie veio outro irmão, Tutu Kwamina, Asibe de Osei, um dos maiores reis de Achanti; ele geralmente é chamado de Osei Bonsu. Bonsu sendo o nome que ele assumiu mais tarde durante suas guerras. Quando ele veio para o tamborete, o reino de Achanti foi estendido por Opoku Ware e Osei Kojo até que alcançou até Gyaman e Attabubu; e Kwahu, Adansi, Assin, Denkyera, Sefwi e Wassaw, embora não realmente fizessem parte de seu reino, serviram a ele e admitiam que os Achanti eram seus amos. O chefe dos outros reinos naquela época era o reino de Dagomba, com sua capital em Yendi, Daomé, com sua capital em Agbome através do Volta, e Kong, longe ao noroeste. Todos estes eram os vizinhos e amigos de Achanti. Mas no reinado de Osei Bonsu os Achanti primeiro fizeram uma tentativa séria de esticar seu poder sobre os Fante e ganhar controle sobre a costa. Ao fazer isso, eles entraram em contato com os homens brancos, que (como Okomfo Anokye teria predito) estavam fadados um dia a conquistá-los. Devemos agora voltar para ver como os homens brancos chegaram à Costa do Ouro, e por que eles gradualmente tomaram posse do país.

CAPÍTULO VI

A VINDA DOS EUROPEUS

Por muito tempo depois da queda do Império Romano, o povo da Europa não teve tempo de sobra para viajar para a África Ocidental. O Império Romano foi destruído por tribos de povos incivilizados, e por várias centenas de anos eles estiveram ocupados lutando entre si, estabelecendo seus próprios limites, aprendendo a civilização romana e espalhando o cristianismo. Essas novas nações, os ancestrais dos ingleses, dos franceses, alemães, holandeses e de outras nações europeias modernas, todos vieram do norte da Europa, onde fazia frio; e eles não gostaram do calor do Mediterrâneo.

Eles pensaram, portanto, que quanto mais ao sul você chegasse, mais quente seria o clima; encontraram o deserto do Saara, que parecia totalmente queimado pelo calor. Eles pensaram que a pele escura e o cabelo preto encaracolado dos habitantes do Oeste da África deveu-se a sua chegada muito perto do sol, e eles temiam que, se eles viajassem muito para o sul, também seriam queimados e enrugados da mesma maneira. Eles viram as fortes ondas batendo nas areias africanas, e pensaram que a água estava fervendo ao cair na areia quente. (Nos mares europeus as ondas não continuam rugindo o tempo todo; há muitos dias em que ondulam silenciosamente, com apenas pouca espuma; então as ondas brancas constantes da África os atingiram como estranho e terrível.) Por essas razões, eles temiam vir para a África Ocidental. E havia outros motivos que os mantinham afastados. Europa Ocidental tem o seu ouro e pedras preciosas, suas sedas e tecidos finos, seu marfim e outros luxos, não da África, mas da Índia e do Extremo Oriente. Eles foram trazidos por comerciantes por terra do Oriente, e comprados pelos homens da Europa nos portos da Síria ou Ásia Menor, para levar para a Itália. Da Itália, eles foram distribuídos por toda a Europa. Como enquanto esse comércio transcorreu sem problemas, a Europa não sentiu necessidade do comércio africano. Mas entre os anos 1070 e 1100, os comerciantes da #####Europa para o Oriente descobriram que suas estradas lhes estavam fechadas. Um novo povo, os turcos, tinha tomado as terras da Síria, Palestina, Egito e Ásia Menor, e os turcos não deram importância ao comércio; roubavam e oprimiam os viajantes europeus. Os turcos eram maometanos, e roubaram também os peregrinos cristãos que iam ver as terras onde Jesus viveu e morreu; embora por quatrocentos anos essas terras tivessem sido governadas por outros muçulmanos que não viram

nenhum mal nos peregrinos. Então entre 1100 e 1300, as pessoas de toda a Europa Ocidental travaram guerras, conhecidas como Cruzadas ou Guerras da Cruz, contra os turcos. A maior parte da luta foi feita por pessoas religiosas que queriam limpar o caminho para os peregrinos cristãos, ou, melhor ainda, retirar os turcos e outros maometanos fora do país por completo, e fazer com que a casa de Cristo fosse mais uma vez um país cristão. Mas todo²⁸o dinheiro para as guerras — e as guerras não podem ser travadas sem dinheiro, este foi fornecido por comerciantes que encontraram seu comércio com o Oriente interrompido e esperavam que as Cruzadas poderiam reabri-lo. As Cruzadas falharam. Depois de duzentos anos de luta, os cruzados perderam todas as terras que eles conquistaram dos turcos, e a porta foi novamente fechada para o rosto dos peregrinos cristãos e os comerciantes do Ocidente. E assim os comerciantes europeus começaram a procurar maneiras de chegar à Índia e ao Oriente sem passar pelo país turco. A porta da frente estava fechada; eles começaram a buscar por uma porta dos fundos.

A maioria das pessoas da Europa naqueles dias acreditava que a Terra não era redonda, mas uma placa plana, e se você fosse longe demais, você poderia chegar à borda e cair. Então, um grupo de pessoas tentou chegar à Índia indo ao longo da costa do Norte da Ásia ou da África. Mas Colombo e alguns outros acreditaram que a terra não era uma placa plana, mas uma bola, e pensou que se você seguisse em frente em uma direção, você voltaria ao seu ponto de partida. Então, por volta do ano 1400, os povos da Europa começaram a tentar essas novas maneiras de obter ouro e especiarias nas terras do Leste. Foram os espanhóis e portugueses os primeiros. Príncipe Henrique de Portugal, que era um homem muito religioso e cheio de ideias de conversão dos pagãos ao cristianismo, decidiu tentar se não seria possível enviar navios ao longo da costa da África Ocidental — para obter o comércio no caminho e espalhar cristianismo entre as pessoas e, no final, encontrar o caminho para a própria Índia. Em 1418 ele enviou seu primeiro navio, que pretendia tentar passar o Cabo Bojador na costa de Marrocos, mas foi arrancado de seu curso por uma tempestade e acidentalmente descoberto a Ilha da Madeira. Não foi até 1433 que o Cabo Bojador foi ultrapassado; mas depois disso todo ano viu uma nova frota partir de Portugal para explorar a costa africana. Alguns nunca mais voltaram; quando os espanhóis visitaram pela primeira vez a ilha de San Thomé, na costa da África Equatorial

²⁸ Não totalmente; alguns guerreiros venderam todos os seus bens para fornecer dinheiro para a guerra. Mas, no geral, os guerreiros tinham pouco para dar além de suas espadas; eram os comerciantes que tinham dinheiro para dar ou investir.

Francesa, no Equador, em 1525, eles encontraram entalhado numa árvore uma inscrição a dizer que uma frota portuguesa visitou a ilha em 1438. Em 1471, os portugueses descobriram que o ouro podia ser encontrado na Costa do Ouro, e eles abriram uma mina de ouro em Abrobi, perto de Kommenda.

O Príncipe Henrique é chamado de "o Navegador" por causa do trabalho que realizou para conseguir seus marinheiros para navegar nesses novos mares. Ele morreu em 1460, mas seu trabalho continuou. O comércio com a costa oeste da África foi cedido pelo governo português a uma empresa de comerciantes. Os portugueses tinham ouvido falar de grandes reinos civilizados no interior distante, e eles chamaram o país de Guiné, em homenagem ao nativo Ghana. O comércio consistia principalmente em ouro em pó; e desde cerca de 1440, os portugueses também tinham o hábito de tomar escravos. Depois de exercer este comércio de risco durante alguns anos, os portugueses resolveram tentar estabelecer um local regular próprio na Costa do Ouro. Eles enviaram uma grande frota, com tudo a bordo necessário para a construção de um forte: pedra pronta cortada na forma, e precisando apenas ser encaixada, madeira, armas e provisões. O capitão da frota era Don Diego d'Azambuja. Em 19 de janeiro de 1482, a frota estava ancorada ao largo de Elmina. O chefe local não queria de forma alguma que os portugueses vivessem sempre no seu país. Seu nome era (segundo os portugueses) Caramansa, que pode ser Kwamina Ansa. Ele ouviu o que d'Azambuja tinha a dizer e respondeu que ele achou que seria melhor que os portugueses continuassem a negociar como eles vinham fazendo, pois se eles se instalassem no país, mais cedo ou mais tarde as brigas iriam ertamente surgir. Mas os portugueses estavam determinados. Kwamina Ansa, vendo que lá não havia esperança, concordou a contragosto. Os navios estavam vazios; as pedras e madeiras foram ajustados; em vinte dias, o forte estava avançado o suficiente para ser defendido contra um inimigo. Quando terminou, Don Diego d'Azambuja entrou e habitou lá como seu primeiro governador; e em 1486 o rei de Portugal deu ao novo assentamento, denominado São Jorge d'Elmina, os direitos e privilégios de uma cidade de Portugal. Há quem diga que os portugueses não foram os primeiros brancos a chegar à Costa do Ouro. Alguns escritores antigos dizem que havia um edifício no Castelo de Elmina que fora erguido pelos franceses em 1383 — noventa e nove anos antes de Don Diego d'Azambuja — como mostra uma inscrição esculpida na pedra. Eles também dizem que os franceses haviam construído outros fortes, especialmente um em Takoradi; e é verdade que o povo de Takoradi ainda conhece o lugar onde existia um forte francês há muito tempo. Por isso, pode ser que os franceses tenham chegado primeiro à

Costa do Ouro; mas, de qualquer forma, eles não mantiveram seu lugar lá; e quando os portugueses chegaram, o comércio francês estava morto. Enquanto os portugueses faziam suas primeiras viagens à África Ocidental, eles também estavam procurando o caminho para a Índia; e em 1488 um capitão português, Bartolomeu Diaz²⁹, encontrou o seu caminho contornando o Cabo da Boa Esperança e entrando no Oceano Índico, abrindo assim uma nova via para o comércio português. Os espanhóis estavam procurando uma estrada para o leste indo para o oeste, seguindo o caminho de Colombo. Em 1492, Colombo, navegando pelo Atlântico, encontrou terra em cerca do mesmo lugar que ele esperava encontrá-la. Mas não era, como ele pensava, o Japão ou a China. A terra era um lugar maior do que ele pensava, e o país que ele tinha encontrado foi um Novo Mundo. Logo os espanhóis e os portugueses, vindos em direções opostas, encontraram-se do outro lado do mundo, entre o *Spice* [Ilhas Malucas] Ilhas do Leste; e o Papa os ajudou traçando uma linha divisória no mapa para separar terras espanholas de portuguesas. Por muito tempo, os espanhóis e os portugueses tiveram o comércio nestes novos países só para eles; pois o Papa dividiu o mundo entre eles, e disse que ninguém mais deveria tentar assumir qualquer parte do comércio. Naquela época, toda a Europa era católica. Mas entre 1500 e 1600 muitas das nações da Europa, incluindo os ingleses, holandeses e muitos dos franceses e alemães, deixaram o catolicismo e se tornaram protestantes; e então eles não ouviram nada que disse o Papa. Então, durante esse tempo, os portugueses descobriram que outras nações começaram a visitar seus locais de comércio na África Ocidental. A primeira viagem inglesa foi feita em 1553 pelo capitão Windham, que foi guiado por um capitão português chamado Pinteado, que conhecia bem o litoral. Eles visitaram a Costa do Ouro (evitando Elmina, porque temiam os portugueses lá) e depois seguiram para o Benin para obter pimenta. Eles se deram bem na Costa do Ouro, mas em Benin sofreram doenças; os dois capitães brigaram e voltaram para casa com apenas 40 homens vivos de 140. Mas eles tinham tanto ouro que outros pensaram que tentariam a sorte neste novo comércio. No ano seguinte, o Capitão John Lok visitou a costa com três navios e negociou em Shama, Cape Coast e para o leste até Beraku. Naquela época, Cape Coast tinha cerca de cinco casas de seis metros, de altura. No sul arredondado por Kormantine o chefe do lugar subiu a bordo dos navios e pediu aos ingleses que se instalassem lá, e prometeu dar-lhes terras para um forte. Mas eles não o fizeram. Ao invés fizeram uma coisa que causou problemas mais tarde; eles

²⁹ Havia um Bartolomeu Diaz comandando um dos navios da frota de Don Diego d'Azambuja em Elmina em 1482, sem dúvida, o mesmo homem. Cristóvão Colombo, que descobriu a América dez anos depois, também estava na frota de Elmina em 1482.

apreenderam traiçoeiramente quatro dos homens Kormantine que estavam a bordo para o comércio e os levaram para a Inglaterra. A viagem deles foi muito lucrativa; eles levaram de volta para a Inglaterra muito ouro e pimenta e 250 presas de marfim. Os homens Kormantine foram devidamente trazidos de volta dois anos depois, por outro capitão. Durante os anos seguintes, muitos navios ingleses chegaram à Costa do Ouro para troca; e o povo ficou feliz em vê-los, porque eles eram os inimigos dos portugueses. Esses estavam se tornando cada vez mais odiados por causa do comércio de escravos que eles haviam iniciado, e porque geralmente tratavam as pessoas mal. Os primeiros escravos foram levados para Portugal em 1434; em 1517 o Papa deu permissão para que africanos fossem levados como escravos para a América; e em alguns anos a partir dessa época, 10.000 ou 12.000 escravos estavam sendo levados a cada ano. Os ingleses não participaram do comércio de escravos até 1562, quando o capitão John Hawkins capturou 300 escravos e os vendeu aos espanhóis no Caribe. Mesmo assim o comércio inglês de escravos era pequeno; pois os ingleses não tinham assentamentos na América, e os espanhóis não permitiriam que eles negociassem com os assentamentos espanhóis. Isto foi só depois de 1666 que o comércio de escravos inglês cresceu ao terrível tamanho que nós sabemos, quando os ingleses tinham colônias na América do Norte e que comprariam os escravos. Mas os portugueses na Costa do Ouro não permaneceram fortes por muito tempo. Eles poderiam ter feito se eles realmente tivessem tentado. Mas eles pensaram muito mais em seu comércio com a Índia; e em 1580 Portugal passou a fazer parte da Espanha, de modo que o Governo pensou muito mais também em seu comércio com as colônias espanholas na América. Isso informa como os assentamentos da África Ocidental foram deixados sem ajuda suficiente. As frotas que passavam todos os anos pelas costas da África Ocidental para a Índia (sem Canal de Suez) costumavam parar e dar uma ajudinha; e como eles eram os únicos, as nações europeias que tinham fortes na Costa do Ouro³⁰, elas foram capazes de dar aos Ingleses e franceses, e quaisquer outros estranhos, uma grande quantidade de problemas.

No final do século XVI, os ingleses quase deixaram o comércio da Costa do Ouro e foram mais para o norte, para o Senegal, Gâmbia e Serra Leoa. Então os portugueses esperavam que ficassem livres. Mas em vez disso, veio um novo inimigo. Este foi o holandês. Os holandeses eram protestantes, e eles haviam até alguns anos antes sido súditos de Espanha. O

³⁰ Além de Elmina, os portugueses tinham os seguintes fortes: Axim, Shama, Christiansborg, Cape Coast (isto não é bem certo). Posteriormente, os Accra tomaram o forte português em Christiansborg e convidaram os franceses a aí se estabelecerem. Os franceses fizeram isso por alguns anos; mas eles não foram capazes de resistir aos portugueses e deixaram-no novamente.

governo espanhol oprimiu tanto que se rebelaram; e depois de grande sofrimento se libertaram. Eles eram marinheiros corajosos, e porque seu país era pequeno e eram grandes comerciantes, navegavam por todo o mundo em busca de riquezas. Eles atacaram as colônias portuguesas nas Índias Orientais, e conquistaram todas elas. E além, indo para o Leste, eles também vieram para a África Ocidental, e começaram a perturbar os portugueses lá. Por algum tempo, houve problemas. Os portugueses lutaram contra todos os navios holandeses que viram, e os holandeses começaram a pensar em expulsar os portugueses de uma vez. No ano de 1598 os holandeses fizeram uma aliança com os Asebus e construíram um pequeno forte em Mori, e logo depois, outro em Kommenda. Esses primeiros fortes não eram castelos como Elmina ou Cape Coast, construídos de pedra, mas apenas casas com uma cerca de madeira e um banco de terra ao seu redor. Os holandeses ajudaram o povo do país a resistir aos portugueses, dando-lhes armas. Antes disso, é claro, os homens brancos tinham todas as armas, e os nativos lutavam com lanças e arcos e flechas. O povo sempre ficava feliz em ajudar os holandeses a lutar contra os portugueses, porque os odiavam tanto. Eles teriam ajudado os franceses ou ingleses contra portugueses, se pudessem. Mas eles estavam com medo, por que os franceses e os ingleses não tinham fortes na Costa do Ouro (lembra-se que o chefe de Kormantine pediu aos ingleses que fossem morar lá, mas eles não o fizeram); e assim o povo temia que se eles e os franceses ou os ingleses lutassem contra os portugueses e vencessem, os portugueses iriam lembrar-se disso quando os outros homens brancos fossem embora para casa,

Em 1622, os portugueses estavam muito fracos. O rei de Espanha e Portugal fez que não se importava com a África Ocidental, mas pensava apenas em suas colônias na América e nas ilhas de especiarias do Caribe. Os portugueses na Costa do Ouro ficaram tão sem a ajuda de casa que eles não podiam fazer nada fora de seus fortes. Naquele ano a colina com a mina de ouro afundou, enchendo todos os túneis da mina, e enterrando alguns dos mineiros. Claro, os trabalhadores africanos disseram que deve haver um *sasabonsam* morando na colina, que estava com raiva dos portugueses em cavar túneis em sua casa; e eles nunca mais trabalhariam lá de novo. Desta forma, os portugueses em Elmina perderam uma grande parte dos lucros. Três anos depois, os holandeses tentaram capturar o Castelo de Elmina. Eles pousaram em Ampeni, um pouco a oeste de Elmina, mas o povo Elmina os atacou e os expulsou. A luta durou apenas uma ou duas horas, mas os holandeses perderam mais de 400 homens em 1.300, e poderiam ter perdido

ainda mais se o povo Kommenda não tivesse vindo para os ajudar pouco antes de escurecer.

Mas esta derrota só deixou os holandeses mais determinados do que nunca para tirar Elmina dos portugueses.

Eles esperaram até 1637. Naquele ano, eles enviaram uma frota forte e 1.300 soldados brancos, e tinham quase o mesmo número de pessoas de Kommenda para ajudá-los. Eles ancoraram no início da manhã de 26 de agosto de 1637, um pouco a oeste de Cape Coast e avançaram para oeste em direção a Elmina. Durante toda a manhã eles marcharam na floresta. À tarde, eles atacaram um morro atrás do castelo, chamado São Jago por que os portugueses tinham no topo um pequeno forte e uma capela com o nome de São Jago ou São James. Os portugueses tinham apenas duas pequenas armas apontadas naquela direção, então se os holandeses pudessem tomar São Jago, eles seriam capazes de atacar o Castelo em seu lado mais fraco. São Jago foi defendido por mil homens Elmina. Os holandeses os atacaram, mas os Elmina os repeliram. Os Elmina pensaram que a batalha fora vencida; eles cortaram as cabeças dos holandeses mortos e foram para casa em Elmina para regozijarem-se com a vitória. Mas outros holandeses avançavam, escondidos no mato e esses novos homens marcharam morro acima e derrotaram facilmente os poucos Elmina que tinham ficado. Eles capturaram o forte e a capela, e embora os Elmina tenham retornado para atacá-los, assim que descobriram seu erro. Todavia, não podiam empurrar os holandeses de volta, apesar de tudo que podiam fazer.

Os portugueses agora estavam muito desconfortáveis. Embora o castelo fosse muito forte e bem colocado, não poderia ser defendido sem homens; e o governador português tinha agora apenas trinta soldados brancos restantes, e eles estavam quase todos doentes. Os holandeses começaram com 1.300 homens brancos, e eles devem ter tido mais de um mil sobrando após o ataque a São Jago. O castelo pode ser atacado por terra apenas de um lado, pois o mar ficava em dois lados e o rio Benya em um terceiro. Mas os holandeses estavam agora no comando daquele lado, e os canhões do castelo não podiam os alcançar. Os Elmina já haviam atacado os holandeses duas vezes e haviam sido duas vezes derrotados; e não houve chance de ajuda de Portugal, para nove navios holandeses que estavam postos no mar em frente ao castelo. Em 27 de agosto, os holandeses trouxeram grandes armas e começaram a atirar contra o castelo, enquanto os Kommenda atacavam a cidade de Elmina. Mas os holandeses também não estavam à vontade, pois tinham muito pouca comida, e o comandante holandês pensou que deveria

tomar o castelo rapidamente se quisesse tomá-lo de qualquer forma. Então, na manhã do dia 28, ele enviou um mensageiro ao castelo, para avisar o governador a se render. O governador pediu três dias para pensar. Os holandeses sabiam que não podiam esperar tanto, pois só teriam comida para mais um dia; então eles disseram que ele poderia ter apenas um dia. Na manhã seguinte, dia 29, o mensageiro desceu para o castelo novamente para ouvir a resposta do governador. Mas não houve resposta. Então todo o exército holandês avançou; as armas foram trazidas da colina de São Jago, e o tiroteio começou novamente. Então o governador rapidamente se decidiu. Ele rendeu o Castelo; ele e seus homens foram colocados a bordo dos navios holandeses e enviados para a ilha portuguesa de São Tomé, perto de Fernando Pó; e Elmina tornou-se o principal forte holandês na Costa do Ouro.

O comandante holandês deixou 140 homens para guardar Elmina e foi para Axim, para tentar capturar o forte português lá, que era muito menor do que Elmina. Mas o governador de Axim estava pronto para lutar, e por enquanto os holandeses não conseguiram. Cinco anos depois, em 1642, os holandeses capturaram o Forte Axim, e pelo Tratado de paz, os portugueses afastaram-se totalmente da Costa do Ouro e entregaram todas as suas posses aos holandeses. Eles haviam estado na Costa por 160 anos³¹. São muitos os traços hoje do português na fala da Costa do Ouro. Em inglês "*pidgin*" [corrompido], as palavras *palaver*, *piccin*, *fetish*, *dash* e outras são palavras em português que ficaram um pouco distorcidas nas bocas africanas. Em Twi, muitos nomes de coisas europeias, como *asepatre* (sapatos) e *krata* (papel), vêm do Português da mesma forma. Os portugueses trouxeram para a Costa do Ouro outras coisas mais úteis do que palavras. Eles trouxeram gado da Europa, e provavelmente trouxeram a primeira cana-de-açúcar, banana e abacaxi para outras partes dos trópicos. O nome Twi da maçã do pinheiro, *aborebe*, ainda mostra que esta planta era trazida pelos homens brancos — neste caso os portugueses.

³¹ O Tratado de 1642 não foi tão difícil para os portugueses como pode parecer. Os holandeses lutaram contra os portugueses também na América do Sul, no Brasil; e eles haviam plantado assentamentos lá. Pelo Tratado, Portugal deu à Holanda seus fortes na Costa do Ouro, mas em troca os holandeses deram a Portugal todos os seus assentamentos no Brasil, e prometeram nunca construir fortes lá no futuro.

CAPÍTULO VII

INGLESES E HOLANDESES NA COSTA DO OURO

1642-1803

Os holandeses eram agora a principal potência europeia na Costa do Ouro. Possuíam o Castelo de Elmina muito melhorado e fortalecido; e além de Elmina, que era seu lugar principal, tinham fortes ou pequenas povoações em Mori, Shama, Butri, Anomabu, Kormantine e Accra. Nos primeiros anos depois que tomaram Elmina, nenhuma outra nação europeia tinha quaisquer fortes na Costa do Ouro. Mas outros países, especialmente a Inglaterra, logo seguiram o exemplo holandês. Os primeiros a chegar foram os suecos, que se estabeleceram em Cape Coast em 1652 e construíram um pequeno forte lá. Mas, alguns anos depois, seu forte em Cape Coast foi tomado pelos dinamarqueses, e por volta de 1662 tornou-se inglês. Os ingleses foram os primeiros a construir o Castelo em Cape Coast. Antes de sua época, era apenas uma pequena casa fortificada (ou "*pousar*", como eles chamavam naqueles dias). Este alojamento pode ter sido construído pelos holandeses ou mesmo pelos portugueses. Mas se qualquer um desses povos o construiu, de qualquer forma eles deixaram o local novamente, de modo que estava vazio quando os suecos chegaram em 1652. Os suecos também se estabeleceram em Osu, perto de Accra, e construíram uma pousada em 1657. Algumas pessoas pensam que já lá encontraram a pousada, construída pelos portugueses; mas não podemos ter certeza disso. Em 1659, os dinamarqueses vieram e tiraram-no deles; os dinamarqueses fortaleceram o local, transformaram-no em castelo e deram-lhe o nome *Christiansborg* em homenagem ao rei da Dinamarca. (*Borg* em dinamarquês significa castelo; é o mesmo que a palavra inglesa *burgh* ou *borough*, que vemos em Edimburgo. Edimburgo foi construído pelo Rei Edwin e batizado de Castelo de Edwin, assim como *Christiansborg* foi chamado de Castelo de *Christian*.) *Christiansborg* é agora a casa do governador da Costa do Ouro. Além de Cape Coast e Osu, os dinamarqueses encontraram fortes suecos em Takoradi e Anomabu, e conquistaram os dois. Em 1662 os ingleses vieram se estabelecer na Costa do Ouro. O rei da Inglaterra, Carlos II, deu o direito de comércio de Gibraltar para o Cabo da Boa Esperança para uma nova empresa formada para o propósito; e ele proibiu qualquer pessoa que não fosse membro da empresa de ir a comércio na costa da África Ocidental. A empresa foi chamada de Companhia de Negócios Reais da Inglaterra para a África. O irmão do Rei Jaime, duque de York, que mais tarde se tornou o rei

Jaime II da Inglaterra, era membro da companhia. A empresa prometeu enviar 3.000 escravos por ano para a América, mantendo fortes ou alojamentos em Cape Coast, Kommenda, Anashan, Egya, Kormantine, Winneba e Accra. Os holandeses, é claro, ficaram muito zangados; eles esperavam ser capazes de manter todo o comércio para si quando expulsaram os portugueses, mas agora eles encontraram ingleses, suecos, dinamarqueses e (um pouco mais tarde) alemães, todos vindo para o comércio contra eles. Eles tentaram expulsar os ingleses. Eles tomaram o Castelo de Cape Coast e Egya; os Agonas atacaram a pousada em Winneba e a tomaram; e os Fante atacaram Kormantine, mas não aguentaram. Os Fante e os Agona foram pagos pelos holandeses. Isso levou à guerra entre a Inglaterra e a Holanda. O capitão Robert Holmes fora enviado pelo rei Carlos II para retomar os lugares dos ingleses dos holandeses. Ele navegou para a costa com dois navios grandes e alguns pequenos, e capturou quase todos os fortes holandeses, bem como aqueles que eles haviam tirado dos ingleses; e então, deixando alguns homens para guardar os fortes, ele voltou para casa na Inglaterra. Assim que as notícias chegaram à Holanda, os holandeses enviaram seu melhor capitão do mar para a costa para desfazer o que o capitão Holmes havia feito. Esse homem era o almirante de Ruyter; esta foi a primeira vez que ele lutou contra os ingleses; mas depois ele lutou e os venceu muitas vezes no mar perto da Inglaterra. De Ruyter veio e fez bem o seu trabalho. Ele achou o Castelo de Cape Coast muito forte; mas ele tirou dos ingleses todos os outros castelos ou alojamentos que eles tinham. Quando ele partiu para a Holanda, para continuar a guerra nos mares ingleses, os ingleses voltaram para alguns de seus fortes. A paz foi feita em 1667, e cada lado manteve os fortes que havia ocupado antes do início da guerra. Mas apesar disto os governos ingleses e holandeses na Europa fizeram a paz; os ingleses e os holandeses da Costa do Ouro não pararam de brigar. A Companhia Real ficou tão pobres e perdeu tanto comércio, que desistiu, e uma nova empresa foi formada, chamada Companhia Real Africana. O Rei Carlos II e James, duque de York, e outras pessoas importantes eram membros da nova empresa; mas a maioria dos ingleses ficou tão decepcionada com a má sorte da primeira empresa que demoraram muito para emprestar dinheiro para começar algo novo. A Companhia Real Africana iniciou os seus trabalhos em 1672, com o fortalecimento do castelo de Cabe Coast e construindo um novo forte em Accra, que eles chamaram de Forte James, em homenagem ao duque de York. Eles enviaram para casa uma boa quantidade de ouro nos anos seguintes, e o governo inglês transformou parte dele em novas moedas chamadas guinéus (porque foram feitos com ouro da Guiné) no valor de vinte e um xelins cada. As Guinéus

não são mais feitas; mas ainda às vezes contamos dinheiro em guinéus em vez de libras. Nos anos seguintes, não houve guerra entre os diferentes grupos europeus, novas nações, outros alemães e, de fato, em 1685 (Brandenburgos), vieram e se assentaram. Eles construíram dois fortes entre Sekondi e Axim. Mas houve um bom negócio de lutas entre os europeus e as diferentes nações nativas. Em 1679 o povo de Winneba hospedou-se lá na pousada inglesa. No ano seguinte, os holandeses tiveram uma guerra com os Elmina. Os Elmina nunca estiveram sob os portugueses do castelo, dos últimos dias da época portuguesa aí. Mas os holandeses desejavam governar a cidade de Elmina e, por alguns anos, houve um mau pressentimento. Em 1680, os Elmina juntaram-se ao povo de Kommenda e atacaram o castelo. Eles não conseguiram conquistá-lo, embora tenham mantido os holandeses trancados dentro de casa por dez meses; quando descobriram que não podiam aguentar, muitos do povo Elmina queimaram suas casas e foram morar em outras cidades. Quase na mesma época, lutando em Cape Coast; pois alguns dos escravos do castelo fugiram para a cidade, e o povo de Cape Coast não iria desistir deles. Muitos foram mortos em ambos os lados antes que a paz fosse feita novamente. As pessoas que atacaram *Christiansborg* tiveram mais sucesso. Aconteceu em 1693, logo após a morte de Ashangmo em Pequeno Popo, que entre os Akwamu, que estavam governando em Accra, havia um certo homem chamado Asameni. Ele certavez foi cozinheiro a serviço dos ingleses; mas ele era então um comerciante e intérprete entre os dinamarqueses em *Christiansborg* e outros Akwamu do interior. Os dinamarqueses no castelo eram muito poucos, pois muitos haviam morrido; e os Akwamu, que não gostavam dos dinamarqueses, pensavam que eles tomariam o castelo. Asameni usou um truque para o governador. Ele lhe disse que logo estaria trazendo uma grande feira de pessoas para vender ouro e marfim e comprar armas. O governador conhecia bem Asameni, e não pensou mal. Asameni veio com oitenta Akwamu. Eles entraram no castelo e começaram a examinar as armas que estavam à venda e a testá-las (como era o costume) com um pouco de pólvora para verificar se estavam em ordem. Mas eles trouxeram suas próprias balas, e rapidamente carregaram as armas e fizeram os dinamarqueses prisioneiros. O governador dinamarquês tentou lutar, mas estava sozinho; então ele saltou por uma janela e correu, ferido em vários lugares e com um braço quebrado, alcançou aos holandeses em forte *Crèvecoeur* (forte *Ussher*), que o levaram em³²Asameni, onde em seguida, tornou-se governador do castelo e o encheu com seus Akwamu. Ele negociou com os navios que vinham para *Christiansborg*, e era muito amigo dos

³² De *Christiansborg* a forte *Crèvecoeur* são quase três quilômetros. É claro que o Akwamu não o perseguiu.

ingleses; em uma ocasião, os governadores ingleses do forte James e Winneba jantaram em *Christiansborg* como convidados do governador Asameni. Ele parece ter dado a eles um jantar muito bom, e durante a noite ele disparou 200 tiros com suas grandes armas em saudação. Mas no ano seguinte os dinamarqueses enviaram navios para comprar o castelo de volta. Os holandeses e o rei de Akwamu providenciaram que os dinamarqueses pagassem £ 1.600 e contassem o assunto como resolvido. Asameni desistiu do castelo e pegou seu dinheiro; os dois navios dinamarqueses deixaram muitos de seus homens para proteger o castelo e partiram. Eles não conseguiram ir longe; eles conheceram um famoso pirata ou ladrão do mar, um inglês chamado "Long" Ben very, que capturou e queimou os dois. O ano seguinte, 1694, trouxe grandes problemas para os holandeses. Por algum tempo eles foram se tornando cada vez mais odiados pelas pessoas ao seu redor, especialmente pelos Kommenda; pois os holandeses estavam tentando se tornarem governantes da costa e ter poder sobre todos os chefes e povos, que viviam à beira-mar. Os Kommenda e outras nações estavam se tornando muito bravas. Em 1694, os holandeses decidiram reabrir a mina de ouro perto de Elmina, que esteve fechada desde 1622, quando desabou e estragou a mineração portuguesa. O povo Kommenda disse que a colina que os holandeses queriam trabalhar³³ era consagrada para seu deus; e quando os holandeses insistiram em cavar nela, os Kommenda os atacaram e os fizeram parar. Os holandeses em Elmina queixaram-se ao chefe de Kommenda, mas ele disse que não tinha nada a ver com a matéria. O verdadeiro culpado, disse ele, era um certo John Kabes, um homem rico que já havia discutido com os holandeses por outros assuntos. O governador holandês imediatamente atacou John Kabes, sem lhe dar chance de explicar as coisas. Mas Kabes, tivesse ele causado o ataque aos mineiros holandeses ou não, não permitiu que os holandeses o ataquem sem resistir. Ele convidou os ingleses para virem a Kommenda e se instalaram em seu antigo forte, que estava vazio desde o tempo do almirante Ruyter. Eles vieram; e os holandeses de Kommenda ficaram preocupados em vê-los vindo, pois o forte inglês era melhor e mais poderoso do que o forte holandês. Os holandeses perceberam que teriam de lutar contra o povo Kommenda. Eles deram ao povo de Elmina e Cape Coast £ 5.000 para virem e lutar por eles contra os Kommenda. Mas o governador holandês tolamente se gabou disso quando tinha conquistado os Kommenda, ele conquistaria os Fante e o Asebu como nós vimos; então o povo de Elmina e da Costa do Cabo naturalmente se recusaram a lutar pelos holandeses. Os Kommenda derrotaram os holandeses duas vezes; e então os

³³ Parece que não era o mesmo morro do "*sasabonsam*" da mina portuguesa, mas sim um morro bem próximo.

holandeses pediram paz. Os Kommenda teriam lhes dado paz em termos justos, mas os ingleses de Kommenda os convenceram a não fazer isso. Os ingleses esperavam que os holandeses fossem expulsos completamente, para que eles próprios tivessem todo o comércio de Kommenda. O povo Kommenda recusou-se a ter paz e atacou os holandeses de novo; mas eles não puderam tomar o forte. Os holandeses ficaram muito assustados, e tentaram contratar novos exércitos. Eles deram aos Fante mais dinheiro; mas os ingleses ofereceram aos Fante mais dinheiro se eles se recusassem a ajudar os holandeses. Os Fante levaram o dinheiro de ambos³⁴e não fizeram nada, como os ingleses desejavam. Os holandeses tentaram outras nações. Por último, eles tentaram obter um exército de Denkyera, e eles realmente pagaram o dinheiro. Mas os Denkyera descobriram que Osei Tutu de Achanti os estava mantendo e estavam muito ocupados, de modo que não podiam fazer nada pelos holandeses, e eles devolveram o dinheiro. No final, no entanto, os Kommenda se cansaram da guerra e fizeram uma paz justa. Os ingleses ficaram zangados com isso; e um dia quando o chefe de Kommenda veio para Cape Coast eles o mataram. O povo Kommenda, é claro, uma vez fez guerra contra os ingleses e derrotou um grande exército de Fante e Asebu que os ingleses enviaram contra eles. Mas no final os ingleses venceram a guerra.

Demoraria muito para dizer como um forte após o outro foi construído e como, às vezes, os fortes eram tomados e destruídos. No final deste capítulo está uma lista dos fortes europeus na Costa do Ouro, mostrando as datas em que foram construídos e dando os principais fatos da história de cada um. O século XVIII, ou seja, a época entre 1700 e 1800, foi a época em que os fortes europeus e o comércio europeu mais prosperaram. Embora o clima e as vidas pouco saudáveis que os europeus viviam tornavam a costa um país ruim para os brancos, havia tanto dinheiro a ser ganho aqui que eles vieram. O comércio de ouro, que deu o nome à Costa do Ouro, agora já não era o comércio mais importante do país. O comércio mais importante era o tráfico de escravos. Os próprios homens brancos não iam caçar escravos. Eles compravam de traficantes de escravos nativos. Manso, na estrada Cape Coast-Kumasi, era o maior mercado de escravos do país; prisioneiros que foram levados pelos Achanti em suas guerras foram trazidos para lá e vendidos aos traficantes de escravos Fante, que os tomaram para Cape Coast ou Elmina ou um dos outros fortes e os venderam para os brancos. Eles foram mantidos nos castelos até que o próximo navio viesse

³⁴ O chefe queria recusar o dinheiro inglês, alegando que já havia aceitado o dinheiro holandês e concordado fazer o que os holandeses queriam; mas seu povo o tirou do tamborete.

para levá-los embora sobre o mar. Os ingleses foram os maiores proprietários de navios negreiros, embora franceses, olandeses, portugueses e outros também estavam no comércio. Mas os ingleses correram um regular serviço de navios na forma de um inglês e holandês na Costa do Ouro, 1642-1803 Triângulo 71, da Inglaterra à Costa, da Costa à América do Norte e ao Caribe, e de lá de volta para a Inglaterra. Os navios trouxeram gim da Inglaterra e armas e tecidos e outros bens para vender na África. Eles compraram, em troca escravos, ouro e marfim, e navegaram para o Caribe. Lá eles vendiam alguns dos escravos e compravam açúcar e produtos tropicais em geral; e tão longe eles foram, alcançando as colônias inglesas na América do Norte, onde vendiam o resto dos escravos para trabalhar nas plantações de algodão. Na América eles compravam algodão cru e tabaco; de modo que quando eles chegavam à Inglaterra novamente, eles tinham uma carga muito mista: ouro, marfim, açúcar, algodão e tabaco. A viagem de volta durava seis meses ou mais.

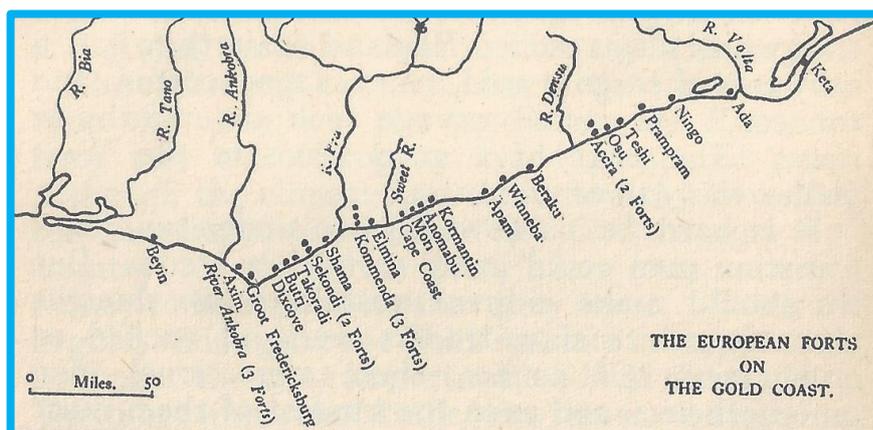
O preço de um bom escravo no Caribe era de £ 16 ou £ 20. É difícil para nós hoje em dia entender como os homens cristãos podiam continuar tal comércio. Mas cometeremos um grande erro se pensarmos que o homem branco, os traficantes de escravos, eram todos homens maus ou cruéis. Claro, havia homens cruéis entre eles; e mesmo o mais gentil deles deve ter visto tanta miséria e dor entre as pessoas que ele comprou que deve ter se tornado cada vez mais difícil, à medida que o tempo passou, conviver com esse comércio. Nós nos admiramos que os homens brancos que viram essas coisas não sentiram como nós. Mas por muito tempo eles não o fizeram, embora muitos deles fossem homens cristãos sinceros à sua maneira. Não ocorreu aos homens brancos, eu suponho, que os africanos tivessem almas e sentimentos como eles próprios. Eles pensavam que os africanos eram descendentes de Canaã, o filho de Noé, e eles pensavam que estavam cumprindo a maldição em Gênesis IX, 25, ao torna-los seus escravos. Eles encontraram escravidão e invasão de escravos acontecendo na África, como aconteceu por milhares de anos antes que qualquer homem branco viesse para a África, e eles fizeram uso disto para seu próprio lucro; embora, é claro, a perspectiva de escravidão nas plantações de homens brancos através dos mares era uma coisa muito mais terrível para os africanos mais do que a escravidão em seu próprio país entre sua própria gente. Em suma, os homens brancos pensam que têm o dever de ser gentis com os africanos, e teria ficado

surpreso se alguém lhes dissesse que sim; apenas tantas pessoas hoje não sentem que têm o dever de ser gentis com os animais.

Alguns dos fortes menos importantes foram deixados de fora. Uma lista completa dos fortes é dada no final do Capítulo VII.

Ouviremos mais tarde como, aos poucos, alguns homens brancos começaram a sentir que era cruel e perverso escravizar os africanos, e como eles pregaram isso na Europa e na América até que as pessoas desses países se levantaram e forçaram os proprietários de escravos a libertar seus escravos.

Em 1750, a Companhia Real Africana Inglesa chegou ao fim, e seus fortes e outras possessões na África foram adquiridas por uma nova empresa chamada Empresa Africana



de

Comerciantes. O Governo da Inglaterra pagou à empresa cerca de £ 15.000 a ingleses e holandeses na Costa do Ouro, 1642-1803, £ 73 por ano como uma concessão para capacitá-los a manter seus fortes e tropas em boa ordem; por que o governo tinha algum interesse nos assuntos da Costa do Ouro, embora com pouco controle sobre eles. Em 1780, a Inglaterra estava em grandes dificuldades. As colônias inglesas na América do Norte se rebelaram e declararam que não estavam mais sob a Inglaterra, mas eram os Estados Unidos da América, uma nação livre e independente. Na luta que continuou na América, os americanos gradualmente venceram os ingleses; e quando a França e a Espanha (que odiavam a Inglaterra por diferentes motivos) juntaram-se aos americanos, foi certeza de que a Inglaterra nunca poderia ganhar a guerra. Depois de um tempo, a Holanda também (contra sua vontade) juntou-se à guerra contra a Inglaterra. Assim que a notícia chegou à Costa do Ouro, os ingleses tentaram tomar o Castelo de Elmina; um navio de cinquenta armas da marinha veio da Inglaterra, e alguns de seus

marinheiros se juntaram às tropas inglesas no ataque ao castelo. Mas eles não conseguiram toma-lo; as tropas atacaram ao mesmo tempo, e o navio foi atacado em um momento diferente; e considerando que se eles tivessem atacado juntos, poderiam possivelmente tomar o castelo, mas separadamente estavam fadados ao fracasso. Em breve, depois, no entanto, mais dois navios vieram da Inglaterra, e os ingleses tomaram Mori, Apam, Kormantine e Beraku dos holandeses sem muitos problemas. Após uma luta dura, eles tomaram forte *Crèvecoeur* em Accra. Os holandeses, entretanto, destruíram o forte inglês em Sekondi. Esta segunda guerra entre os ingleses e os holandeses chegou ao fim em 1785, e todos os fortes foram devolvidos aos seus antigos proprietários. A guerra terminou mal para a Inglaterra na maioria dos lugares — América, Mediterrâneo, Caribe — embora bem na África Ocidental e na Índia, a Inglaterra teve que admitir que suas colônias americanas foram perdidas e aprender a chamá-las de Estados Unidos; era porque a Inglaterra estava tão cansada que ela não foi capaz de insistir em manter os fortes da África Ocidental que ela tirou dos holandeses.

Logo depois dessa época, os ingleses começaram a negociar com os Achanti. O governador dinamarquês de *Christiansborg* estava discutindo com o povo de Pequeno Popo (Anecho), o lugar para o qual Ashangmo havia levado os Accras cem anos antes. Ele enviou a Osei Kwamina o Asantehene, pedindo ajuda contra pessoas de Popo. Mas os ingleses tinham ouvido tanto sobre os terríveis Achanti que eles ficaram assustados com a ideia de ter um exército Achanti na costa e enviaram mensageiros a Kumasi para pedir a Osei Kwamina que se recusasse a enviar os homens. Esta foi a primeira vez que ingleses e os Achanti se comunicaram juntos. O exército Achanti nunca veio: não porque os ingleses imploraram que não viesse, mas porque antes que estivesse pronto, o governador dinamarquês que havia pedido foi sucedido por outro, que enviou um presente de ouro a Kumasi para pagar para o exército voltar. Quando Osei Tutu Kwamina veio para o tamborete de Achanti, os europeus tinham estado no litoral há pouco mais de 300 anos. Seus fortes se estendiam ao longo da costa, não apenas na Costa do Ouro, mas no Senegal, na Costa do Marfim e em Daomé. Muitas nações diferentes tinham fortes lá: ingleses, holandeses, dinamarqueses, alemães (Brandenburgueses); os portugueses, suecos e franceses, que outrora foram se estabelecendo na costa, haviam deixado o país. Mas os europeus não governaram nenhuma das pessoas fora dos muros de seus fortes. Todo o comércio de ouro e escravos era administrado pelos africanos, e se eles escolhessem, eles poderiam matar de fome os europeus recusando-se a vender-lhes comida, ou poderiam forçá-los a pagar um preço mais alto por

seus escravos e ouro, recusando-se a vender por um preço baixo. Eles bem sabiam disso; o que os controlava era o temor de afastar os homens brancos por completo tornando o comércio muito difícil. Eles não respeitavam os europeus, pois sabiam que eles estavam lá apenas para comerciar e ganhar dinheiro; e havia uma boa quantidade de trapaceiros. Muitas vezes, oficiais de empresas comerciais europeias foram atacados e feridos ou mesmo mortos. Em alguns dos fortes menores, os governadores da empresa e as tropas sempre temiam que o povo da cidade pudesse tomar o forte e matar todos eles. Os europeus não eram donos das terras em que os fortes foram construídos. Eles pagavam um aluguel mensal ao chefe que primeiro os permitiu construir. Os pagamentos pelos fortes em Accra e Elmina foram agora feitos para os Achanti, que tinha tomado as "Notas" ou acordos que os europeus deram a Accra e chefes Elmina. Este era um estado de coisas insatisfatório. Muitos dos oficiais enviados pelas empresas comerciais eram homens com baixa escolaridade, que vieram para a África Ocidental porque eles poderiam ganhar dinheiro mais facilmente aqui do que na Europa. Os soldados, e até mesmo alguns dos oficiais militares, muitas vezes eram na verdade um tipo muito ruim de homem; muitos deles eram condenados, enviados para servir como soldados na África Ocidental em vez de ficar em uma prisão inglesa. Claro, havia alguns homens excelentes a serviço das empresas. Mas havia tantos homens maus que os europeus como um todo não conseguiam conquistar o respeito dos africanos. E por melhor que seus agentes possam ser, uma mera empresa comercial não poderia esperar ter sucesso em lidando com nações fortes como Achanti. Chegou um momento na África Ocidental, pois lá fez na Índia, quando os homens brancos descobriram que eles deveriam começar a governar; e então a empresa comercial teve de ceder lugar ao Governo. Durante os 300 anos em que os brancos estiveram no litoral, duas grandes mudanças ocorreram na política da Costa do Ouro. Uma foi a ascensão de Achanti. A outra foi a ascensão da Confederação Fante. Quando os portugueses primeiro vieram, os Fante governaram apenas um pequeno pedaço de país ao redor da Costa do Cabo, e os Asebu e Efutu, os antigos habitantes da terra, ainda eram fortes. Desde então os Fante se tornaram ricos e fortes, e eles fizeram muitas das tribos vizinhas os servirem, até agora eles eram os mais fortes de todas nações da costa. Até Osei Tutu Kwamina se tornar Asantehene, nem os Achanti nem os Fante já haviam encontrado um inimigo que pudesse derrotá-los. No seu tempo, ambos dois grandes povos aprenderam pela primeira vez o sabor da derrota.

OS FORTES EUROPEUS NA COSTA DO OURO

1. *Forte Duma*, no rio Ankobra. Construído por portugueses, 1623; destruído por terremoto, 1636; reconstruído pouco depois por holandeses, mas logo abandonado.

2. *Ruyghaver*, construído por holandeses próximo ao rio Ankobra;

3. *Elise Carthago*, 1640, mas logo abandonado.

4. Santo Antônio em Axim. Construído por portugueses, em 1515, em substituição a outro menor. Tomado por holandeses, 1642; tomado por ingleses, 1664, e retomado por holandeses, 1665; comprado por ingleses em 1872.

5. *Grout Fredericksburg* entre Axim e Cabo *Three Points*. Construído por Alemães (Brandenburgueses), 1685, abandonado por volta de 1709.

6. — em *Takrama*. Construído por Brandenburgo em 1694, abandonado por volta de 1709.

7. *Dorothea* em Akwida. Construído por Brandenburgo, 1685; tomado por holandeses, 1690, mas devolvido, 1698; abandonado por volta de 1709.

8. *Apollonia* em Beyin. Construído pelos ingleses em 1750, cedido aos holandeses em 1867 e abandonado.

9. *Metal Cross* em Dixcove. Construído por ingleses, 1691; atacado pelo povo Dixcove em 1697.

Eles não tomaram o forte, mas o comandante teve que concordar em negociar em termos mais agradáveis aos habitantes da cidade. Dado aos holandeses, 1867, e comprado de volta pelos ingleses, 1872.

10. *Batenstein* em Butri. Construído pelos holandeses, 1640; eles tinham uma colônia, mas nenhum forte, em Butri desde 1598. Tirado por ingleses, 1664, retomado, 1665; comprado por ingleses em 1872.

11. *Witsen* em Takoradi. Construído pelos suecos por volta de 1640; pode ter havido um francês mais antigo aqui. Tomado pelos dinamarqueses, 1657, e pelos holandeses logo depois; pelos ingleses em 1664. Retomado pelos holandeses e destruído em 1665. Alguns pensam que os Brandenburgo em certa época mantiveram o forte, mas eles provavelmente estão errados, pois os Brandenburgo não vieram para a costa até depois dos holandeses

destruírem o forte. Um novo pequeno forte foi construído pelos holandeses em 1707.

12. *Laranja* em Sekondi. Construído pelos holandeses por volta de 1670; tomado pelos Ahanta, 1694, mas em breve foi retomado. Comprado por ingleses em 1872.

13. — em Sekondi. Construído por ingleses por volta de 1680; ocupado por Ahantas, 1688, mas depois reconstruído. Tomado e destruído pelos franceses em 1779, mas reconstruído. Dado aos holandeses em 1867 e comprado de volta em 1872.

14. São Sebastião em Shama. Construído pelos holandeses, 1640; tirado por ingleses, 1664, e retomado, 1665; comprado por ingleses, em 1872. Os portugueses tiveram um forte aqui, mas o abandonaram.

15. — em Kommenda. Construído pelos ingleses por volta de 1670, mas logo abandonado; reconstruído em 1695. Dado a holandeses, 1867, mas abandonado por eles. Os franceses podem ter tido um pequeno forte aqui outrora.

16. — em Kommenda. Construído em 1708 por John Kabes, um chefe local, com armas compradas de seus aliados os ingleses; mas depois abandonado.

17. *Vredenburg* em Kommenda. Construído pelos holandeses, 1688; atacado em vão pelos Kommenda, 1695. Tomado e destruído pelos ingleses, 1782.

18. São Jorge, em Elmina. Construído por portugueses em 1482, possivelmente no local de um antigo forte francês. Tomado por holandeses, 1637, e muito fortalecido; os holandeses construíram os seguintes fortes menores em torno dele: *Conraadsburg*, de *Veer*, *Scomarus*, *Java*, *Nagtglas* e *Batenstein*. Eles também fortaleceram o Forte de São João (São Tiago), construído pelos portugueses como obra externa ao castelo. Todos eram comprados pelos ingleses em 1872.

19. — em Cape Coast. Construído pelos suecos, 1657, tomada pelos dinamarqueses, 1659, pelos Fetos [sic], 1660, possivelmente pelos holandeses, 1661, e pelos ingleses em 1662. Os holandeses o tomaram em 1663, mas os ingleses o retomaram em 1664, e foi o único forte inglês que não foi tomado pelos holandeses em 1665; Castelo Cape Coast, como Elmina, tinham fortes menores ao redor, como forte *William* e forte *Victoria*.

20. — um pequeno forte em *Queen Anne's Point*, perto de Cape Coast. Os holandeses tinham outrora um pequeno forte aqui, que eles abandonaram antes dos ingleses chegarem.

21. *Fort Royal* em Amanfur, perto de Cape Coast. Construído pelos dinamarqueses em 1658 e nomeado *Fredericksborg*; comprado por ingleses em 1685.

22. *Nassau* em Mori. Primeiro assentamento holandês, 1598; forte construído pelos holandeses em 1624. Tomado por ingleses, 1664, e retomado pelos holandeses, 1665. Tirado pelos ingleses, 1782, e devolvido aos holandeses, 1785. Dado aos ingleses, 1867.

23. — em Anashan. Pequena casa fortificada construída por ingleses por volta de 1660, terreno tomado por holandeses, 1665. Depois abandonado.

24. — em Anashan. Construído por portugueses, abandonado logo após 1683.

25. *William de Anomabu*. Construído pelos ingleses depois de 1673. Os suecos tinham um forte aqui, que os dinamarqueses tomaram em 1659 e destruíram. *Fort William* foi atacado sem sucesso pelos Achanti em 1807. (A data exata de sua construção não é conhecida; mas sem dúvida foi nomeado em homenagem ao rei William III e construído em sua época, entre 1688 e 1702.)

26. — em uma pequena casa fortificada em *Egya*, construída por ingleses e tomada por holandeses, 1663; retomado por ingleses, 1664. Em 1665, temendo que fosse tomada pelos holandeses, os ingleses a abandonaram e destruíram.

27. *Amsterdam* em Kormantine. Construído pelos holandeses algum tempo antes de 1637; levado por ingleses, 1664 e retomado pelos holandeses em 1665. Tomado pelos ingleses em 1782 e devolvido em 1785. Tomado por Achanti, 1807, mas deixada por eles e reocupada pelos holandeses. Dado aos ingleses, 1867.

28. — em Tantankweri, construído pelos ingleses antes de 1726, abandonado em 1820.

29. *Leydsamheid* em Apam. Muito lentamente construída pelos holandeses, devido à oposição nativa, entre 1697 e 1702. O nome significa "Paciência" e foi dado em memória dos problemas que os holandeses tiveram. Tomado pelos ingleses em 1782 e devolvido em 1785. Tirado e destruído por Akim, 1811.

30. — em Winneba. Construído por ingleses. Tirado por Agona, 1663 e novamente em 1679; reconstruído e fortalecido, 1694. Abandonado, 1813, mas reconstruído, 1815.

31. — em Beraku. Construído pelos holandeses antes de 1700; levado por ingleses, 1782, e devolvido em 1785; depois abandonado.

32. — em Shido. Construído por ingleses, mas abandonado antes de 1700.

33. *James* em Accra. Construído por ingleses em 1673.

34. *Crèveceur* em Accra. Construído por holandeses, 1650; atacado e levado por ingleses, 1782, e devolvido aos holandeses em 1785. Abandonado por um curto período de tempo pelos holandeses, 1818; depois reocupado, e dado aos ingleses, 1867, e renomeado para *Forte Ussher*.

35. *Christiansborg* em Osu, perto de Accra. O sitio pode ter sido ocupado pelos portugueses, 1578-1645. Castelo construído pelos suecos em 1657 e conquistado pelos dinamarqueses em 1659. Em 1679. O governador dinamarquês foi assassinado e o segundo oficial vendeu o castelo aos portugueses; os dinamarqueses o compraram de volta em 1682. Tomado por Asamani e os Akwamu, 1693, e vendido aos dinamarqueses novamente em 1694. Comprado pelos ingleses em 1850.

36 — perto de Accra havia um pequeno forte português de cerca de 1500 a 1578, quando foi tomado e destruído pelos Accra. Os portugueses mudaram-se então para o sitio de *Christiansborg*.

37. *Augustaborg* em Teshi. Construído pelos dinamarqueses em 1787. Comprado pelos ingleses em 1850.

38. *Vernon* em Prampram. Construída pelos ingleses por volta de 1787, mas logo abandonada.

39. *Friedensborg* em Ningo. Construído pelos dinamarqueses, 1734; comprado por ingleses em 1850.

40. *Konigstein* em Ada. Construído pelos dinamarqueses em 1784; comprado por ingleses, 1850.

41- *Prinzenstein* em Keta, construído pelos dinamarqueses, 1784, sitiado pelos Awunas, 1844, e resgatado da fome por navio de guerra francês; os canhões do forte destruíram a cidade de Keta, que não foi reconstruída até 1850. O castelo foi comprado por ingleses em 1850.

CAPÍTULO VIII

A COSTA DO OURO EM 1800

O ano de 1800 é o ano em que Osei Tutu Kwamina Asibe Bonsu se tornou Asantehene. Vamos dar uma olhada rápida na Costa do Ouro e ver o que estava acontecendo, e quem estava governando, exatamente naquela época e durante os anos anteriores. Osei Bonsu (como ele é geralmente chamado por abreviação) foi o primeiro Asantehene a ter problemas com os homens brancos, e assim seu tempo começa um novo capítulo na história da Costa do Ouro.

ACHANTI

Primeiro, vamos dar uma olhada em Achanti. Opoku Ware e Osei Kojo esticaram o poder de Achanti até que todo o país que agora chamamos por esse nome serviu ao Asantehene em Kumasi. Os Gonja e os Dagomba lhes prestaram homenagem. Ao sul do Pra, os Assin, os Denkyera e os Aowin temiam Achanti, e às vezes prestavam-lhes homenagem. Sempre que se sentiam fortes o suficiente, eles se recusavam a pagar e esperavam pelos Achanti para vir e puni-los. No tempo de Osei Kwamina, algum tempo entre 1781 e 1797, os Denkyera causaram problemas dessa maneira. Eles pensaram que o Asantehene era uma criança, e eles podiam fazer o que quisessem e não precisavam servir aos Achanti por mais tempo. Mas eles foram derrotados. Os Banda e os Gamas estavam no mesmo estado; assim como os Akim. A fraqueza do império Achanti fez com que as nações que foram conquistadas ficassem deixadas sob seus próprios chefes, e assim não sofreram interferência, desde que pagassem seu tributo. O Asantehene nomeou um governador para cada nação conquistada; mas muitas vezes os governadores ficavam em Kumasi e nunca chegavam perto de suas províncias. Esta forma de governar foi iniciada por Osei Tutu. Mas embora fosse muito bom quando a nação conquistada era pequena, intimamente relacionada aos Achantis; não era tão bom quando era uma grande nação com uma história própria antiga. O Denkyerahene e o Gyamanhene não queriam ser membros do Kumasi Abrempon: eles desejavam ser chefes completamente independentes.

AKIM E AKWAPIM

O poder dos Akim e Akwapim cresceu no lugar do poder de Akwamu. No início, os antepassados dos Akim e Akwapim viveram em Adansi, em Akrokyere, ou Kokobiante ou outros lugares. Existem três divisões dos Akim: o Akim Abuakwa, o Akim Bosome e o Akim Kotoku. O primeiro chefe do povo Akwapim era Ofori Kuma, irmão do chefe Abuakwa Ofori Panin. Quase ao mesmo tempo que os Achanti estavam ficando mais fortes no país de Amanse ao norte do Lago Bosomtwe, os Akim e Akwapim haviam deixado Adansi e se estabeleceram em Asueho, o país ao sul e oeste do lago. O Akim Bosome, o menor dos três povos Akim, diz que eles não vieram de Adansi, mas do norte de Achanti. Mas depois de algum tempo, eles também se estabeleceram em Asueho. Durante a época dos primeiros reis de Achanti, o país que agora chamamos Akim foi ocupado pelos Akwamu; embora provavelmente estivesse coberto apenas por uma camada fina com pequenas aldeias. Sobre a época de Obiri Yeboa (digamos por volta de 1680 — a época em que Ashangmo foi para o Pequeno Popo), os Akims tornaram-se tão fortes que começaram a pressionar para ser país de Akwamu. O Abuakwa mudou-se para o leste do lago e se estabeleceu no vale do Birrim. Os Kotoku não foram diretamente para seu novo lar. Eles se mudaram do lago para Ejisu, depois para Kotoku em Achanti-Akim, onde ficaram muitos anos. É desse lugar que eles tiraram seu nome. Depois eles estabeleceram-se por um tempo na velha Oda, não muito longe de Nkawkaw, ao sul de Pra. Apenas antes da época de Osei Bonsu, eles se mudaram um pouco para o norte, para Dampon. Os Kotoku moveram-se dessa maneira para escapar dos Achanti; por enquanto os Akim estavam ficando perto do lago, e serviram ao Achanti, e o Asantehene não os queria muito longe e que se tornassem fortes demais para servi-lo. Osei Tutu e Opoku Ware lutaram contra os Akim para tentar forçá-los a voltar; e nós soubemos como os Akim mataram Osei Tutu quando ele cruzava o Pra para lutar contra eles. Opoku Ware travou uma guerra contra os Akim, chamada de guerra Ahantan porque os Akim foram para a batalha usando suas sandálias, para mostrar aos Achanti que eles não se preocupariam em se preparar para combatê-los, mas poderiam lutar contra eles despreparados. No início, esse orgulho ou arrogância ("*ahantan*" em Twi) era justificado. Os Akim ganharam batalhas contra os Achanti; mas depois Opoku Ware lutou uma grande batalha em Peminase e ao derrotá-los levou Owusu Akyem Tenten e Pobi Asaman, os dois chefes Akim, prisioneiros. Toda essa luta deixou os Akim ainda mais ansiosos para escapar do poder dos Achanti. Então eles começaram a pressionar mais ao sul no país de Akwamu. É por isso que os Accra conseguiram obter ajuda dos Akim em 1733 em sua guerra contra os Akwamu. O Akwamuhene morava em Nyanawase, na colina Nyanao. No

início, o Akwamuhene enviado para Asamankese para pedir-lhe para lutar com ele contra os Accra, Akim e outros. Mas Asamankese estava zangado com o Akwamuhene e não quis; e ele e alguns outros chefes de Akwamu permaneceram quietos na guerra, não ajudando nenhum dos lados. Depois que a guerra acabou, e Ansa Sasraku e seus homens fugiram pelo Rio Volta, Asamankese e outros permaneceram onde estavam e tornaram-se parte do estado Akim.

Desta forma, os Akim Abuakwa e os Akim Bosome vieram morar em seu novo lar junto ao povo Akwamu que havia ficado para trás. Os Kotoku estavam mais ao norte em Achanti-Akim; mas eles também encontraram alguns dos Akwamu. O povo de Ansa Sasraku fugiu de Nyanawase para Agogo, e houve uma batalha entre eles e o Akim Kotoku. Logo depois, o Kotoku mudou-se para longe no velho Oda.

No início, os Akim só se estabeleceram no país que agora chamamos de Akim. Mas então o Guan ou Kyerepong em Akwapim enviaram mensageiros aos Akim, pedindo-lhes que viessem e os ajudassem a se libertar dos Akwamu. Então, um chefe Akim chamado Kwao Sefori foi enviado com um exército para expulsar também os Akwamu de Akwapim. Os Accra o ajudaram e, após dois anos de luta, ele expulsou os Akwamu, e o povo de Akwapim prometeu servir aos Akim. Muitos Akim foram para resolver em Akwapim entre os Kyerepong e Ofori Kuma se tornou seu chefe. A partir desse até hoje, as pessoas que falam Twi governaram Akwapim.

ACCRA

Após a guerra de 1733, os Accra ficaram sob a proteção dos Akim e os Akwapim, dos Accra, estavam em Pequeno Popo e estavam tendo problemas com os Awuna e os reis de Daomé. Logo após a guerra, o Gã Mantse, Tete Aliene Akwa liderou um exército até Pequeno Popo para ajudar os Accra contra seus inimigos. Ele levou consigo os tamboretas Gã e Adansi de Accra, mas deixou o tamborete Guan para trás. Ele foi derrotado e morreu, e os dois tamboretas nunca mais voltaram para Accra.

Então o chefe dos Accra em Pequeno Popo, chamado Teko Tshuru, marchou de volta a Accra e tornou-se Gã Mantse. Mas ele tinha pouco poder real; por enquanto o Gã Mantse estava em Pequeno Popo, o Gbese Mantse³⁵, um homem chamado Okaidsha, tornou-se muito poderoso em Accra e tinha amigos em toda a costa. Quando Okaidsha morreu, seu poder foi tomado pelo Mantse da cidade James, Wetshe Kodso, que era forte o suficiente para fazer uma guerra até o Volta, retornando através de Akwapim, para punir os comerciantes de escravos Awuna.

Todo esse tempo o estado de Gã estava fraco. Mas muitas pessoas de Accra tornaram-se ricas com o comércio de escravos. As guerras entre os Achantis e outras nações do tempo de Opoku Ware, Osei Kojo e os outros chefes guerreiros de Achanti trouxeram muitos milhares de prisioneiros para serem vendidos como escravos em Accra. Os ingleses, holandeses e os dinamarqueses, nos três fortes de Accra, estavam sempre prontos para comprá-los. Em Accra as pessoas foram divididas em três divisões, uma da cidade James, uma de holandeses Accra (agora chamada de cidade), e uma de *Christiansborg*; e quando as nações europeias brigavam, seus amigos de Accra às vezes se juntavam à briga.

Os comerciantes de escravos Awuna eram muito problemáticos, e o povo de Aburi e outros Akwapim costumavam enviar pequenos grupos de homens para levar as pessoas quando eles estavam trabalhando em suas fazendas ou viajando nos caminhos, e os vendiam como escravos.

Em 1782 o povo holandês de Accra teve que correr para Kwaobenyan e Pokoase para escapar dos ingleses que atacavam o forte *Crèvecoeur*. Vinte anos depois, em Aburi as pessoas deram tanto trabalho que os Accra travaram uma grande batalha contra eles em Nyantrabi, perto da colina Upoko — o mesmo lugar que o local da morte de Okai Koi. Mas em Aburi

³⁵ Gbese é uma das divisões de Accra.

as pessoas ganharam a batalha e deram aos Accra mais problemas do que nunca. Em 1792, os dinamarqueses pararam de comprar escravos, e em 1807 os ingleses também cessaram. Isso matou grande parte do comércio de Accra, e os Accra começaram a temer que eles ficariam pobres. Em 1807 também os Obutus começaram a perturbar os Accra, e dois anos depois, eles conseguiram que os Gomoas os ajudassem, e chegaram até Kole Bu e travaram uma batalha lá contra os Accra. Mas esses os repeliram. Os Fante e Obutu tinham ciúmes dos Accra por causa do comércio que faziam com os homens brancos e queriam obter todo o comércio para si.

MOSHI, DAGOMBA, GONJA

Os povos Moshi e Dagomba estão intimamente relacionados. As línguas deles são muito parecidas. Os Gonja são diferentes. Eles podem ter feito parte do Nta-fo, relacionado aos Guan ou Brong; mas há muito tempo eles foram conquistados por uma tribo Moshi, e muitos deles agora falam a língua Moshi. Na época do império de Melle, o povo Moshi era um poderoso reino. Em 1330, o rei de Moshi tomou a cidade de Timbuktu do império de Melle, mas foi expulso novamente pelo imperador Mansa Musa seis anos depois. Em 1477 o rei de Moshi estava lutando contra Sonni Ali, o imperador de Songhai. No primeiro, Moshi foi bem-sucedido e, em 1480, o rei de Moshi conquistou a própria Walata. Mas ele não conseguiu segurar; depois que seus homens estiveram em Walata por apenas um mês, Sonni Ali os expulsou novamente. Naquela época os portugueses estavam apenas começando a se interessar pelo comércio africano do Ocidente. Eles já haviam descoberto o ouro da Costa do Ouro; e dois anos depois que os Moshis foram expulsos de Walata, os portugueses construíram Elmina. Mas ao mesmo tempo os portugueses tentaram abrir rotas comerciais com o interior do Sudão. Um príncipe da nação Djolof do Senegal foi levado para ver o rei de Portugal, e ele contou ao rei sobre a grandeza e a glória de Sonni Ali e do rei de Moshi. Os portugueses enviaram um embaixador ao país Moshi e outro para Sonni Ali; mas antes que os embaixadores chegassem ao fim de sua jornada, Sonni Ali conquistou Moshi e tornou o país parte do Império Songhai. Quando o império Songhai foi destruído pelos mouros, o reino Moshi tornou-se independente novamente. Sua capital era Wagadugu, ao norte da Costa do Ouro, país francês. O próprio povo Moshi o chama de Natinga, que significa cidade do rei e Wagadugu é o nome hauçá para isso. Antes e depois dos cem anos quando os Moshi serviram Songhai, o reino Moshi era muito forte. Era uma aliança de três tribos, os Moshi, com sua capital em Wagadugu ou Natinga, os Mamprusi com sua capital em Gambaga, e os Dagomba com sua capital em Yendi. Os Mamprusi eram uma tribo forte; seu chefe Kugu é dito

ter lutado e conquistado até o Rio Níger ou Kwara³⁶. Os Dagomba dizem que eles vieram do Leste para a terra do império de Melle. Lá eles foram governados por um chefe da guerra a quem o povo Melle chamava de Tohajie ou Caçador vermelho, e ele ajudou o povo de Melle em suas guerras. Depois, eles se mudaram para o que é agora o extremo norte dos Territórios do Norte, e lá eles começaram a lutar contra o povo e conquistar um novo lar para si. Seu primeiro grande chefe foi Gbewa, neto de Tohajie. Gbewa teve muitos filhos: um deles, Tohugu, tornou-se o primeiro chefe dos Mamprusi, enquanto seu irmão Sitobu permaneceu em Walwale e governou os Dagomba. O filho de Sitobu, Nyagsi, foi um grande lutador e conquistou grande parte do atual país Dagomba das pessoas que viviam lá. Nyagsi era provavelmente o chefe dos Dagomba por volta de 1480 — na época em que os portugueses vieram para Elmina. Cem anos depois da época de Nyagsi, durante os últimos anos do Império Songhai, um chefe Mandingo chamado Sumaila Ndwura Jakpa ("o Portador da Lança") veio do Oeste com um exército e conquistou as tribos que viviam no antigo lar do Nta-fo. Essas tribos eram Akan, parcialmente misturadas com o povo Dagomba ou Moshi; eram chamadas de Gonja ou Gbanya. Jakpa transformou os Gonja em um povo forte, e conquistou com eles um país que vai de Bole a Daboya e Salaga, e para o leste até Basari em Daomé. Ele atacou os Dagomba. Dariziogo, o chefe dos Dagomba, veio e lutou contra ele; mas Jakpa e seus Gonja venceram, e Dariziogo foi morto na batalha. Depois disso os Gonja eram pessoas fortes, e muitas vezes faziam com que os Dagomba as servissem. Mas veio um chefe Dagomba chamado Zangina, que era um jovem, mas foi escolhido para chefe em vez de muitos homens mais idosos por causa de sua sabedoria. Reinou na época de Osei Tutu. Ele passou muitos anos construindo o poder Dagomba sem lutar, se preparando para o tempo em que seria forte o suficiente para se livrar do poder de Gonja, como Osei Tutu jogou fora o poder de Denkyera. A guerra veio quando Zangina era pessoa muito velha. Um grande chefe Gonja chamado Mahamman Wari Kumpati atacou os Dagomba; mas os Dagomba, sob um chefe chamado Asigeli, travaram uma grande batalha contra eles em Kirizan, perto de Tamale, e os derrotou completamente. Depois disso já não se falava dos Dagomba servindo aos Gonja. No tempo de Osei Kojo de Achanti, os Dagomba eram governados por um chefe cujo nome era Gariba. Mas havia um chefe rival que desejava se tornar chefe supremo dos Dagomba. Ele pediu aos Achanti que levassem Gariba para Achanti e o deixassem ser o chefe. Os Achanti estavam dispostos. Alguns dizem que Gariba tinha se gabado tolamente que

³⁶ Kwara é o antigo nome nativo do Níger

ele era um homem tão importante quanto o Asantehene. Um exército Achanti sob Kwamin Pete veio para o país de Dagomba. Gariba chamou o povo para levar suas armas; mas nenhum dos grandes chefes o obedeceria. Os Achanti vieram para Yendi e levaram Gariba embora, mas permitiram que o povo Dagomba o comprasse de volta por 1.000 escravos. Como tantos homens não podiam ser reunidos de uma só vez, os Achanti concordaram em levar 200 escravos todos os anos em vez disso. Desta forma, os Dagomba começaram a servir os Achanti, e eles continuaram servindo-os até 1874. Os Mamprusi e os Moshi não estavam nesta guerra, mas se os Dagomba achassem difícil para encontrar o número anual de escravos para Achanti, eles pediriam aos Mamprusi e aos Moshi para ajudá-los. Assim, todas as tribos menores do país foram invadidas para fornecer os escravos, e isso durou quase todo o tempo até que os homens brancos vieram para o país. A maioria desses escravos não foi vendida aos brancos, mas foram mantidos pelos Achanti, e eles eram alguns dos melhores soldados do exército Achanti.

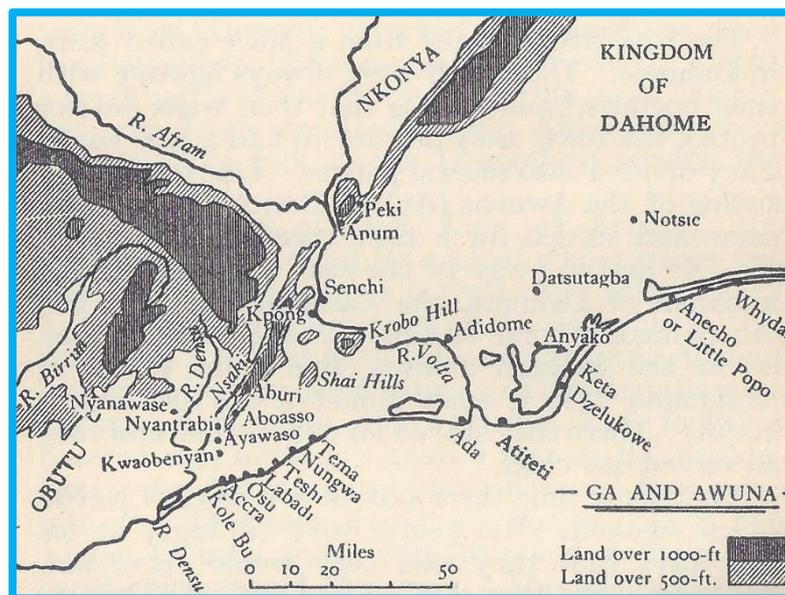
EWE

O povo Ewe veio de um lugar chamado Ketu em Daomé. Lá eles estavam sempre lutando com seus inimigos³⁷, e descobrindo que seus muros não protegiam a cidade, decidiram encontrar um novo lar. Eles se dividiram em várias seções.

Primeiro grupo, consistindo dos Awuna (*Anlos*), Be, Agu e Fõ, veio e se estabeleceu por um tempo juntos; e então os Fõ mudaram-se para o leste e fundaram o reino de Daomé, a Terra das Cobras. Os outros fizeram seu lar em um lugar chamado Notsie, que fica na moderna linha ferroviária de Lomé a Atakpame. (Isto é escrito Nouatya nos mapas franceses.) Lá eles ficaram por um longo tempo, e todos eles serviram a um chefe. Depois de algum tempo, surgiu um chefe malvado de Notsie chamado Agokoli. Seu povo estava tão zangado com seus maus caminhos que disseram que não o serviriam mais; e eles se dividiram em vários grupos para ir em busca de novos lares. Um homem chamado Wenya levou seu grupo para Atiteti, perto de Anyako, na margem da lagoa. Aí ele deixou alguns deles enquanto ia mais longe em busca de um bom lugar para uma cidade; e ele encontrou um lugar que chamou de Keta, a Cabeça da Areia. Lá seu povo construiu sua cidade, e seus filhos Akaga e Awanyedo se estabeleceram. Seu povo é agora chamado de Awuna ou Anlo. Depois que os Awuna estiveram em Keta por

³⁷ Provavelmente os Ioruba. Os Ioruba sempre foram os inimigos do povo Ewe, e houve muitas grandes guerras entre os reinos de Ioruba e Daomé.

algum tempo, Ashangmo e seus Accra vieram encontrar um novo lar. Isso nos mostra que Wenya deve ter deixado Notsie algum tempo antes de 1680 — talvez cerca de 1600, a mesma época que os Achanti estavam saindo "do buraco no chão". Parece ter havido um ótimo lidar com a migração ocorrida naquela época. Pode ter sido causada por dissolução do império Songhai e as constantes lutas que ocorreram entre os mouros e os povos do sul do Sudão — Territórios do Norte da Costa do Ouro e em outros lugares? No início, os Awuna ajudaram Ashangmo e seus Accra contra o rei de Daomé e o Akwamu. Mas quando os Accra de Pequeno Popo se tornaram o servo e amigo de Daomé, os Awuna se tornaram seus inimigos. Por volta de 1705, o chefe do povo Pequeno Popo, chamado Ofori, lutou contra o povo de Whydah; os Awuna o atacaram no caminho para casa, e o mataram. Depois disso, não houve mais guerras por um longo tempo entre os Awuna e os Accra de Pequeno Popo.



Este mapa mostra muitos dos locais da história dos Accra e Awuna, contidos nos capítulos II, VIII, XI e XII. Existem dois locais chamados de Atiteti. O marcado neste mapa é mais conhecido dos dois; mas aquele visitado por Wenya e seu povo é o que fica na praia norte da lagoa de Keta, bem a leste de Anyako.

Em 1750, os Awuna travaram uma guerra contra o povo de Ada e outros. Os Ada chamaram Twum Ampoforo de Akim e Sekyiam Tenten de Akwapim para os ajudar. Os Awuna foram derrotados; mas um chefe chamado Anyamakpa os reuniu após a batalha, e os levou a lutar novamente, e eles fizeram o inimigo pagar pesadamente por sua vitória. Depois, eles atacaram o povo Ada e os levaram por um tempo para ir para Ningo pela

paz. A primeira guerra durou dezessete anos, e a segunda eclodiu em 1776, apenas nove anos após a paz ter sido feita.

Em 1784, mais uma guerra estourou. Um comerciante dinamarquês em Keta brigou com alguns do povo Keta, e ele foi maltratado. Os dinamarqueses decidiram punir os Awuna por isso, e eles reuniram um grande exército entre os Accra, Ada, Akwapim e Krobo para ajudá-los. Eles cruzaram o Volta, e avançaram, queimando todas as aldeias, até chegarem a Keta. Os Awuna lutaram contra com sucesso em ação de retaguarda contra a guarda avançada do inimigo, mas eles não puderam parar o avanço, e tiveram que pedir paz.

Uma das condições que os dinamarqueses concordaram em fazer a paz foi que os coordenados dessem permissão para construir um forte em Keta; eles construíram e chamaram de forte *Prinzenstein*. Essa guerra é chamada de guerra de Sagbadre; Sagbadre era o nome que os Awuna deram ao comerciante dinamarquês que era a causa do problema. A construção do Forte *Prinzenstein* trouxe mais problemas aos Awuna. Nestes tempos em que o povo Beta não era Awuna; eles eram uma pequena tribo relacionada ao Awuna, que morava a poucos quilômetros de distância. Havia muitas pequenas brigas entre os dinamarqueses e o povo Keta, especialmente depois que os Pane pararam o comércio de escravos em 1792. O governador dinamarquês do forte *Prinzenstein* ordenou ao chefe da cidade para vir vê-lo no forte para falar sobre os problemas, mas o chefe não veio. Então o governador adicionou soldados, que mataram o chefe. Imediatamente o povo Keta veio e atacou o forte; e os dinamarqueses pediram aos Awuna para os ajudar. Os Awuna aconselharam o povo Keta a aceitar dinheiro dos homens brancos pela morte de seu chefe, mas o povo Keta disse que não ficaria contente com o dinheiro. Os Awuna voltaram para casa e decidiram lutar para continuar. O governador dinamarquês foi morto ao tentar escapar, e então o povo Keta ficou satisfeito.

O próximo governador pediu novamente aos Awuna que ajudassem contra o povo Keta. Os Awunas concordaram e combinaram com os Keta para carregar suas armas com pólvora, mas não com projéteis. Mas algumas das pessoas Keta usaram projéteis e mataram alguns dos Awunas.

Os Awunas estavam com raiva; eles carregaram suas armas e derrotaram o povo Keta e tomaram a cidade. A cidade foi completamente destruída, e ficou vazia por alguns anos, até que um homem chamado Lagbo a reconstruiu; e os Awuna fizeram seu lar ali.

CAPÍTULO IX

OS COMEÇOS DAS GUERRAS ACHANTI

A primeira coisa que levou os Achanti à guerra contra os ingleses foi uma briga que, em primeiro lugar, nada tinha a ver com os homens brancos. O povo de Assin vive a oeste dos Akim, no local onde o Birrim corre para o Pra e o lugar onde o Pra se volta para o sul. Eles formam duas divisões, Assin Apimenem no leste e Assin Atandaso no oeste. Ambas divisões serviam aos Achanti. Nesta época, 1800, Assin Apimenem era governado por um chefe chamado Amo Adae, e Assin Atandaso foi dividido entre dois chefes, Kwadwo Otibu e Kwaku Aputae. Em 1805, um dos subchefes de Amo Adae morreu, e quando seu corpo foi enterrado, ouro e outras coisas valiosas, é claro, foram enterradas com ele. Então aconteceu que um dos homens de Kwaku Aputae estava no funeral. Depois ele retornou secretamente, abriu a sepultura, roubou o ouro e fugiu de volta para seu país.

Amo Adae descobriu o que havia sido feito e enviou mensagem aos dois chefes de Assin Atandaso para pedir-lhes que mandassem o homem de volta. Eles não atenderam; então Amo Adae foi enviado para Kumasi e pediu ao Asantehene para julgar o caso. Osei Tutu Kwamina ordenou que Kwadwo Otibu e Kwaku Aputae, bem como Amo Adae, viessem para Kumasi para o julgamento. Os dois últimos foram; mas Kwadwo Otibu, que era um homem velho, não iria, dizendo que a viagem era grande demais para si. O Asantehene ouviu o caso, e ordenou que Kwaku Aputae pagasse à família do morto o valor do ouro que seu homem roubou. Mas ele escapou de Kumasi, foi para casa e reuniu um exército e fez guerra contra Amo Adae. Depois que a guerra durou um pouco e nenhum dos lados estava ganhando, o Asantehene ordenou que os dois chefes parassem de lutar. Amo Adae obedeceu, e começou a marchar para casa; mas Kwaku Aputae de repente o atacou na estrada e o espancou. Então ele pegou os mensageiros de Kumasi e cortou suas cabeças. Por isto, claro, o Asantehene teve que entrar na guerra. Ele enviou os homens de Agogo, Akim Bosome e Adansi para punir Kwaku Aputae. Eles o espancaram e a Kwadwo Otibu em Prasu, e embora tenham perdido muitos homens, eles destruíram o exército Assin. Osei Kwamina e o Asantehene recompensaram esses três tamboretas permitindo-lhes fazer "*Prasu*" como um juramento; e até hoje é um dos maiores juramentos nessas divisões. Kwadwo Otibu e Kwaku Aputae escaparam da batalha, e fugiram para Asikuma.

O Asantehene então enviou mensagem ao chefe de Asikuma e pediu-lhe que enviasse os dois chefes para Kumasi. Mas antes que ele pudesse fazer isso, eles fugiram novamente e foram para Abora, onde se reuniam os chefes da Confederação Fante. Os mensageiros Achanti os seguiram, e os chefes Fante tiveram que decidir se mandariam os chefes Assin de volta ao Asantehene, como ele pediu, ou não. Isto foi uma escolha difícil e importante. A briga não tinha nada a ver com eles, e foi difícil mandar de volta para serem mortos dois homens que tinham vindo, confiando neles, para pedir proteção. Se eles desistissem dos homens, eles poderiam possivelmente fazer os Achanti sentir que os Fante eram seus súditos. Por outro lado, se eles recusassem, haveria uma guerra, pois, o Asantehene fez o grande juramento (*Ntamkese Mmiensa*) e então voltar sem as cabeças de Kwaku Aputae e Kwadwo Otibu representaria um grande problema.

A questão era se os Fante conseguiriam resistir aos Achanti. Eles pensaram que poderiam. Não havia nenhuma outra potência na costa forte o suficiente para derrotar os Fante, e eles nunca haviam lutado contra os Achanti. Talvez, também, eles pensaram que poderiam obter ajuda dos homens brancos. De qualquer forma, os chefes Fante e o povo recusou-se a desistir dos chefes de Assin, e eles se recusaram, também, a enviar mensageiros para Kumasi para falar sobre o assunto. Então Osei Kwamina enviou novamente mensagem a Abora, para perguntar aos Fante se deixariam seu exército vir para encontrar os chefes Assin por si mesmos. Eles se recusaram, e mataram os mensageiros. Os Achanti vieram e os atacaram. O povo de Asikuma ficou no caminho dos Achanti e tentou ajudar os Fante, mas foram derrotados. Os Fante foram derrotados em uma grande batalha em Abora, e os Achanti prosseguiram através de Mankesim até o mar em Anomabu.

Otibu e Aputae haviam estado em Anomabu; mas eles temiam que os Achanti iriam lá e os encontrariam, então eles foram para Cape Coast e imploraram ao governador inglês, coronel Torrane, para protegê-los. O governador inglês agora tinha a mesma pergunta para responder que os chefes Fante tiveram que responder ao conselho de Abora.

Ele não teve nenhuma disputa com os Achanti, e ele não sabia de nada sobre os acertos e erros da questão entre os chefes Assin e o Asantehene. Ele sabia pouco sobre a nação Achanti; mas ele sabia que os dois chefes certamente seriam mortos se fossem levados. Ele tomou sua decisão. Prometeu que os protegeria, "seja por mediação ou pela força das armas", isto é, ele iria primeiro falar com o Asantehene e tentar amolecê-lo,

mas se ele não conseguisse, ele iria lutar. Desta forma, ele trouxe os ingleses para a disputa.

Os Achanti vieram para o Anomabu. Uma parte de seu exército, os Denkyera, foi para Kormantine, a cinco quilômetros de distância, e tomou o forte holandês de Amsterdã. Os holandeses os deixaram entrar sem lutar. O Denkyerahene morou lá, e enviou várias cabaças cheias de água do mar para o Asantehene como um sinal de sua vitória. Enquanto os Achanti estavam se aproximando cada vez mais, o povo de Anomabu começou a ter medo, e pediram ao Sr. White, o governador inglês do castelo de *Anomabu*, para protegê-los. O Sr. White enviou mensagem para perguntar ao Denkyerahene o que ele queria e por que ele estava vindo para a Anomabu. O Denkyerahene pensou que os ingleses deviam saber a causa do problema, então ele enviou de volta uma resposta que, se os ingleses lhe mandassem algumas armas e pólvora; ele contaria tudo o que queriam saber.

O governador, é claro, recusou; e ele disse aos Denkyera que se eles tivessem algum motivo real para reclamar do povo Anomabu, ele tentaria colocar direito a questão; mas caso contrário, ele iria protegê-los contra os Achanti, era como agiria. Em 14 de junho de 1807, o povo Anomabu saiu e atacou um grupo dos Achanti em Egya, a apenas um quilômetro de distância, mas foram derrotados, e os Achanti chegaram mais perto da cidade. No dia seguinte, os Achanti atacaram a própria cidade de Anomabu. As onze da manhã o povo Anomabu corria em direção ao forte, com os Achanti os perseguindo; 2.000 pessoas estavam abrigadas no próprio forte, com apenas vinte e cinco homens para defender o lugar, e muitos mais estavam fora dos muros, na esperança de que os Achanti não ousassem se aproximar das armas e pegá-las. Muitos do povo Anomabu pegaram suas canoas e rumaram para o mar. Muitos pularam na água e nadaram até uma pequena rocha no mar. Mas a maioria deles foi perseguida pelos Achanti até a praia e mortos lá.

Então o governador do castelo começou a disparar com duas de suas grandes armas, que apontavam ao longo da praia; e centenas de Achanti foram mortos. Mas isto não assustou aos Achanti, como o Sr. White esperava. Eles seguiram em frente apesar dos tiros; vieram até as paredes do forte e começaram a levar embora as mulheres que estavam abrigadas lá; e centenas deles atacaram o próprio forte.

Os Achanti não conseguiram escalar as paredes ou quebrar as portas. Mas as aberturas para os grandes canhões eram tão grandes que os homens atirando poderiam facilmente ser vistos e alvejados pelos Achanti. Em muito pouco tempo, apenas oito dos vinte e cinco homens ainda eram capazes de

continuar lutando, e eles tiveram que deixar as grandes armas e escapar para baixo e atirar com seus mosquetes ou pequenas armas. Eles lutaram o dia todo, e quando chegou a noite os Achanti ainda não haviam conseguido entrar no forte. Na manhã seguinte a luta recomeçou e os ingleses temeram que teriam que ceder. Eles tinham pouca comida, e as 2.000 pessoas que protegiam logo estariam morrendo de fome. Os oito homens que ainda estavam ilesos estavam todos cansados e sofrendo do sol; e ao redor deles jaziam milhares de cadáveres, mortos na luta de dois dias antes. Mas eles conseguiram enviar uma canoa para Cape Coast para avisar o coronel Torrane o que estava acontecendo. Naquela mesma tarde, novas tropas chegaram do Cape Coast para ajudá-los, e eles trouxeram ordens do coronel Torrane para mostrar uma bandeira de trégua e tentar fazer as pazes com os Achanti.

A luta foi interrompida. Mensageiros foram enviados pelos ingleses para os Achanti, e o Asantehene disse que ele não tinha nenhuma contenda com os homens brancos, e ficaria feliz em fazer as pazes. O próprio coronel Torrane veio de Cape Coast para acertar os termos da paz. Ele temia que pudesse achar difícil satisfazer o Asantehene, e ele decidiu oferecer-lhe um presente. Ele enviou soldados para as casas em Cape Coast, onde Kwadwo Otibu e Kwaku Aputae viviam, com ordens para levar os dois chefes e trazê-los para Anomabu. Os chefes de Cape Coast imploraram que não desistisse dos homens que prometera proteger; mas Torrane não quis ouvir. Otibu foi levado, mas Aputae lutou bem e escapou. Muitos de seus homens foram levados pelo povo de Cape Coast como escravos. Otibu foi entregue ao Asantehene, que o matou. O Asantehene, claro, estava muito satisfeito por ter seu inimigo em seu poder; mas ele não pensou bem do governador por desistir. "Desde a hora em que Torrane entregou Otibu", disse ele, "peguei o inglês para incluir entre meus amigos, porque vi que o objetivo dele era apenas o comércio, e ele não cuidava das pessoas". Esta, é claro, era a verdade exata. Torrane, como todos homens brancos no país naquela época, era um comerciante, não um oficial do governo. Sem dúvida, ele temia que os Achanti pudessem destruir Cape Coast e destruir o comércio com isto; embora os povos da costa, mesmo como estavam, apenas passassem o comércio para trás e para a frente entre os europeus e Achanti. Não era da sua conta "preocupar-se com o povo". Mas, mesmo assim, foi uma coisa ruim que Torrane fez. Ele não precisava prometer proteger os chefes Assin em tudo; mas como ele prometeu, foi certamente seu negócio manter sua promessa. O coronel Torrane veio para Anomabu, e teve várias conversas com o Asantehene. Eles arranjaram um acordo, mas nada foi escrito, para

que nós não pudéssemos ter certeza do que foi acordado. Mas um dos homens que lutou no castelo em Anomabu estava nas reuniões, e ele nos disse que Torrane concordou que todas as terras dos Fante agora pertenciam a Achanti, incluindo Cape Coast e outras cidades. O Asantehene concordou em deixar os europeus julgar os casos, e ter alguns outros poderes nas cidades onde ficavam seus castelos; e não lutar mais contra os ingleses enquanto eles não o fizessem mal. A paz quase chegou ao fim com a questão do que era para ser feito com as 2.000 pessoas que se abrigaram no forte de Anomabu. O Asantehene queria levar todos eles. O coronel Torrane queria mantê-los. No final, eles concordaram em dividir o número. Torrane pegou 1.000 e os vendeu como escravos. Mas havia um inglês melhor na costa do que Torrane. Senhor John Swanzy, que foi governador do forte James em Accra, era membro do Conselho do governador. Ele estava doente de cama quando ouviu o que o governador e o Conselho haviam feito sem ele. Ele se levantou, pegou uma canoa e foi até Cape Coast para protestar. Ele comoveu Torrane e o resto, e eles prometeram não vender todos aqueles que ainda não foram vendidos. Eles o fizeram; mas quase todos os do povo Anomabu já tinha ido para a América nos navios negreiros, e havia muito poucos deixados para serem libertados. O Sr. Swanzy, tendo feito o que podia, voltou a sua canoa e retornou para Accra. A longa jornada e o calor do sol foram demais para ele; sua febre piorou e ele morreu assim que chegou a Accra.

Depois disso, os Achanti deixaram Anomabu e foram para Kormantine, onde um exército de Fante se reuniu para enfrentá-los sob Akum Ani de Asikuma³⁸ e Kwaku Aputae. Os Fante foram derrotados, mas os Achanti não puderam persegui-los pois o rio Oki estava atrás dos Fante, e quando eles o cruzaram, os Achanti, não conhecendo os vaus, não poderiam seguir. Depois disso, os Achantis se moveram ao longo da costa em direção a Accra. Em Winneba, o próprio Asantehene entrou no mar até onde ele poderia, e voltou, dizendo que não havia encontrado, nem mesmo no mar, qualquer inimigo que poderia ficar contra ele. A partir disso, ele tomou o nome de Bonsu, uma baleia.

Em Winneba, o exército Achanti ficou tão doente que o Asantehene direcionou sua marcha ao longo da costa marítima e voltou para Kumasi. Quando os Achanti foram, os Fante decidiram punir o povo de Elmina e Accra por serem amigos dos Achanti. Houve muita luta, mas os Fante nunca foram capazes de tomar as cidades de Elmina ou Accra. Os Wassaws

³⁸ Provavelmente Akum Ani II. O povo Asikuma diz que seu chefe Amoakoa II estava presente no conselho de Abora; se sim, ele deve ter tido um reinado muito curto, entre Akum Ani I, que recebeu os chefes Assin, e Akum Ani II, que lutou em Koromantine.

ajudaram os Fante, e por dois anos ou mais o comércio foi interrompido e os caminhos foram bloqueados por combates. O povo de Cape Coast juntou-se aos Fante contra Elmina, embora o governador inglês avisou-os de que o Asantehene não os perdoaria por isso, e um dia viria a Cape Coast para puni-los.

Em 1811, o Asantehene enviou dois exércitos para ajudar seus aliados na costa. Appia Dankwa foi enviado com um pequeno exército para ajudar os Elminas, enquanto Opoku Fereferere foi enviado com um exército muito maior para ajudar os Accra. Ele enviou o Atta Wusu Yiakosan, chefe de Akim Abuakwa, e ordenou-lhe que trouxesse seus homens para se juntarem a Opoku Fereferere. Atta Wusu havia ajudado os Achanti antes, e lutou em Anomabu. Mas agora ele se recusou a ajudá-los mais. O antigo ódio dos Akims contra os Achanti se mostrou novamente. Ele matou os mensageiros Achanti. Ele enviou para Akwapim mensageiros para pedir aos Akwapim que se juntassem a ele contra os Achanti. O chefe de Akwapim, Kwao Saforo Twie, concordou; e os Akwapim e os Akim Abuakwa esperaram nas margens do Pra por Opoku Fereferere e seus Achanti.

Em fevereiro de 1811, ele cruzou o rio e travou uma batalha com os Akwapim e Akim Abuakwa. Os Achanti perderam tantos homens na batalha que Opoku Fereferere não se atreveu a avançar para Akim. Mas os Accra ouviram que os Achanti estavam vindo para ajudá-los; e eles enviaram um grande exército para atacar os Akim na retaguarda.

Os Akim e os Akwapim não esperaram ser espremidos entre os Achanti e os Accra. Eles se separaram, os Akim para o país dos Fante e o Akwapim em direção a Krobo e Ada. Atta Wusu e seus Akim Abuakwas acabavam de chegar na hora de ser uma grande ajuda para os Fante. Appia Dankwa e o exército Achanti chegaram à costa e travaram uma batalha em Apam contra o exército de Fante. Isto foi uma luta dura, mas no final os Fante foram derrotados; mas o exército de Appia Dankwa em verdade nunca tinha sido grande, e ficou muito menor depois que ele perdeu muitos homens na batalha.

Uma semana depois, chegaram os Akim. Appia Dankwa começou a recuar em direção aos Achanti. Atta Wusu foi atrás dele, lutou contra ele e o derrotou. Ele então começou a preparar-se para marchar para o leste para ajudar seu amigo Kwao Saforo Twie de Akwapim contra Opoku Fereferere; mas antes que pudesse iniciar sua marcha, adoeceu e morreu. Então Kwao Saforo Twie e os Akwapim tiveram que lutar contra os Achanti sem qualquer ajuda dos Akim. Muitos dos Akwapim voltaram para suas próprias colinas.

Opoku Fereferere foi até Ada para encontrar o chefe, mas não conseguiu encontrá-lo. Destruiu a cidade de Ada e seguiu os Akwapim em suas colinas. Mas seu exército estava desgastado; os Akwapim conheciam o país; e Kwao Saforo Twie, ouvindo quão cansados e fracos os Achanti estavam, saíram e lutaram uma dura batalha contra eles. Ele não poderia derrotá-los. Mas os Achanti perderam tantos homens que a vitória era quase tão ruim quanto uma derrota. Os Akwapim após a batalha tiveram uma posição no topo da colina Krobo. Os Achanti tentaram duas vezes subir a colina para o ataque. Eles foram rechaçados duas vezes. Em setembro, o Asantehene os chamou de volta a Kumasi, com seu trabalho ainda não concluído. Enquanto esta guerra estava acontecendo, o governo inglês fez uma lei para impedir o comércio de escravos. Por alguns anos, Wilberforce e outros homens tentaram fazer as pessoas na Inglaterra verem o quão perverso era o comércio de escravos. Tornou-se ilegal em 1º de maio de 1807, embora a escravidão em si não tenha se tornado ilegal até 1834. A Inglaterra não foi a primeira nação a abandonar esse comércio. A Áustria desistiu vinte e cinco anos antes, e a Dinamarca e a América não ficaram muito atrás. Mas os ingleses escravistas eram os maiores comerciantes, e era muito mais importante para a Inglaterra não desistir do comércio do que para outros países. O comércio não parou assim que a lei foi aprovada. Os Achanti, que pegavam os escravos, e os Accra e Fante, que enriqueceram vendendo-os aos homens brancos, não queriam que o comércio parasse. Muitos ingleses e americanos e outros infringiram a lei e passaram a traficar escravos em navios pequenos e rápidos, que poderiam escapar dos navios de guerra que foram enviados para detê-los. Mas depois de um pouco de tempo os Achanti e outros descobriram que era difícil vender todos os escravos que eles levaram, e eles gradualmente pararam de trazê-los para a costa. Aos poucos, também, os navios de escravos foram apanhados e seus proprietários punidos. Os escravos foram libertados, e muitos deles foram levados de volta para a África e receberam terras em Serra Leoa. Eles eram de muitas tribos diferentes, e teria sido impossível levar cada homem de volta para sua casa; então os ingleses compraram algumas terras em Serra Leoa e as transformaram em uma colônia. A capital ainda se chama Freetown, porque era uma cidade de homens livres que já foram escravos. Os americanos também enviaram alguns escravos de volta para África, e deram-lhes uma terra que chamaram de Libéria: o nome é feito de uma palavra latina que significa livre. A escravidão em si não se tornou ilegal no Império Britânico até 1834, e na América até trinta anos depois; mas quando o comércio de escravos parou, os males que trouxe para a África Ocidental gradualmente morreram.

CAPÍTULO X
ACHANTI DE 1814 A 1838: OSEI BONSU
E OSEI YAW ADOTO

Os Achanti não se contentariam em deixar as coisas como estavam depois que Opoku Fereferere havia retornado a Kumasi. Em 1814, o Asantehene enviou mais dois exércitos para a costa para punir os Akim e Akwapim e fazê-los servi-lo mais uma vez. Um exército, comandado por um general chamado Amankwa Abinowa, marchou para Akim.

O outro, sob Appia Dankwa, foi em direção a Winneba para encontrar os Akim, se eles deveriam recuar dessa forma novamente, como fizeram na época de Atta Wusu. Amankwa Abinowa derrotou os Akim em Egwa-arru e marchou até Accra. Mas os Akim não vieram, e imploraram por paz, como ele esperava. Ele ficou perto de Accra por quase um ano, esperando que o fizessem; e embora os Acra fossem os amigos dos Achanti, eles aprenderam a não gostar dos Achanti quando os viam com tanta frequência. Os Achanti não os tratavam como amigos, mas os tratavam como se servissem aos Achanti. A partir dessa época, os Accra começaram a odiar os Achanti; e não muito depois eles foram capazes de lhes causar muitos problemas. Quando Amankwa descobriu que os Akim e os Akwapim não viriam ele decidiu ir até eles e marchou para Akwapim. Lá ele recebeu uma mensagem do Asantehene de que ele não deveria voltar para Kumasi a menos que ele trouxesse consigo as cabeças de Kwao Saforo Twie e o novo chefe de Akim Abuakwa, Kwadwo Kuma.

Appia Dankwa havia chegado a Winneba e morreu ali. O Asantehene enviado a Amankwa para dizer-lhe que marchasse com seu exército para se juntar ao exército de Appia Dankwa no país Fante, e assumir o comando de ambos os exércitos. Ele o fez; e então, pensando que Kwao Saforo Twie e Kwadwo Kuma tinham ido para Cape Coast, como Kwadwo Otibu e Kwaku Aputae tinham feito, ele marchou com um grande exército em direção a Cape Coast. Os dois chefes não estavam lá. O governador inglês mandou um enviado para perguntar Amankwa por que ele veio para Cape Coast; e Amankwa respondeu que foi enviado para encontrar Kwadwo Kuma e Kwao Saforo Twie, e ele os seguiria, mesmo que eles se jogassem no mar, ou se enterrassem no solo, ou se escondessem eles próprios em uma rocha. Quando ele viu que eles não estavam lá, ele se moveu em direção a Accra. Perto de Nkum, Kwadwo Kuma foi cercado; e quando ele viu que seria levado, se

matou. Um pouco depois, Kwao Saforo Twie também foi morto. Amankwa então voltou para Kumasi, tendo feito seu trabalho. Em 1817 o inglês enviou mensageiros a Kumasi para fazer um Tratado de amizade com Achanti. O Asantehene estava pronto para fazer o Tratado, e a princípio tudo parecia estar indo bem. Então surgiram problemas com a questão das Notas para os fortes europeus.

Quando o coronel Torrane pagou aos Achantis o dinheiro para Cape Coast e Anomabu, os chefes Fante mantiveram eles próprios as notas, em vez de as dar para o Asantehene; e eles lhe deram notas para somas muito menores de dinheiro. Os ingleses pagaram a eles todas as somas, e eles pagaram aos Achanti uma parte do dinheiro. Osei Bonsu descobriu o truque e pensou que os homens brancos estavam tentados a enganá-lo. Mas um dos mensageiros ingleses, o Sr. Bowdich, conseguiu explicar o assunto. Por fim, o tratado estava pronto. Duas cópias foram feitas; o Asantehene manteve uma cópia e a outra foi retirada pelo Sr. Bowdich e entregues ao governador. O Tratado dizia que sempre haveria paz e amizade entre os ingleses e os Achanti. Se os Fante ou qualquer pessoa que vivesse sob proteção dos ingleses fizesse qualquer mal aos Achanti, o Asantehene deveria reclamar ao governador em Cape Coast, e ele corrigiria a questão. Caberia ao governador punir qualquer pessoa Achanti nas cidades costeiras que cometesse qualquer erro, mesmo pequeno; mas qualquer um que cometesse um grande crime seria mandado de volta para Achanti. Um oficial britânico deveria ser autorizado³⁹ a viver em Kumasi para ser o porta-voz britânico do Asantehene. Um dos homens brancos ficou em Kumasi depois que o Tratado foi assinado, enquanto os outros voltaram para Cape Coast. Poucos meses depois, o Asantehene teve que desviar os olhos de Cape Costa e olhar em outra direção. Kwadwo Adinkera Kakiri, chefe de Gyaman, havia feito para si um tamborete de ouro. O Asantehene soube disso e enviou um homem para Gyaman para despojá-lo. O chefe Gyaman lhe deu o tamborete, mas então ele mesmo fez um outro. Osei Bonsu foi enviado para levar esse também; mas Adinkera Kakiri não desistiria, pois ele disse que todas as mulheres iriam rir dele. Havia outras causas de briga além disso. Então veio a guerra. O exército Achanti marchou em direção ao país Gyaman, e encontrou o exército Gyaman pronto para isso nas margens do rio Tain. Os Achanti atacaram. A batalha foi longa e difícil, tanto para os Achanti quanto aos Gyaman que bem lutaram. Depois de muita luta, o chefe de Kokofu, chamado Offe Akwesi, mandou enviado para dizer ao Asantehene que ele

³⁹ Depois de 1707, a Inglaterra e a Escócia tornaram-se um só país. De agora em diante, vamos chamá-los, não ingleses; mas britânicos.

estava com sede. O Asantehene enviou-lhe sessenta xícaras de água, mas Offe Akwesi recusou e disse que a única água que ele queria era a água do rio Tain. Agora, o rio Tain corria na retaguarda do exército Gyaman. Ele disse que iria buscar algumas; mas nenhuma das outras divisões Achanti foi com ele. Por fim, o Akim Bosomes, sob seu chefe Koragye Ampaw, disse que eles iriam consigo; então eles foram juntos, 300 homens ao todo. Eles lutaram a seu modo bem no meio do exército inimigo, e eles realmente alcançaram o rio, de modo que Offe Akwesi bebeu a água; mas eles perderam terrivelmente no caminho. Apenas, dos Akim Bosomes, 120 homens foram mortos nessa luta. Quando os Akim e os Kokofu alcançaram a margem do rio, eles conseguiram enviar uma mensagem ao Asantehene para dizer que tinham conseguido, e Opoku Ferefere Obuabasa, o Gyasehene de Achanti, foi enviado para ajudá-los. Enquanto isso, outros do exército Achanti estavam lutando para avançar em uma ala da batalha. A escuridão veio, e ambos os lados pararam; e na manhã seguinte a batalha começou novamente.

A ala direita dos Achanti, composta pelos homens de Juaben, Bekwai, e outros, quase alcançaram o rio, e depois de uma pequena luta no segundo dia, eles conseguiram cruzá-lo. Em seguida, atacaram os Gyaman em duas colinas de pé na margem oposta. Assim como eles se firmaram na primeira colina, depois de uma luta dura, chegou a notícia de que Adinkera foi morto, e quando os Gyaman souberam disso, seu chefe⁴⁰ estava morto, eles cederam. Por sua bravura nesta batalha, o Akim Bosomes recebeu o juramento de "Gyaman"; o chefe de Kokofu assumiu o nome Okogyeeasuo, ou o homem que luta para chegar ao rio⁴¹. Enquanto esta guerra continuava, os comerciantes Achanti que foram para a costa tiveram que jurar não dar nenhuma notícia ao povo da costa do que ia acontecendo. Claro, todo tipo de história logo se espalhou, e os Fante acreditavam que as notícias deveriam ser ruins para os Achanti, ou então os Achanti iriam logo dizer isso. Alguns disseram que Adinkera e os Gyaman estavam avançando para tomar Kumasi.

Assim, os Fante começaram a abusar e rir dos Achanti que encontraram; e mesmo quando mensageiros vieram de Kumasi para contar as notícias da vitória dos Achanti no rio Tain, eles não foram levados a sério. Especialmente o povo Kommenda que abusou dos mensageiros, mas em Cape Coast e em outros lugares também eles tiveram um péssimo tempo.

⁴⁰ Sem dúvida, era o mesmo general que o homem que lutou contra Atta Wusu e Kwao Saforo Twie.

⁴¹ É estranho que tanto Opoku Ware quanto Osei Bonsu tenham que lutar contra um chefe de Gyaman que tinha feito para si um tamborete de ouro. Abo Kofi e Adinkera realmente fizeram tamboretos dourados, ou é a história que alguém disse erroneamente sobre os dois?

Eles se lembraram do Tratado e foram reclamar com o governador de Cape Coast. Mas o governador, Sr. Hope Smith, não os ajudou. No ano seguinte, 1819, o rei da Inglaterra enviou um oficial chamado Dupuis para ser o primeiro porta-voz britânico em Kumasi. Infelizmente, o Sr. Dupuis e o Sr. Hope Smith não gostavam um do outro, e como um foi nomeado pelo Rei e o outro por uma empresa comercial, eles discordavam em muitas coisas. Antes que o Sr. Dupuis fosse para Kumasi, de Cape Coast, o Asantehene enviou um mensageiro, um porta-espadas chamado Akra Dehi, para reclamar ao governador que os Fante e outros (especialmente os Kommenda) o haviam abusado, e para pedir ao governador que os punisse. O intérprete traduziu a mensagem para o inglês e transformou-a de uma mensagem amigável em uma guerra; ele acrescentou no final da mensagem que o Asantehene certamente viria para Cape Coast em quarenta dias e puniria aqueles que o abusaram. Isso não fazia parte da mensagem real de forma alguma. Isso fez o governador ficar muito zangado. Sem dúvida ele pensava que o assunto era pequeno, pois os homens brancos não se sentem tão magoados por serem abusados como os africanos, e eles são ensinados quando são crianças a não se importar se as pessoas riem deles e os ponham apelidos. Os ingleses têm um provérbio: "Palavras duras não quebram ossos"; nesta matéria os costumes das duas raças são bastante diferentes. Então o governador sem dúvida pensou que não havia nada para fazer tanto barulho. E quando ele ouviu sobre os quarenta dias, respondeu apenas que o Asantehene poderia descer assim que ele gostasse; mas o governador não faria nada contra os Kommenda. Quando o Asantehene ouviu isso, ele enviou outros mensageiros; e como o governador ainda não puniria os Kommenda, ele finalmente enviou sua cópia do Tratado. O mensageiro que trouxe a mensagem pediu ao governador que a lesse e visse e ele não quebrou o Tratado; pois o Asantehene pensava que pelo Tratado o governador deveria ter pelo menos indagado sobre o assunto Kommenda e outros, e se ele descobrisse que os Kommenda estavam errados, ele deveria tê-los punido. Quando o governador olhou para a cópia do Tratado do Asantehene, ele descobriu que havia muitas coisas nele diferentes de sua cópia. Ninguém sabe como surgiram as diferenças; sem dúvida, o funcionário que o copiou foi descuidado. Mas isso foi uma pena porque fez o governador e o Asantehene pensarem de forma diferente. O governador leu o Tratado em voz alta, e os mensageiros Achanti disseram que eles exigiam que o governador fizesse o que o tratado dizia que ele deveria fazer, ou então pagasse 1.600 onças de ouro. O governador disse que eles deveriam retirar essas palavras antes que ele lhes falasse. O Sr. Dupuis foi então para Kumasi, onde Osei Bonsu o recebeu gentilmente.

O Sr. Dupuis perguntou por que ele disse ao governador para pagar-lhe ouro. O Asantehene imediatamente mostrou a ele sua cópia do Tratado e disse que encontraria escrito lá que se ele quebrasse o Tratado, ele deveria pagar ouro ao governador, e se o governador quebrasse o Tratado, ele deveria pagar ouro ao Asantehene. O Sr. Dupuis leu e não encontrou nada dito sobre nenhuma forma de pagamento; e o Asantehene ficou muito zangado e surpreso, dizendo que sempre acreditou que o Tratado mencionou isso. No final, ele e o Sr. Dupuis rasgaram o antigo Tratado e fizeram um novo. No novo Tratado, o Asantehene desistiu de sua reivindicação de 1.600 onças de ouro e prometeu novamente ser amigo dos britânicos. O britânico (através do Sr. Dupuis) prometeu considerar o Asantehene como o mestre do País de Fante. Foi acordado que o povo de Cape Coast não deveria ser coberto pela paz até que eles tivessem resolvido sua disputa com o Asantehene, mas Osei Bonsu prometeu que não destruiria a cidade de Cape Coast nem mataria seu povo. No dia seguinte, o Sr. Dupuis voltou a Cape Coast, levando consigo o novo Tratado. Ele estava acompanhado por mensageiros especiais Achanti, que deveriam ir para a Inglaterra com ele e levar presentes para o rei inglês. Mas o governador não concordou com o Tratado; ele não permitiria que os mensageiros Achanti entrassem no Castelo de Cape Coast; e ele não os deixaria ir para a Inglaterra. Ele estava muito nervoso, e não concordaria com o Tratado por causa do que dizia sobre o povo de Cape Coast; mas Sr. Dupuis fez o Tratado para o Rei da Inglaterra, não para o governador de Cape Coast, e o governador não tinha o direito de concordar ou discordar⁴². O Sr. Dupuis, descobrindo que os Achanti não poderiam ir para a Inglaterra com ele, foi sozinho; e ele disse a Osei Bonsu que apresentaria o assunto ao governo britânico em Londres. Osei Bonsu esperou dez meses, mas não teve notícias da Inglaterra, e então ele disse aos Achanti para não irem mais para Cape Coast, mas sim para os fortes holandeses e dinamarqueses. Em 1821, o governo britânico em Londres fez uma lei para tomar os fortes britânicos na Costa do Ouro aparte da Companhia Africana, colocando-os sob o governo do Rei da Inglaterra e seus oficiais; e Charles McCarthy, o governador do rei de Serra Leoa recebeu a ordem de tomar os fortes da Costa do Ouro sob seus cuidados. Esses fortes foram: Cape Coast, Anomabu, Accra, James, Apollonia (em Beyin), Dixcove, Kommenda, Tantamkweri e Winneba; e ao lado destes, havia estações britânicas em Sekondi, Prampram e alguns outros lugares, embora eles não fossem fortificados e armados com grandes armas. Charles McCarthy veio para a Costa do Ouro e assumiu o

⁴² Lembre-se de que o governador, até 1821, era o gerente de uma empresa comercial, não um oficial nomeado pelo rei. Por outro lado, é claro, o Sr. Dupuis não tinha o direito de entregar os Fante aos Achantis. Os Fante não eram súditos do rei da Inglaterra.

governo em março de 1822. Antes de deixar a Inglaterra, teve uma conversa com o Sr. Dupuis; mas quando ele alcançou a Costa do Ouro, descobriu que todas as pessoas na costa abusaram do Sr. Dupuis e disse que não sabia nada. Os oficiais da Companhia Africana não concordariam em servir sob o novo governador, pois estavam zangados por perder o poder. Então ele não tinha ninguém para o ajudar e esqueceu o que tinha ouvido na Inglaterra, e chegou a pensar que não haveria paz na Costa do Ouro até que o poder de Achanti fosse quebrado. Então ele começou a reunir tropas e provisões para a guerra, e não tentou falar sobre os assuntos com o Asantehene e fazer as pazes. Ele coletou alguns soldados brancos, e muitos dos chefes Fante trouxeram seus homens para ajudá-lo. Pela primeira vez, um pequeno exército britânico deixou Cape Coast para lutar contra os Achanti no mato e não teve sucesso no que se propôs a fazer, mas fez com que os Fante percebessem que o governador pretendia fazer tudo o que poderia. Em novembro de 1823, o governador soube que os Achanti haviam cruzado o Pra e estavam indo para o sul. Ele deixou Cape Coast com seu exército em duas divisões para encontrar os Achanti e detê-los. Ele cruzou o Pra, indo para o oeste, não os encontrando; e então deixou a maior parte de seu exército de 2.000 homens no acampamento sob o comando do major Chisholm, enquanto ele próprio seguia em frente para ver o que os Achanti estavam fazendo. Ele tinha consigo 800 homens, incluindo alguns soldados brancos. Por fim, os Achanti foram ouvidos tocando suas buzinas e batendo seus tambores na floresta. O governador tinha com seu pequeno exército uma banda, e ele ordenou que a banda tocasse "Deus salve o Rei". Então os dois exércitos se alinharam nas margens opostas de um riacho e começaram a atirar.

Um mensageiro havia sido enviado para dizer ao major Chisholm para trazer o resto do exército o mais rápido que pudesse. Mas embora ele estivesse a apenas quase quarenta quilômetros de distância, não veio. O mensageiro perdeu o caminho; estava chovendo muito, todos os riachos estavam inundados e muitos dos caminhos foram bloqueados; e a carta demorou cinco dias na estrada. As tropas britânicas tinham apenas vinte balas cada, e em duas horas estavam todas acabadas. Havia um lojista europeu com o pequeno exército, e o governador ordenou que ele entregasse quarenta balas para cada homem e muita pólvora, embalada pronta para ser distribuída. Mas ele havia deixado seus carregadores para trás, e quando eles ouviram o barulho da batalha, jogaram suas cargas no chão e fugiram. Então ele não tinha nada exceto uma pequena reserva de balas e de pólvora; e isso não foi nada para 500 homens. Quando os Achanti viram que o exército do governador não era capaz de atirar, eles cruzaram o riacho e os cercaram. A

escuridão estava chegando. Muitos dos Fante e outros escaparam o melhor que puderam. Os Denkyera, por conta própria, o chefe, Kwadwo Otibu⁴³, continuou lutando, e o governador juntou-se a eles. Os Denkyera estavam se retirando lentamente, mas estavam lutando o tempo todo; mas na luta no meio do mato, o governador foi separado deles e atacado por um grupo de Achanti. Ele foi ferido e se matou quando viu que seria levado. O resto do exército desistiu da luta e escapou na escuridão. Os Achanti cortaram a cabeça de Charles McCarthy e mandaram para Kumasi. Eles também mataram vários outros oficiais europeus.

O Sr. Williams, o secretário colonial, foi feito prisioneiro. Esta batalha é geralmente chamada de batalha de Nsamankow, embora tenha sido realmente travada em Bonsaso, no rio Bonsa, que desagua no Ankobra. Nsamankow foi a vila onde o governador passou a noite antes da batalha, distante a cerca de trinta e cinco quilômetros. No mesmo dia, 21 de janeiro, em que Charles McCarthy morreu, o Asantehene, Osei Tutu Kwamina Asibe Bonsu, morreu em Kumasi. Este Asantehene foi um dos melhores homens que já teve o tamborete. Foi muito azar que ele e os britânicos não se entendiam. Todos os que o conheciam concordaram que ele fez tudo para não desejarem a guerra, e todos concordam, também, que podiam confiar nele. Até mesmo a batalha de Nsamankow não era seu desejo. O exército Achanti foi enviado contra os Denkyera e os Wassaw, e os Achanti não tinham ideia de que o governador britânico estava com eles. Nem Charles McCarthy tinha qualquer ideia de que ele com apenas 800 homens estava enfrentando todo o exército Achanti. O Coronel Torrane e o Sr. White cometeram um erro ao atacar os Achanti em 1807, e o Sr. Hope Smith cometeu o mesmo erro em 1819 e 1820. O erro não foi ao ajudar os Fante contra os Achanti, mas ao não fazer nenhuma investigação sobre o assunto. Osei Bonsu teria estado bastante disposto a ter o caso ouvido em Cape Coast entre ele e os Fante; mas os britânicos não lhe deram uma chance de resolver a questão pacificamente. O Sr. Hope Smith novamente estava errado em não investigar o caso dos Kommenda. Nem ele, nem o coronel Torrane, nem, é claro, Charles McCarthy, entendiam Achanti. Eles pensaram no Asantehene como um rei sedento de sangue que queria se tornar o senhor dos pacíficos Fante sem razão alguma exceto ganância. Por outro lado, é claro, é verdade que os Achanti queriam fazer com que parte do comércio com os homens brancos se fizesse por suas próprias mãos. Eles não queriam pagar preços de

⁴³ 7 Ele tem o mesmo nome do chefe Assin em 1807, mas é um homem diferente. Ele também estava com problemas em Kumai, mas escapou para seu próprio país e chamou seus homens para fazer guerra contra Achanti. Ele lutou bem em Nsamankow, Efutu e Akantamasu.

Fante e Accra; eles queriam lidar diretamente com os homens brancos. Era por isso que eles estavam tão ansiosos para manter Elmina como seu próprio porto; e isso, é claro, foi uma das razões pelas quais os Fante estavam tão ansiosos para destruir o poder de Elmina. Eles sabiam muito bem que se os Achanti pudessem negociar diretamente com os homens brancos, seus lucros próprios cessariam. É certo, então, que os Achanti mais cedo ou mais tarde teriam uma guerra com os Fante, mesmo que Torrane nunca tivesse estado lá; e pode não ter sido fácil para os britânicos manterem-se fora da guerra de qualquer maneira. No entanto, os britânicos não precisavam ter entrado na guerra da maneira como realmente entraram.

Osei Bonsu foi seguido no tamborete por seu irmão mais novo, Osei Yaw koto. Em março, o novo Asantehene enviou mensageiros para falar sobre a paz. Eles explicaram que Achanti não queria lutar contra os britânicos, mas que havia enviado seu exército para a costa atrás de seu inimigo, Kwadwo Otibu de Denkyera, e dois outros chefes. Se eles pudessem levar esses homens, o exército Achanti voltaria para Kumasi em vez de lutar, mas não poderiam voltar sem eles, mesmo que tivessem que vir para Cape Coast para buscá-los. Podemos ver que os Achanti estavam pensando no que havia acontecido em 1807.

O governador estava morto; mas o capitão Ricketts, que lutou em Nsamankow estava atuando como governador. Quando ele respondeu a mensagem Achanti, ele deveria ter deixado bem claro para os Achanti que não faria como Torrane tinha feito, e desistir de Kwadwo Otibu e dos outros para serem levados para Kumasi. Ele não queria desistir deles. Mas não deixou isso claro. Ele disse que os britânicos desejavam ser amigos dos africanos, e que ele estaria disposto a fazer a paz. Foi acordado que até que mensageiros especiais descessem de Kumasi, não deveria haver mais luta, e que ambos os exércitos deveriam ficar onde eles foram. Kwadwo Otibu e os outros chefes temiam que fossem abandonados; então eles começaram a se defender. Eles cruzaram o Pra e atacaram os Achanti; mas foram completamente derrotados em Efutu, e a pequena força britânica que subiu para ajudá-los teve que se retirar. Isso fez a guerra recomeçar. Os britânicos reuniram mais tropas e, em maio, atacaram os Achanti perto de Efutu, e os empurraram de volta. Kwadwo Otibu e seus Denkyera lutaram muito bem e seguiram os Achanti rumo a Efutu; mas como estava ficando escuro, e os portadores que deveriam trazer comida, água e munições não haviam chegado, os britânicos e seus amigos não puderam seguir os Achanti mais longe.

Após a batalha de Efutu, houve mais combates perto de Cape Coast. Os Achanti queimaram muitas aldeias e, ao mesmo tempo, atacaram Cape Coast; mas eles foram grandemente enfraquecidos pela doença, e o ataque foi repellido. Após uns poucos meses, em julho de 1824, o exército voltou para Kumasi.

No início de 1826, um novo exército Achanti deixou Kumasi e desceu para Accra, para punir os Accra por terem ajudado os britânicos e os Fante. Os Accra já haviam deixado a amizade que tinham com os Achanti.

O exército britânico foi formado para enfrentar os Achanti e, em 7 de agosto de 1826, eles se encontraram perto do pequeno riacho chamado Akantamasu, dezoito quilômetros ao sul de Dodowa. Havia dois homens brancos e 10.000 soldados africanos — Fante, Accra, Akim e Denkyera; os Achanti tinham quase o mesmo número. Os Denkyera e Akim estavam à esquerda, os Fante e Accra no centro, e os Akwamu à direita; as poucas tropas brancas foram mantidas como reserva atrás do centro da linha.

Por volta das nove e meia, os Achanti atacaram os Akwamu, e logo depois, Kwadwo Otibu e seus Denkyera entraram na luta; os homens no centro foram atacados por último. Os Denkyera e os Akwamu conduziram o Achanti, que recuou e pressionou firmemente para frente, mas alguns dos homens no centro cederam, de modo que os Achanti quebraram sua linha. Alguns fugiram de medo, outros foram embora lutando para reunir a pilhagem.

O exército Achanti também teve seus problemas. Os Assin e alguns Akim que estavam servindo Achanti deixaram a batalha muito rapidamente, pois queriam que os Achanti fossem derrotados, especialmente porque a maioria dos Akim estava do lado britânico. Uma divisão do exército Achanti era liderada por Opoku Fereferé, o bravo velho Gyasehene, e outro pelo Akwamuhene de Kumasi. Ambas as divisões tinham baterias *Perempe*; o Akwamuhene estava soando seu tambor após derrotar os Accra, quando ele ouviu outro tambor *perempe* soando na poeira e na fumaça à frente. Ele pensou que foram alguns dos Accra que se reuniram novamente e estavam soando esse tambor para zombar dele; então ele e seus homens avançaram e lutaram todo o resto do dia contra os homens que soaram *perempe* contra ele. Não foi senão até o final do dia em que descobriram que ele tinha lutado contra o Gyasehene, e muitos Achanti foram mortos nesta luta por seu próprio povo. A batalha já durava algumas horas e nenhum dos lados havia vencido. Os Denkyera e os Akwamu venceram os Achanti pela direita e pela esquerda, e estavam avançando para persegui-los, fazer prisioneiros e saquear. Mas no centro os Achanti estavam ganhando. Os Fante foram expulsos, e os Achanti

avançaram para o seu lugar. Os Gã e os Achanti estavam todos misturados, lutando corpo a corpo; e se as duas divisões centrais Achanti não tivessem cometido o erro, o centro do exército aliado teria sido bastante destruído.

O comandante britânico enviou mensagens para os Denkyera e os Akwamu para voltar e ajudar o centro. Eles vieram; mas a batalha se estendeu mais de sete quilômetros do país, e levou algum tempo para chegar ao local onde eles eram procurados. Antes de chegarem ao local, algumas das pessoas de *Christiansborg* e alguns dos Accra foram rechaçados e os Achanti avançaram ainda mais. Então o comandante britânico chamou os homens brancos. Eles vieram com alguns canhões, e com uma nova arma que os Achanti nunca tinham visto antes. Esta era uma máquina para lançar foguetes — o mesmo tipo daqueles fogos de artifício que nós atiramos para o céu, apenas que esses para atirar para a frente. Os foguetes avançaram entre os Achanti com longas caudas de fogo, explodiram em muitos pedaços, matando vários homens de uma vez. Os Achanti não suportaram isso por longo tempo. Eles fugiram. Os Denkyera e Akwamu os seguiram. Kwasi Amankwa⁴⁴, o chefe de Asikuma, disse que pegaria ou mataria o Asantehene ele mesmo. Ele avançou bem no meio dos Achanti e realmente tocou a rede do Asantehene com a mão; mas ele foi morto antes que seus homens pudessem vir ajudá-lo. Muitos chefes Achanti foram mortos; pois, de acordo com o costume de Achanti, quando um chefe vê que seus homens estão sendo derrotados, ele se explode com pólvora. O Asantehene ficou um pouco atrás da linha de batalha, e quando a notícia de que um de seus chefes estava morto, ele começou a primeira parte personalizada do funeral. Muitos Achanti foram feitos prisioneiros. Quatorze dias após a batalha de Dodowa, um novo governador chamado Neil Campbell veio da Inglaterra, e seu primeiro trabalho foi fazer as pazes com Achanti. Ele pensou que a melhor maneira seria enviar mensageiros a Kumasi para oferecer paz ao Asantehene imediatamente. Kwadwo Otibo de Denkyera, e todos os outros chefes aliados, Fante, Accra, Akim, Akwamu, disseram-lhe que, como haviam vencido a batalha, não cabia a eles pedirem paz, mas aos Achanti. Mas o governador tentaria seu próprio caminho, e então ele desperdiçou um ano e não fez as pazes. Em 1828, enquanto este negócio ainda estava em funcionamento, o governo britânico disse que a Costa do Ouro significava tantos problemas que eles não iriam mais governar o país. Eles enviaram ordens aos oficiais na costa para derrubar os fortes, destruir as armas e provisões; e um navio de guerra veio da Inglaterra para levar os mercadores

⁴⁴ Este é o nome dado por Claridge. Mas o povo Asikuma não conhece este chefe. Foi Kofi Amoakoa?

e comerciantes se quisessem ir. Mas os mercadores imploraram ao governo que não desistisse do país tão cedo; e os Fante e Accra também disseram que não queriam que os homens brancos destruíssem os fortes e os deixassem lutar contra os Achanti sozinhos. Então o governo concordou em deixar os mercadores brancos administrar o país por conta própria. Eles escolheram um comitê de três mercadores de Londres e foi nomeado um governador do país.

O governo britânico prometeu pagar-lhes um subsídio todos os anos para ajudá-los a manter os fortes em reparação e para pagar seus funcionários na costa. Eles deveriam abrir uma escola em Cape Coast; os mercadores da costa deveriam eleger um conselho legislativo. A lei britânica deveria ser obedecida nos fortes, mas não nas cidades fora dos fortes. Assim, o governo não tinha mais nada a ver com a Costa do Ouro, exceto pagar ao Comitê sua subvenção. O primeiro governador escolhido pelo Comitê foi um dos mercadores na costa; mas ele, como todas as outras pessoas na costa, pensava que seria muito melhor que o governador não tivesse interesse em qualquer comércio ou outro negócio no país. Então, depois de um tempo, ele renunciou, e o Comitê nomeou um novo governador, o capitão George Maclean, que chegou a Cape Coast em fevereiro de 1830. O capitão Maclean foi um dos melhores ingleses de todos os tempos que veio para a Costa do Ouro. Ele era um homem que sempre ouviu todos os lados de uma questão antes de se decidir. Ele era muito justo. Ele nunca favoreceu o branco contra negro ou negro contra branco; cristão contra pagão, ou pagão contra cristão; Fante contra Achanti, ou Achanti contra Fante. Com sua mente formada, nada mudou; e ele não temia nada em fazer o que sua mente havia criado. Enquanto ele ainda estava pensando sobre um assunto, ele ouvia qualquer um. Quando decidia, era inútil implorar ou tentar assustá-lo para mudar sua mente. Quando as pessoas contavam mentiras a seu respeito, nunca se preocupava; sempre acreditou que mais cedo ou mais tarde Deus mostraria a verdade e puniria os ímpios. Maclean viu que a primeira coisa a fazer era estabelecer uma paz firme com o Achanti. O Asantehene desejava paz, e os Fante também; mas demorou muito tempo o capitão Maclean para levá-los a concordar com os termos da paz. O Tratado foi assinado em 1831. Os Achanti pagaram 600 onças de ouro e deram dois reféns. Foi acordado que todos os caminhos deveriam ser mantidos abertos para o comércio, e os comerciantes poderiam ir e vir e negociar em qualquer lugar que quisessem. O *Panyarring*⁴⁵ era para ser proibido, e assim o foi. Fazer juramentos,

⁴⁵ *Panyarring* era o costume de prender o amigo ou conterrâneo de um homem que lhe devia dinheiro,

todavia, sobre as pessoas, era difícil ver como o capitão Maclean ou qualquer outra pessoa podia fazer acabar. Naquela época, no entanto, quando havia guerra entre as cidades e muito pouca paz, lei e ordem, um homem costumava fazer o juramento de seu chefe contra outro homem por uma causa pouca para que seu chefe pudesse julgar o caso e obter dinheiro em multas e taxas judiciais. Isso claramente precisava ser interrompido. Os Achanti concordaram que os Denkyera e os Assin deveriam ser livres; e ambos concordaram em não abusar ou insultar os Achanti. Se surgisse alguma briga, o governador seria o juiz, e ele deveria chamar um ou dois chefes para aconselhá-lo. Se os Achanti não concordassem em seu julgamento, as 600 onças de ouro deveriam ser mantidas pelos britânicos. Se os Fante ou os chefes Accra, ou quaisquer chefes que fossem contra os Achanti, não concordassem com o julgamento do governador, os britânicos não iriam ajudá-los, e eles deveriam resolver sua briga com os Achanti o melhor que podiam. De 1830 a 1843 o capitão Maclean era o governador. Ele passou seu tempo tentando manter o país em paz e encorajar o comércio entre as diferentes tribos. O único exército que ele tinha era uma pequena força de 120 homens, todos nativos da Costa do Ouro. Sua receita foi de £ 4.000 ao ano, pagas pelo governo britânico. Com esta quantia ele poderia não ter feito nada se ele não tivesse sido um grande homem, e se o povo do país não o tivesse ajudado a manter a paz. Ele tinha um soldado morando em cada cidade importante para relatar para ele qualquer assunto que acontecesse na cidade, e para ser seu porta-voz no tribunal do chefe. Ele realizou um julgamento em Cape Coast, no qual julgou de acordo com o costume Akan, com tanta legislação britânica misturada quanto ele achou necessário. Não demorou muito antes que o povo soubesse que seus julgamentos eram sempre justos e honestos; e eles vieram de todo o país para buscar justiça em Cape Coast. De tempo em tempo, alguns chefes se recusavam a aceitar seus julgamentos, e chamavam suas pessoas para fazerem guerra; mas todas as outras tribos ajudariam o governador a lutar contra eles. Os chefes seriam depostos; algum ouro seria pago ao governador a ser mantido em Cape Coast por um tempo, e devolvido se não houvesse mais problemas; um novo chefe seria colocado no tamborete; e o comércio iria começar de novo. Com esses meios, o capitão Maclean tornou a Costa do Ouro rica novamente. O comércio de óleo de palma aumentou. O comércio de escravos morreu. O valor total da negociação entre a Costa do Ouro e outros países era três vezes e meia maior em 1840 como tinha sido quando Maclean se tornou governador dez anos antes. Nessa época, é claro,

e mantê-lo na prisão até que o dinheiro fosse pago. Nos dias do comércio de escravos, muitas pessoas estavam em *panyarred* para serem vendidas como escravos.

a Costa do Ouro não era uma colônia britânica. Na verdade, não existia tal país como chamado Costa do Ouro. O domínio britânico fora limitado aos fortes britânicos. O governo britânico havia dito em 1828 que a lei britânica não deveria ser usada fora dos fortes, e assim, ao ouvir casos entre chefes e pessoas de tribos distantes, o capitão Maclean estava indo contra suas ordens. Mas teria sido impossível para ele não fazer justiça quando lhe foi pedido; e o fato de que ele poderia governar apenas com 120 homens mostra o quanto as pessoas gostavam de seu governo. De Assini para o Volta, e da costa marítima ao Pra e ao Ofin, as pessoas estavam acostumadas a ir ao capitão Maclean em Cape Coast para buscar justiça. Depois de fazer as pazes com os britânicos em 1831, o Asantehene, Osei Yaw Akoto viveu em paz até cerca de 1834. Então eclodiu uma das muitas guerras entre Kumasi e Juaben, que foram inimigos desde que os Juaben se recusaram a desistir do ouro de Ntim Gyakari, após a batalha de Feyiase. Desta vez o povo Kumasi venceu, e o povo Juaben, sob seu chefe Kwasi Boaten, foi para Akim por um tempo para ficar longe de Osei Yaw. Mas depois de alguns anos Maclean e o governador dinamarquês de *Christiansborg* ajudaram o povo Kumasi e os Juaben a fazer a paz, e os Juaben voltaram para Achanti. Mas antes que eles alcançassem seu antigo lar o Asantehene havia morrido. Kwasi Boaten também morreu quando os Sewa lideraram as pessoas até reconstruírem a sua cidade mãe de Juaben em Achanti.

CAPÍTULO XI

O REINO DE KWAKU DUA I, 1838-1867

Osei Yaw Akoto morreu em 1838, e foi seguido como Asantehene por Kwaku Dua, filho de sua irmã Ama Sewa. Ele era um homem pacífico; ele não tinha desejo de guerra com os britânicos ou qualquer outra pessoa, mas, no entanto, toda a última parte do seu reinado foi gasto na guerra. O verdadeiro problema era que os Achanti nunca desistiram da esperança de obter os Assin, os Akim e os Denkyera de volta sob seu poder. Pelo Tratado de 1831, eles concordaram que Denkyera e Assin seriam livres; e depois da luta de Atta Wusu Yiakosan de Akim Abuakwa já não havia dúvida de que os Akim serviam novamente aos Achanti. Mas enquanto estas três nações eram independentes, os Achanti foram isolados do mar e do comércio com os homens brancos. Eles sentiram vergonha que essas nações, que os tinham uma vez servido, não os serviam mais. Nações às vezes vão à guerra para

obter riquezas e, às vezes, obter honra. Neste caso, os Achanti queriam as duas coisas.

A nação Achanti não teve nenhuma disputa com os britânicos. Mas como as coisas estavam no litoral naquele tempo, havia muitas oportunidades para brigas surgirem. O governo britânico não queria governar a Costa do Ouro. O Comitê de mercadores só queria o bem de seu comércio. Mas, sob o governo do capitão Maclean, cada vez mais o país estava se colocando em certa medida sob os britânicos.

Os chefes estavam vindo para que suas brigas fossem julgadas pelos britânicos. O governador em Cape Coast tinha seus mensageiros e soldados por todo o país.

Cada vez mais se via que os britânicos não podiam permanecer apenas como comerciantes; eles deviam, desejando ou não, assumir algum poder e governar. Mas isso foi muito difícil para o governador. Ele sentia-se sem forças. O governo na Metrópole não poderia ajudá-lo, pois as pessoas na Inglaterra sabiam muito pouco sobre a Costa do Ouro, e tinham pouca ideia de como eles deveriam se comportar em relação aos povos da costa ou para com os Achanti. Eles pensaram que os chefes da costa deveriam ou ser independentes ou ficar completamente sob o domínio britânico. A verdade, claro, era que eles não eram nenhuma coisa ou outra. Eles eram independentes, mas pediram aos britânicos para protegê-los contra os Achanti e julgar suas brigas; eram duas maneiras de desistir de parte de sua independência. Quanto aos Achanti, havia duas coisas que os britânicos poderiam ter utilizado. Eles podiam concordar que Achanti era um estado estrangeiro independente, e que as leis de Achanti e as disputas de Achanti e outras nações não lhes interessava; ou, por outro lado, eles poderiam dizer que os Achanti deveriam comportar-se com outras nações da maneira que os britânicos desejavam, e deveriam alterar suas leis se os britânicos as considerassem ruins. No primeiro caso, o país ao sul do Pra iria tornar-se parte do Império Achanti. Os brancos seriam fechados dentro de seus fortes. O governo britânico faria Tratados de amizade e comércio com os Achanti, e deixaria o Asantehene governar seu próprio povo à sua própria maneira. No segundo caso, a guerra certamente viria mais cedo ou mais tarde, e o governo britânico deveria ver que um povo forte como os Achanti não poderia ser combatido por um comitê de comerciantes. Isso significaria que o governo deveria assumir o país ao sul do Pra, e deveria estar pronto para gastar dinheiro e perder vidas em defendê-lo contra os Achanti. Mas o

governo britânico não quis fazer ou certamente não desejava dominar o país e gastar dinheiro.

Mas eles não queriam ver todo o país de Fante tomado pelos Achanti. Eles não gostaram dos sacrifícios humanos e a escravidão que, ambas, ocorriam em Achanti. Eu ví um escravo fugir de seu amo, cruzar o Pra e chegar a um forte britânico, e nunca foi mandado de volta. Se um chefe abusasse do Asantehene e viesse aos britânicos, eles não iriam deixar os Achanti buscá-lo, pois eles diriam que, de acordo com a lei britânica, ele não fez nada de errado — pelo menos, nada digno de morte. Eles não perceberam que estas decisões levariam a brigas e guerras. O governador em Cape Coast compreendeu, mas ele não podia fazer o povo da Inglaterra ver da mesma maneira. E assim, durante a maior parte do reinado de Kwaku Dua, o governo britânico tumultuou suas negociações com a Costa do Ouro, e acabou pondo-se em outra grande guerra com Achanti. Em 1843 o governo do capitão Maclean foi encerrado. O governo Britânico decidiu retomar o país. O comandante Hill foi nomeado governador. Ao capitão Maclean foi dado o cargo de assessor judicial. Suas funções eram sentar-se no tribunal com os chefes nativos para ajudá-lo e julgar casos em que só os africanos estivessem em causa, de modo a ajudar os chefes com a lei britânica, bom-senso e justiça, como ele vinha fazendo em Cape Coast por tanto tempo. Mas em maio de 1847, ele morreu, depois de dezessete anos, na costa. Ele foi enterrado no castelo de Cape Coast. Não apenas em Cape Coast, mas em todo o país sob proteção britânica, e até mesmo através do Pra em Achanti, os costumes fúnebres foram mantidos em sua memória por todos os chefes. Por meses após sua morte cada chefe que viesse a Cape Coast para qualquer negócio convocaria seus homens em frente do portão do castelo e dispararia várias saraivadas de armas em homenagem a George Maclean antes de prosseguir com seus próprios assuntos. O comandante Hill logo descobriu que era inútil tentar governar o país quando ninguém sabia exatamente quais eram os seus direitos e poderes, quem estava sob ele e quem não estava. Muitos dos chefes agora tinham funcionários educados, e um Tratado escrito seria mais útil do que fora antes. Então, em 6 de março de 1844, outro Tratado foi assinado por ele e por muitos dos chefes Fante. Dizia que os chefes aceitavam o "poder e jurisdição", e que os britânicos estavam controlando seus países. Sacrifícios humanos e *panyarring* eram contrários à lei. Assassinatos e roubos e outros crimes deveriam ser julgados pelos juízes britânicos e pelos chefes nativos, de acordo com a lei nativa e britânica. A terra permaneceu sob o domínio de seus próprios chefes. Este Tratado é conhecido na história da Costa do Ouro, como a Obrigação de

1844. Foi assinado pelos chefes de Denkyera, Assin, Abora, Donadi, Domonase, Anomabu e por Aggrey, chefe de Cape Coast; mais tarde em diante, muitos outros chefes em diferentes partes do que agora chamamos de Colônia o assinaram, do modo como a Obrigação bem marcou o início do verdadeiro domínio britânico. O comandante Hill por alguma razão não enviou mensageiro a Kumasi para dizer ao Asantehene que ele havia se tornado governador. Então o Asantehene ficou zangado com sua grosseria. Logo veio outra briga. Uma mulher Achanti foi assassinada por um homem Assin, e o assassino foi enviado para Cape Coast. Os mensageiros Achanti enviados ao governador pediram para mandar matar o homem Assin, ou para manda-lo para Achanti. Mas o governador não atendeu. Então os Achanti pensaram que ele pretendia quebrar o Tratado de 1831, e por tal queriam ir à guerra contra Assin. Por fim, o governador viu que os Achanti estavam certos, e ele tinha o homem enviado para Assin e ele foi morto lá. Portanto, a guerra não veio; mas os Achanti não estavam satisfeitos porque o governador não concordou imediatamente com o que eles desejavam. No ano seguinte o governador renunciou. Em 1850, o governo britânico comprou todos os fortes dinamarqueses e suas posses na Costa do Ouro por £ 10.000. Eles incluíam os fortes de *Christiansborg*, Teshi, Ningo, Ada e Keta; os dinamarqueses também tinham um ou dois assentamentos ao longo das colinas de Akwapim, e tinha quase o mesmo tipo de poder entre os chefes de Akwapim e da planície entre *Christiansborg* e Volta que os britânicos tinham entre os chefes mais a oeste. Todos os chefes que estiveram de alguma forma sob os dinamarqueses concordaram em vir da mesma forma sob os britânicos. O governo agora tentou impor direitos aduaneiros sobre as mercadorias que entravam no país. Neste momento o governo não tinha dinheiro próprio, exceto um pequeno imposto pago pelos navios ancorando nos portos de Accra e Cape Coast. Todo o resto do dinheiro que precisava para seus salários de trabalho, reparos de fortes, armazéns, pagamento de tropas e assim por diante, vinha da Inglaterra. Agora que o governo da Costa do Ouro estava começando a assumir mais trabalho para o país, além do que era necessário para proteger os fortes e seu comércio, era justo que gerasse alguma receita do país. Mas os direitos alfandegários foram considerados impossíveis. Os fortes holandeses em Elmina, Axim, Sekondi, Accra e outros lugares situavam-se entre os fortes britânicos em tal forma que teria sido totalmente impossível cobrar direitos aduaneiros. Bens teriam simplesmente sido desembarcados em um forte holandês a alguns quilômetros de distância e trazidos por terra, e os britânicos não poderiam ter impedido o contrabando. A ideia de costumes e direitos foi, portanto, retirada. Mas o governo ainda queria dinheiro. Em 1852 o governador convocou uma grande reunião de

chefes de todo o país para aconselhá-lo de como o dinheiro deveria ser obtido. A reunião começou por se autodenominar Assembleia Legislativa, e disse que tinha poder para aprovar leis que deveriam ser vinculativas sobre todos no país se o governador as aprovasse, e o governo britânico na Inglaterra também as aprovou. A "Assembleia Legislativa" então passou a votar que um imposto de um xelim por ano deveria ser pago para cada homem, mulher e criança no país. O imposto deveria ser recolhido por funcionários do governo, e os chefes deveriam os ajudar. O dinheiro ganho seria gasto pelo governo parcialmente no pagamento de salários aos chefes, em parte na educação, na melhoria das estradas, e fornecendo mais médicos e juizes. Esta lei é conhecida como Portaria do *Poll Tax* de 1852. Esta assembleia de chefes nunca mais foi convocada. A *Poll Tax* era um fracasso. No primeiro ano, o governo conseguiu mais de £ 7.000 com isso, embora tivesse esperado obter £ 20.000; mas em poucos anos a quantia caiu para £ 1.500, e então o imposto não valia a pena cobrar e foi abandonado. Parece que o povo do país não apoiou seus chefes quando concordaram em pagar o imposto. Alguns dos cobradores de impostos eram desonestos; e as pessoas estavam com raiva também porque o governo gastou parte do dinheiro em suas próprias despesas gerais (salários e manutenção de escritório e assim por diante), em vez de gastar tudo em melhorar a condição do país nas formas previstas na Portaria. Foi uma grande confusão em alguns lugares; o povo de *Christiansborg* e Teshi e Labadi atacou o Castelo de *Christiansborg*, e as três cidades foram destruídas pelas armas do castelo e de um navio de guerra. Mas embora a montagem e o imposto que a assembleia votou tenha morrido logo, esta Portaria *Poll Tax* é importante. Era agora colocado por escrito que os povos cujos chefes haviam assinado a Portaria estavam olhando para os britânicos em busca de ajuda e orientação: para educação, medicina e justiça; e eles realmente pagaram dinheiro em troca dessas coisas. Se os ingleses e o governo se comprometeram a fornecer-lhes escolas e médicos, dificilmente podia dizer que não era obrigado a protegê-los contra os Achanti. Nem o governador britânico poderia mais dizer a Achanti que ele não tinha nenhum controle sobre os chefes e pessoas do país ao sul do Pra. No mesmo ano do Regulamento do *Poll Tax*, Kwaku Dua, o Asantehene, começou a ter problemas com o povo da costa. O problema começou com um dos chefes de Assin, chamado Kwadwo Otibu⁴⁶. Este homem achava que o governo não o respeitava tanto quanto deveria. Ele sabia que o Asantehene queria que os Assin fossem colocados sob ele novamente; e ele pensou que se ele trouxesse seu povo sob o comando de Achanti, o Asantehene pagaria grande honra

⁴⁶ Um dos chefes de Assin em 1805 chamava-se Kwadwo Otibu; e havia outro Kwadwo Otibu que lutou contra os Achanti em Nsamankow e Akantamasu. Este é ainda um terceiro Kwadwo Otibu.

para ele. Então ele pegou 400 onças de ouro do Asantehene, e prometeu trazer os Assin para servir aos Achanti mais uma vez. O povo de Assin disse que não desejava servir aos Achanti. Então Kwadwo Otibu teve que manter em segredo o que estava fazendo. Mas de alguma forma o governador ouviu falar do assunto em Cape Coast, e chamou Kwadwo Otibu a Cape Coast para ser julgado. Ele foi julgado pelo governador e o assessor judicial e pelos chefes Fante, e foi preso. Logo em seguida ele foi libertado da prisão e teve permissão para tomar seu tamborete novamente. Mas ele tinha também ido longe em seu caso com os Achanti para parar. Ele havia pegado o dinheiro do Asantehene, e ele devian fazer o que prometeu. Kwaku Dua sabia que estava quebrando o Tratado de 1831; então ele não podia pedir ao governador para ajudá-lo. Ele e Kwadwo Otibu fizeram um plano para que um grupo de Achanti descesse de Kumasi para Jukwa em Denkyera para assistir ao funeral do Denkyerahene, que havia morrido um pouco tempo antes. No caminho de volta para Achanti, eles deveriam agarrar Kwadwo Otibu, à força, e levá-lo de volta para Achanti com eles, forçando ainda o maior número possível de seu pessoal a ir com ele. Um grupo de 300 homens veio de Kumasi, liderado por Akyeampon, um irmão do Asantehene. Mas um dos chefes Assin os deteve, dizendo que eles eram muitos, e que ele não os deixaria passar por seu país sem permissão de Cape Coast. O governador disse que não daria essa permissão, e pediu a Akyeampon para voltar através do Pra. Mas Akyeampon estava o tempo todo sendo fortalecido, pois mais e mais Achanti estavam vindo para juntar-se a ele; assim, ele não foi. Então o povo e os chefes Fante temeram que havia um truque por trás de tudo. Por isto, prenderam Kwadwo Otibu e um de seus subchefes, e tudo começou. Os Fante e Assin levaram suas armas, e mais de 20.000 homens vieram a Dunkwa para deter os Achanti; e Akyeampon cruzou o Pra novamente e voltou para Kumasi. Portanto, a guerra não veio; embora se tivesse vindo, teria sido culpa dos Achanti. Alguns anos depois, em 1863, a guerra chegou; e desta vez não foi culpa dos Achanti. Um homem chamado Kwasi Gyani, um Achanti, encontrou uma pepita de ouro e a guardou para si, em vez de enviá-la para o Asantehene, conforme as leis de Achanti diziam que ele deveria. Quando o Asantehene ouviu dele e o chamou a Kumasi para ser julgado, ele fugiu para Cape Coast e pediu ao governador para protegê-lo. Os mensageiros logo desceram de Kumasi para o Cape Coast, a fim de pedir ao governador que o mandasse de volta a Kumasi para ser julgado. Os mensageiros carregaram consigo o Machado de Ouro, que os Achanti pensavam ter poderes mágicos para superar quaisquer dificuldades, de modo que qualquer mensageiro que trouxesse um, com certeza, teria sucesso em sua missão. O governador, Sr. Pine, não sabia o que fazer. Kwaku Dua

informou que havia um Tratado dizendo que os criminosos que fugiam de Achanti para Cape Coast deveriam ser devolvidos. O governador não sabia de nenhum Tratado desse tipo. Mas certamente tinha acontecido antes que os criminosos foram entregues pelo governador britânico, tanto na época de Maclean quanto desde então. Os mensageiros do Asantehene que vieram buscá-los sempre tinham feito o solene juramento de que os capturados não deveriam ser mortos. O próprio Maclean disse que nunca tinha sabido da quebra desse juramento. Os mensageiros de Kwaku Dua se ofereceram para fazer o solene juramento de que Kwasi Gyani não deveria ser morto.

O próprio Kwasi Gyani havia feito o solene juramento de que era inocente; então é difícil entender por que ele não desejaria ser mandado de volta. O governador Pine não conseguia ver que o homem cometeu algum crime digno de morte. Os chefes de Cape Coast queriam que o governador não o entregasse. Então, depois de hesitar por muito tempo e mudar sua mente mais de uma vez, o governador disse aos mensageiros Achanti que ele não mandaria o homem de volta, a menos que eles pudessem provar que ele foi julgado culpado de um crime. E isso, é claro, eles não podiam fazer, de forma alguma, para satisfazer o governador. Os Achanti invadiram o país, em seu plano favorito de três divisões. Veio uma através de Wassaw, a segunda em linha reta em direção a Cape Coast, e a terceira através de Akim ocidental. Os britânicos e seus aliados formaram dois grandes campos, um em Manso e o outro em Asikuma; o exército era comandado pelo major Cochrane.

Ele tinha 400 soldados regulares (principalmente caribenhos) e cerca de 20.000 aliados. Em abril de 1863, os Achanti chegaram a Asikuma, enquanto o major Cochrane estava em Mankesim. Eles atacaram o acampamento e obtiveram uma vitória completa. Eles então fizeram um acampamento lá, e permaneceram por algumas semanas. Os bambuzais que cercam Asikuma hoje cresceram e envolvem seu acampamento, foram plantados pelos Achanti. Os Fante e outros que foram derrotados em Asikuma retiraram-se vinte e cinco quilômetros para Bobikuma, e lá o major Cochrane juntou-se a eles. Todos aguardavam uma grande batalha no dia seguinte, e esperavam que fosse um segundo Akantamasu; mas em vez de lutar, as cartas do governador Pine para a Inglaterra mostram que seu verdadeiro problema era que eles não sabiam nada sobre a lei e tribunais Achanti e não confiavam no Asantehene em manter suas promessas. O major Cochrane ordenou que todo o exército se retirasse. Ele próprio retirou-se para Mumford, na costa marítima; parte do exército ficou atrás em Bobikuma, e foi atacado por toda a força Achanti e derrotado, antes que o

governador ou qualquer outro oficial pudesse fazer qualquer coisa para os impedir. Os Achanti cruzaram o Pra e voltaram para casa em triunfo. Todo mundo estava zangado com o major Cochrane, e outro oficial foi enviado da Inglaterra para comandar o exército em seu lugar. Mais tropas também foram enviadas. O governador viu que a guerra não poderia terminar dessa forma. Ele queria ter permissão para invadir Achanti, em vez de sempre esperar que os Achanti invadissem o Protetorado. Mas o governo da Inglaterra não permitiu. Durante toda a temporada seca de 1863-4, tropas e provisões chegavam ao litoral para defendê-lo se os Achanti atacassem novamente. Mas eles não o fizeram. Então o governo na Inglaterra mudou de ideia e disse ao governador que se ele pudesse punir os Achanti o suficiente, sem entrar em seu país, ele poderia agir. As tropas que saíram foram enviadas a Prasu e acamparam lá, prontos para entrar em Achanti quando todos houvessem chegado. Eles eram todos caribenhos; e o governo esperava que eles suportariam melhor o clima do que as tropas brancas. Mas o último deles não chegou até abril; e nessa altura as chuvas começaram, e era tarde demais para pensar atacar Achanti naquela temporada. Então os homens foram mantidos em Prasu por um tempo, mas no tempo chuvoso, adoeceram com febre e morreram às centenas, sem ter qualquer chance de lutar. O governo da Inglaterra ficou assustado e convocou todas as tropas a se afastarem; e esse foi o fim daquela guerra. Kwaku Dua, quando a notícia veio a ele, disse: " O homem branco traz seu canhão para o mato; mas o mato é mais forte do que o canhão". O governo britânico começou a concordar com ele. Mais uma vez pensou em deixar a Costa do Ouro por completo. Enviou um oficial da Inglaterra para estudar a questão e fazer um relato; e seu relatório foi examinado pela Câmara dos Comuns. O governo acabou decidindo não sair do país. Mas disse que o domínio britânico na Costa do Ouro não deveria mais ser estendido do que o necessário; e dizia que todas as quatro colônias britânicas da África Ocidental ou assentamentos, Gâmbia, Serra Leoa, Costa do Ouro e Lagos⁴⁷, deveriam ser unidos sob um governador, que deveria viver em Serra Leoa e ter governadores assistentes em cada um dos outros três lugares. Isso significava que as coisas eram para ficar como estavam; desde a época de Maclean, os britânicos foram gradualmente ampliando seu poder cada vez mais, como a Obrigação de 1844 e a *Poll Tax*. A portaria de 1852 havia aparecido, e isso agora iria parar. Mas não conseguiam parar. Isto deve ir para trás ou para frente. Ou Achanti era um estado independente, e o Fante e outros povos ao sul do Pra também seriam independentes; neste caso, os britânicos não tinham negócios para proteger, e os Achanti logo se

⁴⁷ Naquela época, a colônia de Lagos ainda não havia se transformado na Nigéria. Como na Costa do Ouro, o poder britânico não chegava longe do mar.

estenderiam até o mar. Ou caberia aos britânicos protegê-los; e em sendo assim, os britânicos deveriam responder aos Achanti pelo que os Fante, Assim, Akim e o resto deles pudessem fazer. Mas os britânicos não poderiam responder por eles a menos que pudessem controlá-los. Não havia meio-termo entre deixar as pessoas da Costa do Ouro completamente sozinhas, e transformá-los — e talvez também Achanti — em colônias britânicas. A guerra foi vencida pelos Achanti; mas a paz ainda não foi feita. Kwaku Dua enviou mensageiros a Cape Coast para providenciar a paz. Mas eles não tiveram sucesso, pois o governador disse ao povo de Cape Coast que o Asantehene estava implorando por paz, e quando o Asantehene soube o que o governador havia dito, ele chamou seus mensageiros de volta para Kumasi e disse que nunca faria paz, a menos que Kwasi Gyani fosse entregue a ele. No final de seu reinado Kwaku Dua ajudou os Awuna de Keta e do país ao seu redor a lutar contra os britânicos. Para entender por que isso aconteceu, devemos recuar um pouco na história de Keta. No Capítulo IX, seguimos a história do povo Ewe da Costa do Ouro até que os Awuna vieram morar em Keta. O povo Keta costumava ter problemas com os dinamarqueses que moravam no forte *Prinzenstein*. Eles eram grandes comerciantes de escravos, e o governo dinamarquês muitas vezes tentou parar o comércio de escravos e libertar os escravos por força. Em 1844, um famoso traficante de escravos português foi preso pelos dinamarqueses do forte *Prinzenstein*, mas os Awuna vieram e os resgataram. Os dinamarqueses enviaram mensagens para *Christiansborg* pedindo ajuda e mais homens lhes foram enviados. Poucos dias depois, o chefe de Anyako, Dzokoto, veio ao forte com alguns de seu povo para vender conchas para a fabricação de cal. Uma briga estourou com os homens brancos, e Dzokoto e outros foram feridos. Então o povo Anyako veio e atacou o forte. Quando o governador dinamarquês em *Christiansborg* ouviu isso, ele próprio foi com 120 homens e com a ajuda dos Accra. Os Awuna permitiram que ele entrasse no forte.

Eles não atacaram o forte novamente, mas impediram as pessoas de receber a comida de uso dos homens brancos, pois eles esperavam matá-los de fome. Os canhões do forte destruíram parte da cidade; e o povo do distrito de Alata desobedeceu à ordem de não vender comida para o forte. Os Awuna incendiaram o distrito de Alata; o fogo se espalhou para outros distritos, e toda a cidade foi queimada. Mas os homens no forte estavam com muita fome, quando um navio de guerra francês passou por acaso. O forte fez um sinal para o navio para que viesse os ajudar, e o governador correu pela praia para tentar entrar em um barco e velejar. Mas ele foi ferido e teve que voltar para o forte.

Depois eles enviaram um nadador com uma carta e ele embarcou em segurança no navio. O navio francês então enviou um barco e disparou contra os Awuna com seus grandes canhões; então o governador conseguiu ir a bordo e voltar para o *Christiansborg*. Lá ele coletou um grande exército de holandeses e Accra, e derrotou os Awuna e os fez pagar uma multa pesada. Isto foi em 1847, e depois disso a cidade de Keta ficou vazia e em ruínas até que os britânicos assumiram o governo dos dinamarqueses em 1850. Mas os Awuna não quiseram parar o comércio de escravos. Em 1865, houve mais problemas. Um comerciante de escravos (não um homem Keta) brigou com o povo de Ada, e o povo de Ada o expulsou e tirou todos os seus escravos. Ele imediatamente foi a Keta para pedir aos Awuna que o ajudassem. Os Awuna eram velhos inimigos do povo Ada; eles sempre discutiram sobre a pesca no rio Volta. Então eles o ajudaram. Eles não poderiam chegar a Ada, porque navios de guerra britânicos bloquearam o rio; então eles subiram o rio para Kpong, que eles destruíram e queimaram. Então os Accra começaram a ficar com raiva, porque seu comércio estava sendo prejudicado; e eles pediram ao governador britânico para dizer aos Awuna para parar a guerra. Ele o fez; mas os Awuna não atenderam. Então os Accra reuniram um grande exército e foram ajudar os Adas. Os Awuna fizeram um acampamento de guerra perto de Adidome. Os Accra cruzaram o rio para atacar canoas de guerra Awuna, que estavam amarradas na margem do rio. Havia algumas tropas britânicas caribenhas com os Accra e Adas, e eles mantiveram os Awuna afastados com foguetes e canhões, de tal forma que os Accra não estavam muito preocupados. Mas os Accra seguiram os Awuna até o mato, e lá os Awuna se viraram e os venceram. Dois dias depois desta vitória Awuna em Adidome, o grande chefe guerreiro Awuna Dzokoto entrou em seu acampamento com outro exército para os fortalecer. Os Accra e Ada também foram fortalecidos por um exército de Akwapim sob seu chefe Koa Adade⁴⁸, e dos Accra, sob o comando de Gã Mantse, Taki. Então o exército aliado cruzou o Volta para Adidome; eles encontraram o acampamento vazio, e o oficial britânico em comando ordenou que o exército seguisse o Awunas para o mato. Mas Taki não concordou, e os outros não iriam sem ele; então o oficial britânico e seus homens foram para Ada e os deixaram para lutar sozinho. Depois de algum tempo, o comissário do distrito britânico, que ficou com o exército, fez com que concordassem em

⁴⁸ Não Kwaw Dade, como é frequentemente chamado.

seguir os Awuna. Eles marcharam em desordem das palmas das mãos, e em Datsutagba foram repentinamente atacados na frente e em ambos lados pelos Awuna, e completamente derrotados. Se não fosse por Koa Adade e os Akwapims, os Awunas teriam destruído todo o exército aliado. Koa Adade estava na retaguarda dos aliados. Quando a batalha começou na frente, ele viu que se ele liderasse seus homens diretamente, eles se envolveriam na luta no estreito caminho e não teriam chance de ser realmente úteis; então ele deixou o caminho e os liderou dando uma longa volta no mato até que chegaram na retaguarda dos Awuna. Então eles atacaram de repente. Os Awuna ficaram surpresos. Por duas horas houve uma luta dura; mas os Awuna não tinham mais munição, e depois de fazer o melhor que podiam carregando suas armas com pequenas pedras; eles tiveram que ceder. Depois da batalha de Datsutagba, os Accra, Ada e Akwapim voltaram para casa. A batalha foi travada em 4 de abril de 1866. Os chefes Awuna foram enviados a Kumasi para pedir a ajuda de Kwaku Dua. Ele concordou e enviou um exército sob o comando de um general chamado Nantwi para o país Krepi ao redor de Anum e Peki. Kwadwo Dua, o chefe de Peki, era um grande lutador, e era amigo dos Accra e inimigo dos Akwamu e Awuna. Em outubro, o governador foi a Dzelukowe e tentou fazer as pazes com os Awuna; mas eles não concordariam. Mas em novembro de 1868, um navio de guerra britânico cruzou a barra na foz do Volta e entrou no rio. Os Awuna pensavam que nenhum navio europeu jamais poderia entrar no Volta por causa dos bancos de areia e das grandes ondas na foz do rio; e eles estavam tão assustados quando viram que estavam errados, e que os homens brancos poderiam chegar até eles pelo rio, que concordaram em fazer a paz, e não lutar mais contra os Ada, mas concordaram com o julgamento do governador britânico em todas as suas disputas. Mas isso foi após a morte de Kwaku Dua. Ele morreu em abril de 1867, um ano após a batalha de Datsutagba. Ele amava a paz, mas terminou sua vida no meio da guerra. Nantwi com um exército Achanti estava em Krepi; e Achanti ainda estava em guerra com os britânicos. O próximo chefe de Achanti deve ser um lutador.

CAPÍTULO XII

INGLESES, HOLANDESES E FANTE, 1863 - 1872

Quando o povo Fante viu o mal que o major Cochrane e os britânicos haviam feito na guerra de 1863, eles pensaram que não adiantava esperar mais por qualquer ajuda real dos britânicos. Eles decidiram que deveriam se unir para ajudar a si mesmos. Eles começaram a falar sobre a formação de uma confederação, isto é, uma aliança ou união para lutar contra os Achanti e melhorar o país Fante. Eles queriam mais escolas, estradas e minas; e queriam melhorar a agricultura. Mas por alguns anos eles não fizeram nada além de falar sobre isso, pois tinham outros assuntos em que pensar. Os Fante ficaram muito preocupados quando souberam que o governo britânico estava pensando em desistir da Costa do Ouro. Muitos dos chefes disseram que se assim fosse, era hora de fazerem mais por eles mesmos; e eles começaram a fazer o que quiseram, sem obedecer às ordens do governador em Cape Coast. Eles disseram que concordaram em se submeter ao domínio britânico, porque pensaram que os britânicos iriam protegê-los. Se os ingleses não podiam protegê-los, eles não permaneceriam mais sob o domínio britânico. Um comitê da Câmara dos Comuns disse (entre outras coisas) que o povo da Costa do Ouro deveria ser treinado para cuidar de si, para que os britânicos pudessem ser capazes de sair do país algum dia. Muitos dos Fante pensaram que isso significava que os britânicos queriam partir quase imediatamente; e, de fato, eles pensaram que o governo de Cape Coast estava por mais tempo do que o governo da Inglaterra quis. Em 1867, os britânicos e os holandeses concordaram em trocar alguns de seus fortes, a fim de tornar o comércio mais fácil e lucrativo. Eles concordaram em usar o *Sweet River*⁴⁹, entre Elmina e Cape Coast⁵⁰, como seu limite. Os britânicos deram aos holandeses os quatro fortes que tinham a oeste do rio; os holandeses deram para os britânicos os quatro fortes que tinham a leste. *Beyin*, *Dixcove*, *British Sekondi* e a *British Kommenda* tornaram-se assim holandeses; *Mori*, *Kormantine*, *Apam* e o holandês *Accra* (Forte *Crèvecoeur* tornou-se britânico. O forte *Crèvecoeur* foi rebatizado de forte *Ussher*, em homenagem ao Sr. Ussher, o novo governador assistente britânico da Costa do Ouro⁵¹. Mas a mudança não

⁴⁹ Rio Doce

⁵⁰ O Rio Doce é formado quando os rios Srowi e Kakum se juntam e fluem para o mar na aldeia de Iture.

⁵¹ Lembre-se de que nessa época a Costa do Ouro estava sob Serra Leoa. O governador de todo o oeste britânico. A África Ocidental vivia em Freetown, capital de Serra Leoa, e o coronel Conran e o Sr. Ussher eram governadores assistentes sob seu governo.

ocorreu facilmente. As quatro cidades holandesas tornaram-se britânicas sem problemas. Mas na parte ocidental do país era diferente. Muitas das cidades que ficavam perto dos antigos fortes britânicos eram inimigas das cidades perto dos fortes holandeses. Se ambos se tornassem holandeses, teriam que viver em paz juntos. Mas havia mais do que isso. Os fortes britânicos no oeste sempre haviam sido vistos como os protetores de Denkyera e Wassaw. Denkyera e Wassaw sempre foram inimigos de Achanti e lutaram com os britânicos contra os Achanti em Nsamankow, Akantamasu e em outros lugares. Os holandeses, por outro lado, por morar em Elmina, sempre foram amigos de Achanti.

Assim, os Denkyera e Wassaw viram que se os britânicos os deixassem e os holandeses viessem, eles seriam entregues aos Achanti; e, portanto, eles não concordariam. Os homens brancos não perguntaram se eles concordariam. Eles arranjaram tudo entre si, e então os governadores britânicos e holandeses passaram às pessoas e disseram-lhes que a mudança estava chegando. Em Sekondi e Dixcove houve poucos problemas, pois os fortes eram poderosos e o povo temia seus canhões. Mas em Beyin o povo se recusou a pegar a bandeira holandesa e foi para o mato enquanto os holandeses atiravam em sua cidade. Em Kommenda as coisas eram piores ainda. As pessoas não levariam a bandeira holandesa. Os dois governadores vieram com uma guarda de marinheiros holandeses para hastear a bandeira holandesa no forte; mas as empresas levaram suas armas e os atacaram e os expulsaram. O navio de guerra holandês disparou contra a cidade e o forte vazio. Quando a notícia dessa luta chegou ao outro povo Fante, eles estavam muito zangados porque os Kommenda tinham sido instruídos a mudar sua bandeira, concordassem ou não. Por isto, eles ficaram com mais raiva ainda. A cidade de Kommenda foi destruída. Eles realizaram uma grande reunião em Mankesim.

Muitos dos chefes das cidades costeiras: Anomabu, Winneba, Abora e das tribos maiores do interior, como Assin, Denkyera e Wassaw, chegaram até ele; as pessoas de Cape Coast também teriam ido se tivessem sido capazes. Mas eles temiam o governo britânico demais. Na reunião em Mankesim concordaram em formar uma união, que eles chamaram de Confederação Fante. O primeiro trabalho da Confederação foi para ajudar os Kommenda, Denkyera, Wassaw e quaisquer outros que iriam provavelmente sofrer ao deixar os britânicos e ficar sob o domínio dos holandeses. Em Elmina as pessoas, é claro, eram os inimigos da Confederação. Havia uns poucos lutando entre os holandeses e os Elmina, de um lado, e os Kommenda e o resto da Confederação Fante, por outro; e muito em breve os homens da

Confederação avançaram e fecharam os Elmina em sua cidade, para que eles não pudessem fazer nada e logo lhes faltou comida. O governo britânico ficou furioso; porque tinha feito uma promessa ao governo holandês, e agora parecia que não seria capaz de cumprí-la. Mas quando o governo perguntou aos Fante por que eles estavam lutando contra seus amigos, os holandeses, os Fante responderam que os holandeses poderiam ser amigos dos britânicos, mas certamente não eram amigos dos Fante. Eles não eram escravos e não iam deixar seus amigos de Kommenda, Denkyera e Wassaw sofrerem com os holandeses, simplesmente porque os britânicos os rejeitaram. O governo disse-lhes para parar de lutar, e puniu dois dos chefes; mas não fez diferença. Então o governo tentou fazer a paz entre os Elmina e os outros envolvidos. Mas os Elmina não desistiam de sua amizade e aliança com Achanti; e os Fante não fariam as pazes com Elmina a menos que eles o fizessem; e assim o governo falhou. Então a guerra continuou, e ao todo os Kommenda foram bem. A Confederação Fante viu que os Kommenda não precisavam de ajuda contra os holandeses e os Elmina. Mas em outubro, 186 a ajuda chegou aos Elmina vinda de Achanti. O novo Asantehene, Kofi Karikari, sentiu-se forte o suficiente para começar a guerra novamente. Ele enviou Akyeampon para a costa com um pequeno exército. A Confederação Fante havia fechado as vias diretas, para que Akyeampon tivesse que ir muito para o oeste, no que hoje é a Costa do Marfim; porque ele não era forte o suficiente para abrir caminho através dos Fante, Wassaw e Denkyera. Em outubro ele chegou a Axim, e começou a marchar lentamente para o leste em direção aos Kommenda e Elmina. Ao mesmo tempo, o Asantehene enviou outro general, Adu Bofo, para substituir Nantwi, no país Krepi. Ele pretendia enviar um terceiro exército direto para Cape Coast, seguindo o antigo plano Achanti de um triplo ataque; mas por alguma razão este terceiro exército nunca apareceu. Akyeampon veio para Elmina. Por onde passou, ele matou muitos dos Fante, pois ele tinha feito um juramento de matar todos os ingleses e todos os Fante que pudesse encontrar. Ele encontrou alguns ingleses em Axim, e os teria matado, mas o capitão holandês do forte em Axim fez com que ele os soltasse. Mesmo quando ele veio para Elmina, matou muitos Fante, embora implorassem aos holandeses no castelo para protegê-los. O governador britânico pediu ao governador holandês que o punisse. Mas ele não o fez. Enquanto isso, Adu Bofo e o exército Achanti em Krepi estavam lutando com a ajuda dos Akwamu contra o povo Krepi. Os Krepi eram liderados por um chefe chamado Dompri, um sujeito Akim. Muitas vezes os Achanti e Akwamu os derrotaram, mas Dompri sempre os levou a lutar novamente. Depois de um tempo, os Accra, Akwapim e Akim começaram a pensar em ajudar os Krepi contra os Achanti. Mas antes que eles pudessem

alcançá-lo, Dompri e os Krepi obtiveram uma grande vitória sobre os Achanti. Os Krepi retiraram-se para o topo da colina Gemi perto de Amedzofe. Os Achanti os atacaram, mas a colina era íngreme, e os homens de Dompri rolaram 145 grandes rochas para baixo sobre os Achanti que escalavam. Depois de tentar muitas vezes chegar ao topo da colina, Adu Bofo chamou seus homens e retirou-se. Ele estava começando a achar a guerra difícil, pois os Krepi haviam destruído todas as plantações nas fazendas, e costumavam ficar à espreita em pequenos grupos pelos suprimentos de alimentos e munições Achanti, vindos de Kumasi, e pegá-los. Então Adu Bofo estava começando a ficar sem comida e pólvora. As coisas na Costa do Ouro no início do ano de 1870 pareciam muito desagradáveis. Akyeampon ainda estava em Elmina com seu exército, e os holandeses não puderam detê-lo espancando e matando gente Fante e outras pessoas. Adu Bofo com um grande exército Achanti estava no país Krepi, fora do país protegido pelos britânicos. Os Akwamu o estavam ajudando, e os Awuna estavam prontos para ajudá-lo sempre que eles tivessem uma chance. O povo Elmina ainda estava em guerra com os da Confederação Fante, os Wassaw e os Denkyera. Outro exército Achanti veio do oeste para se juntar a Akyeampon e fortalecê-lo. E embora até agora não houvesse combates entre os Achanti e os britânicos, os dois povos estavam ainda em guerra, pois a paz nunca havia sido feita desde a guerra de 1863-4. Em junho de 1869, Adu Bofo ocupou as cidades de Anum e Ho. Ele queimou as estações missionárias e levou três prisioneiros europeus em Anum e um em Ho. Dois missionários em Anum, Ramseyer, um suíço, que tinha sua esposa e filho bebê com ele, e Kühne, um alemão, ficou para trás quando a cidade foi deixada para os Achanti. Em Ho o comerciante francês chamado Bonnat ficou para trás para vender pólvora aos Achanti, mas eles tomaram sua pólvora por nada, e o levaram prisioneiro para Kumasi. Todos os europeus foram levados para Kumasi e lá mantidos por alguns anos. Tudo isso estragou o comércio na Costa do Ouro para todos, mas especialmente para os holandeses.

A Confederação Fante via os holandeses como inimigos, e não iria negociar com eles; e em tempo de guerra, é claro, poucos comerciantes poderiam vir para o sul de Achanti. Assim, os holandeses começaram a pensar em deixar a Costa do Ouro. Eles perguntaram aos britânicos se assumiriam os fortes e as possessões holandesas. Os britânicos estavam dispostos; mas havia duas dificuldades. Uma era que aquele Akyeampon e seu exército ainda estavam em Elmina e os Achanti ainda achavam que Elmina fazia parte dos Achanti. A outra era que os Elmina odiavam os Fante e a Confederação Fante queria punir os Elmina, o que eles não seriam

capazes de fazer se os Elmina também caíssem sob o domínio britânico. O governo britânico não queria assumir os fortes holandeses enquanto o Asantehene contasse o castelo de Elmina como seu; porque eles sabiam que o Asantehene preferia lutar a deixar os Elmina para os Fante. Os holandeses sabiam que os britânicos sentiriam isso; então eles fizeram tudo que podiam para que o Asantehene, Kofi Karikari, concordasse que os Elminas eram apenas seus amigos, e não seus súditos ou seus aliados. Mas era difícil fazê-lo concordar. Os holandeses ainda lhe pagavam £ 80⁵² por ano por Elmina. Quando Kwaku Dua morreu, Kofi Karikari enviou um mensageiro a Elmina com notícias, e os Elmina o sacrificaram nas ruas. Um dos chefes de Elmina foi enviado a Kumasi para representar a cidade no funeral de Kwaku Dua. Então estava claro que os Elmina se consideravam parte de Achanti. Os britânicos e outros tiveram sempre Elmina como parte de Achanti; eles reclamavam para o Asantehene quando os Elmina cometiam algum mal, como se tivesse o poder de puni-los. Então, britânicos, holandeses e Fante, 1863-1872, como os holandeses agora poderiam dizer que Elmina não estava sob o Asantehene? Em 1871, os holandeses enviaram um escrivão africano chamado Henry Plange para Kumasi para tentar fazer Kofi Karikari concordar com isso. Ele trouxe de volta uma carta do Asantehene, que dizia que há muito, no tempo de Ntim Gyakari, os Denkyera haviam comprado mercadorias no valor de nove mil libras dos holandeses: Osei Tutu de Achanti pagou o dinheiro, e os holandeses prometeram para pagar-lhe os ~ 80 por ano que eles pagavam ao Denkyerahene. Esta carta era exatamente o que os holandeses e britânicos queriam. Eles acreditaram nisso, e agradeceram ao Asantehene; e o governo britânico decidiu assumir Elmina e os outros lugares holandeses. Mas é quase certo que a carta era mentira, escrito por Plange para fazer seus amos pensarem que ele fez o que foi enviado para fazer. Os europeus em Kumasi nada sabiam a respeito; e Kofi Karikari costumava fazer com que lessem e interpretassem para ele todas as suas cartas. Eles pensaram que Plange tinha fracassado. E depois da data desta carta, o Asantehene ainda falava sobre Elmina como se pertencesse a ele. No entanto, os britânicos e os holandeses pensaram que a carta era real, e eles continuaram com o negócio. Akyeampon foi mandado embora pelos holandeses de volta para Assini. Os Elmina estavam com raiva. Eles viram que os holandeses iam deixá-los. Por algum tempo eles não concordariam e esperavam que os Achanti lhes ajudassem ou que o governo britânico mudaria de ideia. Mas viram que nenhuma dessas coisas aconteceria; e a maioria das pessoas de Elmina disseram que se eles tivessem que ficar sob o

⁵² (N.T.) Como no original.

domínio britânico de qualquer maneira, seria melhor concordar de boa vontade, para serem amigos dos britânicos. Eles viram que se os britânicos não os ajudassem contra a Confederação Fante, eles seriam todos mortos. O chefe de Elmina ainda não concordou; mas seu povo o depôs. Em 6 de abril de 1872, os holandeses entregaram o Castelo de Elmina e todos os seus outros lugares na Costa do Ouro para os britânicos. Os Elmina não precisavam temer a Confederação Fante, pois algumas semanas antes de os britânicos realmente chegarem a Elmina, a Confederação morreu. Quando a reunião havia sido realizada em Mankesim, o principal encargo da Confederação havia sido ajudar os Kommenda e outros, que foram informados de que deveriam vir sob os holandeses. Isso irritou o governo britânico, depois que a Confederação Fante parou de lutar contra os Elmina, o governo não se esqueceu do motivo pelo qual a Confederação foi iniciada.

Em 1871, a Confederação iniciou um novo plano. Realizou outra reunião em Mankesim, e elaborou uma série de regras, que se propôs a seguir em seu plano. Muitas das coisas que queria fazer estavam muito certas e adequadas: estradas, escolas, agricultura, justiça, tudo foi mencionado. Mas algumas das outras coisas desagradaram ao governo. A Confederação propôs tornar-se uma Assembleia para aprovar leis, aumentar impostos e discutir qualquer negócio do governo, para todo o terreno da Confederação Fante. Se isso tivesse sido realizado, o governo teria que governar os Fante através da Assembleia da Confederação.

De certo modo, é claro, essa ideia da Confederação Fante era muito boa. Os Fante viram que haviam sofrido muito no passado porque foram divididos; e eles queriam se unir. Eles viram isso porque britânicos, holandeses e Fante estavam divididos. Entre 1863-1872, os britânicos estavam tomando cada vez mais poder sobre eles e temiam perder toda a liberdade com o tempo.

Isto se apresentava como contra a ideia da Confederação. E é provável que a Confederação nunca teria sido capaz de fazer todas as coisas boas que se propôs fazer. A questão da tributação, por exemplo, teria sido muito difícil. As pessoas que elaboraram essas regras estavam indo muito rápido, talvez demasiadamente rápido. Mas pode ser que os Fante pudessem superar essas dificuldades em alguns anos; e se a Confederação funcionasse bem, e se a Confederação e o governo britânico confiassem um no outro e trabalhassem juntos, poderia ter sido uma coisa muito boa para o país.

Mas o governo lembrou que a Confederação havia começado em primeiro lugar, em 1867, para ir contra o que o governo britânico desejava.

Então, quando o governador viu tudo isso sobre os Fante se governando, ele pensou que significava que os Fante não queriam mais se envolver com os brancos. Esses realmente prenderam os três oficiais da Confederação que lhe trouxeram uma cópia das regras, e os colocou na prisão, e escreveu ao governador-chefe em Freetown e disse que achava que era um assunto muito sério. Mas o governador- em-chefe e o secretário de Estado da Inglaterra não concordaram. Eles o fizeram deixar os homens saírem da prisão e os libertaram. O novo governador-em-chefe viu as regras, e disse que, com muitos deles, ele estava muito satisfeito, mas ele não poderia concordar com todos eles sem pensar sobre o assunto com muito cuidado. Mas antes que ele tivesse tempo para terminar de pensar sobre o assunto, a guerra e outros problemas chegaram ao país, e a Confederação Fante foi esquecida. Nunca mais se reuniu.

CAPÍTULO XIII

A GUERRA "SAGRENTI"⁵³ DE 1874

A questão de Elmina trouxe guerra novamente aos Achanti. Paz nunca houve desde 1863, portanto, esta não é, estritamente falando, uma nova guerra. Os Achanti contaram Elmina como parte de seu país, e não perguntaram se concordavam que os holandeses deveriam deixar isso para os ingleses. Mas se eles tivessem perguntado, nunca teriam concordado. Elmina foi o único porto da costa onde os Achanti poderiam vir a negociar sem ter que comprar e vender por meio de comerciantes Fante ou Accra. Os Fante queriam manter todo o comércio com o interior em suas mãos e lucrar com isso. Os homens brancos queriam ter também seu próprio lucro, e cobrar direitos alfandegários para pagar para seu governo na terra que eles governavam. Esta foi a principal causa da guerra, embora houvessem causas

⁵³ Guerra de Sagrenti - Morreram 3 forças britânicas e 1 guerreiro Asante Originalmente chamada de "Guerra de *Sir* Garnet Wolseley", a Guerra de Sagrenti aconteceu entre 1873 e 1874 entre os Achanti e o Império Britânico. Um exército comandado por *Sir* Garnet Wolseley cruzou o rio Pra para o território Achanti.

A guerra recebeu o nome do comandante britânico *Sir* Garnet, mas foi corrompida na "Guerra de Sagrenti". A força britânica, desta vez, mostrou-se forte demais para os Achanti que, após uma longa e dura luta, concordaram em assinar um tratado de paz em Fomena. Foram três mortos e 165 feridos das forças britânicas, um morto e 29 soldados Achanti feridos. Mais ou menos na mesma época, os britânicos derrotaram o povo Anlo na área de Volta. Em 12 de setembro de 1874, todo o sul de Gana, incluindo Anloland, tornou-se uma colônia britânica.

muitos menores, e a causa da guerra de 1863, o assunto de Kwasi Gyani, nunca foi assentado.

Também havia outro assunto que precisava ser resolvido. Este era o problema dos missionários que estavam presos em Kumasi. Nenhum deles era britânico, e nenhum deles foi levado em país britânico ou em país que era protegido por britânicos. Mas o governo britânico, mesmo assim, sentiu que tinha que fazer o que quisesse em seu favor.

O governador escreveu a Kumasi para pedir ao Asantehene que os devolvesse. O próprio Kofi Karikari poderia ter feito isso; e ele queria se livrar deles quando ouviu dizer que Adu Bofo estava indo mal contra os Krepi. Aí a maioria dos chefes Achanti não concordou. O governador propôs que ele desistisse de todos os seus prisioneiros Achanti e que o Asantehene deveria entregar todos os prisioneiros em seu poder. O Asantehene concordou. Os Achanti em Cape Coast foram reunidos e enviados até o Pra; mas os Assin não os deixaram passar para Achanti e os mantiveram lá por vários meses. No momento em que os Assin concordaram em deixá-los ir, o Asantehene tinha notícias melhores de Adu Bofo e da guerra de Krepi; então ele pegou os Achanti de Cape Coast, e enviou, em troca, apenas os Fante e Assin que ele mantinha. Ele disse que não poderia deixar os homens brancos partirem, a menos que Adu Bofo, quem os tinha levado, concordasse; e Adu Bofo queria que o governador pagasse 1.800 onças de ouro (mais de £ 6.000) por eles. O governador, Sr. Hennessy, tentou ser amigo dos Achanti, dando-lhes o que queriam. Ele enviou presentes para o Asantehene. Prometeu pagar o dobro em dinheiro por Elmina do que os holandeses pagaram: 40 onças de ouro em vez de 20 onças. Ele até permitiu que comprassem armas, pólvora, sal e munição o quanto quisessem. Mas ele não pagaria 1.800 onças de ouro pelos homens brancos em Kumasi; ele se ofereceu para pagar 250 onças, quase 1.000 libras. Ele enviou um mensageiro para Kumasi para dizer isso; e ele escolheu como seu mensageiro Henry Plange, que já tinha causado tantos problemas e quem os Achanti conheciam e dele não gostavam. Plange ficou esperando algumas semanas antes que Kofi Karikari o visse. Em seguida, ele foi chamado perante o conselho de chefes e instruído a dizer o que tinha a dizer. Os chefes ficaram muito bravos quando ele disse que o governador nunca pagaria mais de £1.000. Eles reduziram as 1.800 onças de ouro para 500 onças (quase 2.000), e perguntaram a Plange o que ele dizia sobre isso. Ele disse que £ 1.000 eram tudo o que o governador pagaria. Isso foi em 2 de setembro de 1872. Em 22 de outubro, o Asantehene e seus chefes realizaram uma grande reunião em que os chefes juraram marchar para a costa, e Kofi Karikari respondeu: "Se você for, eu irei com você".

Poucos dias antes desta segunda reunião em Kumasi, um mensageiro Achanti veio para Cape Coast. Ele pediu ao governador £ 2.000 e disse que se o governador pagasse o dinheiro, os prisioneiros em Kumasi seriam libertados assim que ele voltasse para casa. Quando ele descobriu que o governador não concordaria, ele disse que ele pagaria as £ 1.000. Isso mostra que o próprio Asantehene não desejava a guerra, mas estava sendo empurrado por seus chefes. O governador disse que ele pagaria o dinheiro de bom grado; mas não para o mensageiro Achanti. Ele pagou o dinheiro ao Sr. Grant, um Fante que vive em Cape Coast, e disse que o Sr. Grant pagaria ao Asantehene assim que os prisioneiros chegassem a Cape Coast. Ele pensou que os Achanti eram selvagens, que não cumpriam suas promessas. Plange e os europeus foram enviados para Fomena; mas quando o Asantehene ouviu que o dinheiro não seria pago até que eles chegassem a Cape Coast, ele os chamou de volta para Kumasi.



ACHANTIE FANTE

PARA
ILUSTRAR AS
GUERRAS ACHANTI

Nem todos os lugares mencionados na história das guerras são marcados aqui. Um ou dois são deixados de fora porque eu não sei onde eles estão, um ou dois são deixados de fora porque não há lugar para eles. Peminase, Egyinase e Bobriase são deixados de fora por esse motivo. Peminase está perto do Lago Bosumtwé; apareceria neste mapa logo abaixo da letra a da palavra Lago, logo ao norte das colinas. Egyinase fica a oitocentos metros de Amofo e Bobriase fica a oitocentos metros de Akrokyere; e oitocentos metros é uma distância muito pequena para ser mostrada no mapa. Kokobiante está perto de Akrokyere. As

colinas estão sombreadas. A linha pontilhada marca a antiga estrada de Kumasi a Cape Coast. A região ao redor do lago é chamada de Asueho. Old Denkyera e New Denkyera são ambos nomeados. A velha Denkyera, com capital em Abankasiesu, lutou contra Osei Tutu; mas na época do Denkyerahene Bodu Akefun, todas as terras ao norte do Ofin foram tomadas pelos Achantis sob Osei Tutu. As duas divisões de

Assin não são marcadas; mas, grosso modo, a estrada pode ser tomada como limite. A leste da estrada está Assin Atandaso, a oeste está Assin Apimenem. Este mapa também pode ser usado para ilustrar os Capítulos III e VIII.

Em 22 de janeiro de 1873, o principal exército Achanti cruzou o Pra. Foi conduzido por Amankwa Tia, o chefe de Bantama⁵⁴. Outro exército sob o comando de Adu Bofo foi para o oeste em Sefwi e Wassaw. Um terceiro, sob Kofi Bentuo, chefe de Marawere, deixou Kumasi um pouco mais tarde, para entrar em Akim e impedir o ataque dos Akim. Os Achanti estavam usando seu método triplo de ataque novamente. O exército de Amankwa Tia era o maior dos três. O terceiro exército comandado por Kofi Bentuo nunca chegou a Akim. Kofi Karikari chamou de volta e o enviou para ajudar Adu Bofo em Sefwi e Wassaw. Isso deixou os Akim livres; e os Achanti, mais tarde na guerra, tiveram motivos para lamentar por isso. Os britânicos em Cape Coast ouviram várias histórias de ataques Achanti, mas todos eles tinham sido falsos. Então, quando a notícia chegou a Cape Coast, em 31 de janeiro, de que os Achanti cruzaram o Pra e queimaram várias aldeias Assin, os britânicos não acreditaram. Mas em 9 de fevereiro o principal exército Assin encontrou os Achanti em Assin NyanKumasi, e foi completamente derrotado. Os Achanti avançaram descendo a estrada em direção a Cape Coast. Os Assin e os Fante começaram a reunir mais homens, mas os Achanti os empurraram de volta para Fante NyanKumasi. Um oficial inglês foi enviado com alguns soldados Hauçá e alguns homens de Cape Coast para fazer o que ele pudesse para ajudar os Fante e os Assin, mas foi dito para ter cuidado, para proteger Cape Coast dos Achanti; então ele não foi capaz de salvar o exército Fante de ser derrotado novamente em Fante NyanKumasi. Após esta batalha, os Achanti descansaram. Os Fante e outros formaram um grande acampamento em Dunkwa, e mais algumas tropas vieram de Serra Leoa para ajudá-los. Os Achanti também conseguiram mais homens, mais munição e pólvora de seu próprio país; e Adu Bofo veio de Wassaw e se juntou a Amankwa Tia antes de Dunkwa. Em 8 de abril, os Achanti atacaram Dunkwa, mas não puderam fazer qualquer coisa contra os Fante, que lutaram com muita bravura. Uma semana depois eles vieram e atacaram novamente, e outra batalha foi travada que durou o dia inteiro. Nenhum lado venceu; mas na manhã seguinte os Fante retiraram-se para a Cape Coast, deixando os Achanti para descansar em Dunkwa. No meio de maio eles deixaram Dunkwa e se mudaram lentamente em direção a Jukwa; e lá, em 5 de junho, os Achanti conquistaram uma grande vitória sobre os Fante.

⁵⁴ Outro Amankwa Tia, chefe de Bantama, foi enviado por Opoku Ware para lutar contra os Sefwis.

O governo agora viu que os Achanti eram mais perigosos do que eles nunca tinham sido antes. Os Achanti estavam a apenas dezesseis quilômetros de Cape Coast. Milhares de Fante chegaram à Cape Coast para serem protegidos pelos canhões do castelo. Havia apenas 500 soldados treinados no local, e muitas armas do castelo eram inúteis. Muitas das pessoas de Elmina juntaram-se aos Achanti. Se esses tivessem atacado Cape Coast, eles certamente teriam tomado a cidade, e muito provavelmente o castelo também. Mas eles não sabiam como as coisas estavam ruins em Cape Coast, e eles próprios sofriam de doenças e falta de comida. As chuvas de fato aquele ano foram muito pesadas. Muitas das casas em Cape Coast ruíram, e parte do castelo também afundou na lama com suas armas. Não havia espaço nas casas de Cape Coast para os milhares de Fante e Assin, e eles tiveram que dormir nas ruas. Os Achanti, no mato, estavam em pior situação. Molhados, doentes, com fome e miseráveis, eles estavam fartos da guerra. E agora mais tropas começaram a vir da Inglaterra. Alguns marinheiros britânicos e os soldados foram até Elmina e expulsaram os que se juntaram aos Achanti. Elmina foi destruída pelas armas do castelo, e as pessoas desistiram de lutar e concordaram em servir o Governo. Houve alguma luta no mato fora de Elmina, entre os britânicos e os Achanti, e esses estavam perdendo. Esta pequena luta mostrou aos Achanti que eles nunca poderiam tomar Elmina, e era para isso que haviam vindo. Eles nunca se sentiram felizes com Amankwa Tia, pois não achavam que ele era bom o suficiente para liderar o exército contra os britânicos. Agora que eles se encontraram sentados no mato na chuva perto de Cape Coast, sem fazer nada por tanto tempo, eles fizeram Amankwa Tia enviar mensagem para Kofi Karikari em Kumasi pedindo a ele para chamar de volta o exército para Achanti. Mas Kofi Karikari não queria. Ele disse: "Você desejou a guerra, e agora você a tem. Você jurou que não voltaria até que você pudesse me trazer as paredes de Cape Coast, e agora você quer que eu recorde você porque muitos chefes morreram e você está sofrendo". "Não fui eu, foi você quem o desejou... No devido tempo, enviarei uma resposta". Em setembro de 1873, o governo britânico nomeou o coronel *Sir* Garnet Wolseley para comandar todas as tropas na Costa do Ouro e ensinar aos Achanti a lição. Por muito tempo, as pessoas na Inglaterra não haviam entendido como as coisas eram ruins na costa, e o governo temia enviar soldados brancos por causa do clima ruim. Naquela época, as pessoas não sabiam a causa da malária; pensavam ser causada por ar poluído de folhas podres ou de pântanos. Então, não aceitavam que o problema fossem os mosquitos e não usavam quinino regularmente. Nem sabiam o perigo de beber água direto do rio sem ferver ou filtrar. Por causa disso, homens brancos morriam muito rapidamente de

febre, disenteria e outras doenças, e a costa oeste da África era conhecida como "O túmulo do homem branco". Mas *Sir Garnet Wolseley* não aceitaria a tarefa de lutar contra os Achanti a menos que pudesse ter alguns soldados brancos se precisasse; e o governo concordou com isso. É pelo nome de "*Sir Garnet*" que o povo Akan chama essa guerra.

A primeira coisa a fazer era levar os Achanti de volta ao seu país. Depois disso, *Sir Garnet Wolseley* desejou levar seu exército para Achanti e vencer os Achanti em seu próprio país. Os Achanti sempre lutaram perto da costa, mas os britânicos e os Fante nunca cruzaram o Pra para atacar Achanti. Como Kwaku Dua tinha dito "O homem branco traz seu canhão para o mato mas o mato é mais forte do que o canhão". Enquanto os Achantis acreditassem nisso, eles pensariam que sempre podiam fazer a guerra quando quisessem e fazer as pazes também quando quisessem; e os ingleses tinham de mostrar que estavam errados.

Quando *Wolseley* chegou, ele encontrou apenas cerca de 600 soldados treinados no país. Ele mandou buscar soldados brancos na Inglaterra e cerca de 2.000 foram enviados. Mas ele queria fazer o máximo que pudesse sem eles, por que os soldados brancos têm pouco tempo no país, durante a estação seca. Tudo o que poderia ser feito para se preparar para a marcha para Kumasi teria de ser feito antes que eles viessem: Estradas para ser feitas, locais para acampamentos a serem escolhidos, transportadores e outros homens a serem engajados, alimentos e lenha a serem coletados. Ele começou enviando oficiais para reunir exércitos das tribos amigas. O capitão Butler foi enviado para recolher homens em Akim. Capitão Glover, o governador da pequena colônia britânica de Lagos, ofereceu-se para coletar homens em Accra, Krobo e os países ao redor do Volta. Outros oficiais trouxeram homens de Serra Leoa e da Gâmbia. Uma grande reunião de chefes foi realizada em Cape Coast, e *Wolseley* pediu-lhes para dar o seu melhor empenho para trazer um grande exército. Os chefes não estavam muito dispostos, e *Wolseley* estava muito zangado com eles; mas sem dúvida eles estavam esperando para ver se o governo realmente falava sério. Eles não haviam esquecido o major Cochrane.

Eles sabiam que os Achanti estavam cansados da guerra e logo voltariam para casa de novo; e eles não queriam fazer nada para que os Achanti ficassem por mais tempo. *Wolseley* decidiu afastar os Achanti de Elmina e Cape Coast. Ele tinha ainda muito poucas tropas brancas, e muito poucos homens treinados de qualquer tipo. Ele viu que deveria pegar os Achanti de surpresa. Ele enviou homens para Elmina à noite, e atacou os

Achanti no início da manhã de 14 de outubro. Havia mais de 300 tropas caribenhas e Hauçá, e quase 200 homens brancos dos navios de guerra. Eles expulsaram os Achanti de Asaman e avançaram ao longo da costa até Ampeni, queimando as aldeias onde os Achanti viviam. Isso mostrou aos Fante que Wolseley não era como o major Cochrane; ele seguiria os Achanti para o mato como *Sir Charles McCarthy*, mas, ao contrário de McCarthy, ele os venceria lá. Mesmo assim, os Fante não se juntaram ao exército. Poucos homens vieram da Gâmbia, Serra Leoa e o Delta do Níger, menos de 500 no total. Então Wolseley enviou solicitação a Inglaterra para mais tropas brancas; e ele decidiu esperar até que viessem antes marchar para Achanti. Ele escreveu ao Asantehene, e disse-lhe para chamar todo o seu exército de volta a Achanti antes de 12 de novembro; para desistir de todos os prisioneiros Assin, Denkyera e Fante e para pagar pelos danos causados por seus homens. Ele informou que se assim não fosse feito, ele faria pela força o Asantehene desistir dos prisioneiros e pagar o dinheiro.

Esta carta nunca chegou a Kumasi, embora três cópias separadas tenham sido enviadas por diferentes mensageiros. O general Achanti Amankwa Tia impediu as cartas e enviou uma resposta própria. Ele disse que não tinha nenhuma disputa com os homens brancos, mas eu tinha força para atacar e subjugar ao Achanti novamente os Assin, Denkyera, Akim e Wassaw. Ele não disse nada sobre Elmina, e nada sobre Kwasi Gyani, e nada sobre os missionários em Kumasi. Ele apenas disse que o Asantehehene queria aquelas quatro tribos, que ele não poderia tomar sem quebrar seu tratado de 1831. Mas Amankwa Tia ouviu que as tropas britânicas estavam em Dunkwa e Manso, na estrada Cape Coast-Kumasi, bem ao norte. Ele temia que não seria capaz de voltar para Achanti, então ele começou a se retirar. Uma parte de seu exército marchou pelo mato de Efutu Mampon para o leste para se juntar à estrada, enquanto outra parte se mudou de Efutu para Abakrampa, na esperança de entrar no meio dos britânicos em Dunkwa e Cape Coast e assim fizeram os homens em Dunkwa se retirarem em direção a Cape Coast. Mas a primeira parte de seu exército encontrou os britânicos antes de chegar a Dunkwa, e depois de uma pequena luta teve que se afastar. A segunda parte atacou Abakrampa. Mas descobriu que os britânicos em Abakrampa eram muito fortes, e que os os britânicos em Dunkwa não desceram para ajudá-los e deixaram a estrada para Kumasi aberta, assim os Achanti desistiram. Amankwa Tia viu que ele não poderia usar a estrada, assim fez seus homens cortarem caminhos através do mato, paralelos à estrada e alguns quilômetros a oeste dela. Os britânicos não tinham homens suficientes para lutar uma batalha contra todo o exército Achanti, de modo

que eles não incomodaram muito os Achanti enquanto cortavam seus caminhos. Mas eles os incomodavam o suficiente para fazer os Achanti trabalharem o mais rápido que podiam; e isso foi tudo que eles puderam fazer, com medo de ter outra batalha como Nsamankow, quase cinquenta anos antes.

Amankwa Tia iniciou sua marcha em 16 de outubro. Uma semana depois, uma parte de seu exército entrou na estrada em Nsuta, e quando os britânicos chegaram a Nsuta no dia 26, eles encontraram o acampamento Achanti vazio, mas as fogueiras ainda acesas. O resto dos Achanti entraram na estrada em Fosu e mais ao norte. Os britânicos os seguiram. Em Fosu, o general Achanti, disse a Asamoah Nkwanta, o Anantahene, para virar e segurar os britânicos voltando, enquanto a maior parte do exército alcançava o Pra. Ele fez isso, e parou os britânicos por um tempo em uma batalha muito bem travada. Os Achanti depois deram a Asamoah Nkwanta o nome de Srafo Kra em homenagem a esta luta. No último dia de novembro, o derradeiro exército Achanti cruzou o Pra; as primeiras tropas inglesas chegaram ao rio em 10 de dezembro. Quando esta notícia chegou a Kumasi, uma reunião foi convocada do conselho de chefes. Os chefes estavam cansados da guerra, mas Kofi Karikari não quis chamar o exército de volta até que os chefes concordassem em devolver o dinheiro que ele gastou na guerra. Ele lhes disse novamente que era a guerra deles, não a sua. Eles concordaram, e muitos chefes perderam todo o seu dinheiro desta forma. Então, Amankwa Tia teve permissão para cruzar sobre o Pra. Em 10 de novembro outra carta de Wolseley, como aquelas que Amankwa Tia tinha segurado, veio para Kumasi. Isso fez a rainha-mãe mudar de ideia sobre a guerra. Ela disse: "Desde os tempos antigos, tem-se visto que Deus luta pelos Achanti se a guerra é justa. Esta é injusta. Os europeus imploraram pelos homens brancos que temos na prisão. Disseram-lhes que esperassem até que Adu Bofo voltasse. Adu Bofo voltou. Então dissemos a eles que queríamos dinheiro. O dinheiro foi oferecido, e até pesado. Como essa guerra pode ser justa? . . . Aconselho que enviemos os homens brancos de volta imediatamente, e então Deus nos ajudará".

Kofi Karikari respondeu à carta. Ele disse que não queria lutar contra os homens brancos, mas ele queria lutar contra os Denkyera, por que Plange disse-lhe que os Denkyera teriam Elmina. Mas ele chamou seu exército de volta para Achanti quando soube que o Denkyerahene estava morto. Ele reclamou que os britânicos erraram quando atacaram seu exército em Fosu, quando já estava a caminho de casa. Ele disse que ainda pretendia manter o tratado de 1831. Foi-lhe difícil dizer por que fez a guerra quando ele mesmo

nunca a desejou, e quando a rainha-mãe também pensava que os Achanti estavam errados.

Mas ele ainda pensava que os Achanti poderiam atacar as tribos costeiras e ficar por tanto tempo como eles gostavam, e que os britânicos não deveriam incomodá-los quando eles queriam ir para casa. Ele não viu que os britânicos tinham que proteger os povos da costa. E ele não libertou os homens brancos. A primeira parte da guerra acabou. Tropas africanas sob oficiais britânicos haviam expulsado os Achanti de Elmina através do Pra de volta ao seu próprio país. O exército Achanti chegou a Kumasi em 22 de dezembro. Apenas 20.000 homens voltaram dos 40.000 que haviam partido; 280 chefes foram mortos. Não houve pilhagem, nem longas filas de prisioneiros. Em vez de alegria, houve tristeza. Pela primeira vez, um grande exército Achanti havia saído e retornado derrotado. E havia outra diferença. Em outras guerras, acontecesse o que acontecesse, a guerra terminava quando o exército voltava para Kumasi. Mas desta vez os Achanti sabiam que "Sagrenti" e seus homens estavam seguindo apenas aos seus. A guerra não acabou; estava apenas começando.

Os soldados brancos vieram da Inglaterra em dezembro. Em 10 de janeiro eles estavam todos prontos em Prasu, e o próprio Wolseley estava lá. Naquele dia o principal corpo do exército cruzou o rio; os batedores e outras tropas avançadas tinham já cruzado alguns dias antes. De Prasu, *Sir Garnet Wolseley* enviou outra carta ao Asantehene. Kofi Karikari viu que o assunto era sério e enviou o homem branco Kühne para implorar aos britânicos que não avansassem mais. Mas conflitava com o que Wolseley buscava. Então os britânicos seguiram em frente. No mesmo dia em que Wolseley escreveu sua carta, uma grande árvore *Owawa* que havia sido plantada por Okomfo Anokye em Kumasi caiu; então os Achanti temiam a guerra. Mas Kwadwo Oben, chefe de Adansi, disse aos chefes em Kumasi que se eles não tinham pólvora para lutar contra os britânicos, ele tinha. Então os Achanti se prepararam para lutar novamente. Kwabena Dwumo de Mampon era o líder do exército, o que deixou Amankwa Tia muito zangado.

Em 23 de janeiro, os outros europeus em Kumasi foram libertados e alcançaram o acampamento britânico. Eles trouxeram uma carta do Asantehene, na qual ele prometeu pagar o dinheiro que os britânicos pediram. Wolseley respondeu que os Achanti devem libertar todos os prisioneiros Fante e pagar metade do dinheiro de uma vez. E a rainha-mãe de Achanti e os herdeiros do tamborete do próprio Achanti, Juaben, Mampon, Kokofu e Bekwai deveriam ser entregues até que o dinheiro fosse

pago. Claro, o Asantehene não poderia abrir mão dessas grandes pessoas como prisioneiros para os britânicos. Então a guerra continuou. Asamoia Nkwanta foi enviado para ajudar os Adansi até que o principal exército Achanti devesse estar pronto. Este exército foi reunido em Amofo, perto de Bekwai. O plano Achanti era que Asamoia Nkwanta, com Kwadwo Oben e seu Adansi, deveriam opor-se aos britânicos o suficiente para fazê-los se mover lentamente, mas não o suficiente para detê-los completamente. Eles iriam encontrar o principal exército Achanti em Amofo, e haveria uma grande batalha lá; e enquanto os britânicos estivessem ocupados, os homens de Juaben se moveriam por trás deles, quebrariam a ponte sobre o Pra e fechariam o exército britânico dentro de Achanti. Os britânicos ficariam então sem comida e estoques; eles seriam espremidos entre dois exércitos Achanti e derrotados. Mas os homens Juaben não podiam fazer sua parte na luta, pois Wolseley havia enviado outro oficial, o capitão Glover para reunir um exército em Accra e Akwapim e atacar Achanti pelo sudeste.

O capitão Glover não coletou muitos homens, mas seu exército era grande o suficiente para manter os homens Juaben vigiando-o, para que não pudessem deixá-lo e fazer o que Asamoia Nkwanta queria que eles fizessem em Prasu. Portanto, os Achanti não foram capazes de perturbar muito a retaguarda britânica. O principal exército britânico estava agora acampado no topo da colina Moinsi acima de Kwisa e Fomena. Em 29 de janeiro de 1874, os batedores britânicos lutaram com os Adansi em Bobriase, perto de Akrokyere, e os venceram. Nesta luta Asamoia Nkwanta quase foi feito prisioneiro. Seu guarda-chuva estatal foi levado pelos britânicos. Os Adansi se retiraram para se juntar ao exército principal em Amofo. No mesmo dia o principal exército britânico deixou Moinsi e mudou-se através de Fomena e Dompoase para Nsafu. No dia 31 os batedores encontraram os Achanti em Egyinase, a meia milha de Amofo, e os levaram de volta ao lugar que haviam preparado no próprio Amofo. A estrada pela qual os britânicos se moviam subia uma colina e depois passava para baixo em uma bacia. A colina que formava a lateral da bacia formava um semicírculo no leste, e o pequeno rio Aprapon fluía dele para o oeste através de um pântano. Quando chegaram ao riacho e à lama, eles tinham o exército Achanti na frente deles e à sua direita; e eles perderam muitos homens antes que pudessem avançar a colina do outro lado do riacho. A batalha começou às oito da manhã; e os britânicos levaram quatro horas para atravessar a colina através do rio. As armas foram trazidas e quando os Achanti foram fortemente abalados, os britânicos atacaram e os empurraram um pouco para trás e então as armas foram movidas para frente novamente, e assim por diante. Por último, ao

meio-dia, os britânicos abriram caminho para a cidade de Amofo. Enquanto isso estava acontecendo, os Achantis atacaram a direita e a esquerda dos britânicos, e então atacaram os campos britânicos em Kwaman e Fomena; mas eles não ganharam nenhuma dessas pequenas lutas. Os Achantis perderam muitos homens nessa batalha de Amofo. Amankwa Tia era o líder do exército; mas Kwabena Dwumo disse que lideraria o exército ele mesmo em uma batalha tão importante. Amankwa Tia não concordou e rasgou seu uniforme como um sinal de que não concordaria; e com o uniforme rasgado, foi baleado nas costas e morreu. Kwabena Dwumo também foi morto na batalha.

Após a batalha de Amofo, os britânicos avançaram novamente. Em 3 de fevereiro o exército construiu uma ponte sobre o rio Oda, e na manhã seguinte atacou os Achanti novamente em Odasu, por algumas horas, a apenas cinco quilômetros de Kumasi. Foi uma luta difícil, mas então os Achanti foram derrotados e fugiram. Às cinco e meia, na noite de 4 de fevereiro, o exército entrou em Kumasi. O Asantehene não veio a Kumasi para falar sobre paz; e o exército britânico era pequeno demais para esperar muito tempo no meio do país do inimigo. Então, na manhã do dia 6, o exército deixou Kumasi, e antes de ir incendiou a cidade e explodiu o casa e forte de Asantehene⁵⁵ com pólvora. No dia 12 os mensageiros do Asantehene se encontraram com *Sir* Garnet Wolseley em Fomena, e o Tratado de Fomena foi elaborado. O Asantehene teve que pagar uma grande quantia em ouro e desistir de reivindicar Elmina, bem como Akim e Denkyera, e também Adansi. Os Adansi disseram que queriam se mudar para o sul do Pra, ficar sob o domínio dos britânicos e não mais servir aos Achanti (Mas eles não o fizeram por muitos anos). *Sir* Garnet Wolseley saiu da costa no dia 4 de março, com os soldados já tendo partido. A paz foi feita agora entre os britânicos e os Achanti; mas no leste da Costa do Ouro, a guerra foi ainda acontecendo. O capitão Glover não foi capaz de reunir muitos homens para atacar os Achanti, porque os Krobo, os Akwapim e outros queriam terminar a guerra contra os Awuna. Após o Tratado de Fomena, três homens Achanti vieram para Keta e disseram aos Awuna que eles não poderiam ajudá-los. Então os Awuna estavam então prontos para fazer as pazes. A paz foi feita com eles em Dzelukofe em junho de 1874, e todo o país Awuna foi tomado sob o domínio britânico. Em 12 de setembro de 1874, a Costa do Ouro e Lagos foram separadas de Serra Leoa e transformados em colônia, não em protetorado, sob o título de Colônia da Costa do Ouro. Com isso, o governo britânico assumiu o governo do país. O povo da colônia não deveria

⁵⁵ Este forte foi construído por Osei Bonsu logo após 1820.

ser aliado dos britânicos, mas deveria ser súdito britânico, como desejavam os líderes da Confederação Fante.

O país era governado por meio dos chefes nativos e seus conselhos. O governo inglês não tinha terras próprias, exceto àquelas nas quais os fortes foram construídos (que o governo tinha agora tomado, dos Achanti, como os Achanti haviam tomado dos Denkyera e Akim, as que eles próprios os haviam tirado dos chefes da costa). Mas os ingleses deveriam governar; não era para ser só o amigo, conselheiro e ajudante. As coisas não podiam continuar da maneira antiga. Se os ingleses deveriam defender o país e fornecer juizes, escolas, estradas e fazer todas as outras coisas que o povo desejava, eles deveriam ter o poder de dar ordens. Se não tivessem esse poder, teriam que deixar o país completamente; e, na verdade, muitos ingleses disseram que seria melhor assim o fazer. Eles disseram que haviam feito o suficiente pelo povo na última guerra, e o povo tinha feito o suficiente para eles; e seria melhor deixar os Achanti tomarem todo o país. Mas o governo não concordou com isso.

Em novembro de 1874, o governo aprovou uma lei para impedir todo o comércio de escravos, para libertar todos os escravos, e dizer que todas as crianças nascidas após uma certa data deveriam nascer livres. Quando o governo explicou que os escravos que optaram por continuar vivendo com seus amos deveriam ter permissão para tanto, e não deveriam ser forçados a ir viver longe e sozinhos, com o que concordaram os chefes e o povo da colônia. A maioria dos escravos ficaram onde estavam e continuaram a servir a seus antigos amos.

CAPÍTULO XIV

BRITÂNICOS E ACHANTI, 1874-1888

Pela primeira vez desde os dias de Opoku Ware, Kumasi foi invadido por um inimigo. Parecia que a Confederação Achanti era inútil, e que o trabalho de todos os chefes que haviam se sentado no tamborete Achanti fora desperdiçado. Assim, muitos dos grandes chefes de Achanti disseram que eles e seu povo não mais serviriam a Kumasi. Não apenas as pessoas de Gyaman e Banda, que sempre se recusaram a obedecer aos Achanti, sempre que eram fortes o suficiente, mas mesmo alguns dos grandes Achanti com

tamboretetes, como Juaben, Kwahu, Mampon, Agona, Nsuta, Bekwai e Kokofu romperam com o governo Achanti. O povo Brong do Norte Achanti, como o povo de Tekyiman, Attabubu e Karakye e todas as pessoas do Norte que vinham homenageando Kumasi.

Os Achanti não sabiam o que fazer. Eles viram agora que os britânicos estavam mais fortes do que eles. Muitas aldeias chamadas Brofo Yedru estavam lá para lembrar-lhes da guerra. Muitos dos grandes chefes Achanti desejavam que seu país vivesse sob proteção britânica. Adansi já o tinha feito, embora os Adansi não tivessem se mudado para a Colônia, como haviam dito que fariam. Os Kwahus e as pessoas Karakye foram enviadas ao governo britânico e pediram permissão para entrar no seu regime; mas o governo britânico não os aceitou. O governo disse que não queria ter nada a ver com os assuntos internos dos Achanti. Então duas coisas eram possíveis. Qualquer um dos povos Achanti seria dividido em muitos estados, ou então Kumasi ou algum outro estado iria reuni-los todos novamente e construir mais uma vez uma forte Confederação Achanti. Kofi Karikari chamou todos os grandes chefes Achanti para encontrá-los em Menhia, perto de Kumasi. Os chefes Kumasi vieram, mas muitos dos outros não apareceram. Asafo Agyei, chefe de Juaben, não só recusou vir para Kumasi, mas matou alguns comerciantes Kumasi, e disse que nunca viveria sob Kumasi novamente. O Asantehene pediu ao governador que enviasse um oficial para tentar fazer Juaben servi-lo; e um oficial foi enviado. Mas o governador lhe disse que não era seu negócio fazer a Juaben servir Kumasi; tudo que queria era ajudar Asafo Agyei e Kofi Karikari a fazer a paz. Quando o oficial foi para Juaben, Asafo Agyei disse que não serviria Kumasi; e então a paz foi feita, mas Kofi Karikari teve que concordar que Juaben estava livre de servir Kumasi. Então a rainha-mãe de Achanti viu algo que a deixou zangada. Ela viu uma das esposas de Kofi Karikari usando ornamentos de ouro que haviam pertencido a sua própria mãe, avó de Karikari. Karikari havia aberto as sepulturas em Bantama e tirou as peças de ouro e contas de *aggrey* e outras coisas valiosas que jaziam. O Asantehene poderia usar este tesouro em tempos de grande perigo, se seu conselho concordasse; mas era muito errado para ele tocar por iniciativa própria. A rainha contou aos chefes o que seu filho, o Asantehene, havia feito, e ele seria deposto. O conselho tornou seu irmão mais novo, Mensa Bonsu, Asantehene; mas apenas alguns dos grandes chefes vieram colocá-lo no tamborete. Mensa Bonsu tornou-se Asantehene no final de 1874. Ele se propôs a reconstruir Kumasi e fazer os outros tamboretetes Achanti servirem Kumasi novamente. Mas ele nada poderia fazer com Asafo Agyei de Juaben, que fechou as estradas e levou alguns homens prisioneiros

em Kumasi, quebrando assim a paz que ele havia feito com Kofi Karikari. O Asantehene enviou mensagem ao governo para pedir ajuda; mas o governador disse que ele não teria mais nada a ver com os assuntos internos de Achanti. Isso agradou Juaben; e Asafo Agyei pediu ajuda a seus amigos em Akim. (Você deve se lembrar que em 1834, na época de Osei Yaw, o Asantehene e os Juaben desceram para ficar em Akim, e a grande rainha-mãe Juaben, Ama Sewa, os trouxe de volta em 1841⁵⁶). Então a guerra voltou entre Kumasi e Juaben.

Quando alguns dos outros chefes Achanti descobriram que deveriam escolher entre ajudar Kumasi e ajudar Juaben, eles decidiram ajudar Kumasi; Bekwai e Kokofu, que Asafo Agyei contava entre seus amigos, agiu assim. Em outubro de 1875, a luta começou. No início, os homens Juaben ganharam, e alguns dos chefes Kumasi se explodiram com pólvora, porque pensaram que tudo estava perdido⁵⁷. Mas depois a batalha começou novamente; os homens Juaben não tinham mais munição, e eles foram derrotados e fugiram para Akim. Os Akim lhes deram terras em Koforidua e muitos dos Juaben se estabeleceram lá e estão lá até hoje. Mensa Bonsu então tentou fazer Adansi servi-lo novamente. Os Adansi tinham sido prometidos pelos ingleses que, se cruzassem o Pra e vivessem na Colônia, deveriam ser protegidos. Eles não haviam se mudado de Fomena, mas ainda pensavam que os britânicos iriam protegê-los; e Mensa Bonsu também pensava assim. O chefe de Adansi, Kwadwo Oben, estava morto; e houve alguns problemas em escolher o próximo chefe. Uma parte queria servir a Kumasi, a outra aos britânicos. Os Adansi pediram ajuda ao governo; e um oficial foi enviado para Fomena. Ele ajudou os Adansi a concordar; e eles nomearam Nkansa Berofon chefe e decidiram não servir a Kumasi. Algum tempo depois, Mensa Bonsu tentou fazer com que os chefes Adansi depusessem Nkansa e o fazer voltar para o comando de Kumasi. Mas Nkansa ouviu falar disso e informou ao governo; e o governo respondeu a Mensa Bonsu que não quebraria o Tratado de Fomena, que dizia que os Adansi deveriam ser livres dos Achanti. O Asantehene concordou; mas ele estava com raiva, e muitos de seus chefes queriam fazer guerra contra os Adansi. Mas o próprio Mensa Bonsu e a rainha-mãe sabiam que isso traria guerra aos britânicos; e eles não queriam isso.

Então veio a pergunta de Gyaman. Mensa Bonsu enviou mensageiros para Bondugu, dizendo que os britânicos lhe deram toda a Gyaman, então os Gyaman deveriam servi-lo? Kwadwo Agyeman, o chefe de Gyaman, não

⁵⁶ Ama Sewa tornou-se na verdade chefe de Juaben.

⁵⁷ Asamoia Nkwanta, que lutou tão bem contra os britânicos, era um deles.

acreditou nisso, e enviou mensageiros para perguntar ao governo se era verdade. O governador disse que não era verdade e enviou um oficial a Bondugu para avisá-lo e ao povo de Gyaman.

O oficial perguntou aos Gyaman se eles gostariam de estar sob a proteção dos britânicos, como os Adansi. Agyeman queria ficar sob o domínio dos britânicos; mas os seus chefes não concordaram e o assunto foi encerrado. Mensa Bonsu e os chefes Kumasi tentaram de novo em 1882 fazer Gyaman servir Achanti novamente; mas como antes um oficial britânico foi para Bondugu e para Kumasi, e tanto os Achanti quanto os Gyaman concordaram em deixar o governo resolver a questão. Mas antes que o governo tivesse decidido, surgiram outros problemas e a questão nunca foi decidida. Em qualquer caso, Gyaman nunca mais ficou sob o comando de Achanti. Em 1881 e 1882, houve muitos problemas entre os Achanti e os britânicos. Foi o caso de Kwasi Gyani novamente. Um Gyaman chamado Owusu Tasiamandi veio a Cape Coast e disse que gostaria que o governador o protegesse do Asantehene.

No dia seguinte, mensageiros Achanti chegaram a Cape Coast para pedir ao governador para desistir dele. Eles trouxeram consigo o Machado de Ouro, e também um ninho de vespa dourada, como um sinal de que eles consideravam o assunto importante. O governador ficou assustado e pensou que isso significava guerra. Ele pediu tropas da Inglaterra e começou a reunir soldados e policiais em Prasu, e comprou milhares de armas para os Assim, Fante, Akims e Denkyera. Mensa Bonsu ficou muito surpreso, pois ele não queria guerra. Alguns de seus chefes fizeram. Mas ele e a rainha-mãe certamente não queriam. Ele enviou vários chefes e grandes homens como mensageiros ao governador para explicar que eles queriam a paz, e pediram ao governador que enviasse oficiais a Kumasi para ver por si próprios se eles estavam se preparando para a guerra ou não. No final, a questão foi resolvida. O Asantehene explicou que o Machado de Ouro não significava guerra. O governador realmente deu o próprio *Golden Axe*⁵⁸ para a Rainha Vitória da Inglaterra como um presente. Ele pagou uma quantia em ouro ao governo; um oficial britânico foi para Kumasi; e todo mundo viu que tudo tinha sido um erro.

Mas este assunto trouxe todos os grandes chefes de Achanti para servir Kumasi de novo, pois viram que Achanti corria perigo com os britânicos. Eles sabiam que o erro que Asantehene cometeu na visão dos britânicos, em verdade ele não fez nada de errado. E os Achanti estavam com

⁵⁸ Machado de Ouro.

raiva porque os britânicos os envergonharam. Eles estavam com raiva dos britânicos e todo o trabalho de *Sir Garnet Wolseley* foi desperdiçado, a partir do momento em que os Achanti estavam novamente fortes e prontos para a guerra. Os chefes Achanti também estavam zangados com Mensa Bonsu, porque ele não os deixaria ir à guerra com os britânicos. Eles tiveram outras brigas com ele também; e em 1883 o depuseram. Mas eles não podiam decidir a quem colocar no tamborete em seu lugar.

Os Agona, Nsuta, Kokofus Mampons e Nkoranzas queriam ter Kofi Karikari de volta. A maioria das outras tribos escolheu Kwaku Dua Kuma, filho da irmã de Mensa Bonsu e Kofi Karikari, pouco desejado por Mensa Bonsu. Houve problemas em Achanti e quase houve guerra. Na verdade, Kofi Karikari trouxe um pequeno exército para lutar contra Kwaku Dua e os homens de Kumasi, e houve uma pequena batalha, que esses venceram. Mas os Achanti como um todo não queriam a guerra; e eles enviaram mensagem para pedir ao governo para destacar algum oficial para ajudá-los a resolver o assunto sem lutar, e colocar algum outro no tamborete. Mas o governador, Samuel Rowe, não atendeu ao pedido. Ele temia se envolver nos assuntos Achanti e causar outra guerra. Em abril de 1884, os chefes em Kumasi não esperaram mais, e colocaram Kwaku Dua Kuma no tamborete. Mas depois de apenas quarenta dias, Kwaku Dua morreu de varíola. Kofi Karikari agora esperava ser colocado no tamborete, mas os chefes não queriam, e ele foi morto. Isso fez com que todos os Achanti entrassem em guerra. Mas depois de algumas semanas, a rainha-mãe dos Achanti, Yaa Kyia, implorou a todas as tribos para pararem de lutar e escolher um novo Asantehene. Quase todos concordaram, e escolheram Kwasi Kyisi, que era filho de uma irmã da falecida rainha-mãe⁵⁹. Então Yaa Kyia enviou novamente ao governador para pedir-lhe que enviasse um oficial para ajudá-los e ver Kwasi Kyisi assumindo o tamborete. Mas durante dois anos o governador não atendeu o pedido, enviando um oficial. Quando, finalmente, ele enviou um, descobriu que Kwasi Kyisi também tinha morrido e o país estava em guerra novamente. Desta vez, havia dois homens que poderiam ser escolhidos para Asantehene. Um era o jovem Agyeman, irmão mais novo de Kwaku Dua Kuma. O outro era Yaw Twereboanna, um primo de Kofi Karikari e Mensa Bonsu. Bekwai, Ejisu, Juaben, Asumegya e Kumasi queriam Agyeman. Kokofu, Mampon,

⁵⁹ Efua Sapon, rainha-mãe de Achanti era irmã de Kwaku Dua I. Ela tinha três filhas. A mais velha, Efua Kobiri era a mãe de Kofi Karikari, Mensa Bonsu e Yaa Kyia. Quando Mensa Bonsu foi deposta, Efua Kobiri também foi deposta, porque deu maus conselhos a seus dois filhos. Yaa Kyia então tornou-se rainha-mãe. Seus filhos eram Kwaku Dua Kuma, Kwaku Dua III e Agyeman Prempeh. Guinada Twereboanna era filho da filha mais nova de Efua Sapon; Kwasi Kyisi era filho de sua segunda filha. Consulte a tabela dos reis Achanti neste livro.

Nsuta, Nkoranza, Ahafo e o Gyasehene em Kumasi queriam Twereboanna. Enquanto Achanti estava assim dividido, os Adansi viram que eles poderiam fazer o que gostariam: obrigar o resto dos Achanti pagar pelo trabalho que Mensa Bonsu lhes tinha dado. Eles começaram a roubar e matar comerciantes Achanti. Mensa Bonsu tinha medo de atacar os Adansi, porque pensava que os britânicos os iriam proteger. Mas isso foi demais. Karikari de Bekwai reuniu um exército e guerreou contra Nkansa de Adansi. Os Adansi venceram os homens Bekwai em Akrokyere. Então os Adansi conseguiram que o povo Dadiase e outros os ajudassem contra Bekwai; e eles se prepararam para atacar a própria cidade de Bekwai. O exército de Dadiase era muito forte. Os Adansi nunca esperaram poder derrotar os homens de Bekwai, e em Akrokyere eles encontraram apenas uma pequena parte do exército Bekwai. Mas pensaram que com a ajuda de Dadiase eles seriam capazes de destruir Bekwai completamente. Travaram uma dura batalha em Pampasu, e os homens Bekwai começaram a se retirar para Bekwai. Mas, então, os outros chefes de Achanti pensaram que o assunto tinha ido longe o suficiente. Eles fizeram os homens Dadiase deixar a guerra, e disseram aos Adansi que se eles não concordassem em ter sua disputa com Bekwai julgada por todo conselho de Achanti, todo o resto dos Achanti faria guerra contra eles. Isto assustou os Adansi, e eles cruzaram o Pra e foram morar na colônia.

Os homens Bekwai queimaram Fomena e todas as aldeias Adansi, e enviaram mensagem para avisar ao governador que todos os chefes Achanti se reuniriam agora em Kumasi para escolher um novo Asantehene.

Em janeiro de 1887, as duas partes se encontraram em Bekwai; mas eles não conseguiram concordar, e a guerra eclodiu. Foi longa e miserável. Bekwai venceu Kokofu e Kokofu derrotou Bekwai; uma aldeia lutou contra a próxima aldeia, e nenhuma das partes parecia ter probabilidade de vencer. Em agosto, um oficial britânico foi enviado para ver se ele poderia ajudar as duas partes a concordarem em conjunto.

Muitos dos chefes estavam cansados da guerra. Twereboanna tinha sido feito prisioneiro pelos homens de Bekwai. Em outubro, Bekwai e Kokofu beberam fetiche juntos para que aceitassem os britânicos e não lutariam mais. E Mampon e Agona concordaram em não atacar aos Ofinsu e Ejisu.

Mas então Twereboanna escapou e foi para Kokofu. Os homens Kokofu se prepararam para lutar novamente. Mas os outros de parte de Twereboanna já estavam fartos; e Mampon, que era o maior apoio de

Kokofu, deixou-o e juntou-se aos outros chefes para perguntar ao Sr. Barnett, o oficial britânico, para vir a Kumasi e ver Agyeman Prempeh, escolhido para o tamborete. Em março de 1888, Agyeman Prempeh foi escolhido. Os chefes de Mampon e Kokofu não compareceram à cerimônia; mas eles enviaram mensageiros para dizer que eles concordavam que Agyeman Prempeh fosse ser Asantehene, e eles nunca criariam problemas e dizer que ele não era realmente o chefe Achanti só porque eles não haviam estado na cerimônia.

Agyeman Prempeh adotou o nome Kwaku Dua III. Ele começou a governar em um tempo de grande dificuldade. Achanti estava cansado depois de anos de guerra. Muitos dos chefes não queriam realmente servir Kumasi, e só concordaram em fazê-lo porque temiam que Achanti poderia ser atacado pelos britânicos. O Asantehene não confiava nos britânicos. Desde 1874 o governo dizia que não teria nada a ver com assuntos internos em Achanti. Mas mais de uma vez o governo quebrou essa regra e enviou oficiais para Achanti; e quase sempre esses oficiais tinham ajudado os sub-chefes a se separarem de Kumasi, e não ajudar o Asantehene para fazer seus chefes o servirem. O governo ajudou Adansi e Gyaman contra Mensa Bonsu; mas não o ajudaria contra Juaben, e isso não ajudaria os Achantis em 1884 a concordar sem lutar. Muitos dos Achanti pensavam que os britânicos queriam dividir o Achanti completamente, de modo a torná-lo fraco. Não foi assim; mas deve ter se parecido muito com isso. A verdade era que o governo não sabia o que fazer. Não queria outra guerra Achanti. Mas isso fazia sentir que a guerra de 1874 não deveria ser esquecida; e quando os Achanti sob Mensa Bonsu queriam atacar Adansi, o governo sentiu que se eles ganhassem, esqueceriam aquela guerra e se considerariam tão fortes quanto os britânicos. O Tratado de Fomena dizia que Adansi deve ser livre de Achanti; e se Adansi tivesse que servir Achanti mais uma vez, o tratado seria quebrado.

Teria sido melhor se o governo concordasse em ajudar o Asantehene a fazer com que todos os outros chefes o servissem. Então Achanti teria sido forte, e o Asantehene amigo dos britânicos. Mas isso teria custado muito dinheiro e muito problema; e o governo também não queria gastar. O governo esperava que o Asantehene teria sido forte o suficiente sozinho. Não vi isso, Achanti era uma confederação de tribos reunidas para a guerra; e se essa confederação fosse derrotada na guerra, ela iria se despedaçar. Assim, após 1874, o Asantehene nunca poderia ter seu poder de volta, a menos que os britânicos, que haviam tomado seu poder, o ajudasse. Mas é mais fácil ver tudo isso cinquenta anos depois do que era visto na hora.

CAPÍTULO XV

ACHANTI, 1888-1901

Assim que o oficial britânico, Sr. Barnett, deixou Achanti, os problemas começaram novamente.

Os Kokofus atacaram os homens de Ejisu, porque o chefe de Ejisu, Kwasi Afrani, era o líder do grupo de Agyeman Prempeh. Eles foram derrotados. Mas então eles conseguiram o povo Dadiase para ajudá-los, e muitos Adansi vieram se juntar a eles através do Pra; e eles atacaram Bekwai. Mas os homens de Bekwai foram ajudados pelos homens de Juaben e de Kumasi; e eles lutaram por dois dias inteiros. Então os Kokofu foram derrotados e, como os Adansi, fugiram através do Pra e entraram na colônia. O Asantehene foi enviado para contar ao governador o que havia acontecido; e ele pediu ao governador que mantivesse o povo Kokofu quieto e não os deixasse incomodar Achanti e correr de volta pelo Pra. O governador enviou um oficial para dizer ao Kokofu para se mudar para Akroso, entre Nsaba e Asamankese. Eles não queriam ir para tão longe de sua casa; e Atta Fua, de Akim Kotoku e Kofi Ahenkora, de Akim Bosome tentaram fazer com que eles se estabelecessem em suas terras e os servissem. Mas depois de alguns problemas, todos foram transferidos para Akroso. Então Owusu Sekyere, chefe de Mampon, criou problemas. Ele perguntou ao chefe de Kwahu para falar com o Asantehene por ele. Mas Kwahu agora tinha deixado Achanti e fazia parte da colônia; e o governador disse ao chefe de Kwahu que ele não deveria ter nada a ver com os assuntos Achanti. Então Owusu Sekyere temia ir para Kumasi e fazer as pazes com o Asantehene; e ele decidiu continuar ajudando Twereboanna. Mas o Asantehene lutou contra ele e o venceu, e dirigiu muitos de seu povo para Attabubu. Depois de ficar um pouco por lá, em Mampon as pessoas escolheram um novo chefe, Kwame Osokye, irmão mais novo de Owusu Sekyere, que voltou para Mampon.

Em setembro de 1889, Owusu Sekyere enviou uma carta ao governador pedindo para ter permissão para vir morar na colônia. Ele disse que ouviu que o Asantehene iria atacá-lo e às poucas pessoas de Mampon que ainda estavam com ele em Attabubu. O governador escreveu-lhe e lhe disse que poderia vir; e se ele temesse o Asantehene, ele poderia vir a leste do Volta e entrar na Colônia através de Krepi. Ao mesmo tempo, o

governador escreveu ao Asantehene e lhe disse que deveria tentar viver em paz e ajudar no comércio. O Asantehene respondeu que não foi ele quem fez as guerras. Os britânicos o ajudaram a tornar-se Asantehene; e o que ele faria se seu povo não o apoiasse? Como ele poderia fazer algo pelo comércio quando Adansi, Kokofu, Dadiase, parte de Juaben, e agora parte de Mampon queriam deixar Achanti e viver sob os britânicos? Ele pediu ao governador que mandasse esses voltar ao Achanti. O governador não o fazia. Mas ele lhes disse que se quisessem voltar, eles poderiam; e que o Asantehene iria recebê-los e não os punir por nada que tivessem feito no passado.

O próprio Twereboanna e alguns dos Kokofu permaneceram na colônia. Mas a maioria das pessoas Kokofu e Dadiase disseram que voltariam para Achanti.

Eles não foram imediatamente, mas esperaram alguns anos, até que o Asantehene fosse levado pelos britânicos. Então eles pensaram que estariam seguros em Achanti, e assim voltaram para suas antigas casas. O Governo viu agora que não podia esperar paz e bom comércio no Achanti, desde que tantas tribos estivessem contra o Asantehene. Ele viu, também, que contanto que o próprio governo levasse para a colônia qualquer pessoa que tivesse uma briga com o Asantehene e o temia, o Asantehene nunca seria capaz de manter seu poder. Embora o governo não quisesse quebrar o poder de Achanti, isto estava acontecendo, pois sempre foram os inimigos de Kumasi que vieram e pediram ao governo para protegê-los. Se o governo não os protegesse, viria uma guerra. Se o governo os protegesse, Agyeman Prempeh queixava-se de que o governo tiraria seu povo e seu poder. Outrora o Asantehene reclamara porque o governo não desistia e entregava-lhe um ou dois homens para serem punidos, como Kwadwo Otibu e Kwaku Aputae, ou Kwasi Gyani ou Owusu Tasiemandi. Agora ele estava reclamando porque o governo não lhe entregaria tribos inteiras, como os Adansi, os Kokofu e os Juaben. A questão ainda era a mesma. Infelizmente, o governo ainda não confiava nos Achanti. No entanto, o governo entendeu que deveria mudar sua forma de lidar com Achanti. Em dezembro de 1890, o governador, Brandford Griffith, decidiu que a única coisa a fazer era colocar todo o Achanti sob a proteção britânica. Se o Asantehene estiver sob proteção britânica, assim como muitos de seus sub-chefes, o governo seria capaz de julgar com justiça quando surgisse qualquer disputa. Foi difícil julgar com justiça quando um lado estava sob o governo e o outro não. Um grupo de oficiais foi enviado a Kumasi para perguntar a Prempeh se ele concordaria em ficar sob proteção britânica. Eles levaram consigo um projeto de tratado para que ele considerasse. O tratado dizia que Achanti deveria ser protegido

pelos britânicos. Os Achantis não deveriam fazer guerra, e deveriam pedir ao governo para julgar todas as lutas que tivessem com outras tribos. O governo prometeu que permitiria aos chefes governar o país de acordo com o costume Achanti, mas poderia enviar um comissário em todo o país para ajudar no governo e aconselhar os chefes. Havia outras partes menos importantes do tratado. Genericamente, teria feito o governo de Achanti similar ao governo da colônia. Talvez em 1884, os Achanti poderiam ter concordado com tal tratado. Mas eles não concordariam agora. Os oficiais britânicos esperaram mais de um mês em Kumasi e depois Prempeh disse que agradeceu aos britânicos por sua gentileza, mas que Achanti era independente e não queria ser protegido por ninguém.

Em 1891, Prempeh enviou mensagem a Kofi Fua de Nkoranza e pediu-lhe para enviar de volta o povo Mampon e outros que viviam em Nkoranza. Kofi Fua, não atendeu, nem bebia fetiche com o Asantehene para mostrar que o servia de boa vontade. Então Prempeh ficou com raiva e promoveu a guerra contra Nkoranza. Em agosto de 1892, os homens de Kumasi derrotaram os Nkoranza, fizeram muitos prisioneiros e queimaram a cidade Nkoranza. Nesta guerra, Kwame Osokye e os homens Mampon lutaram contra Nkoranza, porque eles queriam ter de volta seus amigos que moravam lá. Owusu Sekyere, o velho chefe de Mampon, ainda morava em Attabubu; e ele pediu ao chefe de Attabubu que ajudasse os Nkoranza. Ele enviou trinta homens. Mas então ele temia que os Achanti pudessem vencer; e ele enviou mensagem ao governador, e disse-lhe que temia que Prempeh fosse atacá-lo, e pediu ao governador para o proteger. O povo de Attabubu já havia feito um tratado com os dois ingleses anos antes. Então, quando o governo soube que eles estavam em perigo, enviou alguns soldados para Attabubu sob o comando de Francis Scott; e enviou um oficial, Sr. Vroom, a Kumasi para dizer ao Asantehene que ele não devia fazer guerra contra os homens de Attabubu. O Sr. Vroom descobriu que Prempeh nunca tivera ideia de atacar Attabubu. Mas ele enviou mensagem a Attabubu para dizer que estava em guerra com Nkoranza, e se os homens de Attabubu desejavam paz, eles não deveriam ajudar os homens de Nkoranza. Eles já haviam feito isso, é claro.

Antes do governo enviar esses oficiais, a guerra de Nkoranza havia começado novamente. Os Nkoranza venceram os homens de Kumasi. Então o exército Achanti foi fortalecido por homens de muitas outras divisões Achanti, e em outra batalha os tamboretas de Nkoranza foram retirados, e muitas pessoas Nkoranza foram levadas prisioneiras.

Quando os soldados comandados por *Sir Francis Scott* chegaram a Attabubu, os Juaben e o povo Nkoranza, e o povo Agogo pediram para se tornarem sob a proteção britânica. O governo, todavia, não os aceitaria, mas os Nkoranza foram informados que qualquer um deles que quisesse deixar Achanti e se estabelecer na colônia poderia fazê-lo.

Mas o governo descobriu que o chefe de Attabubu estava errado, pois ele tinha ajudado aos Nkoranza e às aldeias dele, que disse terem sido queimadas pelos Achanti, mas, em verdade, acabaram não sendo suas aldeias.

Em maio de 1894, Prempeh realizou o funeral do último Asantehene, seu irmão Kwaku Dua Kuma; e no dia 11 de junho, assim que terminou, ele foi colocado no tamborete de Achanti, e decidiu dar um passo importante. Ele e seus chefes puderam ver que o governo desejava tomar todos os Achanti sob sua proteção.

Eles não queriam ficar sob o domínio dos britânicos. Mas eles não podiam ver como não fazer isso sem guerra. Eles não entenderam o governo e seus caminhos, e pensaram que o governo era o inimigo de Achanti. Então decidiram enviar mensageiros para a Inglaterra, para conversar sobre esses assuntos com a própria Rainha Victoria e seu governo. Eles coletaram uma taxa de dez xelins de cada homem em Achanti para pagar as despesas dos mensageiros. O governo da Inglaterra não receberia os mensageiros Achanti, e enviou-lhes um telegrama antes de deixarem a costa para avisá-los dessa decisão. Mas eles disseram que decidiram ir para a Inglaterra, e assim eles deveriam ir. E foram, mas o governo disse-lhes que tudo o que eles tinham a dizer à Rainha Vitória deveria ser dito através do governador da Costa do Ouro.

Em dezembro de 1894, o capitão Donald Stewart e o Sr. Vroom foram a Kumasi para explicar isso aos chefes Achanti, mas os mensageiros Achanti navegaram em março.

Em setembro de 1895, o governo enviou outra carta ao Asantehene. A carta dizia que Prempeh não manteve a estrada aberta de Kumasi para Pra; ele não havia impedido os sacrifícios humanos, e ele não fizera nada para ajudar no comércio. Nessas três maneiras ele tinha quebrado o Tratado de Fômena⁶⁰ Então o governo enviaria um oficial britânico para viver em Kumasi e aconselhar o Asantehene.

⁶⁰ O Tratado de Fômena foi dividido em dez partes. A primeira parte dizia que deveria haver paz com os britânicos; dizia que o Asantehene pagaria 50.000 onças de ouro. Partes 3 e 4, que ele desistiu de Elmina,

Qualquer das tribos Achanti que quisessem ficar sob o domínio dos britânicos poderia fazê-lo. E Prempeh foi lembrado de que não pagou todo o dinheiro que deveria ter pago de acordo com o Tratado de Fômena. O capitão Stewart e o Sr. Vroom pegaram a carta. Eles pediram a Prempeh que lhes desse uma resposta até o final de outubro. Os mensageiros Achanti ainda estavam na Inglaterra. O Asantehene e seus chefes responderam que não poderiam dar qualquer resposta até que seus mensageiros estivessem de volta. Em dezembro eles voltaram. Descobriram que o governo já tinha começado a reunir soldados, e que um exército estava se preparando para marchar para Kumasi.

Eles disseram ao governador que o Asantehene concordaria com o que ele propôs. O governador respondeu que era tarde demais. Prempeh deveria ter dito isso antes. O exército iria para Achanti; Prempeh deve se encontrar com o governador em Prasu, e fazer um novo tratado e pagar ao governo as despesas de envio do exército. O Asantehene não veio a Prasu. Ele enviou mensageiros para dizer que ele pagaria o dinheiro e que ele concordou em "ficar sob o domínio dos homens brancos".

Em 17 de janeiro de 1896, o exército chegou a Kumasi. O governador chegou no dia seguinte, e no dia dez ele teve uma reunião com o Asantehene e a rainha-mãe e os grandes chefes. O governador disse que os britânicos vieram porque Prempeh havia violado o Tratado de Fômena e não havia respondido à sua carta. Ele lembrou aos Achanti que o dinheiro que Kofi Karikari havia pago era apenas uma pequena parte das 50.000 onças que ele havia prometido pagar. Mas os britânicos não desejavam que ele pagasse o dinheiro; para não depor o Asantehene o que eles queriam é que concordasse em servir ao governo britânico. O Asantehene, a rainha-mãe e os grandes chefes estavam sentados em frente ao governador. Ao redor deles estavam as tropas britânicas em seus casacos vermelhos, com baionetas caladas e armas carregadas. Todos os grandes chefes de Achanti poderiam ter sido mortos se seu povo tivesse tentado lutar. Depois de alguns minutos, o Asantehene levantou-se de seu tamborete, tirou as sandálias e a coroa de ouro que vestia, caminhou com sua mãe pela praça e se ajoelhou diante do governador. Ele disse que não poderia pagar todo o dinheiro de uma vez; mas ele pagaria 680 onças, e pagaria o resto depois. O governador disse que não era suficiente; e quando Prempeh ainda disse que não poderia pagar

Denkyera, Assin, Akim e Adansi. Parte 5, que ele chamaria de volta para Achanti seu exército perto de Dixcove. Parte 6, que os comerciantes deveriam ser livres para ir e vir entre Achanti e a costa. Parte 7, que a estrada de Kumai até o Pra deveria estar sempre aberta e desimpedida. Parte 8, que o Asantehene faria o seu melhor para impedir os sacrifícios humanos. As partes 9 e 10 diziam como o Tratado deveria ser assinado e que deveria ser chamado de Tratado de Fômena e Achanti.

mais, o governador disse que o Asantehene e a rainha-mãe, os chefes de Mampon, Ofinsu e Ejisu, e várias outras importantes pessoas seriam levadas como prisioneiros para a costa. Os Achanti nunca esperavam isto. Eles esperavam que teriam que pagar algum dinheiro, e que um oficial britânico viria morar em Kumasi para aconselhar e ajudar o Asantehene.

Mas o governo havia prometido que Prempeh seria colocado para fora do tamborete se mentisse e ele concordou com isso. Os Achanti nunca pensaram que o governo iria levá-lo embora apenas porque ele não pôde pagar todo o dinheiro. Se soubessem disso, iriam certamente lutar⁶¹. Mas agora eles não podiam fazer nada. Dois dias depois, as tropas deixaram Kumasi e voltaram para a costa, levando o Asantehene e os outros prisioneiros. Prempeh foi mantido primeiro no Castelo de Elmina e, mais tarde, em Serra Leoa; e em 1900 ele foi levado para as Ilhas Seychelles, na costa leste da África. Achanti agora era governado pelos britânicos. Um conselho de chefes foi nomeado, com um oficial britânico à frente. O governo construiu um forte em Kumasi, mas tentou deixar os Achanti sozinhos tanto quanto possível. Na visão dos britânicos, houve poucos problemas. Mas os Achanti ficaram muito zangados porque Prempeh havia sido levado embora. Eles pensaram que o governo havia jogado um injusto truque, e eles ficaram envergonhados porque deixaram os britânicos tomarem o Asantehene sem lutar. Sem dúvida, era melhor que Achanti estivesse sob o domínio britânico. Não poderia haver comércio e paz enquanto Achanti fosse dilacerado lutando entre duas facções. E havia outra forte razão pela qual os britânicos queriam ter Achanti sob sua proteção. Se os britânicos não o fizessem, os franceses fariam. Os franceses estavam adentrando para o interior da Costa do Marfim, e tinham também avançado para o sul através do Saara. Gyaman, que duas vezes se recusou a ficar sob a proteção britânica, foi tomada pelos franceses em 1889 sendo uma das principais razões pelas quais o governo mudou de ideia sobre Achanti e decidiu tomá-lo sob a proteção britânica. Mas dificilmente poderia dizer isso aos Achanti, mas eles estavam com raiva. A maioria das pessoas de Kumasi deixou a cidade e foi viver em suas aldeias. Estavam esperando por uma boa chance de lutar contra os britânicos. Em dezembro de 1899, um menino de Ejisu veio a Accra e disse ao governador: “*Sir* Frederic Hodgson, as pessoas que cuidavam do Tamborete de Ouro me mandaram para mostrar ao governador onde ele estava”. O capitão Armitage, que era o secretário particular do governador foi com alguns soldados Hauçá para encontrá-lo,

⁶¹ Mas o capitão Rattray ("Achanti") diz que eles concordaram em não lutar porque tinham medo de perder o Tamborete de Ouro.

mas não conseguiram encontrar e tiveram que voltar para Accra. Este foi um erro lamentável. Mas, é claro, o governo não entendeu naquela época o quão importante e sagrado era o Tamborete de Ouro.

Os britânicos pensaram que era apenas um tamborete para sentar, importante porque era a sede do Asantehene. Como não havia Asantehene, eles pensaram que seria uma coisa boa para o governo pegar o Tamborete de Ouro, para mostrar aos Achanti que eles eram os amos. Mas o governo compreendeu melhor mais tarde. O governador visitou Kumasi em março de 1900.

Os Achanti pensaram que ele estava vindo para procurar o Tamborete de Ouro, e muitos dos chefes beberam fetiche e concordaram que nunca o deixariam encontrar. Ele chamou uma reunião de chefes Achanti, e fez um discurso para eles explicando o que o governo pretendia fazer. Ele disse-lhes que nem Prempeh nem Twereboanna jamais teriam permissão para voltar para Achanti. Ele disse que iria chamar pessoas para trabalhar como transportadores, ou na construção de estradas, ou em outros trabalhos para o bem do país inteiro. Ele os lembrou de que eles nunca pagaram todo o dinheiro que Kofi Karikari havia prometido no Tratado de Fômena; e embora eles não tivessem pago, não pagariam tudo de uma vez, mas eles deveriam pagar ao governo cerca de £ 5.000, entre 1888-1900, por ano como juros sobre o dinheiro, até que pudessem pagar toda a dívida. Por último, ele disse que, como ele havia tomado o lugar do Asantehene, eles deveriam trazer o Tamborete de Ouro para ele se sentar. Os Achanti ouviram em silêncio. Quando a reunião acabou, eles foram pegar suas armas. Yaa Asantewa, a rainha-mãe de Ejisu, foi escolhida pelos Achanti como sua líder, e a guerra que é chamada por seu nome começou. A guerra foi feita pelo povo de Kumasi e algumas das cidades próximas, como Ejisu, Ofinsu e Nkwanta; as pessoas de Ahafo e Adansi também aderiram. Bekwai, Mampon, Juaben, Nsuta, Kumawu, Attabubu, Tekyiman, Nkoranza, Gyaman e Manso Nkwanta — todos as tribos que haviam causado tantos problemas ao Asantehene na época da Mensa Bonsu e Prempeh permaneceram quietos, e alguns deles até lutaram pelos britânicos.

A reunião do governador foi no dia 28 de março. No dia 31 um grupo de tropas foi enviado para tentar encontrar novamente o Tamborete de Ouro. Eles não o encontraram, e eram atacados pelos Achanti e tiveram que lutar para voltar a Kumasi. Então o governador viu que ele foi pego em outra guerra Achanti. Ele enviou telegramas para Accra e aos Territórios do Norte, pedindo que a polícia e os soldados fossem enviados para Kumasi a fim de

ajudar na luta. O governador e a senhora Hodgson, e todos os europeus na cidade, mudaram-se para o forte. Os Achanti construíram paliçadas para proteger todas as estradas saindo de Kumasi. Eles os fizeram plantando troncos de árvores grossas juntos em duas filas, com dois metros de distância. Os troncos tinham quase dois metros de altura. Eles eram amarrados firmemente juntos, e o espaço entre eles foi preenchido com terra e pedras. Poucos projéteis poderiam atravessar uma parede espessa desse tipo, e os Achanti esperavam com essas paliçadas serem capazes de impedir qualquer pessoa de entrar ou sair de Kumasi. Durante abril e o início de maio, alguns grupos de soldados chegaram de Accra e Cape Coast e dos Territórios do Norte. Mas depois que isso aconteceu três vezes, os Achanti decidiram que isso não deveria acontecer novamente.

Depois disso, ninguém mais conseguiu entrar em Kumasi. Os Achanti nas paliçadas observavam o lugar muito de perto. De 15 de maio a 5 de julho, os Achanti sitiaram o forte. Havia milhares de pessoas dos Hauçá Zongo e das aldeias dos chefes Achanti que ajudavam os britânicos; estes estavam vivendo em cabanas fora do forte e morrendo de fome. Comida e munição eram escassas. Os britânicos sabiam que os soldados viriam para ajudá-los, mas não sabiam por quanto tempo seria antes de eles chegarem. Cada homem recebeu apenas comida suficiente para mantê-lo vivo. Os soldados Hauçá tinham quize gramas de carne e um biscoito e meio todo dia. Mas não havia comida para ninguém além dos soldados e dos carregadores.

Em 23 de junho, o governador e senhora Hodgson, e todos os europeus no forte, exceto três oficiais, saíram do forte ao amanhecer e tentaram passar o anel do exército Achanti. Disseram a algumas pessoas na cidade que iriam pegar a estrada de Cape Coast, e, claro, essa notícia foi passada para o inimigo, como eles esperavam que fosse. Os homens se formaram às quatro da manhã como se fossem marchar descendo a estrada de Cape Coast; mas então eles se viraram e marcharam pelo Patasi, estrada em direção a Manso Nkwanta. Eles chegaram a uma paliçada, mas encontraram apenas alguns homens nela, e após uma curta luta, eles passaram a paliçada antes que os Achanti do outro lado de Kumasi pudessem vir para ajudar seus amigos. Mais duas vezes durante o dia eles lutaram com os Achanti, mas finalmente chegaram a Terabum, onde passaram a noite. Quase todos os transportadores perderam suas cargas, e não havia quase casas suficientes na aldeia para todos. Choveu forte a noite toda, e houve três mil pessoas descansando nas ruas daquela pequena aldeia, com pouca comida e nenhum abrigo da chuva. De manhã, eles partiram novamente; e descobriram que os Achanti não tinham passado à

frente deles, embora a retaguarda tivesse algumas lutas duras logo depois que eles deixaram a aldeia. No dia seguinte eles chegaram a Manso Nkwanta, cujo chefe estivera em Kumasi e marchou com eles.

O povo Manso Nkwanta deu as boas-vindas ao grupo. A partir daí eles foram entre amigos, e eles chegaram a Cape Coast e Accra sem mais problemas. O Governo nomeou o coronel Willcocks para comandar o exército para ir para Kumasi. Em 10 de maio, as primeiras tropas chegaram a Fômena. Em 11 de julho, os britânicos atacaram Kokofu. Eles não queriam tomar a cidade, mas para fazer os homens Kokofu pensarem que os britânicos pretendiam ir para Kumasi através de Asumegya e Kokofu. O coronel Willcocks realmente pretendia ir para Kumasi pela outra estrada através de Peki. Os homens Kokofu pensaram que os britânicos iriam tomar sua cidade, e eles conseguiram 2.000 homens das paliçadas ao redor de Kumasi para ajudá-los. Então, quando o exército marchou ao longo da estrada de Peki, não houve muita luta e, na noite de 15 de julho, o exército chegou a Kumasi.

Os Achanti nas paliçadas ao redor da cidade foram derrotados após uma breve luta.

Os portões do forte foram abertos, e as tropas que estavam lá dentro foram salvas. Sua comida estava terminada; muitos deles morreram de fome, e muitos de doença. O dia 15 de julho foi o último dia de sua alimentação; se o coronel Willcocks e seus homens tivessem vindo mais tarde, eles teriam chegado tarde demais.

De 15 de julho até o final de novembro, os britânicos estavam atacando paliçadas em diferentes partes do país, travando batalhas e perseguindo os chefes que ainda estavam fazendo guerra. No final do ano, a luta acabou. Alguns dos líderes Achanti na guerra foram enviados para as Seychelles, outros para Elmina. Algumas das grandes divisões de Achanti foram deixadas sem chefes, e os chefes sob eles foram, portanto, deixados independentes. Isso causou problemas mais tarde. O governo sabia que os chefes nem sempre eram aqueles que o povo desejava servir.

O dinheiro que Kofi Karikari havia prometido pagar nunca foi pago. Um ou dois anos depois da guerra, Achanti começou a comprar tantas coisas da Europa que o governo foi capaz de obter dinheiro suficiente em taxas alfandegárias e outras formas. Então o governo perdoou os Achanti pelo resto do dinheiro. Em 1990 Achanti foi transformada em uma colônia e colocada sob o governador da Costa do Ouro.

Desde então tem havido paz. Em 1924, Prempeh foi autorizado a voltar das Seychelles e a ser mais uma vez chefe de Kumasi, embora não como Asantehene. Seu sucessor, Agyeman Prempeh II, foi consagrado como Asantehene (não apenas Kumasihene) em janeiro de 1935.

CAPÍTULO XVI

PARA O AUTO-GOVERNO

Vimos que a Costa do Ouro e Lagos foram isolados de Serra Leoa e formaram colônias separadas em 1874. Em 1886, a Costa do Ouro foi isolada de Lagos. Em 1885 e 1886, os alemães começaram a empurrar para o interior e conquistar aTogolândia. Os britânicos temiam que se fechassem atrás de terras britânicas e impedissem que Keta e outros lugares da costa comercializassem com o interior. Então os britânicos fizeram tratados com os Akwamu, Krepí e outras tribos para que eles se tornassem britânicos. Treze anos depois, os britânicos e os alemães concordaram em acordar sobre a fronteira entre suas colônias e a fronteira oriental dos Territórios do Norte foi corrigida. Os franceses estavam empurrando para o interior a partir de seus fortes na Costa do Marfim, e em 1892 eles conquistaram Daomé, e começaram a esticar seu poder também para o interior da costa de Daomé. Em 1898, os ingleses e franceses firmaram um tratado em Paris pelo qual a fronteira foi fixada entre os Territórios do Norte da Costa do Ouro e da colônia francesa no Oeste e no Norte. Depois disso, a Costa do Ouro estava enclausurada e não podia mais crescer. Em 1901, a Costa do Ouro e o Achanti foram formalmente tomadas sob o domínio britânico e passaram a fazer parte do Império Britânico.

Por volta dessa época, houve muitos problemas no Norte. Havia dois homens chamados Samori e Babatu, nativos de um país próximo ao Rio Níger. Eles eram traficantes de escravos, caçavam escravos, os pegavam e os vendiam. Eles tinham grandes exércitos, bem treinados e bem fornecidos com boas armas e muita munição. Eles concordaram em dividir o país entre eles, de modo a não estragar cada um o comércio do outro. Eles marcharam para frente e para trás por todo o país entre Serra Leoa e Nigéria, matando e levando escravos, roubando e queimando. Entre 1881 e 1899, os franceses perseguiram Samori; e o levaram prisioneiro em 1899, para que a terra finalmente tivesse paz. Os britânicos criaram o protetorado dos Territórios

do Norte em 1901. Mais ou menos na mesma época, os britânicos estavam caçando Babatu, amigo de Samori e descendo os Territórios do Norte. Eles nunca o pegaram, mas muitos de seus homens o deixaram e se juntaram ao Regimento da Costa do Ouro, e Babatu morreu em Yendi. Foi perseguindo Samori e Babatu que os primeiros franceses enviaram exércitos para o interior de suas colônias, e assim foram capazes de juntar suas terras na Costa do Marfim, Daomé e Senegal, e enclausuraram as quatro colônias britânicas da África Ocidental.

Quando os britânicos conquistaram o Achanti e levaram o Asantehene Prempeh, muitos homens brancos vieram da Inglaterra para cavar ouro e cortar árvores para obter madeiras. O governo da Costa do Ouro viu que esses homens logo estariam comprando terras dos chefes, e pagando um pequeno preço por elas; e que algum dia haveria problemas, como havia ocorrido em outras partes do mundo, porque na Costa do Ouro as pessoas não tinham terras. Então o governo fez uma lei, chamada *Lands Bill*, para impedir que os homens brancos comprassem terras dos chefes e para fazê-los pagar um bom aluguel pelos terrenos quando os alugassem. Mas essa lei criou problemas. No início foi descrita como uma lei para "regular a administração de terras públicas..." Agora, "terras públicas" pode talvez significar" terras do governo "e o povo da Costa do Ouro pensou que o governo queria tomar suas terras. Por que as pessoas deveriam pensar isso, quando na verdade na Costa do Ouro o governo da época não queria tomar a terra? Houve razões. O governo não entendia o sistema de terras da Costa do Ouro. Sabia que cada vila tinha suas terras agrícolas, e os fazendeiros mudavam de um pedaço de terra para outro, para que a terra que não estava sendo cultivada naquele ano pudesse ser cultivada no próximo. Mas o governo viu que às vezes havia muitos quilômetros de mato entre uma aldeia e a próxima, e pensou que grande parte desta mata eram resíduos ociosos. Não entendia que tudo pertencia a um ou outro tamborete. Se a Lei de Terras fosse aprovada, o governo teria poder para tomar qualquer pedaço de terreno baldio e torná-lo em terreno público. Sem dúvida, se o governo tivesse tentado tomar um pedaço de terra, o titular do tamborete teria dito: "Você não deve se apossar dessa terra, pois não é um terreno baldio; nos pertence". O governo respondeu: "Mas você não está cultivando, e nunca o fez". E pode ter sido um problema. Portanto, embora o governo em 1897 não quisesse tomar qualquer terra, o povo pensou que um dia poderia mudar de ideia; e eles não desejavam que eles tivessem esse poder. Os líderes do povo da Costa do Ouro sabiam que em algumas outras partes da África, bem como em alguns outros países tropicais, os homens brancos tinham feito fazendas

ou plantações próprias em terras que antes pertenciam ao povo. E apenas alguns anos depois, o governo do Quênia estava cometendo o mesmo erro que o governo da Costa do Ouro. Pouco antes dos homens brancos chegarem ao Quênia, os Masai e outros africanos que viviam em algumas partes do país sofreram gravemente devido a doenças, e milhares de pessoas e seu gado morreram quando os homens brancos entraram nas terras, algumas partes delas estavam completamente vazias. O governo pensava que essa terra vazia não era desejada por ninguém; então considerou como terras públicas, sendo algumas delas arrendadas a agricultores europeus. Mais tarde, as tribos africanas recuperaram-se das doenças e tornaram-se forte novamente. Mas eles não podiam se mover de volta para preencher a terra vazia, pois estava ocupada por fazendeiros europeus. O governo do Quênia lamentou o erro e pagou aos africanos dinheiro pela terra que tinha tomado. Mas os africanos não recuperaram suas terras. É verdade que o governo da Costa do Ouro em 1897 não queria que os homens brancos comprassem terras, e introduziu a Lei de Terras para detê-los. Mas teria seria ruim se o governo tivesse tomado a terra como pública, e os homens brancos tivessem sido capazes de as arrendar do governo. As pessoas da Costa do Ouro estavam certas em dizer que o governo não deve receber esse poder. Os líderes da Costa do Ouro formaram uma sociedade chamada de *Gold Coast Aborigines' Society* Sociedade de Proteção de Direitos, para impedir a Lei de Terras. A Sociedade Aborígena (como é com frequência abreviadamente chamada) enviou três de seus membros à Inglaterra para consultar o governo britânico em Londres sobre o projeto da Lei de Terras. O governo em Londres concordou com eles que o governo da Costa do Ouro estava errado ao falar sobre terras públicas; e se quisesse impedir que os homens brancos se apoderassem de terras africanas, deveria encontrar alguma outra maneira de detê-los. Então, o *Lands Bill* foi interrompido, e uma Portaria de Concessões foi feita em seu lugar; e homens brancos que queriam usar as terras da Costa do Ouro para mineração ou corte de árvores ou qualquer outro propósito tinham que informar ao governo tudo o que queriam fazer e pagar ao chefe ou à tribo um aluguel que a juízo do governo era justo. Se o governo julgasse que o trabalho que queriam fazer não era bom para o país, ou que o preço que queriam pagar não fosse suficiente, o governo poderia interromper seu trabalho e não permitir que usassem a área. Foi através do problema com o *Lands Bill* de 1897 que foi consagrado que as terras da Costa do Ouro pertencem ao povo da Costa do Ouro, e nunca podem ser tiradas de si. Mas muitas pessoas na Costa do Ouro se lembraram do *Lands Bill*, e eles ainda temiam que o governo pudesse querer tomar suas terras. Isto é por medo de haver problemas com as reservas florestais. Em 1927, O governo demarcou certos trechos de floresta em

lugares importantes, nos topos e em volta de colinas, nas nascentes dos rios, e pediu aos chefes e seus conselhos para editar leis para que seu povo diga que nenhuma nova fazenda deve ser implantada nesses lugares. Ele fez isso porque percebeu que as florestas estavam sendo derrubadas por toda parte para fazer fazendas de cacau. Sabemos que se as florestas forem derrubadas o clima de um país ficará mais seco. O sol e o vento podem atingir o solo e secá-lo; a chuva pode chegar ao chão e lavá-lo. Mesmo a chuva torna-se menos intensa quando as florestas são cortadas. As florestas da Costa do Ouro são menores do que costumavam ser.

A terra que costumava ser floresta agora é savana ou grama, e a terra que costumava ser a grama no extremo norte está se tornando deserta. É por isso que o governo queria que algumas partes da floresta deveriam ser reservadas para que ninguém pudesse cortá-las para fazendas de cacau. Mas muitos chefes não concordaram. Eles não acreditaram que cortar as florestas faria qualquer diferença no clima, e eles se lembraram das *Lands Bill*, e pensaram que o governo queria tirar aqueles pedaços de floresta para si. Por que as pessoas pensavam assim? Porque elas sentiam que "o governo" era apenas um grupo de homens brancos enviados da Inglaterra, com abundância de dinheiro e poder para fazer o que quisessem. O governo nunca foi realmente bem assim. É verdade que nos dias da Lei de Terras, os altos funcionários e a maioria dos membros do Conselho Legislativo era branca. Mas mesmo assim, o governo não tinha dinheiro, exceto o que recebia dos impostos, e nenhum poder, exceto o que a lei deu. E, como vimos nos casos do *Lands Bill* de 1897 e o *Poll Tax* de 1851, se o povo da Costa do Ouro pensasse que o governo estava pegando muito dinheiro ou muito poder, eles seriam capazes de pará-lo. Ainda assim, é verdade que nos dias da Lei de Terras, e por muitos anos depois, a maior parte do poder do governo foi usado por homens brancos. Devemos ver como isso foi alterado, de modo que o verdadeiro poder caiu nas mãos dos africanos e o governo da Costa do Ouro tornou-se um governo africano. O governo da Costa do Ouro, como o de outras colônias, sempre foi composto por um governador, um conselho executivo e um conselho legislativo. Os britânicos tiveram a ideia de governar a Costa do Ouro e outras colônias africanas, por regra indireta. Isso significava que os britânicos governariam o país por meio dos chefes e seus conselhos. O governo não iria interferir mais do que poderia ajudar nos assuntos dos conselhos estaduais, mas iria usá-los no trabalho de governo. O país foi dividido em províncias, e cada província em distritos; havia um comissário provincial responsável por cada província, e um comissário distrital encarregado de cada distrito. O trabalho do C P. e do C D. era para

garantir que o povo fizesse o que o governo queria. Mas eles trabalharam indiretamente, por meio dos chefes e dos conselhos estaduais. Se uma nova estrada fosse necessária, ou uma reserva florestal, o D C nunca daria ordens diretas ao povo, dizendo: "O governo diz que você deve construir uma estrada", ou "O governo diz que você não pode cortar árvores nem fazer fazendas de cacau nesta parte da floresta". Em vez disso, ele iria ver o chefe e o conselho do estado e ele iria dizer-lhes: "Você não acha que seria uma coisa boa para o seu povo se houvesse uma estrada aqui? Você acha que poderia fazer seu pessoal construir a estrada? Teria você notado que não há tanta água em seus rios como antes? Isso porque os produtores de cacau estão derrubando muitas árvores no morro onde o rio nasce. Você não acha que seria uma coisa boa se este conselho fizesse uma lei para impedir as pessoas de cortar mais árvores naquela colina?" Isso é governo indireto: governar indiretamente, por meio dos chefes e do conselho de estado, em vez de falar diretamente com as próprias pessoas, sem dar qualquer aviso aos chefes e do conselho estadual. Muitas pessoas na Costa do Ouro nunca gostaram de governo indireto, porque pensavam que o governo queria dar a um chefe da Costa do Ouro o poder de fazer o que quisesse, sem consultar seu conselho ou suas pessoas. Não era isso que o governo queria. O governo queria o Conselho de Estado e o Tribunal, o *Okyeame* e o *Opanyin*, para compartilhar o trabalho de governar e usar o poder que eles tinham nos velhos tempos, antes de virem os homens brancos. Mas o governo não conseguia fazer as pessoas acreditarem nisso. Se quisermos ter governo indireto, devemos ver que aqueles que têm poder são capazes de usá-lo com sabedoria. A velha forma de governo que é nativa da Costa do Ouro cresceu em dias em que a vida era mais simples do que é agora. Chefes e anciãos não seriam necessários para ajudar se fosse para lidar com as novas dificuldades que encontrariam na Costa do Ouro de hoje. O governo indireto seria bom apenas se os chefes e os conselhos estaduais fossem ajudar a entender essas novas dificuldades, para que pudessem compartilhar não só na pequena parte fácil do governo, mas também na grande parte difícil.

Devemos olhar para duas questões. A primeira pergunta é: como o sistema central do governo cresceu? A segunda questão é: como os poderes e deveres dos chefes e anciãos e seus conselhos cresceram? Tentaremos olhar para estas perguntas separadamente, mas descobriremos que elas não podem ser mantidas separadas o tempo todo. Primeiro, quanto ao governo central.

Mesmo antes de 1915, o Conselho Legislativo continha membros não oficiais, bem como funcionários, embora houvesse mais oficiais membros do que não oficiais. A razão para isso era que naquela época o governo queria

manter o poder em suas próprias mãos, e uma vez que o governador poderia ordenar aos membros oficiais que votassem no Conselho como ele desejasse, o governo poderia sempre aprovar qualquer projeto de lei, mesmo que todos os membros não oficiais votassem contra.

Naqueles dias, quando as pessoas da Costa do Ouro eram menos educadas do que hoje, o governo de Londres achou que seria bom dar-lhes a chance de dizer no Conselho tudo o que quisessem dizer, mas pensou que não seria sensato lhes dar o poder de obrigar o governo a fazer o que eles desejassem. Se eles tiverem esse poder, poderiam cometer erros e causar muitos danos ao seu país. Em 1925, o governador, *Sir Gordon Guggisberg*, fez uma importante mudança. Ele estabeleceu três conselhos provinciais, um para cada uma das três províncias da Colônia⁶². Todos os chefes supremos da província deveriam ser membros do Conselho Provincial, e eles deveriam se reunir e discutir os assuntos da província. Não só isso, mas o governo deixaria os conselhos provinciais saberem sobre os projetos de lei que pretendiam apresentar ao Conselho Legislativo de Accra, para que os conselhos provinciais pudessem os discutir de antemão. Um chefe supremo do Conselho da Província Ocidental, dois da Província Central e três da Província Oriental iriam então para Accra como membros do conselho legislativo ajudar a discutir os novos projetos de lei. Esta foi uma tentativa interessante de reviver as idéias de 1852 e 1871. Mas muitas pessoas não gostaram da ideia. Eles temiam que um chefe que se sentou como membro do Conselho Legislativo pudesse descobrir que tinha que falar e votar em todos os tipos de questões. Ele estaria longe de seus anciãos e do povo, e não teria chance de consultá-los; e então eles temiam que ele pudesse esquecer que um chefe deve sempre consultar seu povo e expressar seus pontos de vista, e não os seus próprios.

No entanto, os conselhos provinciais se reuniram e o sistema funcionou. Pessoas ainda resmungaram, mas no geral as coisas não estavam tão ruins quanto temiam. Então, em 1925, o conselho legislativo foi mudado. Foram 15 membros oficiais e 14 não oficiais. Dos 14 não oficiais, seis foram chefes primordiais dos Conselhos Provinciais. Três eram membros municipais eleitos para representar as três cidades de Accra, Cape Coast e Sekondi. Os cinco membros restantes não oficiais eram europeus.

O Conselho Legislativo de 1925 continuou até 1946, mas durante esse tempo uma importante mudança foi feita no conselho executivo do governador. O Conselho Executivo é o órgão que assessora o governador nos

⁶² Naquela época, a Colônia estava dividida em três províncias, as províncias do Leste, Central e Oeste.

detalhes do governo. O Conselho Legislativo se reúne duas ou três vezes por ano para votar impostos e fazer leis; mas o Conselho Executivo se reúne todas as semanas para ajudar o governador a decidir como agir. O governador não é obrigado a seguir os conselhos do Conselho Executivo; mas é claro que ele pensará com muito cuidado antes de decidir ir contra isso. Em 1943, pela primeira vez, dois africanos foram nomeados para o Conselho Executivo: eram Nana *Sir* Ofori Atta, Omanhene de Akim Abuakwa, e o Sr. K. A. Korsah, um ilustre advogado de Cape Coast. Em 1946, o governador, *Sir* Alan Burns, e o governo de Londres fizeram uma grande mudança no Conselho Legislativo da Costa do Ouro. Até aquele ano, o Conselho tinha 15 membros oficiais e 14 membros não oficiais. Em 1946 os 15 membros oficiais foram reduzidos a seis, e os 14 membros não oficiais aumentados para 24. Dos 24 membros não oficiais, seis seriam nomeados pelo governador, mas os outros 18 deveriam ser eleitos. Assim, mesmo se todos os seis membros nomeados se juntassem a seis membros oficiais em oposição aos membros eleitos, os membros eleitos ainda seriam vencedores, porque seriam 18 contra 12. A Costa do Ouro foi a primeira colônia em África a ter essa maioria eleita em seu Conselho Legislativo. Neste novo Conselho, houve pela primeira vez alguns membros de Achanti; um eleito para representar Kumasi e quatro eleitos pelos Achanti no Conselho da Confederação. Os demais membros eleitos o foram, como antes, pelas cidades de Accra, Cape Coast e Sekondi, e pelos conselhos provinciais.

A Província Central foi fechada e suas terras foram divididas entre a Província Oriental e Províncias Ocidentais. Cinco membros do conselho representariam a Província do Oriente, e quatro para representar a Província Ocidental.

Esta Constituição de Burns de 1946 foi um grande passo em frente. Os africanos eleitos membros do Conselho Legislativo tinham o poder de aprovar ou se recusar a aprovar leis e votar ou se recusar a votar impostos, mesmo que o governador e os membros oficiais discordassem; embora, como veremos adiante, a constituição de Burns estabelecia limites a este poder. Mas isso não tornou o país totalmente autônomo. Nós podemos ver quais mudanças foram necessárias para torná-lo totalmente autogerido, se imaginarmos o que poderia acontecer se os membros eleitos e os membros oficiais discordassem. Devemos lembrar que naquela época, a política da administração era feita pelos funcionários do governo. Os membros africanos eleitos do conselho não faziam política; seu trabalho era criticar a política que o governo estabeleceu ante eles. Eles poderiam se recusar a votar o dinheiro para as estimativas de qualquer departamento cuja política eles

não gostassem. Esta seria uma situação muito difícil. Mas a política do departamento foi feita por seu chefe; ele foi escolhido pelo secretário de Estado e nomeado pelo governador, e o conselho não poderia demiti-lo. O Conselho de 1946 não tinha ministro, nem para a agricultura nem para a educação ou qualquer outro departamento. É verdade que o governo frequentemente pediu conselhos africanos ao fazer sua política. Os membros africanos do comitê consultivo central da educação, por exemplo, tiveram muito a ver com impor ao governo política educacional. Mas isso não é a mesma coisa que ter um ministro africano de Educação, que pode fazer política e pode defendê-la no Conselho Legislativo. Há outra maneira pela qual a Constituição de Burns de 1946 não fez a Costa do Ouro totalmente autônoma.

Vimos que na Inglaterra é possível para o Parlamento ir diretamente contra o conselho de seus funcionários especialistas. Agora, quando isso acontecer, é possível que o funcionário esteja certo e o parlamento esteja errado, e o erro do Parlamento pode causar grandes problemas. Na Costa do Ouro, a Constituição de 1946 deu ao governador certos poderes para impedir que o Conselho Legislativo venha a cometer erros muito graves. Se o governador viu que o Conselho quebrou uma promessa que o governo havia feito, ou estava violando a lei e a ordem, ou estava estragando o governo do país, ele poderia agir contra o Conselho. Ele poderia aprovar uma lei que o Conselho se recusou a aprovar, ou poderia bloquear uma lei que o Conselho queria aprovar. Mas se ele fez isso, ele devia informar ao secretário de Estado em Londres e deveria obter a sua aprovação. O governo em Londres esperava que o governador nunca precisasse desses poderes. Quando ele pode necessitar deles? Ele pode precisar, por exemplo, se o Conselho Legislativo propusesse interferir com os tribunais de justiça e a polícia. O governador poderia se recusar a permitir isso, porque a lei e a política devem ser mantidas em separado. Não haveria lei e ordem no país se um juiz tivesse medo de julgar um homem porque tinha amigos no Parlamento. Você pode achar improvável que o Conselho Legislativo da Costa do Ouro cometesse erros deste tipo. Talvez por isso; embora erros desse tipo tenham sido cometidos em outros países.

Se o Conselho da Costa do Ouro nunca cometesse tais erros, o governador nunca precisaria usar seus poderes reservados. (É assim que os poderes eram chamados.) Mas como contanto que o governador tivesse esses poderes reservados, e fosse responsável ante o secretário de Estado de Londres, pela forma como os usou, a Costa do Ouro não foi totalmente autogovernada. Um país totalmente autônomo é livre para cometer seus

próprios erros e aprender com eles. *Sir Alan Burns* e o governo de Londres esperavam que a Costa do Ouro funcionaria sob a Constituição de 1946 por alguns anos antes de fazer outro passo em direção ao autogoverno. Talvez se o povo da Costa do Ouro tivesse sido feliz em outros aspectos, *Sir Alan Burns* e o governo poderiam estar certos. Mas as pessoas da Costa do Ouro naquela época não estavam felizes. Em 1947 e 1948, houve problemas na indústria do cacau. Muitos dos cacauzeiros estavam morrendo de uma doença chamada “vírus do cacau”. Não era como outras doenças do cacau. Entre animais, existem algumas doenças que podem ser curadas ou evitadas com medicamentos ou inoculação; e há outras (como peste aviária ou febre aftosa de gado) que não podem ser curadas desta forma. Se um fazendeiro na Inglaterra descobrir que seus animais sofrem de uma dessas doenças que não podem ser curadas por medicamentos ou vacinas, ele deve dizer às autoridades governamentais locais, e todos os animais doentes devem ser mortos para impedir a propagação da doença. Não há outro jeito. Foi o que aconteceu com a doença do vírus do cacau. Os agrônomos não tinham cura para isso, e eles disseram que a única coisa a fazer era cortar as árvores doentes e queimá-las, de modo a impedir que a doença se espalhasse. Mas muitos dos produtores de cacau não concordaram. Eles acreditavam que as doenças passariam com o tempo, como outras doenças do cacau; e eles disseram que de qualquer forma, uma árvore doente daria um pouco de cacau, mesmo que só um pouco, por um ano ou dois até morrer — e por que cortá-la e perder aquela pequena safra? E então algumas pessoas lembraram-se da Lei de Terras, e começaram a desconfiar do Governo, assim como ocorrera na questão de reservas florestais. Alguns pensaram que o governo não queria que as pessoas fossem muito ricas e, por isso, queria que reduzissem seus cacauzeiros para que se tornassem pobres; outros pensaram que o governo queria destruir o comércio de cacau da Costa do Ouro para dar à Nigéria e outros países uma chance. E havia outras histórias tão falsas quanto essas. Pessoas que pensavam assim estavam cometendo o erro de considerar o governo como algo totalmente diferente de si mesmos. Eles estavam esquecendo que o governo local era todo africano, que o Conselho Legislativo era quase todo africano, e que havia africanos também no Conselho Executivo. Portanto, houve problemas; e, infelizmente, ao mesmo tempo, houve problemas sobre outros assuntos. A Costa do Ouro, como qualquer outro país do mundo, estava sofrendo com os efeitos da guerra de 1939-45, em que os soldados da Costa do Ouro lutaram bravamente na África Oriental e na Birmânia. Alguns dos soldados estavam descontentes com os empregos que encontraram quando voltaram da guerra. Então, novamente, durante a guerra todos os bens importados eram escassos e caros.

As pessoas entenderam isso; mas achavam que, quando a guerra terminasse, os preços deveriam cair novamente. Por várias razões, eles não caíram; na verdade, eles continuaram aumentando, não apenas na Costa do Ouro, mas no mundo todo. O preço do cacau era alto e, portanto, havia muito dinheiro no país, enquanto os bens de importação ainda eram escassos. Quando você tem bastante dinheiro, mas há poucas coisas para comprar com ele, essas coisas são sempre caras. Pessoas na Costa do Ouro não entendiam isso. Eles pensavam que as lojas estavam propositalmente mantendo os preços altos para obter maiores lucros; e em alguns casos poderiam ter estado certos. O governo fez muito pouco para manter os preços baixos. Possivelmente não havia muito que pudesse fazer; mas as pessoas pensaram que pelo menos deveriam servir mais para tentar parar o mercado negro. E isso também gerou problemas. Um chefe pediu ao povo que se recusasse a comprar produtos europeus até os preços caírem. Já existia um órgão político denominado Convenção da Costa do Ouro. A Convenção disse que o governo errou ao cortar os cacauzeiros e também ao fazer pouco sobre os altos preços dos produtos nas lojas; e disse que a Constituição de 1946 não deu ao povo da Costa do Ouro controle suficiente sobre o governo. No final, as coisas ficaram tão ruins que em Accra e Kumasi e em outros lugares havia tumultos e saques; e algumas pessoas foram mortas quando a polícia disparou contra a multidão para restaurar a ordem. Em 1948, uma comissão de inquérito, chamada *Watson Commission*, foi enviada da Inglaterra para descobrir as razões de tudo isso. A comissão disse em seu relatório que a polícia estava certa em atirar para restaurar a ordem. Dizia que o governo tinha o direito de querer cortar os cacauzeiros, mas que deveria ter feito mais a respeito dos preços altos. A comissão concordou com a Convenção da Costa do Ouro que a Constituição de 1946 não deu ao povo controle suficiente sobre o governo, e propôs certas mudanças. Disse também que a Costa do Ouro precisava, acima de tudo, mais educação, especialmente mais educação secundária, o que faria as pessoas entenderem os problemas do governo e ajudar participando mais no desenvolvimento do país. O governo de Londres aceitou o relatório da Comissão Watson. Teve que concordar que a Constituição de Burns de 1946 precisava ser modificada. Devia ser alterada, para que as pessoas da Costa do Ouro pudessem ter mais controle sobre seu governo, da forma como a Comissão Watson recomendou? O governo nomeou uma comissão para responder a esta questão. Seu presidente era o Sr. J. H. Coussey (agora *Sir Henley Coussey*), um juiz africano do Supremo Tribunal, e todos os seus membros eram africanos. O Comitê Coussey reuniu-se de janeiro a outubro de 1949, e em 26 de outubro de 1949, produziu seu relatório. O relatório fez planos para mudar muitas

coisas no governo da Costa do Ouro, tanto o governo central quanto os locais. Alguns planos do comitê de Coussey já foram executados. Outras não, pelo menos, ainda não. Podemos dividir o relatório em duas seções: Uma seção no governo central e outra nos governos locais. Para o governo central, o comitê Coussey propôs:

(1) Deve haver uma Assembleia Legislativa de duas Casas (como o Parlamento na Inglaterra). A Câmara Alta ou Senado deve ter 38 membros, e a Câmara Baixa ou Câmara da Assembleia deve ter 78.

(2) Devem ser eleitos 36 dos 38 membros do Senado. Um deveria ser nomeado pela Câmara de Comércio e um pela Câmara de Minas.

(3) Dos 78 membros da Casa da Assembleia, pelo menos 75 deveriam ser eleitos; não mais do que três oficiais deveriam ser membros. O país deveria ser dividido em circunscrições adequadas para a eleição de membros. Nas cidades, membros deveriam ser eleitos diretamente: isto é, os eleitores votariam no homem ou na mulher que queiram os representassem na Assembleia. Nos distritos rurais, os membros deveriam ser eleitos indiretamente: isto é, os eleitores votariam para escolher um comitê, e os membros do comitê votariam no homem ou mulher para representa-los na Assembleia. O Comitê gostou de uma Assembléia Legislativa de duas casas; mas pensou melhor que talvez o governo gostaria de uma Assembleia de uma Casa. Se assim fosse, um terço dos assentos deveria ser preenchido por membros eleitos pelos conselhos territoriais em Achanti e nos Territórios do Norte, e pelos estados na Colônia e Trans-Volta. Um membro deve ser eleito pela Câmara de Comércio, um pela Câmara de Minas; não deve haver mais de três funcionários.

(4) Todos devem ter direito de voto quem tiver pelo menos 25 anos de idade e quem pagou taxas locais ou impostos centrais.

(5) O país deve ser dividido em quatro regiões: a Colônia, Achanti, os Territórios do Norte e Trans-Volta. Cada região deve ter seus próprios serviços de saúde, sua própria educação primária e secundária, obras públicas e alguns outros serviços. Dos membros da Câmara da Assembleia, 29 devem representar a Colônia, 19 Achanti, 19 os Territórios do Norte e 8 o Trans-Volta. Cada uma das quatro regiões deve eleger nove membros do Senado.

(6) O Conselho Executivo deve ter doze membros. O governador deve ser o presidente. O líder da Casa da Assembleia deve ser um membro, com pelo menos cinco outros membros da Câmara da Assembleia. Dois

membros do Senado, e não mais do que três funcionários, perfariam o total de doze.

(7) Os seis membros da Casa da Assembléia que se sentaram no Conselho Executivo seriam ministros, e cada um seria responsável por algum departamento do governo, como na Inglaterra. Como na Inglaterra, o Conselho Executivo como um todo seria responsável perante a Câmara da Assembleia, e se a Assembleia votasse contra um dos ministros, todo o Conselho renunciaria.

(8) O governador teria o poder de se recusar a concordar com uma lei, e para "certificar" que uma lei que a Assembleia e o Senado se recusaram a aprovar era "vitalmente necessária".

Essas oito recomendações tratam do governo central. Elas dariam à Costa do Ouro um governo parlamentar, semelhante ao da Inglaterra. Não exatamente o mesmo. A Costa do Ouro teria ministros como os da Inglaterra, mas o governador ainda teria seus poderes reservados.

E havia outra diferença. Uma das coisas mais importantes sobre o governo na Inglaterra é aquele que não foi iniciado por nenhuma lei, e que não há lei que possa parar. Ou seja, na Inglaterra existem dois grandes partidos, e apenas dois. O governo é formado por apenas um partido, o partido mais forte no Parlamento. O governo cumpre a sua política, mas sabe o tempo todo que a outra parte está pronta para formar um novo governo assim que os eleitores o permitam. É uma boa coisa para um governo no poder saber que existe outro partido esperando para o tirar do poder e mostrar como pode fazer o trabalho muito melhor. O que é um partido? Um partido é um grupo de pessoas que têm uma política ou um programa próprio que é diferente da política ou do programa de algum outro grupo. Na Inglaterra, por exemplo, um partido pensou em 1953 que a indústria do aço deveria ser propriedade do governo; a outra parte pensou que seria melhor em mãos privadas. Na política, muitas vezes acontece que queremos duas coisas ao mesmo tempo, mas não podemos ter as duas. Qual devemos escolher primeiro? Isso é onde as diferenças partidárias aparecem. Um grupo de pessoas não faz um partido a menos que eles tenham uma política ou um programa. Não é suficiente que dois ou três líderes digam: "Este homem não gosta de nós; ele não vê bem como nós somos. Ele nunca nos dará assentos em seu gabinete. Então vamos deixá-lo e fazer um partido nosso e ver se conseguimos energia dessa forma." Isso não faz um partido. Esses homens só vão se tornar um partido quando disserem aos eleitores: "O primeiro-ministro está fazendo coisas erradas; isso está errado, e isso está errado, e

you will see that the evil will be these errors. Vote for us, we will act in a different way, and you will see how things will improve a lot". But in the Gold Coast of 1949 there were not two big parties. The political parties were just beginning. The Gold Coast was coming out of a stage in which people thought that the government was white, in a way that all the good Africans should be against the government. They had not yet begun to think that the government was African, so that some Africans could be against, but others could be for. This kind of English government works well in England because of the two-party system. It has been introduced in many other countries, but it does not work well when there are not two big parties, but many small ones, or just one party to which all belong. In the Gold Coast, at the beginning of 1949, there was only one real party. All Africans wanted self-government. The majority of political leaders said that, when they had self-government, other problems would be easily solved: the high cost of living, the swollen cocoa, how to provide more education, how to help the farmers who were in debt — there would be time enough to think about these things when the Gold Coast was completely independent and all the power was in the hands of the Africans. We should first get self-government, they said. The Coussey Committee proposed also an important change in the local government; but we will talk about that later. On the same day that the Coussey Committee report was published, the London government said that it would agree with everything the committee said; but it would not do everything the committee expressed in one go. It was afraid that the Coussey plan would not work well until the Gold Coast had developed a real two-party system. The government said that it would like a House of Assembly, not two. It was seen that the Coussey Committee expected this, so that this was not important. But the London government made three other important changes. These were:

(1) The executive council should still be responsible to the Governor, not (as the Coussey Committee proposed) to the Assembly.

(2) The Assembly could dismiss members of the Executive Council separately, but the Council would not have to resign, since the Coussey Committee had proposed.

(3) Until a two-party system had developed, there could not be an elected leader of the Assembly in the Executive Council. Instead of this, the Council would elect the executive, one of its African members to be the leader of the group. If you compare what the London government said

agora com a Constituição de 1946 e com as propostas de Coussey, verá que o governo em Londres estava pronto para dar um grande passo em frente. Mas ainda assim, não estava pronto para dar o autogoverno total da Costa do Ouro. E muitas pessoas na Costa do Ouro queriam autogoverno total, e não se contentariam com nada menos. Essas pessoas agora encontraram um novo líder. Este foi o Dr. Kwame Nkrumah, secretário da Convenção da Costa do Ouro Unida. A Convenção era um partido político fundado pelo Dr. Danquah e outros; vimos antes que a Convenção falou contra o governo em 1948. No início de 1948, o partido Convenção contratou o Dr. Nkrumah como seu secretário pago. O Dr. Nkrumah tinha então 40 anos e acabara de voltar da Inglaterra. Ele era um homem da Província Ocidental. Foi treinado como professor em Achimota, e em 1917 recebeu uma bolsa de estudos na Lincoln University nos Estados Unidos. Dr. Nkrumah estudou na América e na Inglaterra até 1948, e então veio de volta à Costa do Ouro como secretário do Convenção. Ele não permaneceu no Convenção por muito tempo. Apenas seis meses depois, em junho 1949, enquanto o comitê Coussey estava em meio a seu trabalho, ele o deixou e fundou um novo partido, o Partido do Povo da Convenção. O novo partido não significava uma nova política. Como o Convenção da Costa do Ouro Unida, o Convenção do Partido Popular queria autogoverno. A diferença estava na forma como o partido funcionava. Dr. Nkrumah sabia que se seu partido queria ser forte, ele deveria ter uma política simples que todos pudessem entender, e ele deveria trabalhar muito para encontrar membros, incultos e também instruídos, em todas as cidades e vilas de todo o país. Sob ele, homens do C.P.P. iam a todos os lugares, dizendo a todos porque a Costa do Ouro deveria ter "autogoverno agora!" E em toda parte, as pessoas se juntaram ao partido. Quando o comitê Coussey fez seu relatório e o governo em Londres disse o que faria, o C.P.P., é claro que não estava contente; pois isso não era "autogoverno agora". Portanto, em 9 de janeiro de 1950, o C.P.P. ordenou que seus membros não trabalhassem mais para o governo; deveriam entrar em greve e se recusar a comprar mercadorias britânicas nas lojas. Não deveria haver luta ou desordem. Mas se todos se recusassem a obedecer, o governo da Costa do Ouro seria incapaz de prosseguir com o seu trabalho, e o C.P.P. esperava que o governo em Londres desse à Costa do Ouro "autogoverno agora". Mas as coisas não aconteceram exatamente como o partido desejava. Embora o C.P.P. dissesse não querer desordem, houve alguma desordem e tumulto, e dois policiais foram mortos. E em 21 de janeiro, o Dr. Nkrumah e vários outros foram presos, e foram acusados de enviar escritos sediciosos e de dizer às pessoas para participar de uma greve ilegal. Eles foram julgados e considerados culpados. O próprio Dr. Nkrumah,

e alguns outros, foram condenados a doze meses de prisão, e outros receberam penas mais leves.

Enquanto o Dr. Nkrumah estava na prisão, o governo de Londres deu à Costa do Ouro sua nova Constituição. O conselho executivo deveria consistir de oito ministros africanos e três funcionários europeus. A Assembleia deveria consistir em uma casa com 75 membros eleitos e outros nove nomeados pelo governador. 38 de 75 deviam ser eleitos (diretamente nas cidades, indiretamente nos distritos rurais) por pessoas; os outros 37 seriam eleitos pelos conselhos territoriais e estaduais, como o Comitê de Coussey havia sugerido. As primeiras eleições para a nova Assembleia foram realizadas em fevereiro de 1951.

O Partido Popular da Convenção concordou em aceitar a nova Constituição e participar nas eleições. Isso não era “autogoverno agora”; mas o C.P.P. deveria ser o partido mais forte na nova Assembleia e, assim, formar o novo governo. Achavam que com o C.P.P. o governo seria capaz, em um curto período de horas, limpar as poucas coisas na nova Constituição de que não gostava (como os três membros europeus no Conselho Executivo, e ao governador serem reservados poderes) e dar à Costa do Ouro um governo autônomo total.

As eleições foram realizadas em fevereiro de 1951, enquanto o Dr. Nkrumah e outros ainda estavam na prisão. Havia quatro partidos participando; o C.P.P., o Convenção Unida da Costa do Ouro liderado pelo Dr. Danquah, o partido Nacional Democrata liderado pelo Dr. Nanka-Bruce e um grupo Achanti e o Asante Kotoko. Quando os resultados foram conhecidos, verificou-se que o C.P.P. tinha derrotado todos os outros: tinha vencido todas as cinco sedes da cidade e 29 das 33 sedes do interior. A nova montagem foi composta de 34 membros do C.P.P., três do Convenção Unida da Costa do Ouro, e um independente (estes foram os 38 membros eleitos): 37 eleitos pelos conselhos estaduais; seis europeus representando mineração e comércio e três funcionários europeus. O governador, Sir Charles Arden-Clarke, definiu vencedor o Dr. Nkrumah, ele e seus amigos se libertaram, e o Dr. Nkrumah se tornou o líder da Assembléia, e formou seu primeiro governo. Em 5 de março de 1952, um ano depois, o governo de Londres subiu outro degrau. Disse que:

(1) O líder da Assembleia deve ter o título de Primeiro-Ministro.

(2) o Conselho Executivo deve ser chamado de Gabinete (estes são os nomes usados na Inglaterra).

(3) o governador deve apresentar à assembleia o nome de um homem a ser eleito primeiro-ministro, e se a Assembleia o elegeisse, o primeiro-ministro seria responsável perante a assembleia.

(4) O primeiro-ministro deve consultar o governador sobre a escolha de pessoas para formar seu gabinete, e o governador apresentaria os nomes do gabinete à Assembleia para que esta pudesse os eleger como ministros. O governo, é claro, sempre apresentaria à Assembleia o nome do líder do partido mais forte da Assembleia. Ninguém mais teria uma chance de ser eleito. O governador apresentou o nome do Dr. Nkrumah, e em 21 de março de 1952, a Assembléia elegeu o Dr. Nkrumah como primeiro-ministro. 45 votaram nele, 31 contra e oito não votaram. Era uma boa maioria; mas havia uma forte oposição, e é claro que muitos dos membros eleitos para a Assembleia pelos conselhos territoriais não quiseram Nkrumah como primeiro-ministro. O C.P.P. tinha se saído muito bem nas eleições; mas ainda tinha trabalho a fazer. O novo governo do Dr. Nkrumah tinha quatro objetivos principais a alcançar. O primeiro foi obter mais autogoverno. O segundo era prosseguir com a educação. O terceiro era elaborar um sistema de governo local, de modo que os chefes e os conselhos de estado poderiam ajudar o governo central em seu trabalho. O quarto era gerar eletricidade no rio Volta para enriquecer o país.

No que diz respeito ao autogoverno, havia duas coisas importantes que o Dr. Nkrumah queria. A primeira era livrar-se dos três membros europeus do gabinete, que não eram membros do partido do primeiro-ministro. Na Inglaterra, todos os membros do gabinete são escolhidos pelo primeiro-ministro, de seu próprio partido no Parlamento. O gabinete é coletivamente responsável perante o Parlamento. Isso significa que se a maioria do Parlamento não gosta da política de um departamento do governo e vota contra o Ministro, o primeiro-ministro e todo o gabinete renuncia, não apenas um ministro. Dr. Nkrumah queria que seu gabinete fosse como o da Inglaterra. A segunda coisa que o Dr. Nkrumah queria era uma Assembléia que fosse toda eleita diretamente pelo povo, como é o parlamento inglês. Ele não gostou do Assembleia de 1951, na qual metade dos membros foram eleitos para representar os conselhos territoriais e estaduais. Dr. Nkrumah, como outros estadistas, era um líder do partido, e ele acreditava que todos os membros da Assembléia deveriam ser homens do partido, representando diretamente o povo. O lugar para chefes e anciãos, ele pensou, era no governo local, não na Assembleia central. O Dr. Nkrumah não se preocupou muito com os poderes reservados do governador. Um governador sensato e primeiro-ministro sensato se entenderiam, e os poderes reservados do

governador não seriam necessários. O governo em Londres pode não estar disposto a desistir dos poderes reservados do governador tão cedo, e não valia a pena entrar em dificuldades por causa deles. Vamos primeiro obter um gabinete todo africano e uma Assembleia com todos eleitos em uma base partidária. Estas foram as duas principais coisas que o Dr. Nkrumah queria; e em 1953 ele as solicitou. Em abril de 1954, o governo de Londres deu-lhe o que ele pediu. Lá era para ser uma assembleia de um Presidente e 104 membros. Os 104 membros eram compostos por 7 membros municipais (três para Accra, dois para Kumasi e um para Cape Coast e para Sekondi-Takoradi) e 97 membros rurais (39 para a Colônia, 13 para Trans-Volta e Togolândia, 19 para Achanti e 26 para os Territórios do Norte e o Norte da Togolândia.) Não houve nenhum membro especial ou nomeado, de modo que nenhum europeu poderia ser membro da Assembléia a menos que fosse eleito pelos eleitores de forma ordinária. A montagem deveria funcionar na mesma forma como o parlamento inglês. Em particular, era para seguir a regra inglesa de que propostas para gastar dinheiro público só poderiam ser feitas pelo governo, não por membros privados. Deveria haver uma eleição geral pelo menos a cada quatro anos. Deveria haver um gabinete de pelo menos oito pessoas, todas devendo ser membros da Assembleia, e o gabinete deveria ser coletivamente responsável perante a Assembleia, da mesma forma que o gabinete inglês é coletivamente responsável perante o parlamento. O governador deveria escolher o primeiro-ministro e os membros do gabinete da mesma forma que a Rainha escolhe o primeiro-ministro e membros do gabinete na Inglaterra. Isso significa que o governador é obrigado a escolher para primeiro-ministro o líder do partido mais forte da Assembleia; pois se ele escolher qualquer outra pessoa, a assembleia não concordará em recebê-lo. E ele é obrigado a nomear como membros do gabinete as pessoas escolhidas pelo primeiro-ministro. Então o primeiro-ministro tem poder completo; ele pode escolher seus ministros de seu próprio partido na Assembleia, e se um Ministro não fizer o que o primeiro-ministro desejar, ele será demitido. O primeiro-ministro tem esse poder porque seu gabinete é coletivamente responsável perante a Assembléia. Vamos ver como funciona esse poder. Suponha que um ministro se recusou a obedecer ao Dr. Nkrumah e recusou-se a renunciar. O próprio Dr. Nkrumah iria então ao governador e renuncia, e todo o gabinete terá que renunciar com ele. O governador não seria capaz de encontrar ninguém como primeiro-ministro, porque a maior parte da Assembléia seria do C.P.P., e não concordaria em ter outro qualquer, exceto o Dr. Nkrumah como primeiro-ministro. Então o governador teria que perguntar se ele voltaria a ser o primeiro-ministro, e se o Dr. Nkrumah aceitasse, no curso teria de escolher

um novo gabinete, no qual deixaria de fora o único ministro que causou todos os problemas. Já falamos do Dr. Nkrumah e do C.P.P., mas claro isso seria igual para qualquer primeiro-ministro, qualquer que fosse o partido no poder. Enquanto o primeiro-ministro mantivesse o apoio da Assembleia, ele teria poder. Se ele perdesse seu apoio, ele aconselharia o governador a dissolver a Assembleia e haveria uma eleição geral.

Vimos que o Dr. Nkrumah se livrou dos três europeus que estiveram no gabinete de 1951 a 1954. Mas ele não assumiu todo o trabalho que esses três europeus tinham feito. Dois tipos de trabalho foram reservados para o governador: Defesa (ou seja, marinha, exército, força aérea e polícia) e assuntos externos (ou seja, as relações entre a Costa do Ouro e outros países). Togolândia também estava mais sob o governador do que sob o governo Nkrumah, embora departamentos governamentais subordinados a ministros trabalhassem em Togolândia, e os membros de Togolândia sentavam-se na Assembleia em Accra. Não é porque o governo de Londres queria, mas porque as Nações Unidas assim o desejavam.

Togolândia era um problema especial, porque era um território de confiança: isto é, os britânicos, o governo de Londres era responsável pela Togolândia Inglesa perante as Nações Unidas, e não podia entregar esta responsabilidade ao governo do Dr. Nkrumah na Costa do Ouro a menos que as Nações Unidas concordassem. Até agora, as Nações Unidas não concordam.

Se chamarmos a Constituição de 1946 de Constituição de Burns, talvez possamos chamar a Constituição de 1954 a Constituição de Nkrumah.

No que diz respeito aos assuntos internos, a Constituição de Nkrumah dava o autogoverno total à Costa do Ouro. Todas as políticas estavam nas mãos dos ministros africanos, responsáveis perante uma Assembleia na qual todos os membros eram eleitos. É verdade que o governador ainda tinha alguns poderes reservados, mas a Constituição era muito cuidadosa para dizer exatamente como ele devia usá-los, e é provável que ele nunca os tenha usado. Defesa e assuntos externos são temas muito especiais e difíceis, e custavam muito dinheiro; provavelmente o Dr. Nkrumah tinha o suficiente para seu governo operar por alguns anos, sem assumir os encargos da Defesa e de Assuntos Externos. Mas sem dúvida em alguns anos ele sentiria que a Costa do Ouro estaria pronta também para governar a si mesma nessas questões. Em novembro de 1954, a UNESCO admitiu a Costa do Ouro como um membro associado. A Unesco (como a chamamos abreviadamente) estava então marcando sua Conferência em

Montevidéu no Uruguai, na América do Sul. O Sr. J. B. Erzuah e o Sr. C. M. O. Mate foram da Costa do Ouro para participar da Conferência e a representar.

CAPÍTULO XVII

O DESENVOLVIMENTO DO GOVERNO LOCAL

Anteriormente, dissemos que tínhamos duas questões a considerar. Uma era o desenvolvimento do governo central. A outra era a maneira pela qual os poderes e os deveres dos chefes e anciãos e seus conselhos aumentarem. Isto é a questão do governo local. A Costa do Ouro tornou-se colônia em 1874, e logo depois, em 1878, o governo fez a primeira lei sobre os poderes dos chefes e seus Conselhos de Estado. A primeira lei foi substituída em 1883 por outra chamada de Portaria Nativa de Jurisdição. Jurisdição significa o poder de realizar um tribunal de justiça, e o principal objetivo da Portaria Nativa de Jurisdição era organizar os poderes dos tribunais nativos. Claro, esses tribunais já existiam antes dos britânicos assumirem o controle do país; mas a questão agora era, quais seriam os poderes dos tribunais nativos sob o governo? A Portaria Nativa de Jurisdição dizia que todos os chefes deveriam ter tribunais e os tribunais deveriam ter o poder de ouvir todos os casos relacionados com lei consuetudinária nativa e outros casos em que o dinheiro reclamado não fosse mais do que £ 25. Um chefe e seu conselho podem fazer leis para seu estado (chamados estatutos) sobre certos assuntos; o conselho estadual deveria manter seus antigos poderes de destituir os chefes, e o governador também teria o poder de destituir um chefe. Como resultado do PNJ., tribunais nativos foram criados em todos os lugares, mesmo por pequenos chefes e chefes que não teriam realizado tribunais perante os britânicos aderiram. Os PNJ tiveram muito sucesso neste assunto, talvez até também tenham sido bem-sucedidos; havia muitos tribunais pequenos, e às vezes custava a um homem também muito em custas judiciais se ele tivesse que ir de um tribunal para outro. Mas na questão de implantar o estatuto do PNJ. não tiveram sucesso porque nada foi feito para ajudar os chefes e seus conselhos para entender como o governo estava tentando desenvolver o país, e assim eles não fizeram novas leis para lidar com novos problemas. Em 1927, o governo fez uma nova lei chamada Portaria da Administração Nativa. Esta ordenança fez cinco coisas principais.

(1) Descreveu as posições e os deveres dos chefes supremos, chefes divisionais, chefes de seus conselhos; e estabeleceu regras para eleger ou destituir um chefe.

(2) Dizia que ninguém poderia se recusar a obedecer a seu chefe. Um chefe de divisão não deveria se recusar obedecer a seu chefe supremo; nem poderia dizer que seria independente e não mais serviria a-o chefe supremo.

(3) Aumentou os poderes dos tribunais e afirmou que um homem que estava insatisfeito com a decisão de um tribunal nativo poderia apelar para um tribunal superior, como o do chefe supremo, ou mesmo às vezes para o tribunal do comissário provincial.

(4) Casos de lei consuetudinária nativa entre dois chefes supremos deviam ser julgados pelos conselhos provinciais, instituídos em 1925, dois anos antes.

(5) Era dado ao conselho estadual o poder de decidir qual era a lei consuetudinária nativa de seu estado sobre alguma questão legal, e se o governador aprovasse suas declarações, todos os tribunais, não apenas os tribunais nativos, mas os tribunais britânicos também seriam obrigados a aceitar essa declaração como a lei para casos relativos ao povo daquele estado.

A PAN causou muita discussão. Muitas pessoas não gostaram porque temiam os novos conselhos provinciais e porque pensavam que a portaria deu muito poder para os chefes supremos. Eles pensaram que o governo estava tentando afastar os chefes de seus anciãos e do povo, e transformá-los em funcionários do governo. Imaginavam que estava sendo dito aos chefes: "Vocês nos ajudem para fazer o que queremos fazer e nós os ajudaremos a fazer o que vocês desejam fazer. Nunca preste atenção ao seu povo; veremos que eles não lhes causem problemas". Isso não foi em tudo o que o governo queria. O governo não queria ter mais controle direto; queria ter menos. O governo estava tentando se estabelecer na Costa do Ouro, com um sistema de governo local bastante parecido com o sistema que conhecia na Inglaterra.

Na Costa do Ouro as escolas, o abastecimento de água, a polícia eram administrados pelo governo central; na Inglaterra, todas essas coisas e outras eram administradas pelos governos locais. O governo da Costa do Ouro estava tentando desenvolver os chefes e seus conselhos em governos locais para assumir essas funções, e seu primeiro passo deveria ser resolver os poderes das autoridades nativas.

Do ponto de vista do governo, a Portaria da Administração Nativa deixou duas grandes coisas ainda a serem feitas. Uma era estabelecer como os chefes e seus conselhos (vamos chamá-los de autoridades nativas) e o governo central iriam trabalhar juntos. A outra era dar às autoridades nativas

alguns meios de arrecadar dinheiro para seu trabalho. A primeira questão foi resolvida, no que diz respeito à Colônia, por duas leis de 1944, a Portaria da Autoridade Nativa e a Portaria dos Tribunais Nativos.

A Portaria da Autoridade Nativa substituiu a Portaria da Administração Nativa completamente, a PAN de 1927 estava morta. A nova portaria dizia que as autoridades nativas seriam nomeadas pelo governador, e poderiam ser demitidas por ele. A autoridade nativa não só recebeu poderes, mas todos os tipos de obrigações; se não desempenhasse suas funções adequadamente, o comissário provincial poderia em vez disso, demití-la. Isso removeu uma fraqueza da Portaria da Jurisdição Nativa e Portaria da Administração Nativa. Sob essas leis, a autoridade nativa poderia fazer estatutos se assim escolhesse; mas muitas vezes não fez nada. De acordo com a Portaria da Autoridade Nativa de 1944, não poderia se omitir e nada fazer; deveria agir. Pode parecer que isso tornou a autoridade nativa apenas uma parte do governo. Mas você deve se lembrar que a autoridade nativa, por meio de seus representantes no Conselho Legislativo, poderia ajudar a controlar o governo. Desde 1946, e muito mais desde 1951, o governo central de Accra não foi um governo estrangeiro; pertence ao povo da Costa do Ouro.

A Portaria da Autoridade Nativa trouxe o trabalho das autoridades nativas perto do trabalho do governo central. Da mesma forma, os tribunais nativos. A portaria aproximou o trabalho dos tribunais nativos do trabalho dos tribunais de magistrados e do Supremo Tribunal. Disse que os membros de um tribunal nativo deveriam ser nomeados pelo governador. A Portaria descreveu os poderes dos tribunais nativos. Todos os registros do tribunal nativo deveriam ser lidos pelo comissário distrital, e deveria haver um oficial especial, chamado de conselheiro judiciário, cujo trabalho era fazer com que os tribunais nativos fizessem seu trabalho com justiça. Se o conselheiro judicial considerasse que um tribunal estava sendo injusto, ele faria o mesmo tribunal julgar o caso uma segunda vez, ou ele poderia alterar a sentença. E qualquer magistrado tinha o poder de retirar um caso de um tribunal nativo se o tribunal tivesse sido injusto; e ele poderia julgar o caso em seu próprio tribunal ou enviá-lo a outro tribunal. Portanto, todos os tribunais do país passaram a fazer parte de um sistema. Se um caso fosse julgado no tribunal de Conselho Distrital, no tribunal de magistrados, no tribunal nativo ou na Suprema Corte, o juiz era o mesmo. Essas duas leis de 1944, a Portaria da Autoridade Nativa e a Portaria dos Tribunais Nativos, fizeram muito para trazer o governo central e órgãos governamentais locais trabalhar em estreita colaboração. Mas para as autoridades nativas fazerem um bom trabalho no

governo local, elas deveriam ter dinheiro. Elas não podiam, sem dinheiro, percorrer escolas, hospitais e fazendas escolas, e fazer todos os novos tipos de trabalho, que desejavam implementar. E então em 1939 o governo editou uma nova lei chamada Portaria do Tesouro da Administração Nativa⁶³. O decreto dizia que todas as autoridades nativas deveriam ter tesourarias. As tesourarias deveriam ser administradas por comitês de finanças, que deveriam manter contas adequadas e fazer estimativas de suas receitas e despesas, assim como o governo central. Quando uma autoridade nativa estabelecesse uma tesouraria, poderia tributar suas pessoas para fins públicos. A Portaria do Tesouro da Administração Nativa era muito importante por vários motivos. Deu às autoridades nativas o poder de começar a fazer todos os tipos de novos trabalhos, e assim ajudar a promover o governo local. Colocou a serviço da autoridade nativa muito mais escriturários e contadores e outras pessoas instruídas como professores, distribuidores e engenheiros; e assim fez algo para manter pessoas educadas em contato com as autoridades nativas. Ajudou todo mundo a ver o que a autoridade nativa fazia com o dinheiro que arrecadava em impostos; e então auxiliou as pessoas a confiar melhor em seus chefes e anciãos. Como já dissemos, a Portaria da Autoridade Nativa e a Portaria dos Tribunais Nativos aplicava-se apenas à Colônia.

Mas houve mudanças semelhantes em Achanti. As divisões Achanti começaram a estabelecer tesouros de tamboretas muito antes de 1939. Quando Nana Prempeh (agora *Sir* Osei Agyeman Prempeh II) tornou-se Asantehene em 1935, uma lei foi aprovada para criar um conselho de chefes da divisão Kumasi e um Conselho da Confederação para toda o Achanti. Em 1943, o governo criou o Conselho Consultivo Achanti, que deveria ser para Achanti o que os Conselhos Provinciais representavam para a Colônia. O Conselho Consultivo Achanti seria composto por cinco membros nomeados pelo governo, sete nomeados pelo Conselho da Federação Achanti com um membro do Conselho Municipal de Kumasi e um da Câmara de Comércio de Kumasi. O Conselho da Confederação, como já vimos, enviou quatro membros do Conselho Legislativo sob a Constituição de Burns de 1946, e a Câmara Municipal de Kumasi enviou um quinto.

Também nos Territórios do Norte o governo local se desenvolveu. Em 1932 e 1935 leis foram feitas para estabelecer autoridades nativas com tribunais e tesouros; e em 1936 foi introduzido um imposto direto, a ser recolhido pelas autoridades nativas e pago em seus tesouros. Em 1946, o

⁶³ Você pode ver por que a lei foi chamada de Portaria do Tesouro da Administração Nativa, e não Lei da Portaria da Tesouraria da Autoridade Nativa? Ajudará se você considerar sua data.

governo criou um Conselho de Chefes nos Territórios do Norte como o Conselho da Confederação Achanti. Se você olhar para todas estas leis, começando com a Portaria de Jurisdição Nativa de 1883 e indo para a Portaria da Autoridade Nativa e a Portaria dos Tribunais Nativos de 1944, mais de sessenta anos depois, você verá que todos eles estavam tentando ajudar os chefes e anciãos e os conselhos estaduais para fazerem melhor o trabalho do governo local. Mas foram os chefes e os anciãos e os conselhos estaduais as melhores pessoas para fazer isso? Eles poderiam fazer o trabalho antigo, que eles conheciam. Poderiam sentar-se no tribunal e tratar casos sobre o direito consuetudinário nativo; eles poderiam realizar cerimônias religiosas; eles poderiam fazer regras sobre mercados ou estacionamento de caminhões. Mas eles poderiam administrar escolas e hospitais e suprimentos de água e bombeiros? Muitas pessoas pensaram que não poderiam. Por que foi isso? Os motivos foram vários. Um era que a maioria dos chefes e anciãos não frequentaram escola e não sabiam ler nem escrever. Era verdade que muitas pessoas não queriam um chefe educado, pois temiam que ele pudesse vender as terras do tamborete ou ser também mais inteligente do que os mais velhos. Mas como poderia um chefe ou anciãos sem instrução entender coisas europeias como escolas e bombeiros? Outra razão era que os chamados mais velhos eram homens muito velhos, e que jovens educados tinham poucas chances de ser membros do conselho estadual e ajudar em seus trabalhos. Mas os novos tipos de trabalho precisavam dos jovens educados, bem como dos velhos sábios do Conselho Estadual. Uma terceira razão era que os chefes e anciãos tinham menos poder sobre estranhos em sua cidade do que tinham sobre seu próprio povo. Em grandes cidades como Accra, havia um Conselho Municipal. Ninguém esperava que o Gã Mantse tivesse poder sobre todos os europeus, sírios, indianos, nigerianos e outros estranhos que viviam em Accra. Mas também em lugares pequenos, onde não havia conselho municipal, havia estranhos; e alguém deve ter poder sobre eles. O chefe e os mais velhos e o Conselho Estadual não poderiam tê-lo. Por essas razões, muitas pessoas na Costa do Ouro começaram a pensar que o trabalho do governo local era grande e difícil demais para ser deixado às autoridades nativas.

Nos últimos anos, alguns conselhos estaduais têm acolhido jovens e homens educados para se sentarem com os mais velhos. Em 1945, havia 2.471 pessoas na Colônia que eram membros de conselhos estaduais, e 614 destes, cerca de um quarto, eram homens jovens educados. Algumas autoridades nativas continham dois ou mais pequenos estados, e tiveram um conselho conjunto. Mas embora algumas pessoas tenham dito que as

autoridades nativas deveriam usar mais os jovens, pouco foi feito. E assim chegamos a 1946, o ano dos motins e da Comissão Watson. Essa Comissão tinha uma palavra a dizer sobre o governo local. Você deve se lembrar que o governo de Londres enviou a Comissão Watson para descobrir por que as coisas na Costa do Ouro se tornaram tão ruins, que houve tumultos e tiroteios. A Comissão culpou muito o governo da Costa do Ouro. Dizia que a polícia precisava atirar para restaurar a ordem; mas o governo não deveria ter deixado as coisas ficarem tão ruins que a ordem só poderia ser restaurada com armas de fogo. O verdadeiro problema, pensou a Comissão Watson, era que o governo e o povo não se entendiam. Não havia educação suficiente; o povo não tinha poder bastante sobre o governo em Accra; e o governo de Accra estava muito longe das aldeias. Algo deve ser feito para ajudar o homem da aldeia ou da pequena cidade a sentir que o governo estava perto dele, não muito longe em Accra. E ele deve ser ajudado a sentir que havia um trabalho que ele mesmo poderia fazer para tornar a vida em sua aldeia melhor. Portanto, a Comissão Watson propôs que muitos dos poderes do governo em Acra deveriam ser dados a três governos menores, um na Colônia, um em Achanti, outro nos Territórios do Norte. Na Colônia, não mais de dois terços dos membros deste novo governo regional deveriam ser membros de conselhos estaduais; os outros deveriam ser eleitos pelo povo em Achanti e os Territórios do Norte, não mais da metade deveriam ser de membros dos conselhos de estado, e pelo menos a metade deveria ser eleita pelo povo. A Comissão esperava que as pessoas se interessassem mais pela rede do governo de sua própria região do que no trabalho do governo central em Accra; e que eles sentiriam que poderiam fazer o governo de sua própria região fazer o que eles queriam. O governo em Londres disse que estaria pronto para concordar com esta ideia dos governos regionais. Mas disse que o Comitê Coussey, que estava indo para considerar como o governo central poderia ser melhorado, deveria considerar a questão do governo local também. O Comitê Coussey teria tempo para ir mais profundamente na questão do que a Comissão Watson. O Comitê Coussey concordou com a Comissão Watson que a Costa do Ouro deveria ser dividida em regiões; mas pensou que deveria haver quatro regiões, não três. Trans-Volta seria a quarta região.

Quando pensamos nessas regiões da Costa do Ouro, devemos lembrar que são muito diferentes das três regiões da Nigéria, que é muito maior que a Costa do Ouro, e há mais diferenças entre uma parte da Nigéria e outra do que há entre uma parte da Costa do Ouro e outra. Então na Nigéria cada região tem sua própria assembleia e seus próprios ministros, e o

governo central da Nigéria tem pouco poder. Mas na Costa do Ouro, os quatro governos regionais têm mais poder; há um ministro do governo local no gabinete central, e os quatro governos regionais são todos abaixo dele. O trabalho do governo regional é cuidar dos conselhos governamentais menores em sua região, e encarregar-se de algumas obras que seriam muito grandes para qualquer conselho menor. (Por exemplo, vamos supor que eram necessárias novas rodovias de uma ponta a outra de Achanti, desde a fronteira francesa com o rio Volta). Claro que seria possível para todos os conselhos, através de cuja área a estrada deve passar, combinarem como construir a estrada e como pagar por isso. Mas pense nos anos de conversa que haveria antes que a estrada fosse finalizada. Um conselho gostaria que tivesse 10 metros de largura, outros, apenas 7,5 metros; um diria que deve ser de asfalto, e outro diria que o cascalho era suficiente; e um conselho, cuja área não estava na linha da estrada, diria que a estrada deve passar por sua cidade principal, não pela cidade de outro conselho. Para uma coisa grande como esta, você precisa de um grande governo que possa fazer isso rapidamente. Esse é o governo regional. Há um funcionário do governo, chamado de diretor regional, à frente de cada região; e seu trabalho é efetuar as ordens que recebe do governo de Accra, ou seja, dos diferentes ministérios. O Comitê Coussey então fez muitas propostas para definir até conselhos governamentais locais de três tipos. Propôs uma classe A ou Conselho de Distrito, que governaria uma área como uma grande cidade ou uma grande autoridade nativa⁶⁴, um conselho de classe B, que governaria uma pequena cidade ou a área de uma pequena autoridade nativa, e um Conselho de Classe, que governaria uma aldeia ou um grupo de pequenas aldeias. Mas não precisamos falar sobre o que o Comitê de Coussey propôs, porque o governo concordou com quase tudo o que propôs sobre esses novos conselhos, e torná-los lei pelo decreto do governo local de 1951. Podemos descrever o que a Portaria do Governo Local fez, não o que o Comitê Coussey queria que fosse feito. O órgão governamental local mais importante é o conselho distrital. Existem dez conselhos distritais em Achanti, 14 na Colônia, quatro na Trans-Volta e nove nos Territórios do Norte: 37 ao todo. Os conselhos distritais têm poderes muito grandes. Administram escolas primárias, hospitais e serviços de saúde, estradas e serviços de ônibus, iluminação pública, grandes fontes de água, brigadas de incêndio e muitas outras coisas que costumavam ser administradas pelo governo central em Accra.

⁶⁴ Embora devamos lembrar que a autoridade nativa tinha poder apenas sobre seu próprio povo, não sobre estranhos, os novos conselhos têm poder sobre todos em sua área, estranhos também.

Esses conselhos distritais do governo local não têm nada a ver com os antigos distritos administrativos. Do início do domínio britânico na Costa do Ouro até a nova Constituição de 1951, o país foi dividido em distritos. Em cada distrito havia um comissário distrital, que era o chefe do governo naquele distrito. O Conselho Distrital era o representante do governador, e seu trabalho era ver se a política do governo em Accra foi executada. Mas quando o Dr. Nkrumah se tornou chefe do Governo, e o novo sistema de governo local foi estabelecido sob o Ministério do Governo Local, do Dr. Nkrumah, o chefe de distrito com título de comissário foi mudado para agente do governo, para mostrar que agora ele tinha menos poder. O agente do governo recebe suas ordens do Ministério da Fazenda do governo, não de seu comissário provincial e do governador, como costumava fazer. E os conselhos distritais do governo local são baseados nas antigas autoridades nativas, não nos distritos administrativos. Ainda assim, como o governo no passado tentou dividir o país em distritos quase da mesma forma que eram divididos os estados nativos, não há tanta diferença de limites quanto nós podemos esperar. Por exemplo, os distritos administrativos de Akim Oriental, Akim Ocidental e Akwapim eram praticamente iguais aos estados nativos de Akim Abuakwa, Akim Kotoku e Akwapim. Mas embora possa não haver muita diferença em limites, há uma diferença muito grande na forma como o novo e o antigo distrito administrativo são governados. O comissário distrital foi chefe de seu distrito. O agente governamental hoje nem mesmo é membro do Conselho Distrital, embora ele possa participar de suas reuniões e ver sua arrecadação. É muito parecido com o velho *poll tax*. Além da taxa básica, os conselhos têm competência para arrecadar outra taxa, dependendo da renda: os ricos pagariam mais do que as pessoas pobres. Eles também têm o poder de descobrir quanta propriedade uma pessoa possui, e cobrar uma taxa dependendo desse montante: desta forma, novamente, os ricos iriam pagar mais do que os pobres. E, por último, eles têm o poder de dizer o quanto uma casa ou terreno da pessoa vale como aluguel (se a pessoa que mora lá aluga de um senhorio ou de seu proprietário), e cobrar uma taxa dependendo disso. Este último tipo de taxa é o usual na Inglaterra. O valor de cada casa ou loja ou outro prédio, e de cada pedaço de terreno, está escrito em um livro, e o valor é expresso em muitas libras por ano. Este valor é chamado de avaliação da propriedade. Por exemplo, eu, que escrevo este livro, moro em uma casa avaliada em £ 43 por ano. O conselho sabe o total de todas as avaliações em sua área. Ele também sabe quanto dinheiro deve arrecadar nas taxas. Com isto, em seguida calcula uma soma: que fração da avaliação total esse dinheiro serviria? Pode ser mais do que a avaliação total, pode ser menos. Seja o que for, o conselho expressa

o dinheiro de que precisa em tantos xelins para cada libra de valor avaliado. Em 1952, por exemplo, meu Conselho precisava de uma taxa total que funcionasse a dezesseis xelins e dez pence a libra. Então eu, com minha avaliação de £ 43, tive que pagar quarenta e três vezes dezesseis xelins e dez pence. Tanto na Inglaterra quanto na Costa do Ouro, as taxas são coletadas pelos conselhos urbanos e locais. Os conselhos maiores, o Conselho Distrital na Costa do Ouro e o Conselho de Condado na Inglaterra, têm poderes e deveres que os menores conselhos não têm. Eles dizem aos conselhos urbanos e locais quanto dinheiro eles precisam coletar em seu trabalho, e os conselhos urbanos e locais coletam o dinheiro como parte das taxas e os repassa aos conselhos maiores. Fora da minha taxa de 16s. 10d. na libra, cerca de 9s. 84d. (mais da metade) foi coletado em 1952 por conselhos urbanos e pagos aos conselhos distritais⁶⁵.

Além do que vem das autoridades, as taxas que os conselhos recebem em dinheiro, este que vem das terras dos tamboretas e coisas como licenças de armas e de bebidas alcoólicas, costumavam ir para o governo central. Eles também recebem um subsídio de ajuda do governo central. Todo esse sistema de governo local é novo. O comitê Coussey e a Portaria do Governo Local fizeram uma mudança completa na maneira antiga de fazer coisas. Até a época da Comissão Watson de 1948, as pessoas pensavam que o governo local era obra das autoridades nativas. Eles podiam ver que as autoridades nativas, como eram então, não podiam fazer isso da maneira adequada. Mas eles esperavam que com mais educação e com ajuda, as autoridades nativas poderiam aprender a fazer os trabalhos. Mas o comitê Coussey mudou tudo isso. Pela primeira vez, eles disseram que este trabalho era muito difícil para as autoridades nativas; eles nunca aprenderiam a fazer isso bem, e a única coisa a fazer era criar alguns novos conselhos para fazê-lo. Mas você irá observar o quão cuidadoso o comitê Coussey e o governo têm sido ativos para fornecer às autoridades nativas meios de participar do trabalho do governo local. Um terço dos membros dos conselhos são nomeados pelas autoridades nativas. A Costa do Ouro, como outros países que estão se desenvolvendo rapidamente, está tentando manter as melhores coisas na velha África de ontem, e os usa na construção da nova África de amanhã. A Inglaterra é outro país em que velhos costumes e novos costumes são

⁶⁵ As coisas são ligeiramente diferentes nos Territórios do Norte. Lá, é o Conselho Distrital, e não o Urbano ou Conselho Local, que arrecada as taxas. Os conselhos urbanos e locais têm de pedir ao Conselho Distrital o seu compartilhar. Também nos Territórios do Norte, o presidente de um conselho costuma ser um chefe. Em Achanti e na Colônia, todo conselho tem um chefe como presidente: mas também tem um presidente; e há uma diferença entre presidente e presidente [*chairman*]. O presidente preside apenas em ocasiões puramente formais; o presidente [*chairman*] preside sempre que o conselho estiver realizando seus trabalhos normais.

combinados juntos. As primeiras eleições para os novos conselhos foram realizadas em 1º de abril de 1952. Os membros dos conselhos permanecerão no cargo por três anos, e as eleições serão realizadas em abril a cada três anos.

CAPÍTULO XVIII

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Vimos como a Costa do Ouro tem trabalhado para ter um seu mesmo governo, e como tem desenvolvido seu governo local. Estes são desenvolvimentos políticos. Neste capítulo, devemos ver como a Costa do Ouro tem enriquecido, desenvolvendo seu comércio, construindo estradas e ferrovias, educando seu povo, produzindo mais cacau e minerais. Isso é chamado desenvolvimento econômico. Como começa o desenvolvimento econômico? Todo mundo tem certas necessidades, como as necessidades de comida, abrigo e roupas; e o desenvolvimento econômico pode começar somente quando o trabalho de um homem produz mais do que ele precisa para si e para seus filhos. Se você mora em um país de desertos, e tem que gastar todo o seu tempo movendo os seus camelos de um pedaço de terra com arbustos para outro, assim que o camelo come todo o arbusto, você ficará pobre. Mas se um estranho chega ao seu país e descobre que sob o deserto há petróleo (e isto aconteceu em vários lugares durante os últimos anos), imediatamente as coisas se tornam bem diferentes. Você mesmo pode não precisar do óleo, mas pode vendê-lo a outros países que o fazem; e com o dinheiro você pode comprar maquinário elétrico, escolas, hospitais, gráficas e tudo o mais que você precisar. Então, o desenvolvimento econômico do seu país começará. Mas você vai notar que, mesmo que o óleo seja encontrado, alguém tem que empenhar muito trabalho antes que possa ser colocado em uso. Os engenheiros devem vir com máquinas, e centenas de homens devem cavar e carregar toneladas de cargas ao sol. Você mesmo talvez não faça o trabalho. Você pode pagar a outras pessoas para fazer isso por você em troca de uma parte do dinheiro que você receberá pelo óleo. (Da mesma forma, um agricultor de cacau da Costa do Ouro não precisará cortar e transportar seu próprio cacau; ele pode contratar outras pessoas para fazer isso por ele.) Mas alguém deve trabalhar. Todo desenvolvimento econômico vem do trabalho.

Isso é verdade em todos os lugares, na Inglaterra e na Costa do Ouro, bem como nos países dos desertos. A Inglaterra se tornou um país rico porque tinha muito carvão, e foram os ingleses que primeiro descobriram como fazer motores a vapor que poderiam usar o carvão. Eles usaram os motores a vapor para acionar todos os tipos de máquinas que haviam sido conduzidas à mão. Foi vendendo essas máquinas, e vendendo também carvão inglês, que a Inglaterra ficou rica. Há muito tempo, nos dias de Osei Tutu ou de Don Diego d'Azambuja, a Costa do Ouro era um país pobre, mas tinha duas coisas para vender: ouro e escravos. Vimos em páginas anteriores como as pessoas da Costa do Ouro costumavam agir para vender seu ouro e escravos aos homens brancos e comprar deles armas, tecidos e outros bens europeus. Vimos, também, o governo britânico querendo deixar a Costa do Ouro. Isso foi porque o comércio escravo havia sido interrompido, e o comércio de ouro em pó sozinho não era suficiente para todos os problemas que o governo britânico tinha na Costa do Ouro. O governo não achava que o comércio de óleo de palma, madeira e outras coisas jamais seria grande o suficiente para compensar o comércio de escravos. Você vai se lembrar que o governador Maclean só foi capaz de fazer o que fez pela Costa do Ouro porque o governo de Londres pagou £ 4.000 por ano para as despesas do governo na Costa do Ouro. Além disso, tudo o que o governo tinha no tempo do capitão Maclean eram os direitos alfandegários sobre produtos europeus que eram vendidos na Costa do Ouro. E uma vez que a Costa do Ouro era pobre, poderia comprar poucos produtos europeus, e assim pagava pouco em direitos aduaneiros. Assim as coisas continuaram. A Costa do Ouro vendia um pouco de ouro em pó e uma pequena porção de óleo de palmeiras, mas continuou um país pobre. Falou-se da existência de mais ouro nas profundezas das rochas em Obuasi, Tarkwa e outros lugares; que havia manganês, alumínio e diamantes esperando para serem extraídos. Mas ninguém tinha certeza se realmente estavam lá, e a Costa do Ouro não tinha dinheiro para pagar especialistas para que viessem descobri-los. Não havia estradas ou ferrovias, apenas caminhos de mato. Todos viajavam a pé, e as mercadorias tinham que ser transportadas em fardos nas cabeças. E então, em 1879, um homem de Accra chamado Tete Kwashi trouxe o primeiro cacau para o país. Ele o trouxe de Fernando Pó e San Thomé, Ilhas portuguesas e espanholas perto de Camarões. O povo da colônia e de Achanti logo começou a plantá-lo em todos os lugares; mas não foi até 1912 que a Costa do Ouro começou a exportar muito cacau. Naquele ano, o país enviou 20.000 toneladas, quatro vezes mais que no ano anterior. Desde então, o comércio do cacau aumentou, e mais de 300.000 toneladas foram exportadas em um ano. Isso fez o governo rico, pois cobrava um imposto sobre o cacau

que era exportado e cobrava direitos alfandegários sobre as coisas que foram importadas da Europa em troca do cacau. Outras coisas, como madeira, manganês, diamantes e ouro, foram exportadas da Costa do Ouro; mas é o cacau que trouxe mais dinheiro ao governo. O cacau enriqueceu não apenas o governo, mas também o povo. Cacau era uma planta que um homem pobre poderia cultivar sem muitos problemas; ele poderia cultivar alimentos em uma parte de sua fazenda e cultivar cacau para venda em outra parte. A lei da Costa do Ouro não permitiu que estrangeiros de outros países comprassem terras e plantassem milhares de cacauzeiros para eles próprios, como os europeus faziam com a borracha no Congo e na Malásia e com o café na África Oriental. Cacau na Costa do Ouro sempre foi uma safra que os fazendeiros africanos cultivavam e vendiam para eles próprios, e a maioria das fazendas de cacau eram pequenas. Em pouco tempo, as pessoas que vivem na região da floresta não se contentavam mais em gastar todo o seu tempo cultivando alimentos, porque eles conseguiram tanto dinheiro de seu cacau que podiam pagar aos homens dos Territórios do Norte, e do país francês ainda mais ao norte, para trabalhar em suas fazendas e transportar seu cacau para o mercado. Claro, o cacau trouxe outras dificuldades. Pessoas que vivem em Accra e Krobo e em outros lugares fora da região da floresta não podiam cultivar cacau em casa; então todos queriam ter terras florestais para que eles também pudessem cultivar cacau e ficar ricos. Isso significa que as terras de cacau se tornaram muito valiosas, e as pessoas começaram a comprar e vender terras, o que obviamente era contra o velho costume.

Assim, o desenvolvimento econômico começou e continuou cada vez mais rápido. Podemos ver o quão rápido o país estava se desenvolvendo se olharmos alguns números. Não precisamos voltar muito longe na história. Aqui estão dois conjuntos de números, um para 1937 e o outro para 1951. Um conjunto mostra o valor das exportações da Costa do Ouro, ou seja, as mercadorias que a Costa do Ouro vendia para a Inglaterra e países estrangeiros. O outro conjunto mostra a receita total do governo, ou seja, o dinheiro total que o governo recebia em impostos e taxas de todos os tipos.

EXPORTAÇÃO	RECEITA
1937 £16,000,000	£3,750,000
1951 £89,000,000	£30,750,000

Você verá que de 1937 a 1951, o valor das exportações aumentou para mais de cinco vezes o que era, e o valor da receita para quase dez vezes o que era. A quantidade de bens que a Costa do Ouro exportou não aumentou tanto quanto seu valor. Aqui estão alguns números que mostram as principais

exportações da Costa do Ouro em 1925, 1937 e 1951; em cada caso, damos a real quantidade e também o valor.

	1925	1937	1951
Cacau	218,151 tons £8,222,263	236,206 tons £9,989,548	229,526 tons £60,309,769
Ouro	218,122 ounces £840,525	557,764 ounces £3,910,757	692,301 ounces £8,562,326
Manganês	338,657 tons £680,944	527,036 tons £1,025,091	806,080 tons £7,216,617
Diamante	77,313 carats £98,760	1,577,661 carats £648,057	1,768,012 carats £5,981,816
Madeira	2,016,755 cu. ft. £256,634	1,154,589 cu. ft. £129,748	9,874,410 cu. ft. £4,976,572

Você verá que a quantidade de cacau exportada não mudou muito, mas o valor subiu de £ 8 milhões para £ 60 milhões. Se você comparar a quantidade exportada em 1951 com a quantidade exportada em 1925, verá que havia cerca de três vezes mais ouro, duas vezes e meia mais manganês e 23 vezes mais diamantes (que foram descobertos recentemente em 1925), e quatro vezes e meia mais madeira. Mas se você comparar os valores, eles foram dez vezes, onze vezes, sessenta vezes e dezoito vezes os valores de 1925. Todos os preços subiram muito por causa da guerra. Portanto, você pode ver que de 1925 a 1951 a Costa do Ouro se desenvolveu muito: mas não tanto quanto você pensaria se olhasse apenas para o valor das exportações, e não para a quantidade. Esses números mostram também como é difícil à Costa do Ouro olhar para o futuro. Os valores sobem e descem; veja, por exemplo, o valor do ouro em 1925 e 1937 cerca de £ 4 a onça em 1925 e cerca de £ 7 a onça em 1937. Veremos adiante que esse tipo de coisa acontece também no caso do cacau, e causou dificuldades. Mas o governo ainda não tinha dinheiro suficiente para todas as coisas que queria fazer: escolas, hospitais, estradas e ferrovias e todas as outras coisas que eram necessárias para permitir o desenvolvimento da Costa do Ouro. Em 1952, a receita do governo era de cerca de £ 30 milhões, a grosso modo do cacau, ouro, manganês, diamantes e madeiras, ou sete libras per capita no país. (O governo em Londres tinha cerca de noventa libras per capita na Grã-Bretanha, que arrecadava em impostos do povo britânico; portanto, você verá que a Costa do Ouro ainda tinha um longo caminho a percorrer.) Dessa

receita de 30 milhões, a Costa do Ouro gastou, por exemplo, quase £ 3 milhões em educação — cerca de um décimo do total. Isso parece muito dinheiro, mas não vai muito longe. Existem cerca de 675.000 crianças na Costa do Ouro com idades entre 5 e 15 anos. Suponha que tivéssemos escolas para todas elas, e elas estivessem todas em turmas de cinquenta alunos, com um professor para cada uma dessas turmas. Precisaríamos cerca de 14.000 professores. E se tivéssemos 14.000 professores e cada professor recebesse £ 150 por ano, deveríamos precisar de mais de £ 2.000,000 para salários de professores apenas, sem contar as demais despesas com educação. E claro, o governo tem outras coisas a fazer na educação além de pagar salários aos professores. Por exemplo, há o custo de prédios e móveis escolares. Fica claro então que, para fazer seu trabalho adequadamente, o governo da Costa do Ouro precisaria de muito mais dinheiro, e esse dinheiro deveria vir do povo da Costa do Ouro na tributação. Por este motivo, o governo tentou várias vezes introduzir um imposto direto. Um imposto direto é um imposto que o cidadão paga diretamente ao governo, e que ele pode ver por si mesmo porque ele não recebe imediatamente qualquer coisa em troca.

Outros impostos são chamados de impostos indiretos. Aqui está um exemplo de um imposto indireto. Se um comerciante trazer tecido de algodão da Inglaterra para a Costa do Ouro, ele tem que pagar direitos alfandegários. Esse importador fixará o preço do tecido de modo a cobrir o imposto; e assim, todos os que comprarem um metro de tecido estarão realmente ajudando o comerciante a pagar seu dever aduaneiro para com o governo. Isso é chamado de imposto indireto, porque quando você compra um pedaço de pano você paga seu dinheiro na loja e você não pensa na taxa e sim reclamar que o pano está muito caro, mas você reclama ao comerciante e não ao governo. Mas há limites para o que o governo possa obter recursos por meio de tributação indireta. Se torna as taxas alfandegárias muito pesadas, o preço do tecido nas lojas pode subir tanto que as pessoas se recusarão a comprá-lo; e então o comerciante não vai importar mais e o governo não receberá mais dinheiro. Essa é a dificuldade da tributação indireta; as pessoas sempre podem escapar do pagamento do imposto, indo sem os bens. Então o governo queria um imposto direto, que todos ou quase todos teriam que pagar. Queria um imposto direto em parte porque tal imposto traria mais dinheiro, em parte também porque quando as pessoas pagam um imposto direto, entenderiam que todo o dinheiro do governo vem do povo. Mas o pessoal da Costa do Ouro não concordou. Eles pensaram nos velhos tempos da *Poll Tax* de 1852. Eles pensaram que um imposto direto significaria que eles eram os escravos do governo. Disseram que o

governo não tinha o direito de introduzir um imposto direto, a menos que os chefes e o povo fossem devidamente consultados e concordassem. O governo tentou várias vezes, e foi apenas em 1943 que finalmente a Costa do Ouro concordou com um imposto direto chamado imposto de renda. O imposto de renda é um imposto baseado sobre a renda de uma pessoa, o dinheiro que ganha em um ano. Ele pode ganhar trabalhando em um escritório ou em uma fábrica, ou cultivando cacau ou trabalhando como médico ou advogado. Cada ano uma pessoa tem que dizer ao governo quanto ganhou, e tem que pagar parte em impostos. O imposto é organizado de forma que uma pessoa rica não apenas pague mais impostos do que a pobre, mas também pague uma fração maior de sua renda. Você pode ver porque isso é assim, se você considerar que uma pessoa que está recebendo £ 100 por ano, achará muito mais difícil dar £ 5 em impostos do que alguém que ganhe £ 1.000 pagaria para dar £ 50 em impostos, já que faria se a taxa de imposto fosse a mesma para si e para o pobre. Nós vimos como os impostos diretos foram introduzidos como forma de permitir aos governos também fazer o seu trabalho. O que o governo fez com o dinheiro recolhido em impostos? Uma coisa é que fez muito para tornar as viagens mais fáceis na Costa do Ouro.

COMUNICAÇÕES

Caminhos de mato foram transformados em rodovias e ferrovias foram construídas. Havia poucas estradas boas antes de 1910. Não havia dinheiro suficiente para construí-las; e, de qualquer forma, não havia necessidade delas. Motores foram feitos apenas pela primeira vez na Europa por volta do ano 1900. Muitos deles, naquela época, eram movidos a vapor, como motores ferroviários; e todos eles eram muito lentos. Alguns anos antes de Prempeh ser levado de Kumasi, a gasolina foi produzida e os homens buscados para ensinar como usá-la para acionar motores. Mas não foi até cerca de 1910 que os motores se tornaram em tudo comuns na Inglaterra. O primeiro motor a ser trazido para a Costa do Ouro veio logo após a guerra Yaa Asantewa; mas se passaram muitos anos antes que os motores fossem popularizados na Inglaterra. Portanto, antes de 1910, não havia necessidade de construir rodovias; e na maior parte do país não havia cavalos e, portanto, nem carroças. Quando *Sir Garnet Wolseley* saiu, os soldados fizeram uma larga estrada em todo o caminho de Cape Coast a Prasu, para que as armas pudessem ser levadas para Prasu sobre rodas; e *Sir Garnet* percorreu todo o

caminho em uma pequena carruagem puxada por homens. Mas depois da guerra eles deixaram essa estrada voltar a ser mato. Em 1918, a Costa do Ouro tinha 1.930 quilômetros de boas estradas, em 1922 tinha mais de 4.800, e em 1937 mais de 9.000; e muitas mais estradas foram construídas durante a guerra de 1939-45. O governo da Inglaterra enviou linhas ferroviárias e outros materiais ferroviários em 1874, pensando que uma ferrovia de Cape Coast a Prasu ajudaria *Sir Garnet Wolseley*. Mas não houve tempo para construir a ferrovia, e o material nunca foi além da praia de Cape Coast. Foi depois da guerra de Yaa Asantewa que o governo começou a pressionar com a construção de ferrovias, de modo que Kumasi deveria ser mais fácil de alcançar de Accra ou Sekondi. A ferrovia de Sekondi chegou a Tarkwa em 1901, Obuasi em 1902 e Kumasi em 1904. Em 1910, a ferrovia entre Accra e Nsawam foi aberta; chegou a Tafo em 1917, e os primeiros trens entre Accra e Kumasi funcionaram em 1923. A ferrovia da Província Central, entre a Estação Huni Valley, ao norte de Tarkwa na linha Sekondi para Kade, entre Oda e Tafo, foi inaugurada em 1927. Durante a guerra de 1939-45, um ramal foi aberto de Dunkwa para Awaso para retirar o minério de alumínio. O primeiro telégrafo elétrico do mundo foi feito em 1844, e o primeiro telefone em 1876. O exército na guerra de 1874 usou um telégrafo para enviar suas mensagens, e na guerra de 1896 os Achantis esticaram uma longa corda de árvore à árvore para copiar a linha telegráfica britânica, pensando que era uma coisa mágica maravilhosa para fazer soldados vencerem batalhas. Mas embora uma linha telegráfica tenha sido levada para Kumasi antes da guerra de Yaa Asantewa, apenas algumas das principais cidades estavam ligadas por telefone ou telégrafo, até que o país se tornou tão rico com o cacau e manganês. Estradas, correios, telégrafos e telefones, tudo isso veio com o grande comércio dos últimos trinta anos. Foi enquanto *Sir Gordon Guggisberg* (1919-27) era governador que o país aumentou muito seu comércio e se tornou muito rico; e ele foi capaz de começar o porto de Takoradi, o hospital em Korle Bu e o colégio em Achimota; cada um deles custou uma grande soma de dinheiro e não poderia ter sido iniciado quando o país era pobre. O jardim botânico de Aburi foi inaugurado em 1890 (embora os dinamarqueses tivessem feito jardins perto do zoológico de Akropong anos antes); mas isso foi durante a época de *Sir Gordon Guggisberg*, que o departamento de agricultura foi capaz de começar muito mais trabalho e aumentar muito o seu pessoal. Foi durante esses anos ricos em que o povo da Costa do Ouro passou a acreditar que o governo é como um homem muito rico e sempre tem muito dinheiro para tudo. Agora estão começando a entender que não é assim; o governo recebe seu dinheiro do povo, em impostos de diferentes tipos; e se as pessoas são pobres e não

podem pagar impostos, o governo também se torna pobre e não pode pagar para fazer o trabalho que gostaria de fazer. Outra coisa em que o governo gastou seu dinheiro foi na educação, sobre a qual você lerá adiante. Mas antes de falarmos de educação, nós devemos voltar à questão do cacau. Por que é tão importante para a Costa do Ouro produzir tanto cacau como pode? É porque a Costa do Ouro precisa do dinheiro que obtém de seu cacau para pagar por todas as coisas que precisa comprar do exterior: não apenas bens como açúcar e sardinhas enlatadas, algodão e tecido de seda, que são bons de ter, mas que a Costa do Ouro poderia dispensar; mas também motores ferroviários, caminhões, cimento, gasolina, querosene e medicamentos de todos os tipos, sem os quais a Costa do Ouro simplesmente "volta ao mato". Claro, a Costa do Ouro tem outras coisas além cacau exporta, por exemplo, ouro, manganês, diamantes e madeiras. Mas o cacau é de longe o mais importante, como você pode ver por esses números, que mostram o valor das principais exportações da Costa do Ouro em 1951:

Cacau £ 60 milhões

Ouro £ 8 milhões

Manganês £ 7 milhões

Diamantes £ 6 milhões

Madeiras £ 5 milhões

Você pode ver por esses números o quão importante é o cacau, e que golpe isso seria para a Costa do Ouro se perdesse o comércio do cacau. O problema é que o cacau é uma daquelas coisas que não vendem em um preço estável. O preço do cacau sobe e desce; o mesmo acontece com o preço da borracha, lã, estanho, café e muitas outras coisas semelhantes. Agricultores e mineiros em todo o mundo reclamam que nunca sabem quanto as pessoas vão pagar pelo que produzirem. Não temos espaço para explicar completamente por que isso acontece. Mas podemos dizer isso: Pense no homem em Nova York ou Londres que compra cacau (ou um dos outros bens que mencionamos). Ele quer comprar o mais barato possível. Mas precisa ter seu cacau para vender a outras pessoas em seu país. Então vai tentar e esperar até que os fazendeiros tenham muito cacau para vender e querem muito dinheiro; e depois, quando ele vê que o preço está tão baixo quanto lhe sirva, comprará fazendo um grande negócio. Depois disso, pode não mais comprar por muito tempo. Então, como o cacau cresce a cada ano, mas em Londres ou Nova York, o comerciante não está necessitando comprar de forma constante, e compra em porções: a grande compra, então fica em uma longa

espera. Portanto, o preço não é estável. E, como regra geral, o quanto mais cacau houver, mais barato será o preço. Olhe para estes números: em 1938, a Costa do Ouro produziu 263.000 toneladas de cacau e vendeu por £ 4,5 milhões. Em 1951, a Costa do Ouro produziu 230.000 toneladas e a vendeu por £ 60 milhões. Menos cacau, por treze vezes mais dinheiro! Claro, houve uma guerra; mas ainda assim, que mudança! Se você olhar novamente para os números das exportações em página anterior, você verá como os preços sobem e descem. Esse tipo de coisa trouxe problemas em 1937. Por isto, alguns anos antes parte das empresas europeias que compraram o cacau haviam se unido e formaram uma grande empresa, a United Africa Company. Em 1937 a safra de cacau da Costa do Ouro valia quase dez milhões de libras; no ano seguinte, embora a safra fosse ainda maior, seu valor caiu para quatro milhões e meio. Então U.A.C. e a maioria das outras empresas que compravam cacau viram que se comprassem o cacau novo da estação ao preço antigo, eles perderiam dinheiro, porque a Europa e a América não comprariam deles a esse preço, e o cacau ficaria nos armazéns em entulho. Então, eles concordaram juntos em cortar o preço que iriam pagar aos corretores africanos que compraram o cacau dos fazendeiros da floresta e o venderam às empresas europeias. Mas esses corretores não concordaram. Eles pensaram que as empresas estavam sendo injustas. Eles não gostaram do sistema pelo qual algumas grandes empresas compraram todo o cacau e também venderam os produtos europeus que os africanos queriam comprar. Eles disseram que não estava certo que uma empresa tivesse lucro das duas formas, comprando cacau barato e vendendo roupas ou bicicletas caras. Então, por vários meses, os fazendeiros e corretores, tanto na Costa do Ouro como na Nigéria, recusaram-se a vender seu cacau ou comprar produtos europeus.

Essa retenção ao cacau levou o governo a nomear uma comissão, chamada Comissão Nowell, para estudar sobre a forma como a indústria do cacau era gerida e como resultado, várias alterações foram feitas. Em 1942, o governo criou uma Mesa de Controle de Produção para comercialização de todo o cacau; e em 1947 o Controle de Produção foi substituído pela *Gold Coast Cocoa Marketing Company*. O que faz a *Marketing Company*? Comprar todo o cacau e vendê-lo nos mercados do mundo. No início de cada safra, ela fixa o preço que vai pagar ao agricultor, e se tiver lucro vendendo o cacau a um preço mais alto, todo o lucro vai para um fundo que só pode ser usado para ajudar a indústria do cacau da Costa do Ouro. Se o preço do cacau cai novamente, a empresa de marketing terá um fundo do qual poderá pagar ao fazendeiro um preço melhor pelo seu cacau do que qualquer

empresa privada iria lhe pagar. O agricultor ainda sofrerá um pouco com uma grande queda no preço, mas não tanto quanto ele costumava sofrer antes dos dias da *Marketing Company*. Desde a criação da empresa de comércio, o preço do cacau nunca caiu; continuava aumentando. Portanto, a empresa de comércio estava ficando mais e mais rica. Alguns achavam que deveria pagar mais ao fazendeiro. Como propaganda, a empresa certamente pode se dar ao luxo de fazer mais do que esperava. Por exemplo, doou quase 12 milhões para o *University College* criar um departamento de agricultura. Mas o preço do cacau pode cair novamente algum dia; e seria um dia triste para o fazendeiro da Costa do Ouro, se a *Marketing Company* tivesse gastado todo o seu dinheiro, e o agricultor teria que sofrer toda a perda de preço. Já falamos antes sobre o problema que surgiu durante a doença do broto inchado do cacau em 1947 e 1948. Isso mostra como questões políticas se misturam. A Comissão Watson disse ao governo da Costa do Ouro que embora fosse verdade que a única maneira de controle do broto inchado, ou vírus do cacau, era cortar as árvores doentes, ninguém na Costa do Ouro iria acreditar. Como vimos, as pessoas pensaram que, por algum motivo ou outro, o governo (um partido de homens brancos, como eles pensavam) queria que as árvores morressem. Então não dariam ouvidos a nenhum fitoterapeuta britânico, pois pensaram que ele diria o que o governo queria que ele dissesse. Portanto, a Comissão Watson aconselhou o governo pedir a alguns plantadores estrangeiros que viessem aconselhá-los: seriam médicos de países que não cultivavam cacau e não faziam muito comércio de cacau. Os fazendeiros da Costa do Ouro não acreditariam nos médicos britânicos, mas talvez pudessem acreditar nos agrônomos estrangeiros.

O governo seguiu este conselho. Três dos melhores agrônomos do mundo (nenhum deles britânico) vieram para a Costa do Ouro. Eles também, como os britânicos, avisaram que a única coisa a fazer era cortar as árvores doentes. Quando o Dr. Nkrumah assumiu o poder em 1951, continuou cortando e os fazendeiros de cacau, que não confiavam no antigo governo, confiavam no governo do Dr. Nkrumah. O governo ainda esperava encontrar outra maneira de como matar o inseto que é vetor da doença. Mas ainda não encontrou uma maneira segura de fazer isso.

EDUCAÇÃO E MISSÕES

Há missionários cristãos na Costa do Ouro desde que homens brancos chegaram aqui. Quando os portugueses chegaram pela primeira vez,

trouxeram com eles padres católicos; e mesmo quando os portugueses foram expulsos, e em vez deles vieram holandeses, que eram protestantes, algumas das formas católicas de rituais ainda permaneciam entre o povo de Elmina. Mas não havia mais missionários católicos no país depois que os portugueses foram embora; a partir de 1881, quando alguns padres católicos se estabeleceram em Elmina, eles se espalharam por todas as partes do país.

A primeira missão protestante a começar a trabalhar na Costa do Ouro foi a anglicana. Em 1750, o reverendo Thomas Thompson veio ao país e estabeleceu-se em Cape Coast. Quatro anos depois, ele teve que desistir de seu trabalho aqui por causa de má saúde; mas ele tinha enviado três meninos de Cape Coast para a Inglaterra para lá serem educados. Dois deles morreram: mas um, Philip Quacoe, foi ordenado clérigo da Igreja da Inglaterra, e pregou e ensinou em Cape Coast e outros lugares de 1766 até 1816, quando morreu já muito velho. Pouco antes de morrer, sua missão tinha aberto uma escola em Cape Coast, que muito tempo depois foi assumida pelo governo e agora é a Escola do Governo de Cape Coast de Meninos. Depois disto não houve por alguns anos nenhum trabalho da Igreja da Inglaterra na Costa do Ouro, além dos capelães do governo no castelo de Cape Coast. Não foi até 1879 que a missão começou novamente e Accra e tornou-se sua sede principal.

Os primeiros missionários da Basileia chegaram em 1828. Quatro missionários dinamarqueses vieram para *Christiansborg*, mas três deles morreram no mesmo ano. O governo dinamarquês tinha uma escola governamental em *Christiansborg*, e o quarto missionário, Henke, trabalhou lá até morrer em 1831. Poucas semanas depois, mais três missionários vieram, mas dois deles morreram logo, deixando um homem, Rus, sozinho. Quatro anos depois, ele deixou *Christiansborg* e foi para Akropong, onde o chefe de Akwapim, Ado Dankwa, deu-lhe permissão para iniciar um posto missionário. Em 1847 a missão Basel começou a trabalhar na Aburi e nos anos seguintes os missionários abriram postos em Gyadam, Abokobbi e Odumase⁶⁶ Em 1864, o posto missionário em Anum foi aberto, e antes da guerra de Yaa Asantewa a Basel e as missões *Wesleyan* estavam trabalhando em Kumasi. Desde o início, os missionários Basel trabalharam duro para melhorar a condição do país, não apenas pregando o cristianismo e abrindo escolas, mas fazendo estradas e introduzindo novas formas de agricultura, e

⁶⁶ A estação de Gyadam foi incendiada em 1861 em uma guerra entre o Akim Abuakwa e o Akim Kotoku. A missão mudou-se para Kibi. O posto missionário em Abokobbi foi fundado por causa do bombardeio de *Christiansborg* em 1854. Em 1847 a missão de Bremen começou seu trabalho, e fundou seu posto em Keta em 1853, e outros postos em Ho, Aniedzofe e em outros lugares.

treinando carpinteiros e ferreiros e todos os tipos de artesãos. Grande parte do progresso que a Costa do Ouro fez em melhorias é devido ao trabalho da missão Basel. Em 1835, o primeiro missionário wesleiano, Joseph Dunwell, veio para Cape Coast; mas ele e quatro outros missionários wesleianos que o seguiram morreram em dezoito meses. Então veio Freeman, que chegou em 1838 e viveu na Costa do Ouro por mais de sessenta anos. Ele abriu estações missionárias em Anomabu e Kumasi e outros lugares. Em 1876, a missão fundou uma escola secundária em Cape Coast, que se tornou Mfantsipim, a primeira escola secundária na Costa do Ouro. Desde o início, todas as missões cristãs fizeram grande parte de seu trabalho através de suas escolas. Elas começaram traduzindo a literatura vernacular, a Bíblia em Gã, Twi, Fante e Ewe, e escrevendo muitos livros escolares em vernáculo. Por muito tempo todas as escolas do país foram dirigidas pelas missões, mas em 1890 o governo nomeou seu primeiro diretor de Educação, e começou a construir escolas governamentais em 1900. Em 1909, o governo fundou o *Accra Training College* para professores e a Escola Técnica de Accra, posteriormente removida para Takoradi. Foi na época de *Sir Gordon Guggisberg*, 1819-27, que a educação, como outros ramos do trabalho do governo, deu um grande passo em frente. *Sir Gordon* era um grande homem; e ele teve a sorte de ter muito dinheiro para gastar em seus planos, pois a Costa do Ouro estava enriquecendo vendendo seu cacau a preços elevados. Sua nova Portaria de Educação, de 1925 tornou mais fácil para uma escola de missão ganhar um subsídio do governo, e assim fez com que muitas escolas missionárias viessem para a lista de subsidiadas; e com a ajuda do Sr. Fraser e do Dr. Aggrey fundou o *Achimota College*. Devemos dizer algumas palavras sobre esses dois homens, que fizeram tanto pela Costa de Ouro. Dr. Aggrey era um Fante de Anomabu, que adquiriu muito de sua educação na América. Existem duas coisas para lembrar sobre ele. Um é que ele nunca ficava zangado se as pessoas o tratavam mal. A outra é que ele nunca foi orgulhoso, e nunca muito ocupado para ver pessoas. Uma vez, o Dr. Aggrey viajando em um navio, onde não o deixavam comer na mesma mesa com os brancos o Dr. Aggrey riu. "Então eu tinha uma mesa e um mordomo só para mim", disse ele: "Fui tratado muito melhor do que os homens brancos". O Dr. Aggrey tinha muitos ditos. Aqui estão alguns.

(1) Nada além do melhor é bom o suficiente para a África.

(2) Você pode tocar alguma música nas teclas pretas do órgão, e alguma música nas teclas brancas; mas para fazer a melhor música você precisa tanto das teclas pretas quanto das brancas. (Com isso, ele quis dizer

que a Costa do Ouro precisa de africanos e europeus para trabalhar a seu favor.)

(3) Quando você educa um homem, você educa um indivíduo; quando você educar uma mulher, você educa uma família.

(4) Você pode pegar mais moscas com melaço do que com vinagre. (Melaço é um doce da cana-de-açúcar; Aggrey quis dizer que você fará mais se você é legal e amigável com as pessoas do que se ficar com raiva, abusar delas e assustá-las.)

O Sr. Fraser foi missionário em Uganda e no Ceilão antes de vir para a Costa do Ouro. Muito do que dissemos em páginas anteriores sobre Maclean vale quanto ao senhor Fraser. Ele era um lutador e não temia ninguém. Quando ele veio pela primeira vez para Accra, ele tinha consigo Aggrey e quatro europeus, e eles descobriram que os europeus deveriam morar em uma casa e o Dr. Aggrey deveria morar em outra casa na outra extremidade da cidade. O governo disse ao Sr. Fraser que ele estava morando em uma parte de Accra que era reservada para europeus, então o Dr. Aggrey não poderia viver com ele. Fraser disse: "Se Aggrey não vier morar nesta casa com a gente, eu e todos os meus quatro professores europeus iremos direto para Inglaterra". Assim, o governo permitiu que o Dr. Aggrey viesse e vivesse na parte europeia de Accra. Alguns anos depois, Achimota estava cheia de mosquitos dos pântanos na base da colina. O governo disse que não poderia drenar os pântanos e matar os mosquitos. O senhor Fraser disse: "Então faremos isso nós mesmos". Ele foi o primeiro homem a pegar em uma picareta; seus alunos e sua equipe, tanto africanos quanto europeus, o seguiram; e então não havia mais mosquitos. Fraser também foi um frasista. Aqui estão algumas.

(1) A religião não pode ser ensinada; tem que ser capturada. (Ele quis dizer que você vai ajudar mais as pessoas mostrando-lhes em sua própria vida como deveriam viver do que simplesmente falando com eles.)

(2) Você deve sempre ter tempo para dar às pessoas quando elas quiserem ver você; nunca pense que o seu tempo é mais valioso do que o deles.

(3) Uma boa escola será uma boa aldeia. Se eu encontrar a aldeia cheia de moscas e mosquitos, as crianças cheias de ancilostomíase e malária, as galinhas pobres e magras, as mulheres indo longe para buscar água lamacenta para suas casas, eu sei que a escola não está fazendo seu trabalho. Agora vamos voltar à história da educação da Costa do Ouro.

Em 1937, outro comitê iniciou a tarefa de melhorar o sistema escolar da Costa do Ouro, onde trabalhou por quatro anos. Como coisas mais importantes disse que deveria haver um novo comitê consultivo central para aconselhar o diretor de Educação e comitês de educação locais em cada distrito para aconselhar às missões e os oficiais de educação do governo e outros responsáveis pelas escolas. O objetivo era dar ao povo da Costa do Ouro mais controle sobre a educação de seus filhos, assim como as portarias de 1939 e 1944 e a Constituição de 1946 deu-lhes mais controle sobre o governo. O Comitê disse que deve haver pelo menos quatro africanos entre os dez membros do Comitê Central Consultivo e a maioria dos membros dos comitês locais de educação deve ser de africanos. O trabalho dos comitês locais de educação, sem dúvida, será realizado pelos conselhos do governo local em pouco tempo. Assim, mais e mais escolas foram construídas; e enquanto em 1902 apenas cerca de 15.000 crianças estavam na escola, em 1945 eram cerca de 180.000 e em 1951 cerca de 272.000, ou seja, uma criança em cada três. Escolas secundárias e treinamento, as faculdades também estavam aumentando e, em Achimota, as aulas universitárias estavam começando.

Sir Gordon Guggisberg esperava que Achimota pudesse um dia se desenvolver em uma universidade, e o povo da Costa do Ouro também esperava isso. Em 1943 o governo de Londres enviou uma comissão, chamada Comissão Elliot, para indagar sobre a questão da educação universitária na África Ocidental. A Comissão visitou a Costa do Ouro, e concordou que Achimota deveria, mais cedo ou mais tarde, ser transformada em uma faculdade universitária; embora eles não pudessem concordar se era sábio desenvolvê-la de uma vez ou esperar alguns anos. Naquela época não era fácil encontrar professores universitários da Inglaterra, e o governo de Londres pensou nisso e achou melhor esperar até que a nova faculdade universitária na Nigéria fosse devidamente montada. Mas o povo da Costa do Ouro não iria esperar. Eles queriam uma faculdade universitária sua em seguida. Então o governo de Londres concordou, e em 1948 a nova faculdade estava aberta. E o governo em Londres ficou feliz em descobrir que estava errado temendo que o novo colégio universitário não encontrasse professores. Em 1952, a faculdade tinha 118 funcionários e quase 500 alunos. O número de alunos cresceu rapidamente à medida que a faculdade obteve seus novos edifícios e à medida que as novas escolas secundárias geravam meninos e meninas que estavam prontos para começar sua carreira universitária. Em 1951, um novo colégio foi fundado para ser como uma irmã da faculdade-universidade. Este foi o *Kumasi College of Technology*,

que daria todos os tipos de cursos técnicos e comerciais. A faculdade começou com os 200 alunos da faculdade de formação de professores de Achimota, que se mudou para Kumasi. Desta forma, a história repetiu-se; Achimota começou seu trabalho assumindo os alunos da escola de formação de professores do governo em Accra, que deixou Accra e mudou-se para os novos edifícios em Achimota, vinte e cinco anos antes. Tanto a faculdade universitária quanto a faculdade de tecnologia foram criadas com a ajuda de dinheiro doado pelo governo de Londres. Até 1945, o governo esperava que a Costa do Ouro e outras colônias pagassem por tudo que eles tinham. Não lhes tirou nada em impostos e não lhes deu ajuda em dinheiro⁶⁷. Isso é por que a Costa do Ouro foi tão lenta no início de seu desenvolvimento econômico; teria sido muito mais rápido se o governo de Londres tivesse fornecido ferrovias e estradas e o porto de Takoradi como um presente gratuito. (E da mesma forma, a Inglaterra teria sido mais rica se a Costa do Ouro lhe tivesse dado todo o cacau, ouro e manganês de que precisava, como um presente gratuito. Mas a Inglaterra pagou pelo cacau, ouro e manganês; e a Costa do Ouro pagou por seus motores ferroviários e cimento). O governo de Londres pensou que se as colônias se tornassem governo, elas deveriam aprender a trabalhar e pagar pelo que precisassem, em vez de ter-lhes dado isso tudo por nada. Mas em 1945, o governo de Londres viu que muitas colônias eram tão pobres que não tinham esperança de se desenvolver muito rápido. Pensaram que se recebessem alguma ajuda para iniciar seu desenvolvimento econômico, elas seriam capazes de avançar muito mais rápido. E então criou uma lei chamada Lei de Desenvolvimento Colonial e Bem-estar, pela qual o governo britânico concedeu £ 120.000.000 para ajudar no desenvolvimento das colônias. Parte do dinheiro era para ser usado na construção de coisas como escolas e hospitais, e parte deveria ser usada em infraestrutura como a construção de estradas, ferrovias e portos, em busca de novos minerais como ouro ou alumínio, ou na melhoria da agricultura. Todas essas coisas ajudariam o comércio e assim tornariam as colônias mais ricas e mais capazes de pagar por suas próprias escolas e hospitais. O dinheiro dessa Lei era para ser usado para fornecer edifícios e fazer o trabalho necessário para iniciar uma nova mina ou uma nova estação de energia. Por exemplo, o governo em Londres daria a uma colônia os edifícios e móveis para um novo hospital; mas não pagaria os salários dos médicos e enfermeiras e auxiliares; a colônia deveria pagar por aqueles que estão fora de seu próprio orçamento. Cada governo colonial foi convidado a traçar um plano de como seria gasto e de pedir o dinheiro que desejasse; embora, claro,

⁶⁷ Algumas colônias muito pobres receberam ajuda em dinheiro. Mas a Costa do Ouro não é uma delas; embora, como se viu, recebeu ajuda na época do capitão Maclean.

£ 120.000.000 não bastassem para dar a cada colônia tudo o que desejavam! Sob esta lei, a Costa do Ouro recebeu cerca de £ 4 milhões, incluindo £ 400.000 para a universidade faculdade e £ 350.000 para a faculdade de tecnologia. Mais dinheiro sob a Lei de Desenvolvimento Colonial e Bem-Estar seria usado para fornecer bolsas de estudo a estudantes coloniais para irem para a Inglaterra; e muitos alunos da Costa do Ouro foram para a Inglaterra, desta forma como convidados do governo britânico. Outros, claro, foram com dinheiro lhes dado pelo governo da Costa do Ouro, ou com recursos próprios ou da família. O desenvolvimento econômico depende não só do ouro e do cacau, mas em homens e mulheres treinados e educados. Escolas e faculdades são tão importantes como estradas e centrais elétricas. Quando o governo do Dr. Nkrumah assumiu o poder, o novo ministro da Educação, Sr. Kojo Botsio, fez um plano para desenvolver a educação mais rapidamente, e a Assembleia aprovou o plano em agosto de 1951. A educação primária deveria ser grátis, e deveria ser fornecida o mais rápido possível para todas as crianças. Para isso precisaria muito mais professores, e o governo construir muitas novas faculdades, treinamentos de professores, bem como mais escolas secundárias. O plano levaria vários anos para se realizar, e custaria muito dinheiro: £ 8 milhões para edifícios e equipamentos, e um extra de £ 4 milhões por ano em salários e outros custos. O governo central pagaria a maior parte dos salários dos professores, mas para a educação local as autoridades teriam de obter o resto do dinheiro com as taxas locais.

CONCLUSÃO

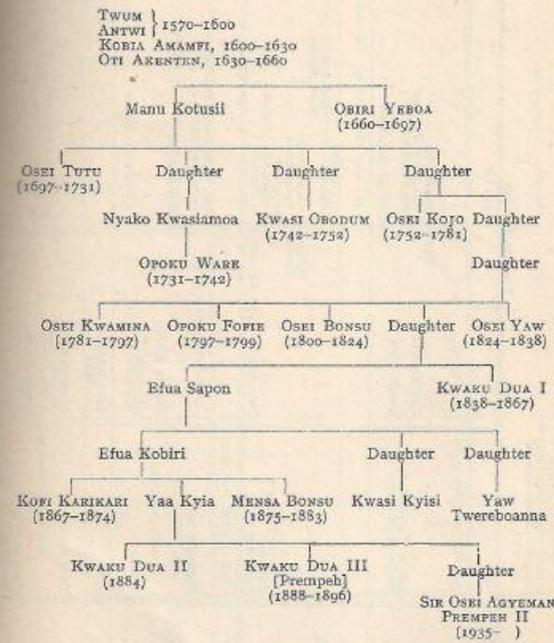
Assistimos à história do povo da Costa do Ouro desde o tempo em que o Nta-fo desceu pela primeira vez na floresta até o dia em que o Dr. Nkrumah se tornou o primeiro primeiro-ministro do país. Vimos como o povo da Costa do Ouro lutou e estabeleceu estados e reinos fortes. Os europeus vieram, e eles lentamente estenderam seu poder sobre todo o país, em parte lutando, mas muito mais por ensinar às pessoas novas ideias europeias. Agora o poder europeu está acabando, e o trabalho que alguns anos atrás só poderia ser feito por europeus está cada vez mais sendo assumido pelos homens e mulheres da Costa do Ouro. Mas embora o poder europeu esteja acabando, as novas ideias europeias ainda estão vivas e funcionando, e estão mudando toda a vida do país.

Ainda há muito a ser feito e muitas dificuldades que os novos governos africanos (o governo do Dr. Nkrumah e os que se seguirão) terão que superar. A Costa do Ouro não é um país rico. Tem que importar no exterior todo o carvão de seus motores ferroviários e todo o óleo e gasolina para acionar suas centrais elétricas e seus caminhões. A Costa do Ouro tem poucas pessoas treinadas e nenhum abastecimento de combustível, de modo que não pode facilmente criar grandes indústrias manufatureiras. O governo propõe represar o rio Volta. Isso fará muitas coisas. Isto fornecerá eletricidade, e com a eletricidade o governo será capaz de obter um novo suprimento de alumínio de uma colina que no momento não pode ser trabalhada. A eletricidade também será transportada pelo país em fios para iluminar as casas das pessoas e para fazer funcionar pequenas fábricas. A água da barragem pode ser usada para regar a terra seca das planícies de Accra, para que possam cultivar algo melhor do que mandioca e para que mais pessoas possam lá viver. E acima da barragem, o Volta e seu afluente, o Afram, vai subir e vai fazer dois longos lagos estreitos, e os vapores serão capazes de navegar neles e trazer comércio para as planícies de Afram, que agora estão quase vazias.

Um novo porto será construído em Tema, com uma ferrovia para Accra. Tudo isso é uma grande fração de desenvolvimento econômico, e isso fará um grande bem ao país. Mas vai custar muito dinheiro, talvez £ 150 milhões, que são receitas de quatro ou cinco anos. De onde virá o dinheiro? Virá em parte do orçamento do governo (ou seja, de impostos), em parte talvez dinheiro do governo britânico, mas em parte de empresas comerciais europeias e canadenses, que estejam prontas para investir na esperança de obter uma recompensa em um comércio melhor, neste caso, mais alumínio. Este é um exemplo da forma como a Costa do Ouro pode se desenvolver em parceria com a Europa. Podemos dizer que o povo desse país tem que escolher, tanto da vida africana do passado quanto da vida europeia que está chegando ao país, o que há de melhor em ambos. Como disse o Dr. Aggrey, para fazer a melhor música, você precisa das teclas pretas e brancas do órgão. A África de amanhã deve ser uma mistura do que há de melhor na África de ontem e o melhor que a Europa pode dar.

A COSTA DO OURO EM TEMPOS MODERNOS

OS REIS ACHANTI



Nesta tabela, nenhum nome é fornecido, a menos que seja mencionado no livro, e todos os filhos que não entraram na linha de sucessão ou se tornaram importantes de outras maneiras são ignorados. É difícil tomar a tabela precisa e não está de acordo com a tabela fornecida pelo Clérigo, mas espero que não esteja longe da verdade. Não sei como Obiri Yerboá era parente dos primeiros reis. Datas anteriores a 1742 são incertas.

1950	War of 1899	1946 constitution	University College opened	1950
	War of 1914	Ashanti confederacy restored		
	Aeroplane invented	Achimota College founded		
1900	Motor-cars invented	Yaa Asantewa war		1900
	Bicycles invented		Lands Bill	
	Suez Canal made			
1850	Darwin	Battle of Datsutagba	Kofi Karikari	1850
		Battle of Gyadam	Kwaku Dua I	
	Telegraph invented			
1800	Beethoven	Adinkera	Battle of Akantamasu	1800
	Napoleon	Atta Wusu	of Nsamankow	
	French Revolution		MacCarthy	
			Bowditch and Dupuis war—Torrane	
	War of American Independence	Sagbadre war		
1750	Handel	Gariba	Danes build Fort Prinzenstein	1750
	Bach		Kotoku-Twerebo war	
			Philip Quacoe	
1700		Ofori Kuma		1700
		Akwamus driven across river Volta		
		Ofori Panyin		
		Kumpati		
			Osei Tutu	
		Zangina	Okomo Anokye	
1650	Milton		Ashangmo	1650
	Cromwell		Obiri Yeboa	
			Okai Koi	
	Galleo	Power of Denkyera	Twum and Antwi	
		Building of Keta	Dede Akai	
1600	First English in America	Wenya	Owura Mankpon Okai?	1600
	Shakspeare	Fall of Songhai empire		
	Queen Elizabeth	Ewurade Basa		
		Power of Adansi		
		Jakpa		
1550	Martin Luther			1550
	Henry VIII			
1500	Columbus discovers America	Songhai conquers Melle	Ayi Kushi?	1500
	Printing invented	Nyagsi		
		Moshis take Walata		
		Sonni Ali		
			Portuguese build Elmina	

Columns to show the history of separate parts of

POSFÁCIO

Eu cheguei em Gana, não mais Costa do Ouro, em janeiro de 1976. Decorriam, portanto, apenas 19 anos do Dia da Independência, ocorrido em 1957, com a vitória, ao fim de um longo processo negocial com a Inglaterra, de seis cidadãos da Costa do Ouro, eternizados como os pais fundadores da nova república: Kwame Nkrumah, Ebenezer Ako-Adjei, Edward Akufo-Addo, Joseph Boakye Danquah, Emmanuel Obetsebi-Lamptey e William Ofori Atta.

Desses, o último nome, já adiantado nos anos, me recebeu em sua casa, num subúrbio de Acra (mantive propositadamente, em todo o texto, a grafia original da tribo que deu nome à capital do país, desde imemorialmente conhecida até hoje, Accra). Muito simpático, expremeu alguns limões, do limoeiro de sua casa, colocou o sumo numa jarra de plástico e adicionou água. Colocou cubos de açúcar, como de hábito lá, importados de comerciantes ingleses. Açúcar do Brasil. Após, alguém apareceu com um vasilhamente com pedaços de gelo que foram colocados na jarra. Me serviu quase a derramar o copo, num hábito local, a limonada e depois serviu-se e ao motorista que me havia levado para o encontro.

Nos anos 1970, quase todos os líderes dos vários movimentos que chegaram à independência haviam morrido ou se tornaram cidadãos anônimos em seus “*hometowns*”, palavra imiscuída no dialeto Twi, o mais falado, como uma língua franca em Gana, a significar a vila de nascimento, local de sua tribo, com dilaeto próprio e costumes arraigados.

Assim, a oportunidade que tive de estar com William Ofori Atta, nacionalmente chamado de “Paa Willie”, Pai Willie, trouxe, no processo de tradução aqui, muitos elementos de comparação entre a Gana que eu estava naquele momento e a que o escritor inglês descreve aqui em sua obra. Muito do que este livro descreve como objetivos a serem alcançados, nos 19 anos que me separavam do completo e almejado autogoverno se realizaram e, mesmo, já se deterioravam. O moderno porto marítimo de Tema, com um dique seco para conserto de navios e uma ferrovia ligando a cidade de Tema à capital, era uma realidade, como era também a grande barragem hidrelétrica de Akosombo, contendo as águas do Rio Volta, para gerar eletricidade em superávit que era exportada para países ao norte como os antigos Alto Volta e Daomé (Burkina Faso e Benin, respectivamente). Funcionava plenamente a Univedrsidade de Lagon, na capital e duas outras em Kumasi e Cape Coast. Além de várias escolas técnicas.

O senhor Ofori-Atta, que vestido em traje local informal me servia limonada, havia apenas quatro anos, deixara o ministério das Relações Exteriores e fora antes ministro da Educação. Ele era um político em essência, assim, enquanto falava comigo, era interrompido por pessoas que chegavam e saíam e que falavam em Twi, mas ele delicadamente respondia em Inglês, forçando o visitante entender que eu não entendia a conversa entre eles.

Este foi apenas um encontro que tive, com a curiosidade de jornalista, levado por parente daquele ícone da história do País, que dois anos adiante disputaria uma eleição democrática à presidência da República, mas que seu opositor do passado, Kwame Nkrumah, apesar de morto, por seus seguidores, o derrotou postando-o num modesto terceiro lugar. Mas foi um registro para memória aquela manhã quente, sob a sombra de um pomar, com sons em Twi, Gã e Fante, corrompidos pelo Inglês imposto pelos colonizadores, em sua estada mais do que secular.

Este livro de W. E. Ward oferece singela resposta à pergunta recorrente e decorrente do processo escravista no Brasil: A África foi um deserto cultural, como os homens que chegavam às Américas, falando línguas estranhas e que não se apresentavam como seus negociantes; não conheciam nada de si, sequer sabiam ler a Bíblia! Os europeus que traziam os africanos como escravos e que se depararam com incontáveis guerras sem fim entre tribos carregavam um histórico diferente? Eu traduzi livro do professor nigeriano, dos anos 1800, que se ocupa da história dos Ioruba. Em mais de 500 páginas o autor se ocupa com as guerras tribais entre os iorubanos. Foi diferente no espaço geográfico que viria a ser a Europa? Escreve Ward:

“Mas entre os anos 1070 e 1100, os comerciantes da Europa para o Oriente descobriram que suas estradas lhes estavam fechadas. Um novo povo, os turcos, tinha tomado as terras da Síria, Palestina, Egito e Ásia Menor, e os turcos não deram importância ao comércio; roubavam e oprimiam os viajantes europeus. Os turcos eram maometanos, e roubaram também os peregrinos cristãos que iam ver as terras onde Jesus viveu e morreu; embora por quatrocentos anos essas terras tivessem sido governadas por outros muçulmanos que não viram nenhum mal nos peregrinos. Então entre 1100 e 1300, as pessoas de toda a Europa Ocidental travaram guerras, conhecidas como Cruzadas ou Guerras da Cruz, contra os turcos. A maior parte da luta foi feita por pessoas religiosas que queriam limpar o caminho para os peregrinos cristãos, ou, melhor ainda, retirar os turcos e outros maometanos fora do país por completo, e fazer com que a

casa de Cristo fosse mais uma vez um país cristão. Mas todo o dinheiro para as guerras — e as guerras não podem ser travadas sem dinheiro, este foi fornecido por comerciantes que encontraram seu comércio com o Oriente interrompido e esperavam que as Cruzadas poderiam reabri-lo. As Cruzadas falharam. Depois de duzentos anos de luta, os cruzados perderam todas as terras que conquistaram dos turcos, e a porta foi novamente fechada para o resto dos peregrinos cristãos e os comerciantes do Ocidente. E assim os comerciantes europeus começaram a procurar maneiras de chegar à Índia e ao Oriente sem passar pelo país turco. A porta da frente estava fechada; eles começaram a buscar por uma porta dos fundos.

Cheguei a Gana para participar de uma feira comercial. Representava empresas diversas de meu estado natal. As feiras comerciais são eventos festivos que atraem empresários e público em geral pelas novidades que apresentam. Era a 3ª Feira Comercial de Gana, e oferecia novidades de países do mundo. Modesta era a participação brasileira, dois estandes, o meu, tendo apenas eu como promotor e à frente o da Câmara de Comércio Afro-brasileira, também com modesta participação e dois promotores.

Em meio à multidão de curiosos que passavam pelo estande parou um senhor ganês. Se disse interessado em materiais de construção, pois dirigia o Banco Nacional da Habitação de Gana. Edward Afriye, seu nome. A verdade é que seu sobrenome, Afriye, em Akan, o maior grupo étnico de Gana, pode significar simplesmente “boa sorte” ou mais amplamente, aquele que nasceu num momento de boa sorte”.

Mister Afriye, como por algum tempo o chamei, depois mudei para Edward e até seus últimos dias de vida, ele já na casa dos oitenta anos, simplesmente Edie. Eu fui rebatizado por ele de Kofi, aqueles que nascem em uma sexta-feira. Houve um erro que ficou desimportante: eu nasci numa quarta-feira, deveria ser chamado de Kwaku. Mas levei entre os inúmeros amigos de Gana o prenome de Kofi, substituindo o formal *Doctor* Dacosta, dos primeiros dias em Gana. Dacosta era um nome comum entre os tabons de Gana.

Pois naquele primeiro encontro na Feira não fiquei sabendo sobre seu subgrupo étnico, no todo era um Akan; fiquei sim sabendo que ele era um “Tabom”, como fez questão de me informar. Tabom significava que ele descendia, remotamente, de um brasileiro que escravo no Brasil conseguiu sua alforria e migrou de volta para a África, assentando-se em num povoado à beira-mar chamado James Town. Ouvi a versão, que me parece coerente, e que passei adiante em meus escritos, de que chegados na costa oeste da África, especialmente em Porto Novo, no Daomé, hoje Benin, na Nigéria e em Gana, uma vez assentados, tiveram uma dificuldade inicial: o idioma. Vieram parar, não necessariamente, nos mesmos locais de onde partiram, de tribos múltiplas de dialetos vários. Falavam Português. Tiveram que ir ao mercado para comprar os bens de

subsistência. Aquela gente de pele escura como os demais do mercado, mas que não os entendiam, ficaram marcados como diferentes. Aos poucos foram aprendendo, no caso dos ancestrais de Edward, a língua dos Gã, que habitam a região de James Town. Foi difícil, mas duas coisas auxiliaram, a primeira era o movimento da cabeça para um ou outro lado, que significam sim ou não. A segunda foi, ao fim da compra, a resposta para a pergunta, ainda que em Gã, se estava tudo certo, e a resposta vinha com naturalidade não em Gã, que não sabiam falar, mas em Português: “Tá bom!” E do século XIX adiante estruturaram-se os bairros chamados de brasileiros, os bairros tabons.

Edward encantou-se com um projeto de fabricação de tijolos a partir da argila. Eu havia levado, dentre os participantes de meu estande, um fabricante de máquinas para produzir tijolos e telhas e barro.

Ele conhecia bem que nas comunidades interioranas do país havia demanda de tijolos, e os disponíveis eram de cimento, material importado e muito caro. Pensou Edward em implantar em regiões interioranas máquinas rurais brasileiras que produzem estes artefatos.

Eu vi um filme, herança de tempos coloniais, no interior de Gana, onde homens esmagavam a argila com os pés para confeccionar tijolos que eram postos a secar no sol. As olarias rurais de Gana vieram dos tempos da Costa do Ouro e, na Gana independente, ainda lá estavam.

Levei do Brasil um amigo de mocidade que havia se criado em uma olaria; o banco juntou ao grupo um geólogo e um engenheiro civil. Fomos conhecer algumas das regiões onde seriam implantadas as olarias, se o meu amigo e o geólogo definissem como boas jazidas de argila aquelas que haviam sido num passado remoto mapeadas por europeus.

Nesse evento me encontro com uma das passagens relevantes que o escritor Ward, deste livro, dá importância: A partilha da África.

Estávamos em Kpando, um distrito da atual Região do Volta, que desde a Partilha da África, no século XIX até a Primeira Guerra, se chamava Togolândia — região colonial da Alemanha. Fomos recebidos por um empresário residente em Ho, também na antiga Togolândia, senhor Tsacul. Estávamos em Gana, país com língua oficial inglesa. Meu amigo brasileiro no grupo, Eric Saft, natural da região colonizada por alemães no Rio Grande do Sul falava alemão rural – qualificativo que não gostava muito, mas que foi atestado num voo da Lufthansa quando a aeromoça não entendia seu “alemão”. Mas, ali estava diante dele um africano que o saudou em alemão e foi capaz de sustentar várias vezes conversa em alemão rural do Brasil e da África.

Examinando a jazida, Eric encontrou desmembrada uma velha maquinaria de fabricar tijolos, semi-enterrada em meio ao mato. Ele e o engenheiro fizeram um trabalho de “arqueologia” e colocaram os restos das máquinas ao sol e viram que eram equipamentos alemães do século XIX.

Feitos os exames da argila, confrontado com o que dizia o mapa, traduzido do alemão pelo empresário Tsacul, concluíram que o barro era de grande plasticidade de

qualidade ideal para trabalhos cerâmicos em geral, e serviam assim como jazida a ser explorada na produção dos tijolos e telhas.

O empresário, com seu velho Land Rover, levou o grupo até a cidade de Ho, em Gana. As pessoas se comunicavam num idioma com som estranho, falavam Ewe. A língua oficial era o Inglês. Os mais velhos, como o empresário, também falavam Alemão.

Atravessamos no Land Rover a fronteira e estávamos no mesmo lugar: As pessoas eram parecidas fisicamente e nas vestimentas tribais, o idioma era o mesmo, Ewe, e no contato com comerciantes, o empresário mais de uma vez falou em Alemão.

Assim foi a partilha da África, no que concerne a Costa do Ouro, deste livro, e seu entorno geográfico, com a imagem do mapa africano sobre uma mesa em Berlim e demarcaram fronteiras ignorando por completo as nações que estavam estabelecidas em certas porções geográficas. A conferência foi entre os anos 1884 e 1885.

Neste período a Inglaterra tornava-se uma grande potência fruto da Revolução Industrial, que demandava matérias primas também na África. Essa hegemonia levou outros países europeus de relevância, no período, como França, Reino da Itália e Império Alemão a buscar porções na África, da mesma forma, em busca de matérias para suas indústrias e riquezas dos solos africanos.

Passando a régua sobre o mapa, e isto tem relação direta com o Reino Unido, que já possuía massas geográficas próximas à Costa do Ouro, como a Nigéria, havia espaços do Império Alemão e da França.

Houve a Primeira Guerra, em 1914, e o vasto Império Alemão foi derrotado e as massas geográficas de que se assenhorara na África, passaram a ser disputadas pela Inglaterra e pela França.

Havia um projeto, também europeu, para a exploração de material calcário para a produção, para o Banco da Habitação, de cal hidratada e corretivo alcalino de solos, na agricultura.

Fomos, o geólogo, um químico e um engenheiro agrônomo brasileiros até a fronteira mais ao norte de Gana, Bolgatanga. Como reiterado, por estarmos em Gana, o idioma falado era o Inglês. O coloquial das pessoas falava Dagbani, e nosso geólogo se viu obrigado a interagir com os locais falando em Inglês, ele não entendia a língua local; ele era um Achanti. Ali era uma região imensa, que o pós-guerra faria com que a Inglaterra levasse adiante sua Costa do Ouro, porém, os franceses colocaram uma cunha e ali se apossaram da área que passou a se chamar Alto Volta. Falavam Dagbani, porém, a língua oficial era o Francês. Noutra fronteira da Costa do Ouro, também ali se postaram, contendo os ingleses, os franceses, com a Costa do Marfim, que na fronteira mistura o mesmo grupo étnico e fala, como em Gana, o Twi. Foi em 1893 que a França se apossou do Império Baoulé e renomeou a área como Costa do Marfim. Os franceses se defendiam dos ingleses da Costa do Ouro e da Libéria e se cercou de áreas que dominou e que têm o francês como língua e, muitos, ainda, a mesma moeda, o CFA (Comunidade Francesa Africana): Guiné Conacri (a oeste), Mali e Burkina Faso (ao norte). Tem-se aí, em cada uma dessas fronteiras línguas nacionais comuns em países diversos, outrora, mesmas nações.

Edward Afriye, que se considerava Tabom, que havia estagiado no Rio de Janeiro, na sede de nosso extinto Banco Nacional da Habitação, promoveu no interior de Gana o que chamaram de “A Revolução do Tijolo”, com a implantação de uma dezena de olarias rurais mecanizadas a produzir tijolos e telhas de barro.

Outro aspecto enfocado no livro com interesse e a pouca importância que a Inglaterra deu a essa colônia, até a implantação pelos nacionais do cacau. Este vegetal, com seu fruto, tornou a Costa do Ouro extremamente cobiçada e as políticas governamentais inglesas foram mudando, de fechados no interior de castelos, deixando o resto da área entregue aos nativos, saiu para fora e procurou usando a riqueza do cacau se integrar ao país, aceitando ter que governar e, também, incluindo nacionais na governança. Mas esse desinteresse inicial, que durou décadas, tinha uma razão especial e estava no estigma como a Costa do Ouro era conhecida na Inglaterra: *White Men’s Grave*: O jazigo dos homens brancos. Sucede que o impaludismo, a malária, era absolutamente descontrolada e ceifava impiedosamente os europeus que iam para a Costa do Ouro. Em movimentos nacionalistas do futuro, houve quem dissesse que na bandeira nacional de Gana deveria estar estampado o mosquito, que segundo esses pensadores, livrou o país de se tornar uma África do Sul, com os fazendeiros e mineradores europeus se apossando do país e do que de mais importante possuía.

Em 1978 consegui promover a vinda de um grupo de jovens estudantes universitários de Gana – da Universidade Agrícola de Cape Coast – para ter contato com nosso ensino universitário na área. Fiquei amigo de um deles, o professor William Agrey-Mensah. Era neto do autor de uma famosa parábola ganense em estímulo à luta pela independência: *A Águia e o Naturalista*.

Eu era pouco mais velho do que ele, assim tínhamos interesses comuns. Eu usava uma casa de hóspedes do Banco da Habitação quando estava em Gana e ele foi inúmeras vezes conversar comigo. Ele era um Fante. Os Fante, como descreve Ward, eram os “donos” da costa. Durante os anos do nefasto e trágico tráfico de escravos, essa tribo era quem fazia o contato com os comerciantes de escravos europeus. Recebia os escravos de tribos diversas, e só eles que faziam o comércio com seu preço. A grande parte dos escravos capturados vinha do interior que era dominado pelos Achanti, em verdade um poderoso império e captor maior de escravos em toda a região interiorana. Assim, Fante e Achanti eram reinos ricos, ambos chegaram a formar confederações, aglutinando tribos menores que lhes eram súditos. Guerras e tentativas de guerra surgiram pelo anseio dos Achanti de chegarem até a costa e eles venderem o produto de seu desumano ofício.

O tráfico de escravos havia acabado por completo nas vésperas do século XX. Nós estávamos num bairro nobre da capital Acra e bebíamos algo importado. William tinha formação superior, liderara o grupo que veio a Porto Alegre, e grande parte do tempo, o que foi bom para mim como ensinamento, ele se dedicava a falar mal dos Achanti. Aflorava a rivalidade quem sabe milenar entre Fante e Achanti. Tive amigos Achanti, também, e o retrato que faziam dos Fante era o de esnobes e amantes da vida boa, desfrutando ao máximo a riqueza que auferiam. Tive um grande amigo Fante, amizade que durou por décadas e ele tinha um sonho que enfim conseguiu: ser embaixador de Gana num país importante. Ele preenchia o retrato que amigos Achanti faziam dos Fante, nesse aspecto.

Ao longo do texto tem uma palavra que aparece somente uma vez, o que é para dizer pouco, curioso. A palavra é religião. O livro se propõe a contar uma breve história da Costa do Ouro, área geográfica que antes da chegada dos ingleses tinha várias nações com suas denominações próprias. Um mosaico de etnias, com culturas muitas vezes milenares e, por serem formadas por seres humanos, crentes em algo que pode ser definido como religião. Não importa se diferente do modelo monoteísta cristão ou muçulmano; houve sempre algo ou um Ente para quem apela quando chovia muito, quando os raios eram aterradores ou, quando a inclemência do sol frustrava a conquista de alimentos pela secura do solo ou o oposto quando os mananciais de água arrasavam com suas plantações, suas casas, suas vilas.

Pois esta breve história se detém nas lutas travadas por povos vários, no que um dia os ingleses chamariam de Costa do Ouro e pela descrição contida os guerreiros que se opunham, como Cristo ou Maomé não haviam chegado, não tinham a quem, sobrenatural, para apelar. Seria assim? Ou o autor, em plena conquista da África, com missões religiosas pregando religião com a Bíblia, omitiu o que havia de religião na Costa do Ouro?

Um de meus grandes amigos de Gana é advogado, nasceu em Lateh, uma pequena municipalidade, embora extremamente antiga, com idioma próprio de mesmo nome. Nos conhecemos no Banco da Habitação onde ele era o chefe do setor jurídico. Nossa amizade era quase uma irmandade. Pois certa feita ele comentou comigo sobre um santuário feiticista que era internacionalmente conhecido, especialmente entre os afro-descendentes dos Estados Unidos. Em sua narrativa, lembrei-me da saga contida em “A tenda dos milagres”, obra notável do escritor brasileiro Jorge Amado (1912-2001).

Fui um dia, estando em Lateh, visitar o Santuário de Akonnedi. Um reduto espiritual muito antigo, perdido nas colinas daquela região, desinteressante ao escritor inglês, para a narrativa histórica de um conjunto de povos.

Como na Bahia, com seu Candomblé, em Cuba, com sua Santeria, no Haiti com seu Vodou e onde mais chegaram os tentáculos do tráfico atlântico de escravos, as sessões religiosas de Akonnedi, aos meus olhos, traziam a imagem do original daquilo que na Bahia, no Rio de Janeiro, até mesmo na minha europeizada Porto Alegre existia.

W. E. Ward não viu ou não quis incluir em sua obra conteúdo que os dominadores classificavam como bárbaro, dando ênfase para as chamadas missões, ingleses que vinham para a Costa do Ouro para trazer a palavra de Cristo. Chegaram a traduzir para o vernáculo sua Bíblia versão do rei James e implantaram escolas, também.

Quando fazia esta tradução havia acabado de traduzir “A história dos Iorubas”, do intelectual nigeriano Samuel Johnson (1848-1901). Em um extenso trabalho, dedica dezenas de páginas a religião dos povos iorubanos, de seu nascimento. O livro tem uma curiosidade: escrito pelo Dr. Samuel Johnson, morreu antes de ver seus originais impressos em Londres. Os documentos desapareceram nas mãos dos editores ingleses. Por sorte histórica, seu irmão Obadiah Johnson reteve grande parte do material e o publicou sob a forma do livro que traduzi. Mas em uma nota de rodapé esse irmão editor registra o pensamento de um governador da Colônia da Nigéria, que explica a ausência

da religião em a “Breve história da Costa do Ouro” – é como agiam os ingleses e como se ressentiam os dominados africanos. Escreveu aquele editor Obadian Johnson:

[A carta do Governador Evans parece muito curiosa em sua própria maneira. Para nós, ela soa como uma advertência a uma série de alunos vadios em vez de um discurso para comandantes de cerca de meio milhão de homens que por mais de dez anos estiveram envolvidos em uma luta de morte uns com os outros, derramando seu sangue vital inflexivelmente por honra, poder e liberdade - objetos mais valiosos do que aqueles que muitas vezes mancharam as espadas de nações mais poderosas - ambição, ciúme e ganância! "Vá para casa, para suas aldeias", diz o Governador, "e alegrem suas mulheres", etc. Essas aldeias "são cidades com 50.000 a 250.000 almas! E há alguma razão pela qual suas "mulheres" devam ter negado o direito e a dignidade de serem denominadas as esposas deles? Homens que podem controlar essas enormes massas de humanidade, capacidades que podem guiar, controlar e direcionar todas as complexidades do município e maquinarias políticas de um governo, e podem travar guerras honrosas por anos sem ajuda externa ou uma dívida nacional legada à posteridade podem pelo menos ser considerados como possuindo algumas qualidades sérias além das de crianças, como parecem ser consideradas, e merecedoras de alguma consideração honrosa devida aos homens, embora sejam negros. Mas, felizmente, a paternalista linguagem da carta que revela tanto desprezo velado, será perdida na tradução, e em outros aspectos pode-se confiar que os intérpretes compõem o tom e a expressão do que está faltando em estilo e dicção. - Ed.]

Não está presente neste livro o nome do professor Anani Dzidzienyo (1941-2020). Ele nasceu em Sekondi, ainda Colônia da Costa do Ouro. Feleceu, como seu irmão mais velho Victor, no mesmo ano, ainda professores em cadeiras diferentes e universidades diferentes. Anani na Universidade Brown, uma das mais renomadas dos Estados Unidos e Victor Dzidzienyo (1936-2020)⁶⁸ na Universidade Howard, parte da história do país, pois criada para dar ensino aos recém libertos da escravidão.

Aqui, em “Pequena História da Costa do Ouro” há um capítulo sobre Educação. Quando e como se iniciou o processo de participação dos colonizadores europeus naquela colônia. Falamos em 1876, quando era

⁶⁸ Nasceu em 30 de outubro de 1937 em Sekondi, Costa do Ouro, filho de Madame Grace Ayensu (nascida Welsing) e Enoch Dzidzienyo. Seus pais eram excepcionalmente talentosos nos negócios e politicamente distintos. Sua mãe foi uma das primeiras mulheres no parlamento a representar a Região Ocidental na recém-formada nação independente de Gana. Madame Ayensu nasceu em Elmina, um rico comerciante da Família Real de Benyaadze. Seu pai era conhecido por acumular riqueza por meio do comércio. Ambos eram populares por serem generosos com as comunidades em que viviam. Ele foi criado como um membro ativo da denominação Metodista do Cristianismo. O Professor Victor Dzidzienyo recebeu seu diploma de graduação em Arquitetura (B.Arch.) E pós-graduação em Planejamento Urbano (M.C.P.) na Universidade Howard. Ele atuou como Professor Associado, Escola de Arquitetura e Design, Faculdade de Engenharia, Arquitetura e Ciências da Computação na Universidade Howard.

estabelecida por uma missão religiosa da Inglaterra a escola secundária Mfantspim.

Visitei em 1976 Guine-Bissau, que se havia tornado independente de Portugal fazia apenas dois anos. Os portugueses haviam estado lá, explorando os recursos naturais durante quinhentos anos, desde que chegaram às costas ocidentais da África.

Exatamente nesse ano chegava um grupo de pedagogos liderados pelo professor brasileiro Paulo Freire (1921-1997). Sua missão básica, em um país que “os portugueses deixaram nada mais do que a língua portuguesa”, como cunhou Amílcar Cabral (1924-1973) era montar um sistema para alfabetização de adultos. A massa de analfabetos no país nesse momento era acima de noventa por cento. Os primeiros passos que levariam a um nível escolar capaz de formar professores foram dados somente em 1966, com a criação da Escola de Habilitação de Professores do Posto de Bolama General Arnaldo Sachutz, instituída por decreto-lei português, de 1964. Mas em 1976, postado na Guiné-Bissau Paulo Freire escrevia: “Uma compreensão correta das dificuldades que tem o Comissariado de Educação da Guiné-Bissau, ao confrontar o problema da alfabetização de adultos, não pode deixar de levar em consideração este dado, a que se junta um outro, sobre que nem sempre se pensa – o da diferença demasiado grande entre o número dos que não lêem nem escrevem e o daqueles que o fazem. Um dos legados do colonialismo, depois de cinco séculos de “trabalhos profícuos” na Guiné, foi deixar 90 a 95% de sua população iletrada”.

Em 1876, a Missão anglicana fundou uma escola secundária em Cape Coast, que se tornou o colégio Mfantspim, a primeira escola secundária na Costa do Ouro. Desde o início, todas as missões cristãs fizeram grande parte de seu trabalho através de suas escolas. Lá estavam as missões protestantes e na Guiné as igrejas católicas. Já no século XX, com a riqueza que era gerada pela maciça produção de cacau, os ingleses resolveram investir nas colônias, e uma das políticas, no campo da educação foi a concessão de bolsas de estudo para jovens nacionais irem estudar na Inglaterra em cursos superiores.

Este exemplo foi largamente usado já no país não mais colônia, a recém batizada Gana, com o presidente Kwame Nkrumah estendendo aos jovens bolsas de estudo em outros países, especialmente nos Estados Unidos, onde ele próprio estudara.

Dentre os inúmeros jovens que foram para o exterior está o Doutor Anani Dzidzienyo, assim descrito no seu pósmorte:

“Dzidzienyo faz parte de uma geração de intelectuais que cresceu quando Gana lutou pela independência sob a liderança de Kwame Nkrumah. Sua madrastra, Grace Ayensu, foi uma das primeiras mulheres no parlamento e um membro proeminente do Partido da Convenção do Povo, de Nkrumah, que forjou vínculos diaspóricos e solidariedade com outros negros. Em 1960, Dzidzienyo deixou Gana para representar o país no Fórum Mundial da Juventude do *New York Herald Tribune*. Ele se formou no Williams College em 1965 com um BA em Ciência Política e completou seus estudos de pós-graduação na Universidade de Essex em Política e Governo Latino-Americanos em 1968. Em seguida, passou três anos como pesquisador no *Institute of Race Relations* em Londres, durante o qual ele visitou pela primeira vez o Brasil. A história de Dzidzienyo revela como as ideias de Nkrumah sobre o pan-africanismo e a libertação africana inspiraram jovens acadêmicos a buscar ligações globais em torno de raça e poder, para descobrir conexões históricas e forjar novas. Esses intelectuais ganenses exilados insistiam que a emancipação mútua exigia que os negros americanos vissem a África como um lugar de luta política contínua e transformação sociocultural, em vez de ver o continente meramente como um símbolo abstrato ou uma herança distante. Ao mesmo tempo, eles argumentaram que era necessário que os africanos entendessem a “realidade” afro-americana e afro-latino-americana. Esses acadêmicos ganenses seguiram uma longa história de internacionalistas da Costa do Ouro, incluindo o chefe Sam⁶⁹, que inspirou muitos afro-americanos a retornar à África”.

Eu sabia do Anani e ele a meu respeito por intermédio de um de seus irmãos, o diplomata Vishnu Kofi Wasiamal (1941-2019), que foi por um período o embaixador de Gana no Brasil. Trocamos intensa correspondência sobre a situação da diáspora africana tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, área cujo domínio o reteve na cátedra da Universidade Brown por décadas, num dos edifícios intitulado Africana. A seu convite ali estive e gravei um depoimento sobre o tema de sua área de educação e ministrei uma aula para seus alunos.

O outro irmão, Doutor Victor, era arquiteto e lecionava na histórica universidade originariamente para negros, a Howard, de Washington, capital. Estive com o professor Victor em seu laboratório onde ensinava jovens de várias partes do mundo, especialmente do Caribe, projetos que ali

⁶⁹ Alfred Charles Sam (c. 1880 - 1930?), Conhecido como chefe Alfred Sam, foi um comerciante nascido na Costa do Ouro e pioneiro pan-africanista que em 1913-15 encorajou o reassentamento de afro-americanos como parte do movimento *Back-to-Africa* (Retorno à África).

montavam e que tinham a missão de leva-los para suas comunidades, geralmente carentes, em seus países.

Os três nomes citados neste posfácio, Anani, Victor e Vishnu se inserem em pelos menos dois momentos importantes da história da Costa do Ouro/Gana. Ward expõe com detalhes o desinteresse da Inglaterra pela Colônia, também pelas outras colônias em África. A da Costa do Ouro, apesar do nome, do Ouro, era considerada pelos britânicos como muito pobre, pois viviam encastelados e assistiam experiências agrícolas dos nativos com enfado. Até que, vindas da ilha de Fernando Pó, mudas de cacau transformaram a Costa do Ouro em rica, com outro ouro, o cacau.

O plantio e a comercialização do vegetal pelos nacionais fizeram muito famílias ricas. E esta riqueza, mesmo ao tempo colonial, ensejou a colocação de filhos em boas escolas, as melhores que havia na colônia e, mesmo, no exterior, especialmente Inglaterra, Estados Unidos e Canadá.

Conheci e o trouxe como primeiro embaixador africano a visitar meu estado, o Rio Grande do Sul, a Yaw Banful Turkson. Eram os anos 1967. Ele me narrou, era filho de um próspero comerciante do cacau da Costa do Ouro, ele havia se formado nos Estados Unidos e, mesmo, casado com uma cidadã norte-americana Albertina. Quanto aos irmãos Dzidzienyo, Victor e Anani, sua origem está sumariada aqui neste posfácio. Falta o meio-irmão deles, o embaixador Vishnu Wasiamal, com nome indiano, de seu pai, casado com uma africana da Costa do Ouro. Teve educação exemplar e foi, como Yaw Turkson, dos primeiros embaixadores de carreira da nova nação Gana, que seu pai fundador, Kwame Nkrumah, ao romper os laços coloniais, mudou o nome estigma Costa do Ouro, para o Gana, de um poderoso império africano do fim do primeiro e início do segundo milênio de nossa Era.

O professor Anani guardava como carinhosa recordação a fotografia de um desfile militar, nas ruas de Acra, em que ele é um dos meninos escolares, com seus uniformes, que assistiam à partida do derradeiro governador da Costa do Ouro.

Acabava a Colônia e surgia a República. Era 1957, dois anos depois da última edição deste “Pequena História da Costa do Ouro” ser publicada. Estamos em 2021, quando encerro a tradução e redijo o posfácio.

José Luiz Pereira da Costa

